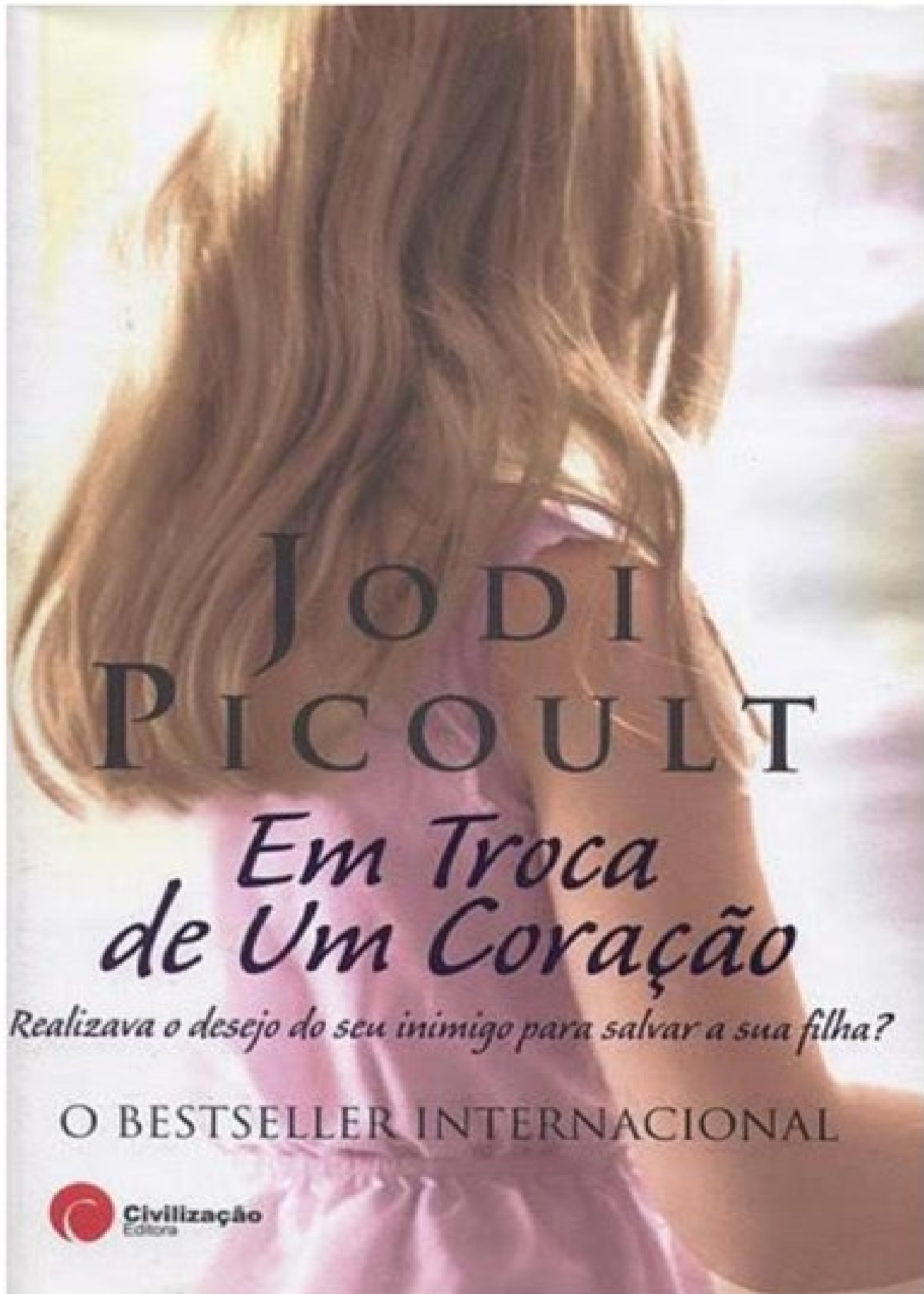




JODI
PICOULT

*Em Troca
de Um Coração*

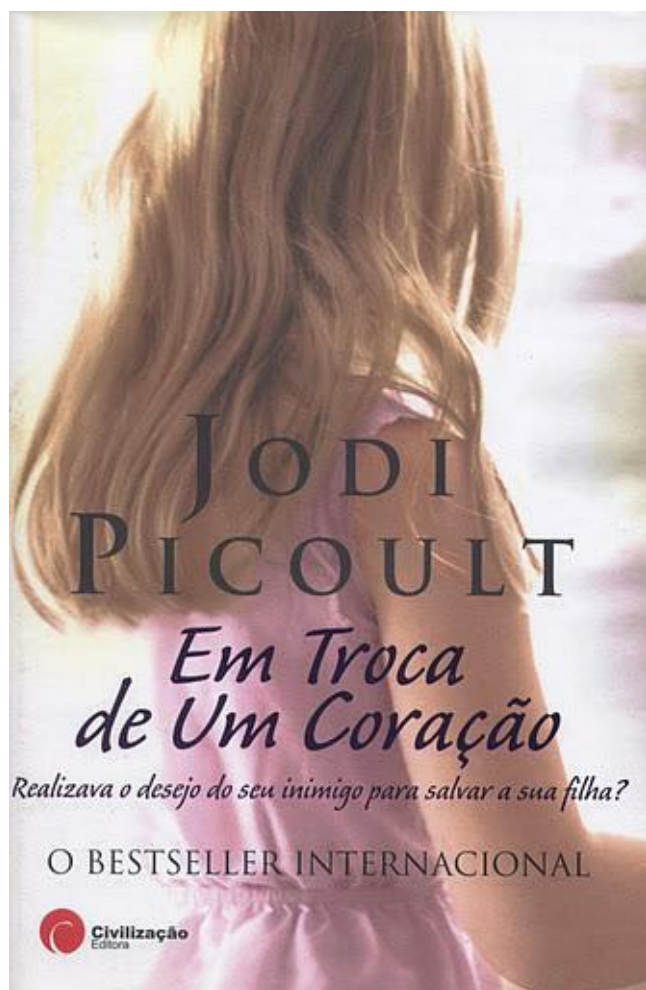
Realizava o desejo do seu inimigo para salvar a sua filha?

O BESTSELLER INTERNACIONAL



Civilização
Editores





1

Título: Em Troca de Um Coração.

Autor: Jodi Picoult.

Título original: Change of Heart.

Dados da edição: Civilização Editora, Porto, 2008.

Gênero: romance.

"Shay Bourne queria doar o seu coração a Claire para que ela pudesse viver. Que tipo de mãe seria eu se deixasse isso acontecer?

E que tipo de mãe seria eu se o recusasse? O padre Michael disse que Shay Bourne queria acertar os pratos da balança: dar-me a vida de uma filha por ter tirado a vida à outra. Mas Claire não substitui Elizabeth; devia tê-las a ambas. E, no entanto, esta equação era das mais simples: Posso ficar com uma, ou posso ficar Sem nenhuma. O que devo escolher?"

JODI PICOULT

Em Troca de Um Coração

Civilização Editora

Título original: Change of Heart

Copyright (c) 2008 de Jodi Picoult

Copyright da edição portuguesa (c) 2007 Américo Fraga Lamares C^a, Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Publicado com o consentimento do editor original Atria Books, uma marca de Simon Schuster, Inc.

Tradução: Ana Figueira

Revisão: Serviços Técnicos de Revisão da Livraria Civilização Adaptação da capa: Livraria Civilização Editora Pré-impressão, impressão e acabamento

CEM Artes Gráficas, Barcelos para

2

Livraria Civilização Editora em Setembro de 2008

ISBN 978-972-26-2649-1

Depósito Legal 280891 08

Livraria Civilização Editora

Américo Fraga Lamares C^a

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27

4050-023 Porto

Tel.: 226 050 900

geral@civilizacaoeditora.pt www.civilizacao.pt

3

Com amor e demasiada admiração para caber nestas páginas Para o meu avô, Hal Friend, que sempre teve a coragem de questionar aquilo em que acreditamos...

E para a minha avó, Bess Friend, que nunca deixou de acreditar em mim.

4

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro foi em si um milagre; é muito difícil escrever sobre responsabilidade religiosa, e isso implica perder algum tempo à procura das pessoas certas para responder às nossas perguntas. Pelo seu tempo e conhecimentos, devo agradecer a Lori Thompson, à rabi Lina Zerbarini, ao padre Peter Duganscik, a Jon Saltzman, a Katie Desmond, a Claire Demarais, a Sindy Buzzel e ao pastor Ted Brayman. Marjorie Rose e Joan Collison mostraram-se dispostas a teorizar sobre religião sempre que referi o assunto. Elaine Pagels é ela própria uma brilhante autora e uma das mulheres mais inteligentes com quem falei -

persegui-a e implorei-lhe que me desse explicações em privado sobre os Evangelhos Gnósticos, uma das suas especializações académicas, e desligava o telefone depois de cada conversa com a cabeça a zumbir e milhares de outras questões a explorar - sem dúvida algo que os Gnósticos teriam apoiado veementemente.

Jennifer Sternick ainda é a advogada que eu escolheria para me defender, aconteça o que acontecer, Chris Keating fornece-me informação jurídica à velocidade de um relâmpago, e a especialização de Chris Johnson em processos de recurso em casos de pena de morte foi inestimável.

Agradeço à equipa médica que não se importou que perguntasse como se matam pessoas, em vez de como se salvam - entre outras coisas: Dr. Paul Kispert, Dr.a Elizabeth Martin, Dr.

David Axelrod, Dr. Vijay Thadani, Dr. Jeffery Parsonnet, Dr.a Mary Kay Wilson, Barb Danson, James Belanger. Jacquelyn Mitchard não é médica, mas é uma escritora maravilhosa que me forneceu as informações básicas sobre crianças com dificuldades de aprendizagem. E

um agradecimento especial à Dr.a Jenna Hirsch, que foi tão generosa com os seus conhecimentos sobre cirurgia cardíaca.

Ir ao corredor da morte foi um grande desafio. Os meus contactos junto das autoridades do New Hampshire incluíram o comandante da Polícia Nick Giaccone, o capitão Frank Moran, Kim Laçasse, o director de unidade Tim Moquin, o tenente Chris Shaw e Jeff Lyons, responsável pela informação pública da Prisão Estadual do New Hampshire.

Por ter a amabilidade de me proporcionar uma visita à Prisão Estadual do Arizona Florence, agradeço à sargento Janice Mallaburn, ao subdirector prisional Steve Gal, ao guarda prisional Dwight Gaines e Judy Frigo (antiga directora prisional). Agradeço a Rachel Gross e a Dale Walch. No entanto, este livro não teria sido o que é sem os prisioneiros que me fizeram confidências, tanto pessoalmente, como por e-mail: Robert Purtell, um antigo recluso do corredor da morte; Samuel Randolph, presentemente no corredor da morte na Pensilvânia; e Robert Towery, presentemente no corredor da morte no Arizona.

Agradeço à minha maravilhosa equipa da Atria: Carolyn Reidy, Judith Curr, David Brown, Danielle Lynn, Sarah Branham, Laura Stern, Gary Urda, Lisa Keim, Christine Duplessis e todos os outros que se esforçaram tanto por mim. Agradeço a Camille McDuffie que se

mostrou tão determinada em fazer as pessoas deixarem de perguntar "Jodi Quê?" e que excedeu as minhas expectativas para além dos meus sonhos mais loucos. Para a minha primeira leitora preferida, Jane Picoult, que tive a sorte de ter como mãe. Para Laura Gross, sem a qual ficaria completamente à deriva. Para Emily Bestler, que consegue tão bem fazer-me parecer genial.

E, claro, agradeço ao Kyle, ao Jake e à Sammy - que continuam a fazer-me as perguntas que poderiam transformar o mundo num sítio melhor - e ao Tim, que me torna possível fazê-lo.

Não é possível ser melhor do que todos vocês, tudo isto.

Alice riu.

- Não vale a pena tentar-disse ela. - Não podemos acreditar em coisas impossíveis.

- Atrevo-me a dizer que não tens muita prática - disse a Rainha. - Quando tinha a tua idade fazia-o meia hora por dia. Ora, às vezes até acreditava em seis coisas impossíveis antes do pequeno-almoço.

Lewis Carroll, Do Outro Lado do Espelho

PRÓLOGO: 1996

JUNE

No início, acreditava em segundas oportunidades. De que outra forma poderia explicar o facto de há alguns anos, logo após o acidente - quando o fumo se dissipou e o carro parou de andar às voltas para ficar virado ao contrário numa vala -, ainda estar viva; ouvir a Elizabeth, a minha filha, chorar? O polícia que me tirou de dentro do carro acompanhou-me ao hospital para que me tratassem da perna partida, sempre com Elizabeth - completamente ilesa, um milagre sentada ao colo. Segurou-me na mão quando me levaram para identificar o corpo do meu marido Jack. Foi ao funeral dele. Apareceu-me à porta para me informar pessoalmente quando o condutor embriagado que nos fez sair da estrada foi preso.

O nome do polícia era Kurt Nealon. Muito depois do julgamento e da condenação, continuou a aparecer só para ter a certeza de que a Elizabeth e eu estávamos bem.

Trouxe brinquedos no dia do aniversário dela e no Natal. Arranjou o cano entupido da casa de banho lá de cima. Apareceu depois do trabalho para cortar a savana que antes fora o nosso relvado.

Casei-me com Jack porque ele era o amor da minha vida; pensava que ficaria com ele para sempre. Mas isso foi antes da definição de "sempre" ter sido mudada por um homem com uma taxa de alcoolemia de 0,22. Fiquei surpreendida por Kurt parecer compreender que talvez nunca voltemos a amar alguém tão intensamente como da primeira vez; fiquei ainda mais surpreendida ao perceber que isso talvez fosse possível.

Passados cinco anos, quando Kurt e eu descobrimos que íamos ter um bebé, quase senti mágoa - como quando estamos sob um céu completamente azul no mais glorioso dia de Verão e admitimos para connosco próprios que daí em diante nenhum momento poderá comparar-se a esse. Elizabeth tinha dois anos quando Jack morreu; Kurt foi o único pai que alguma vez conheceu. Tinham uma relação tão especial que por vezes me fazia sentir que devia afastar-me, que estava a intrometer-me. Se Elizabeth era a princesa, então Kurt era o seu cavaleiro.

A chegada iminente desta irmãzinha (que estranho nenhum de nós ter alguma vez imaginado que o novo bebé pudesse não ser uma rapariga?) fez Kurt e Elizabeth ficar ao rubro.

Elizabeth fazia esboços elaborados sobre como deveria ficar o quarto da bebé. Kurt contratou um empreiteiro para construir o que faltava. Mas então a mãe do construtor teve uma trombose e ele teve de se mudar inesperadamente para a Florida; nenhuma das outras equipas tinha tempo para encaixar a nossa obra nos seus planos de trabalho antes do nascimento da bebé. Tínhamos um buraco na parede e a chuva a entrar no tecto do sótão; o bolor crescia-nos nas solas dos sapatos.

Quando estava grávida de sete meses, descí as escadas e encontrei Elizabeth a brincar num monte de folhas que tinham entrado para dentro da sala através da cobertura de plástico.

8

Estava a decidir se havia de chorar ou de recolher as folhas da carpete com um ancinho quando soou a campainha.

Tinha um rolo de lona na mão que continha as suas ferramentas, algo que nunca o abandonava, como qualquer outro homem traria consigo a sua carteira. O cabelo chegava-lhe aos ombros e estava despenteado. As roupas estavam sujas e ele cheirava a neve - embora não estivéssemos na estação certa. Shay Bourne chegou, inesperadamente, como um panfleto de uma feira de Verão que entra com uma rajada de vento invernos, fazendo-nos pensar onde estaria escondido durante todo aquele tempo.

Tinha dificuldade em falar - as palavras enrolavam-se, e tinha de parar e desenrolá-las antes de conseguir dizer o que tinha para dizer.

- Quero... - Começou ele a dizer, e depois voltou a tentar: - Será, haverá, porque... - O

esforço fez uma fina linha de suor surgir-lhe na testa. - Há alguma coisa que eu possa fazer? - conseguiu por fim dizer, quando Elizabeth veio a correr em direcção à porta de entrada.

"Pode ir-se embora", pensei. Comecei a fechar a porta, protegendo instintivamente a minha filha.

- Não me parece...

Elizabeth enfiou a mão na minha e olhou para ele, pestanejando.

- Há muita coisa que precisa de ser arranjada - disse ela.

Então, Shay Bourne ajoelhou-se e falou à minha filha com facilidade - palavras que estavam cheias de ângulos e arestas há um minuto atrás agora fluíam como uma cascata.

- Posso ajudar - respondeu.

Kurt estava sempre a dizer que as pessoas nunca são aquilo que pensamos, que era necessário verificar totalmente o passado de uma pessoa antes de fazer alguma promessa.

Dizia-lhe que estava a ser desconfiado, a desempenhar o seu papel de polícia. Afinal, eu deixei-o entrar na minha vida simplesmente porque tinha olhos meigos e um bom coração e nem mesmo ele conseguia argumentar contra os resultados.

- Como se chama? - perguntei.

- Shay. Shay Bourne.

- Está contratado, Sr. Bourne - disse eu, o princípio do fim.

SETE MESES DEPOIS

MICHAEL

Shay Bourne não era nada do que eu esperava.

Tinha-me preparado para um brutamontes, um homem de punhos exagerados, sem pescoço e de olhos semicerrados em fendas. Afinal, tratava-se do crime do século – um duplo homicídio que tinha chamado a atenção das pessoas de Nashua a Dixville Notch; um crime que parecia ainda pior devido às vítimas: uma menina e um polícia que também era seu padrasto. Era o tipo de crime que nos faz pensar se estaremos em segurança dentro da nossa própria casa, se as pessoas e em quem confiamos poderão virar-se contra nós a qualquer momento - e talvez por causa disto, os promotores de justiça do New Hampshire procuraram obter a pena de morte pela primeira vez em cinquenta e oito anos.

Devido ao frenesim da comunicação social, falou-se se seria possível encontrar doze jurados que não tivessem uma opinião formada relativamente a este caso, mas arranjam maneira de nos localizar. Foram buscar-me a um gabinete de estudo na Universidade do New Hampshire, onde estava a escrever uma tese de doutoramento em matemática.

Não comia uma refeição decente há um mês, e muito menos lia um jornal - por isso era o candidato perfeito para o caso de homicídio em primeiro grau.

Da primeira vez que saímos em fila do nosso recinto - uma pequena sala no tribunal superior que estava a começar a ser tão familiar como o meu apartamento – pensei que talvez algum oficial de justiça nos tivesse levado para a sala de audiências errada. Este arguido era baixo e de proporções delicadas - o tipo de homem que cresceu a ser alvo das piadas no liceu. Vestia um casaco de lã axadrezado que parecia tapá-lo por completo, e o nó da gravata afastava-se dele na perpendicular, como se fosse magneticamente repellido. As mãos cobertas com os punhos da camisa enrolavam-se-lhe no colo como pequenos animais; tinha o cabelo cortado bem rente à cabeça. Olhava para o colo, mesmo quando o juiz disse o seu nome e este sibilou pela sala como vapor a sair de um radiador.

O juiz e os advogados estavam a tratar de pormenores de rotina quando a mosca entrou.

Reparei nela por duas razões: e em Março, não vemos muitas moscas no New Hampshire, e interroguei-me como seria possível enxotar um algemado e acorrentado pela cintura. Shay Bourne ficou a olhar para o insecto quando este pousou no bloco de notas jurídico que estava à sua frente e, em seguida, com um ruído metálico, ergueu as mãos algemadas e bateu com elas na mesa para a matar.

Pelo menos foi o que pensei, até ele virar as palmas das mãos para cima, abrir os dedos como pétalas um de cada vez, e o insecto sair disparado para ir incomodar outra pessoa.

10

Nesse instante, olhou para mim, e apercebi-me de duas coisas: 1. Estava aterrorizado. 2.

Tinha mais ou menos a minha idade.

Este duplo homicida, este monstro, parecia o capitão da equipa de pólo aquático que se tinha sentado ao meu lado num seminário de economia no semestre passado. Assemelhava-se ao estafeta da pizzeria que tinha pizzas com massa fina, mesmo como eu gostava. Até me fazia lembrar o rapaz que tinha visto andar no meio da neve a caminho do tribunal, aquele a quem tinha aberto a janela do carro para perguntar se queria boleia. Por outras palavras, não tinha o aspecto que eu achava que um assassino devia ter, se alguma vez me cruzasse com algum.

Podia ser um rapaz qualquer de vinte e tal anos. Podia ser eu.

Só que estava a três metros de distância, acorrentado nos pulsos e tornozelos. E competia-me a

mim decidir se ele merecia ou não viver.

Passado um mês, podia dizer-vos que ser membro de um júri não é nada daquilo que vemos na televisão. Andávamos sempre a desfilar para trás e para a frente entre a sala de audiências e a sala dos jurados; ao almoço a comida era má, vinda do pronto-a-comer da esquina; havia advogados que gostavam de se ouvir falar, e acreditem, os delegados do Ministério Público nunca são tão atraentes como a rapariga de Lei Ordem: Unidade Especial. Mesmo após quatro semanas, entrar nesta sala de audiências era como aterrar num país estrangeiro sem guia turístico... mas apesar disso, não posso alegar ignorância só por ser um turista. Devo falar a língua fluentemente.

A primeira parte do julgamento estava terminada: condenámos Shay Bourne. A acusação apresentou um monte de provas para demonstrar que Kurt Nealon foi baleado em serviço, enquanto tentava deter Shay Bourne depois de o ter encontrado com a enteada, com a roupa interior dela no bolso. JUNE Nealon chegou a casa vinda da consulta de obstetrícia e encontrou o marido e a filha sem vida. O fraco argumento apresentado pela defesa - de que Kurt teria percebido mal Shay, verbalmente paralisado; de que a arma tinha sido acidentalmente disparada - não podia comparar-se às provas esmagadoras apresentadas pela acusação. Pior, Shay nunca chegou a testemunhar em sua defesa - o que podia dever-se à sua fraca capacidade de expressão... ou ao facto de não só ser indubitavelmente culpado, como imprevisível a ponto de os seus próprios advogados não confiarem nele.

A segunda parte do julgamento já estava agora quase terminada - a fase da deliberação da sentença - por outras palavras, a parte que separava este julgamento de todos os outros julgamentos por homicídio do último meio século no New Hampshire. Agora que sabíamos que Shay Bourne tinha cometido o crime, será que merecia a pena de morte?

Esta parte era um pouco como a versão condensada do Reader's Digest da primeira. A acusação recapitulava as provas apresentadas durante o julgamento do crime; e então a defesa tinha oportunidade de conquistar simpatia para com um assassino. Ficámos a saber que Bourne tinha percorrido todo o sistema de adoção. Que quando tinha dezasseis anos, 11

ateou fogo ao lar de acolhimento e passou dois anos num estabelecimento de detenção juvenil. Sofria de doença bipolar não tratada, de perturbação do processamento auditivo central, uma incapacidade de lidar com sobrecarga sensorial e dificuldades de leitura, escrita e linguagem.

No entanto, ouvimos tudo isto de testemunhas. Mais uma vez, Shay Bourne nunca chegou a testemunhar para nos pedir misericórdia.

Ora, durante as alegações finais, observei o delegado do Ministério Público alisar a sua gravata às riscas e avançar. Uma grande diferença entre um julgamento normal e a fase da deliberação da sentença num julgamento envolvendo a pena de morte é quem tem a última palavra a dizer. Eu não sabia, mas Maureen uma jurada mais velha mesmo amorosa por quem eu tinha um carinho especial, do género de desejar que ela fosse minha avó - não perdia um único episódio de Lei Ordem, e praticamente tinha tirado o curso de direito na sua poltrona devido a isso. Na maioria dos julgamentos, quando chegava a altura das alegações finais, a acusação falava por último... para que aquilo que dissesse nos ficasse na cabeça quando regressássemos à sala dos jurados para deliberar.

Na fase de deliberação da sentença num julgamento envolvendo a pena de morte, porém, a acusação falava primeiro, e depois a defesa tinha aquela última oportunidade para nos fazer mudar de ideias.

Porque, afinal, de facto era uma questão de vida ou de morte. O promotor de justiça deteve-se em frente ao banco dos jurados.

- Há já cinquenta e oito anos que no Estado do New Hampshire nenhum membro do meu gabinete tem de pedir a um júri para tomar uma decisão tão difícil e séria como a que os senhores, doze cidadãos, terão de tomar. Não é uma decisão que algum de nós tome de ânimo leve, mas é uma

decisão que os factos neste caso merecem que se tome, e é uma decisão que deve ser tomada para que se faça justiça à memória de Kurt Nealon e de Elizabeth Nealon, cujas vidas foram ceifadas de forma tão trágica e desprezível.

Agarrou numa fotografia enorme de vinte e oito por trinta e cinco centímetros de Elizabeth Nealon e segurou-a mesmo à minha frente. Elizabeth era uma daquelas meninas que parecem ser feitas de algo mais leve do que carne, com as suas pernas de potro e cabelos de luar; as que achamos que vão flutuar das estruturas para trepar no parque infantil se não fosse o peso das sapatilhas. Mas esta fotografia fora tirada depois de ela ter sido baleada. O sangue salpicava-lhe o rosto e colava-lhe os cabelos à cabeça, ainda tinha os olhos muito abertos. O

vestido, que tinha subido quando ela caiu, mostrava que estava nua da cintura para baixo.

- Elizabeth Nealon nunca aprenderá a fazer divisões com dois algarismos, nem a montar a cavalo, nem a fazer um flique-flaque para trás. Nunca irá para um campo de férias nem a um 12

baile de finalistas, nem à cerimónia de formatura do liceu. Nunca experimentará o primeiro par de sapatos de salto alto, nem dará o primeiro beijo.

Nunca levará um rapaz para sua casa, para apresentá-lo à mãe; o padrasto nunca a levará ao altar; nunca chegará a conhecer a irmã, Claire. Não viverá nenhum destes momentos, e outros tantos - não devido a um trágico acidente de viação, nem a leucemia infantil - mas porque Shay Bourne tomou a decisão de que ela não precisava de nada disto.

Depois tirou outra fotografia de trás da de Elizabeth e mostrou-a. Kurt Nealon tinha sido alvejado no estômago. A camisa azul da sua farda estava púrpura com o seu próprio sangue e o de Elizabeth. Ao longo do julgamento ouvimos dizer que, quando os paramédicos chegaram junto dele, não queria largar Elizabeth, mesmo enquanto se esvaía em sangue.

- Shay Bourne não se deteve ao tirar a vida a Elizabeth. Também tirou a vida a Kurt Nealon.

E não se limitou a privar Claire do pai e JUNE do marido: privou a polícia de Lynley do agente Nealon. Privou a equipa da Liga Infantil do campeonato do Condado de Grafton do seu treinador. Privou a Escola Primária de Lynley do fundador do seu Dia de Segurança dos Velocípedes. Shay Bourne tirou a vida a um funcionário público que, na altura da sua morte, não estava apenas a proteger a filha... estava a proteger uma cidadã e uma comunidade. Uma comunidade que inclui todos vós.

O promotor de justiça colocou as fotografias viradas ao contrário em cima da mesa.

- Há uma razão para o New Hampshire não ter usado a pena de morte ao longo de cinquenta e oito anos, senhoras e senhores. Isso deve-se, apesar dos muitos casos que nos entram pela porta, a não termos visto nenhum que merecesse essa sentença. Contudo, da mesma forma, há uma razão para que o povo deste Estado disponha da possibilidade de usar a pena de morte... em vez de a abolir, como aconteceu em muitos Estados. E essa razão está hoje presente nesta sala de audiências.

O meu olhar seguiu o do promotor de justiça, acabando por se fixar em Shay Bourne.

- Se algum caso nestes últimos cinquenta e oito anos requereu de forma gritante que a pena máxima fosse imposta - disse o advogado -, foi este.

A universidade é uma bolha. Entramos lá para dentro durante quatro anos e esquecemo-nos de que existe um mundo real fora dos nossos prazos de entrega de trabalhos, dos exames e dos campeonatos de cerveja. Não lemos o jornal - lemos os manuais. Não vemos o noticiário - vemos o Letterman. Mas apesar disso, alguns fragmentos do universo conseguem infiltrar-se: uma mãe que trancou os filhos num carro e deixou-o deslizar para dentro de um lago para que se afogassem; um marido abandonado que matou a mulher a tiro em frente aos filhos; um violador em série que manteve uma adolescente amarrada na cave durante um mês antes de a degolar. Os homicídios de Kurt e Elizabeth Nealon foram terríveis, claro - mas teriam sido os outros menos terríveis? O advogado de Shay Bourne levantou-se.

- Declararam o meu cliente culpado de dois homicídios em primeiro grau, e ele não contesta isso. Aceitamos o vosso veredicto. Nesta altura, porém, o Estado pede-vos que encerrem este caso, que envolve a morte de duas pessoas, tirando a vida a uma terceira.

Senti uma gota de suor escorrer-me por entre as omoplatas.

- Não vão garantir que alguém fique mais seguro a o matar Shay Bourne. Mesmo que decidam executá-lo, ele já não vai sair do sítio. Vai cumprir duas sentenças de prisão perpétua sem ter direito a liberdade condicional - colocou a mão no ombro de Shay. - Já ouviram falar da infância de Shay Bourne. Onde poderia ele aprender aquilo que todos os senhores tiveram oportunidade de aprender com as vossas famílias? Onde poderia ele aprender a distinguir a diferença entre aquilo que está certo e aquilo que está errado, entre o bem e o mal? Falando nisso, onde poderia ele aprender as cores e os números? Quem poderia ler-lhe histórias para adormecer, como os pais de Elizabeth Nealon lhe leram?

O advogado aproximou-se de nós.

- Já ouviram dizer que Shay Bourne sofre de doença bipolar, que não estava a ser tratada. Já ouviram dizer que sofre de dificuldades de aprendizagem, por isso as tarefas que para nós são simples tornam-se incrivelmente frustrantes para ele. Já ouviram como é difícil para ele expressar as suas ideias. Tudo isto contribuiu para que Shay tenha feito más escolhas: com o qual devem concordar, para além de qualquer dúvida razoável - olhou para cada um de nós à vez. - Shay Bourne fez más escolhas - disse o advogado. - Mas não tentem reparar esse erro fazendo o mesmo.

JUNE

Estava nas mãos do júri. De novo.

É estranho, colocar a justiça nas mãos de doze desconhecidos. Passei a maior parte da fase da deliberação da sentença do julgamento a observar os rostos deles. Havia algumas mães; cruzava o olhar com elas e sorria-lhes quando conseguia. Alguns homens pareciam ser militares. E o rapaz, o que parecia quase não ter idade para fazer a barba, quanto mais para tomar a decisão acertada.

Queria sentar-me ao lado de cada um deles. Queria mostrar-lhes o bilhete que Kurt me escreveu depois do nosso primeiro encontro oficial. Queria que tocassem no gorro macio de algodão que Elizabeth usou quando saiu do hospital para ir para casa quando era recém-nascida. Queria que ouvissem a mensagem no atendedor de chamadas que ainda tinha as vozes deles gravadas, a que não tive coragem para apagar, embora parecesse que estivesse a ser retalhada de cada vez que a ouvia. Queria levá-los numa visita para que vissem o quarto de Elizabeth, com a sua luz de presença da fada Sininho e roupas para se mascarar; queria 14

que afundassem os rostos na almofada de Kurt, que o inspirassem. Queria que vivessem a minha vida, porque essa era a única maneira de saberem realmente o que se perdeu.

Naquela noite, após as alegações finais, amamenteei Claire a meio da noite e adormeci com ela nos braços. Mas sonhei que ela estava lá em cima, distante, a chorar.

Subi as escadas para o quarto da bebé, aquele que ainda cheirava a madeira virgem e a tinta fresca, e abri a porta.

- Já vou - disse eu, entrei e apercebi-me de que o quarto nunca chegou a ser construído, de que não tinha nenhuma bebé, de que estava a cair no vazio.

MICHAEL

Apenas determinadas pessoas acabam por fazer parte de um júri para um julgamento destes.

Mães que tenham filhos a seu cuidado, contabilistas com prazos a cumprir, médicos que assistem a conferências - todos eles são dispensados. Restam os reformados, as donas de casa, pessoas com deficiências e estudantes como eu, porque nenhum de nós tem de estar num sítio específico numa altura específica.

Ted, o nosso porta-voz, era um homem mais velho que me fazia lembrar o meu avô. Não devido à sua fisionomia nem sequer à sua maneira de falar, mas por causa do dom que tinha de nos fazer estar à altura da nossa missão. O meu avô também era assim - queríamos dar o nosso melhor quando estávamos perto dele, não por ele o exigir, mas porque não havia nada que se comparasse àquele sorriso quando sabíamos que o tínhamos impressionado.

O meu avô foi a razão pela qual fui escolhido para este júri. Embora não tivesse nenhuma experiência pessoal em homicídios, eu sabia o que era perder um ente querido.

É impossível ultrapassar uma coisa assim, atravessamo-la - e só por essa simples razão, compreendia melhor JUNE Nealon do que ela alguma vez teria imaginado. No Inverno passado, quatro anos após a morte do meu avô, alguém forçou a entrada no meu dormitório e roubou o meu computador, a minha bicicleta e a única fotografia que tinha em que o meu avô e eu estávamos juntos. O ladrão deixou ficar a moldura de prata, mas quando participei o roubo à polícia, foi perder aquela fotografia que me custou mais.

Ted ficou à espera que Maureen retocasse o seu bâton, que Jack fosse à casa de banho, que todos tivessem um momento para si próprios antes de nos dedicarmos à tarefa de agir como um grupo coeso.

- Bem - disse ele, colocando as mãos abertas em cima da mesa redonda. - Acho que devemos meter mãos à obra.

15

No entanto, afinal era muito mais fácil dizer que uma pessoa merecia morrer por aquilo que fez do que assumir a responsabilidade de o concretizar.

-vou directa ao assunto e dizê-lo de uma vez - suspirou Vy. Não faço a mínima ideia do que o juiz disse que tínhamos de fazer.

No início do julgamento, o juiz dera-nos quase meia hora de instruções verbais. Achei que também nos entregariam algumas folhas escritas, mas estava enganado.

- Eu posso explicar - disse eu. - É mais ou menos como um menu de comida chinesa. Há uma lista com uma série de coisas que fazem um crime ser punível com a pena de morte.

Basicamente, temos de encontrar uma delas na coluna A e outra na coluna B... para que cada um dos homicídios possa ser punido com a pena de morte. Se assinalarmos uma na coluna A, mas nenhuma na coluna B... então o tribunal irá automaticamente sentenciá-lo a prisão perpétua sem liberdade condicional.

- Não percebo o que está na coluna A ou na coluna B - disse Maureen.

- Nunca gostei de comida chinesa - acrescentou Mark. Posicionei-me junto ao quadro branco e agarrei num marcador.

COLUNA A, escrevi. INTENÇÃO.

-A primeira coisa que temos de decidir é se o Bourne tinha ou não intenção de matar cada uma das vítimas - voltei-me para todos. - Acho que já respondemos a isso condenando-o por homicídio.

COLUNA B.

- É aqui que as coisas se complicam. Há uma série de fatores nesta lista. Comecei a ler as notas

confusas que tirei durante as instruções do juiz: O arguido já foi condenado por homicídio uma vez. O arguido já foi condenado por dois ou mais crimes diferentes pelos quais cumpriu pena de prisão de mais de um ano - a regra das três condenações.

O arguido foi condenado por dois ou mais crimes envolvendo o tráfico de drogas.

Durante o homicídio em primeiro grau, o arguido arriscou-se a matar outra pessoa para além das vítimas.

O arguido cometeu o crime depois de o planear e premeditar.

A vítima era vulnerável devido a idade avançada, juventude ou doença.

O arguido cometeu o crime de forma particularmente atroz, cruel, ou depravada envolvendo tortura ou abuso físico da vítima.

16

O homicídio foi cometido com a intenção de evitar detenção legal.

O Ted ficou a olhar para o quadro enquanto eu escrevia aquilo de que conseguia lembrar-me.

- Então se encontrarmos uma coisa da coluna A, e outra da coluna B, temos de condená-lo à morte?

- Não - disse eu. - Porque também há uma coluna C.

FACTORES ATENUANTES, escrevi.

- Estas são as razões que a defesa deu como desculpa.

A capacidade do arguido para avaliar que o que estava a fazer era errado, ilegal ou expunha alguém a perigo, estava comprometida.

O arguido estava a ser coagido de forma invulgar e substancial.

O arguido pode ser punido como cúmplice do crime cometido por terceiros.

O arguido é jovem, embora maior de dezoito anos.

O arguido não apresenta anterior registo criminal significativo.

O arguido cometeu o crime sofrendo de graves perturbações mentais ou emocionais.

Outro arguido igualmente culpado não foi punido com a pena de morte.

A vítima consentiu conduta criminal que resultou na morte.

Outros fatores do passado do arguido são atenuantes relativamente à pena de morte.

Por baixo das colunas escrevi, em grandes letras vermelhas: $(A+B)-C=SENTENÇA$.

Marilyn ergueu as mãos.

- Deixei de ajudar o meu filho com os trabalhos de casa de matemática no sexto ano.

- Não, é fácil - disse eu. - Temos de chegar à conclusão de que Bourne teve intenção de matar cada uma das suas vítimas quando agarrou naquela arma. É a coluna A.

Depois temos de ver se outro fator agravante da coluna B se verifica. Por exemplo, a juventude da vítima: isso adapta-se a Elizabeth, certo?

Em redor da mesa, as pessoas acenaram com a cabeça.

- Se temos a A e a B, então temos de ter em conta os lares de acolhimento, a doença mental e esse tipo de coisas. É um exercício matemático simples. Se $A+B$ for maior do que tudo o que a defesa disse, condenamo-lo à morte. Se $A+B$ for menor do que tudo o que a defesa disse, 17

então não o condenamos - tracei um círculo e m volta d a equação. - Temos de ver qual é o resultado.

Dito dessa forma, quase não tinha nada a ver connosco. Bastava introduzir as variáveis e ver que resposta obtínhamos. Dito dessa forma, era uma tarefa muito mais fácil de desempenhar.

- Claro que Bourne planeou tudo - disse Jack. - Arranjou trabalho na casa deles para poder estar perto da menina. Escolheu esta família de propósito, e tinha acesso à casa deles.

-Tinha ido para casa depois do trabalho nesse dia - disse Jim.

- Por que outra razão voltaria para trás, se não precisava de lá estar?

- As ferramentas - respondeu Maureen. - Deixou-as ficar lá, e elas eram os seus bens mais preciosos. Lembram-se do que disse aquele psiquiatra? Bourne roubou-as das garagens de outras pessoas, e não compreendia por que razão isso não era correto, uma vez que precisava delas e estavam em grande medida apenas a ganhar pó.

-Talvez as tivesse deixado ficar de propósito - sugeriu Ted. Se eram de facto assim tão preciosas, não as teria levado consigo?

Houve um consenso generalizado.

-Todos estamos de acordo em que houve planeamento significativo? - perguntou Ted. -

Levantem as mãos.

Metade da sala, e incluindo, levantou as mãos. Mais algumas pessoas também levantaram timidamente as mãos. Maureen foi a última, mas assim que o fez, tracei um círculo em volta desse fator no quadro branco.

- São dois fatores da coluna B - disse Ted.

- Falando nisso... onde está o almoço? - perguntou Jack. Não costumam trazê-lo a esta hora?

Teria realmente vontade de comer? O que deveria encomendar-se do menu do pronto-acomer quando se estava a decidir se se deveria ou não tirar a vida a um homem?

Marilyn suspirou.

- Acho que devíamos falar do facto de esta pobre menina ter sido encontrada sem cuecas.

-Acho que não podemos - disse Maureen. - Lembram-se de quando estávamos a deliberar o veredicto e perguntámos ao juiz se a Elizabeth foi molestada? Nessa altura, o juiz disse que, como o Bourne não estava a ser acusado de agressão sexual, não podíamos usar isso para o declarar culpado. Se não pudemos mencionar o assunto nessa altura, como é que poderemos mencioná-lo agora?

18

- Isto é diferente - disse Vy. - Ele já foi declarado culpado.

- O homem ia violar a menina - disse Marilyn. - Isso para mim é um comportamento cruel e atroz.

- Sabem, não há nenhuma prova de que tenha sido isso que aconteceu - disse Mark.

Marilyn ergueu uma sobrancelha.

- O quê?! A menina foi encontrada sem cuecas. As meninas de sete anos não costumam andar por aí sem cuecas. Para além disso, o Bourne tinha as cuecas no bolso... que mais estaria ele a fazer com elas?

- E isso importa? Já chegámos à conclusão que a Elizabeth era muito jovem quando foi morta. Não precisamos de mais nada da coluna B - Maureen franziu o sobrolho.

- Acho que estou confusa.

Alison, a mulher de um médico que não tinha dito grande coisa durante as deliberações originais, olhou para ela.

- Quando fico confusa, penso naquele polícia que testemunhou, aquele que disse que ouviu a menina gritar quando estava a correr escadas acima. "Não dispare, implorava ela. Implorou para que a deixasse viver. - Alison suspirou. - Isso de certa forma simplifica novamente as coisas, não simplifica?

Enquanto todos ficámos em silêncio, Ted pediu que levantássemos as mãos a favor da execução de Shay Bourne.

- Não - disse eu. - Ainda temos o resto da equação para resolver - apontei para a coluna C. -

Temos de ter em conta o que a defesa disse.

- A única coisa que eu quero ter em conta neste momento é onde está o meu almoço - disse Jack.

A votação foi 8-4, e eu estava incluído na minoria.

Olhei para a sala em meu redor. Desta vez, nove pessoas tinham as mãos no ar. Maureen, Vy e eu éramos os únicos que não tínhamos votado a favor da execução.

- O que está a impedir-vos de tomar esta decisão? - perguntou Ted.

- A idade dele - disse Vy. - O meu filho tem vinte e quatro anos - disse ela. - E não consigo deixar de pensar que nem sempre toma as decisões mais acertadas. Ainda não acabou de crescer.

Jack virou-se para mim.

19

-Você tem a mesma idade do Bourne. O que anda a fazer da sua vida?

Senti o rosto arder.

- Eu, hum, provavelmente vou fazer uma pós-graduação. Não tenho bem a certeza.

- Não matou ninguém, pois não? Jack pôs-se de pé.

-Vamos fazer um intervalo para ir à casa de banho - sugeriu ele, e todos nós agarrámos a oportunidade de nos separarmos. Atirei o marcador para cima da mesa e fui até à janela. Lá fora, alguns funcionários do tribunal almoçavam nos bancos. Havia nuvens presas nos dedos retorcidos das árvores. E havia carrinhas da comunicação social com parabólicas nos tejadilhos, à espera para ouvir o que íamos dizer.

Jim sentou-se ao meu lado, a ler a Bíblia que parecia ser mais um apêndice.

- É religioso?

- Frequentei a escola paroquial há muito tempo - virei-me de frente para ele. - Não há aí qualquer coisa sobre dar a outra face?

Jim franziu os lábios e leu em voz alta.

- "Portanto, se o teu olho for para ti origem de pecado, arranca-o e lança-o fora, pois é melhor perder-se um dos teus membros do que todo o corpo ser atirado à condenação." Quando há uma maçã podre, não a deixamos estragar todas as outras - deu-me a Bíblia. -Veja.

Olhei para a passagem, e depois fechei o livro. Não sabia tanto sobre religião como o Jim, mas parecia-me que independentemente do que Jesus dizia naquela passagem, devia tê-lo retirado depois de ter sido Ele próprio condenado à morte. Na verdade, parecia-me que se Jesus estivesse aqui nesta sala de jurados, teria tanta dificuldade em fazer aquilo que tinha de ser feito como eu estava a ter.

Ted fez-me escrever Sim e Não no quadro, e depois perguntou-nos, um por um, enquanto eu escrevia os nossos nomes em cada coluna.

-Jim? -Sim.

- Alison? -Sim.

- Marilyn? -Sim. -Vy?

- Não.

Hesitei, e depois escrevi o meu nome abaixo do de Vy.

20

- Aceitaram votar a favor da pena de morte se fosse preciso disse Mark. - Perguntaram-nos a cada um de nós antes de nos escolherem para o júri se seríamos capazes de fazer isso.

- Eu sei - tinha aceitado votar a favor da pena de morte se o caso o merecesse. Só não tinha percebido que seria tão difícil fazê-lo.

Vy escondeu o rosto nas mãos.

- Quando o meu filho batia no irmão mais novo, eu não lhe dava um estalo e dizia "Não se bate" Parecia-me uma hipocrisia na altura. E parece-me uma hipocrisia agora.

- Vy - disse Marilyn em voz baixa -, e se tivesse sido a sua filha de sete anos que tivesse sido

morta? - estendeu o braço por cima da mesa, onde tínhamos acumulado as transcrições e as provas, e agarrou na mesma fotografia de Elizabeth Nealon que o promotor de justiça tinha apresentado durante as suas alegações finais. Colocou-a à frente de Vy, alisando a sua superfície lustrosa.

Passado um minuto, Vy levantou-se pesadamente e tirou-me o marcador da mão. Apagou o seu nome da coluna Não e escreveu-o abaixo do nome de Marilyn, juntamente com o dos outros dez jurados que tinham votado Sim.

- Michael - disse Ted. Engoli em seco.

- O que precisa de ver, de ouvir? Podemos ajudá-lo a procurar alcançou a caixa que continha as balas vindas da balística, as roupas ensanguentadas, os relatórios da autópsia. Deixou que as fotografias do local do crime lhe caíssem das mãos como fitas. Em algumas delas, havia tanto sangue que mal se conseguia ver a vítima deitada debaixo do seu lustro. - Michael -

disse Ted -, faça as contas.

Virei-me para o quadro branco, porque não conseguia suportar o calor dos olhos deles fixos em mim. Ao lado da lista de nomes, com o meu isolado, estava a equação original que eu tinha feito quando tínhamos acabado de entrar nesta sala de jurados: $(A+B)-C=SENTENÇA$.

O que me agradava na matemática era o facto de ser segura. Havia sempre uma resposta certa - mesmo que fosse imaginária.

Mas esta era uma equação em que a matemática não resistia. Porque $A+B$ - os fatores que tinham conduzido às mortes de Kurt e Elizabeth Nealon - seriam sempre maiores do que C .

Não era possível trazê-los de volta, e não havia no mundo história que inspirasse piedade suficiente para ofuscar essa verdade.

No espaço entre o sim e o não, cabia uma vida. É a diferença entre o caminho que percorremos e outro que deixamos para trás; é a fenda entre aquilo que pensamos que podemos ser e aquilo que na realidade somos; é o espaço livre para as mentiras que diremos a nós próprios no futuro.

21

Agarrei no marcador, fiz uma cruz por cima do meu nome. Voltei a escrevê-lo, e tornei-me no décimo segundo e último jurado a condenar Shay Bourne à morte.

Se Deus não existisse, seria necessário inventá-lo.

Voltaire, A favor e Contra

ONZE ANOS MAIS TARDE

LUCIUS

Não faço ideia onde mantiveram Shay Bourne antes de o trazerem para junto de nós. Sabia que ele era um recluso daqui, da Prisão Estadual de Concord - ainda me lembro de ver as notícias no dia em que deliberaram a sua sentença e de examinar um mundo exterior que já estava a começar a esmorecer na minha cabeça: a pedra áspera do lado de fora da prisão; a cúpula dourada do edifício do congresso, até mesmo a forma de uma porta que não fosse feita de metal e rede de arame. Na altura, a condenação dele foi objecto de grandes debates no nosso recinto - onde se mantém um recluso que foi condenado à morte quando o Estado não tem um prisioneiro no corredor da morte há tanto tempo?

Corria o boato de que a prisão tinha realmente algumas celas do corredor da morte - não muito longe da minha humilde residência nas celas da Unidade de Segurança do nível I.

Crash Vitale que tinha uma palavra a dizer sobre tudo, embora normalmente ninguém se desse ao trabalho de o ouvir - disse-nos que as velhas celas do corredor da morte estavam atafalhadas com as finas pranchas de plástico que aqui faziam de colchão. Fiquei algum tempo a pensar o que teria acontecido a todos aqueles colchões de reserva depois de Shay ter chegado. Uma coisa é certa, ninguém sugeriu que ficássemos com eles.

Mudar de cela é uma rotina na prisão. Não gostam que fiquemos demasiado ligados a nada.

Ao longo dos quinze anos que tenho estado aqui, já me mudaram oito vezes.

As celas, como é óbvio, são todas iguais - o que é diferente é a pessoa que está ao nosso lado, e foi por isso que a chegada de Shay ao nível 1 teve um grande interesse para todos nós.

Este facto, por si só, era uma raridade. Os seis reclusos do nível 1 eram radicalmente diferentes uns dos outros; o facto de um homem ter despertado a curiosidade de todos nós foi nada mais nada menos do que uma espécie de milagre. A cela 1 albergava Joey Kunz, um pedófilo que estava no fundo da hierarquia. Na cela 2 estava Calloway Reece, um membro acreditado da Irmandade Ariana. Na cela 3 estava eu, LUCIUS DuFresne. As celas quatro e cinco estavam vazias, por isso sabíamos que o novo recluso seria colocado numa delas - a única questão era se ficaria mais próximo de mim, ou dos tipos das últimas três celas: Texas Wridell, Pogie Simmons e Crash, o auto-proclamado chefe do nível 1.

22

Enquanto Shay Bourne era escoltado por uma falange de seis guardas prisionais de capacetes, coletes à prova de bala e protecções faciais, todos nos chegámos à frente nas nossas celas. Os guardas prisionais passaram pelos duches, por Joey e Calloway, e depois pararam mesmo à minha frente, por isso pude ver com atenção. Bourne era baixo e franzino, com cabelos castanhos curtos e olhos como o mar das Caraíbas. Conhecia as Caraíbas porque foi lá que passei as últimas férias com o Adam. Ainda bem que eu não tinha uns olhos assim.

Não gostaria de olhar ao espelho todos os dias e recordar-me de um lugar que nunca mais voltaria a ver.

Então Shay Bourne virou-se para mim.

Talvez agora fosse uma boa altura para vos descrever a minha fisionomia. O meu rosto é a razão pela qual os guardas prisionais não me olham nos olhos; é por isso que às vezes prefiro estar escondido dentro desta cela. As chagas são vermelhas, púrpura e cobertas de crostas.

Estão espalhadas desde a testa até ao queixo.

A maioria das pessoas retraía-se. Até mesmo as pessoas educadas, como o missionário de oitenta

anos que nos trazia panfletos uma vez por mês hesitava sempre, como se eu tivesse um aspecto ainda pior do que aquele de que se lembrava. Mas Shay limitou-se a cruzar o olhar comigo sem desviar o rosto e a acenar-me com a cabeça, como se eu não fosse diferente do resto das pessoas.

Ouvi a porta da cela ao lado da minha fechar-se, o tilintar das correntes quando Shay enfiou as mãos através da abertura para que lhe tirassem as algemas. Os guardas prisionais deixaram o nosso recinto, e quase de imediato Crash começou: - Hei, Corredor da Morte - gritou ele.

Não se ouviu nenhuma resposta da cela de Shay Bourne.

- Hei, quando o Crash fala, tu respondes.

- Deixa-o em paz, Crash - suspirei. - Dá ao pobre coitado cinco minutos para descobrir o idiota que és.

- Ooh, Corredor da Morte, é melhor teres cuidado - disse Calloway. - O LUCIUS está a dar-te graxa, e o último namorado dele está sete palmos abaixo da terra.

Ouviu-se o som de um televisor ser ligado, e então Shay deve ter ligado os auscultadores que éramos obrigados a usar, para que não houvesse uma guerra de som entre nós. Fiquei um pouco surpreendido por um prisioneiro do corredor da morte ter conseguido adquirir um televisor na cantina, tal como nós. Seria um de treze polegadas, feito especialmente para nós, sob a supervisão do Estado, pela Zenith, com um invólucro de plástico transparente em redor 23

das suas entranhas e cátodos, para que os guardas prisionais pudessem ver se estivéssemos a extrair partes para fazer armas.

Enquanto Calloway e Crash se uniam (como muitas vezes faziam) para me humilhar, tirei os meus próprios auscultadores e liguei a televisão. Eram cinco horas, e não gostava de perder a Oprah. Mas quando tentei mudar de canal, não aconteceu nada. O ecrã tremeluziu, como se estivesse a mudar para o canal 22, mas o canal 22 estava exactamente igual ao canal 3, e ao canal 5, e à CNN, e à Food Network.

- Hei - Crash começou a bater na sua porta. - Guarda, não há sinal. Temos direitos, sabe...

Às vezes, os auscultadores não funcionam muito bem.

Aumentei o som e assisti à cobertura noticiosa do canal de televisão local de uma angariação de fundos para um hospital infantil nas redondezas, perto de Dartmouth College. Havia palhaços e balões, e até dois jogadores dos Red Sox a dar autógrafos. A câmara focou-se numa menina de cabelos loiros como as dos contos de fadas e meias luvas azuis debaixo dos olhos, mesmo o tipo de criança que mostrariam na televisão para nos fazerem abrir a carteira.

- Claire Nealon - disse o jornalista em locução -, está à espera de um coração.

"Bu-hu", pensei. Toda a gente tem problemas. Tirei os meus auscultadores. Se não podia ouvir a Oprah, então não queria ouvir mais nada.

Foi por isso que consegui ouvir a primeira palavra de Shay Bourne no nível 1.

- Sim - disse ele, e sem mais nem menos, o sinal voltou.

Provavelmente já se aperceberam que estou bastante acima da maioria dos cretinos do nível 1, e isso deve-se ao facto de o meu lugar não ser aqui. Tratou-se de um crime passionai - a única discrepância é que eu me concentrei na parte da paixão e os tribunais concentraram-se no crime. Mas pergunto-vos, o que teriam vocês feito, se o amor da vossa vida tivesse encontrado um novo amor da vida dele - alguém mais jovem, mais magro, mais atraente?

O que é irónico, claro, é que nenhuma sentença imposta por um tribunal e em caso de homicídio pudesse sobrepor-se àquela que me assolou na prisão. A minha última contagem foi feita há seis meses, e estava reduzida a setenta e cinco células por milímetro cúbico de sangue. Uma pessoa que não esteja infectada por HIV teria uma contagem de linfócitos normal de mil ou mais células. Quando os glóbulos brancos se reproduzem para combater a infecção, o vírus também se reproduz. À medida

que o sistema imunitário vai enfraquecendo, torna-se mais provável que eu adoeça, ou que desenvolva uma doença oportunista como a PPC, a toxoplasmose, ou citomegalovírus. Os médicos dizem que não vou morrer de SIDA vou morrer de pneumonia, ou de tuberculose, ou de uma infecção bacteriana cerebral; mas para mim é tudo uma questão de semântica.

24

Morto é morto.

Eu era um artista por vocação, e agora por ocupação - embora tenha sido consideravelmente mais difícil obter os meus materiais num sítio destes. Enquanto antes preferia os óleos Windsor Gr Newton e os pincéis de pêlo de marta, telas de linho que eu próprio esticava e cobria de gesso, agora utilizo qualquer coisa a que possa deitar a mão. Pedi aos meus sobrinhos que me fizessem desenhos em papel e de carta a lápis que eu apagava para poder voltar a usar o papel. Armazenava alimentos que produzissem pigmento. Esta noite estive a trabalhar num retrato de Adam, obviamente desenhado de memória, porque era tudo o que me restava. Misturei tinta vermelha recolhida de um rebuçado Skittles com um pouco de pasta de dentes na tampa de uma garrafa de sumo, e café com um pouco de água noutra tampa, e depois misturei-os para obter o tom exacto da sua pele - um melão profundo lustroso.

Já tinha delineado as feições dele a preto - a testa larga, o queixo forte, o nariz adunco Utilizei um estilete para raspar espirais de ébano de uma fotografia de uma mina de carvão numa National Geographic e juntei um pouco de champô para fazer uma tinta gredosa. com o bico partido de um lápis, transferi a cor para a minha tela improvisada.

Meu Deus, como era belo.

Já passava das três da manhã, mas para ser sincero, não durmo muito. Quando durmo, acabo por levantar-me para ir à casa de banho - por muito pouco que coma ultimamente, a comida passa através de mim à velocidade da luz. Fico agoniado; tenho dores de cabeça. As aftas que tenho na boca e na garganta dificultam-me a deglutição. E em vez disso, uso a insónia para alimentar o meu trabalho artístico.

Esta noite, tive suores. Quando acordei estava encharcado, e depois de tirar os lençóis e as calças e a camisola, não quis voltar a deitar-me no colchão. Em vez disso, fui buscar o meu quadro e comecei a recrear Adam. Mas distraí-me com os outros retratos que já fizera dele, pendurados na parede da minha cela: Adam na mesma pose em que estava da primeira vez que servira de modelo para as aulas de arte da universidade onde eu leccionava; o rosto de Adam quando abria os olhos de manhã.

Adam, a olhar por cima do ombro, como quando disparei sobre ele.

- Preciso de fazê-lo - disse Shay Bourne. - É a única maneira.

Tinha permanecido em silêncio absoluto desde que tinha chegado ao nível 1 naquela tarde; fiquei a pensar com quem estaria a conversar àquela hora da noite. Mas o recinto estava vazio. Talvez estivesse a ter um pesadelo.

- Bourne? - sussurrei. - Estás bem?

25

- Quem está aí?

As palavras eram difíceis para ele - não se tratava propriamente de gaguez; era mais como se cada sílaba fosse uma pedra que ele tivesse de empurrar para fora.

- Sou o LUCIUS. LUCIUS DuFresne - disse eu. - Estás a falar com alguém?

Ele hesitou.

- Acho que estou a falar contigo.

- Não consegues dormir?

- Consigo - disse Shay. - Só que não quero.

- Então tens mais sorte do que eu - respondi.

Era uma piada, mas ele não a encarou dessa maneira.

- Não tens mais sorte do que eu, e eu não tenho mais sorte do que tu - disse ele.

Bem, de certa forma, tinha razão. Posso não ter recebido a mesma sentença de Shay Bourne, mas, tal como ele, ia morrer entre as paredes desta prisão - e em breve.

- LUCIUS - disse ele. - O que estás a fazer?

- Estou a pintar.

Fez-se um compasso de silêncio.

- A tua cela?

- Não. Um retrato.

- Porquê?

- Porque sou um artista.

- Uma vez, na escola, um professor de artes disse que eu tinha lábios clássicos - disse Shay. -

Ainda não sei o que ele queria dizer com isso.

- É uma referência à antiguidade greco-romana - expliquei. E à arte que vemos representada em...

- LUCIUS? Viste hoje na televisão... os Red Sox...

Toda a gente no nível 1 tinha uma equipa cujos resultados acompanhava, incluindo eu. Cada um de nós mantinha um registo meticuloso da posição da sua equipa na liga, e discutíamos a justiça das decisões dos árbitros e árbitros auxiliares como se se tratasse de leis e de juizes do 26

Supremo Tribunal. Por vezes, tal como nós, as nossas equipas viam as suas esperanças ser destruídas; outras vezes podíamos partilhar com elas o Campeonato do Mundo. Mas a época ainda não tinha começado; hoje não foi transmitido nenhum jogo na televisão.

- O Schilling estava sentado à mesa - acrescentou Shay, esforçando-se ainda para encontrar as palavras certas. - E estava lá uma menina...

- Referes-te ao angariador de fundos? O do hospital?

- Essa menina - disse Shay. - vou dar-lhe o meu coração. Antes que eu pudesse reagir, ouviu-se um grande estrondo e o baque da carne a embater no chão de cimento.

- Shay? - chamei. - Shay?!

Encostei o rosto ao plexiglas que debruava a porta da cela. Não conseguia ver Shay, mas ouvia um ruído rítmico de algo a bater contra a porta da cela dele.

- Hei! - gritei em plenos pulmões. - Hei, precisamos de ajuda aqui!

Os outros começaram a acordar, insultaram-me por incomodar o seu descanso, e depois ficaram em silêncio, fascinados. Dois guardas chegaram intempestivamente ao nível 1, ainda a apertar os fechos de velcro dos seus coletes à prova de bala. Um deles, o guarda prisional Kappaletti, era o tipo de homem que tinha escolhido aquele cargo para ter sempre alguém para rebaixar. O outro, o guarda prisional Smythe, foi sempre profissional comigo.

Kappaletti parou em frente à minha cela.

- DuFresne, se estás a chamar sem razão...

Mas Smythe já estava a ajoelhar-se em frente à cela de Shay.

- Acho que o Bourne está a ter um ataque - agarrou no rádio e a porta electrónica abriu-se, deslizando, para que os guardas pudessem entrar.

- Ele está a respirar? - disse um deles.

- Vira-o, contamos até três...

Os técnicos de emergência médica chegaram e passaram pela minha cela empurrando Shay numa maca - uma maca com correias nos ombros, barriga e pernas que era utilizada para transportar

reclusos como Crash que davam demasiados problemas mesmo acorrentados na cintura e tornozelos; ou reclusos que estivessem demasiado doentes para caminhar até à enfermaria. Sempre achei que sairia do nível 1 numa dessas macas. Mas agora apercebo-me de que era muito parecida com aquela onde Shay seria um dia preso com correias para receber a sua injeção letal.

27

Os técnicos de emergência médica colocaram uma máscara de oxigénio por cima da boca de Shay, que espumava a cada respiração. Os olhos estavam revirados nas órbitas, brancos e cegos.

- Façam o que for preciso para o trazer de volta - instruiu o guarda prisional Smythe; e foi assim que fiquei a saber que o Estado salvará um moribundo para o poder matar mais tarde.

MICHAEL

Havia muitas coisas de que eu gostava na Igreja.

Como a sensação que tinha quando duzentas vozes se erguiam até às vigas do tecto na missa de domingo em oração. Ou a forma como a minha mão ainda tremia quando oferecia a hóstia a um membro da paróquia. Gostava da hesitação no rosto de um adolescente perturbado quando ficava embasbacado diante da motorizada Triumph Trophy de 1969 que restaurei -

descobrimo depois que sou padre; que ter estilo e ser católico não eram mutuamente incompatíveis.

Embora fosse sem dúvida o padre acessório em St. Catherine, éramos uma das quatro únicas paróquias que serviam toda a cidade de Concord, no New Hampshire. O dia parecia nunca ter horas suficientes. O padre Walter e eu alternávamo-nos para dizer a missa e para ouvir as confissões; às vezes pediam-nos para ir dar uma aula na escola paroquial numa cidade vizinha. Havia sempre membros da paróquia doentes, perturbados ou sós para visitar; havia sempre terços para rezar. Mas ansiava mesmo pelos actos mais humildes varrer o vestíbulo, ou limpar os cálices da Eucaristia no sacrário para que nem uma só gota do Precioso Sangue acabasse nos esgotos de Concord.

Não tinha nenhum gabinete em St. Catherine. O padre Walter tinha, mas também já estava há tanto tempo na paróquia que parecia fazer parte dela da mesma forma que os bancos de pau-santo ou os panos de veludo do altar. Embora estivesse sempre a dizer-me que ia arranjar um lugar para mim numa das velhas salas de armazém, costumava fazer uma sesta depois do almoço, e quem era eu para acordar um homem de setenta anos e dizer-lhe para meter mãos à obra? Passado algum tempo, desisti de pedir e em vez disso coloquei uma pequena secretária dentro de uma arrecadação.

Hoje, devia escrever uma homilia - se conseguisse resumi-la sete minutos, sabia que os membros mais idosos da congregação não iam adormecer - mas em vez disso, os meus pensamentos estavam sempre a ser desviados para um dos membros mais jovens. Hannah Smythe foi o primeiro bebé que baptizei em St. Catherine. Agora, apenas um ano depois, a criança fora repetidamente hospitalizada. Subitamente, a garganta dela pura e simplesmente fechava-se, e os pais em pânico levavam-na para as urgências, para ser entubada, onde o ciclo vicioso começava novamente. Disse uma oração rápida para que Deus guiasse os 28

médicos para curar Hannah. Estava a terminar de fazer o sinal da cruz quando uma senhora pequena de cabelos prateados se aproximou da minha secretária.

- Padre Michael?

- Mary Lou - disse eu. - Como está?

- Será que podia falar consigo durante alguns minutos? Mary Lou Huckens podia falar durante alguns minutos - mas o mais provável era que continuasse a falar durante quase uma hora. O padre Walter e eu tínhamos um acordo tácito de nos resgatar-mos mutuamente dos seus elogios efusivos depois da missa.

- Em que posso ajudá-la?

- Na verdade, sinto-me um pouco tola em relação a isto admitiu. - Só queria saber se abençoava o meu busto.

Sorri para ela. Os paroquianos muitas vezes pedem-nos para dizer uma oração por um ex-voto.

- Claro. Trouxe-o consigo?

Ela olhou para mim de forma estranha.

- Claro que sim.

- Ótimo. Mostre-me.

Cruzou as mãos por cima do peito.

- Não me parece que isso seja necessário!

Senti o calor nas faces quando me apercebi do que ela queria realmente que eu abençoasse.

- D-descupe... - gaguejei. - Não tive intenção... Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

-Vão extrair-me um tumor amanhã, padre, e estou aterrorizada.

Levantei-me e coloquei um braço e m volta dela, acompanhei-a por alguns metros até ao banco mais próximo, ofereci-lhe um Kleenex.

- Desculpe - disse ela. - Não sei com quem mais hei-de falar. Se digo ao meu marido que estou com medo, ele também vai ficar com medo.

- Sabe com quem deve falar - disse eu suavemente. - E sabe que Ele está sempre a ouvir. -

Toquei-lhe no cimo da cabeça. - Deus onnipotente e eterno, Salvação eterna 29

dos crentes, ouvi-nos em nome da Vossa serva Mary Lou, por quem imploramos o auxílio da Vossa infinita misericórdia, que com a sua saúde física restaurada, possa dar-Vos graças na Vossa igreja. Por Cristo Nosso Senhor, Ámen.

- Ámen - murmurou Mary Lou.

Essa é a outra coisa que me agrada na Igreja: nunca sabemos o que esperar.

LUCIUS

Quando Shay Bourne regressou ao nível 1 após três dias na enfermaria do hospital, era um homem com uma missão. Todas as manhãs, quando os guardas vinham ver quem queria tomar um duche ou passar algum tempo no pátio, Shay pedia para falar com o director Coyne.

- Faz um requerimento - disseram-lhe, conseCtivamente, mas parecia que ele não assimilava. Quando era a sua vez de ir para o pequeno canil com grades que era o nosso pátio de exercício, ficava no canto mais afastado, a olhar para o lado oposto da prisão, onde os funcionários administrativos se encontravam, e gritava o seu pedido em plenos pulmões.

Quando lhe levavam o jantar, perguntava se o director da prisão tinha aceiteado falar com ele.

- Sabem porque o mudaram para o nível 1 - perguntou Calloway um dia quando Shay estava a berrar no duche pedindo uma audiência com o director. - Porque fez toda a gente do último nível onde estive ficar surda.

- É um atrasado mental - respondeu Crash. - Não consegue evitar. E como o nosso perseguidor de fraldas. Certo, Joey?

- Ele não é atrasado mental - disse eu. - Provavelmente tem o dobro do teu QI Crash.

- Cala-me essa boca, larilas - disse Calloway. - Calem-se todos! - A urgência na sua voz silenciou-nos. Calloway ajoelhou-se junto da porta da sua cela, pescando com um fio entrançado que tirara do cobertor e atado numa das pontas a uma revista enrolada. Lançou-o para o meio da passadeira - um comportamento arriscado, visto que os guardas prisionais voltariam daí a um minuto. De início, não conseguimos perceber o que estava a fazer - quando pescávamos, faziamos-lo uns com os outros, enrolando as nossas linhas para passar qualquer coisa, desde um livro a uma barra de chocolate Hershey - mas então reparámos na pequena forma oval brilhante que estava no chão. Só Deus sabia por que razão uma ave faria o ninho num buraco infernal como este, mas há alguns meses uma fizera-o, depois de voar pelo pátio de exercício. Um ovo caíra e rachara-se; o pequeno pisco ficou deitado de lado, inacabado, com o peito magro e enrugado a arfar como um pistão.

30

Calloway puxou o ovo, centímetro por centímetro.

- Não vai sobreviver - disse Crash. - A mãe agora já não o vai querer.

- Bem, eu quero - disse Calloway.

- Põe-no num sítio quente - sugeri. - Embrulha-o numa toalha ou qualquer coisa assim.

- Usa a tua T-shirt - acrescentou Joey.

- Não sigo conselhos de um pedófilo - disse Calloway, mas então, passado um momento: - Achas que uma T-shirt resulta?

Enquanto Shay gritava pelo director da prisão, todos ouvimos o relato pormenorizado de Calloway: o pisco foi embrulhado numa T-shirt. O pisco foi metido dentro de uma sapatilha.

O pisco estava a dar bicadas. O pisco tinha aberto o olho esquerdo durante meio segundo.

Todos esquecêramos como era gostar tanto de alguma coisa ao ponto de ser insuportável perdê-la. O primeiro ano que passei aqui, costumava fingir que a lua cheia era o meu animal de estimação, que aparecia uma vez por mês só para mim. E no Verão passado, Crash começou a espalhar compota nas aberturas do seu ventilador para atrair um enxame de abelhas, mas isso devia-se mais à sua falsa crença de que podia treiná-las para atacar Joey enquanto dormia do que ao gosto pela apicultura.

- Vêm aí os vaqueiros para trancá-las - disse Crash, num justo aviso de que os guardas prisionais estavam a preparar-se para voltar a entrar no recinto. Passado um momento, as portas abriram-se com um zumbido; ficaram em frente à cela do duche à espera que Shay metesse as mãos pela fenda para

ser algemado antes de fazer o percurso de seis metros de regresso à sua cela.

- Não sabem o que poderá ser - disse o guarda prisional Smythe. - Já excluíram problemas pulmonares e asma. Dizem que talvez seja uma alergia, mas o quarto dela já não tem nada lá dentro, Rick, está vazio como uma cela.

Por vezes, os guardas prisionais falavam uns com os outros à nossa frente. Nunca falavam directamente com os reclusos sobre as suas vidas, e ainda bem. Não queríamos saber que o tipo que estava a revistar-nos quando estávamos despidos tinha um filho que marcara o golo da vitória no jogo de futebol da quinta-feira passada.

- Disseram que o coração dela não pode continuar a aguentar este tipo de pressão. E eu também não posso. Sabes o que é ver o nosso bebé com aqueles sacos e tubos agarrados?

O segundo guarda prisional, Whitaker, era um católico que gostava de incluir no meu tabuleiro de jantar versículos das escrituras manuscritos a denunciar a homossexualidade.

31

- O padre Walter conduziu uma oração pela Hannah no domingo. Disse que teria muito gosto em ir visitar-vos ao hospital.

- Não há nada que um padre possa dizer que eu queira ouvir disse Smythe entre dentes. - Que tipo de Deus faria isto a um bebé?

As mãos de Shay deslizaram pela fenda da cela dos duches para serem algemadas, e então a porta abriu-se.

- O director da prisão disse que ia receber-me?

- Pois - disse Smythe, conduzindo Shay para a sua cela. Quer que vás tomar um chá com ele.

- Só preciso de cinco minutos com ele...

- Não és o único com problemas - disse Smythe num tom brusco. - Faz um requerimento.

- Não posso - respondeu Shay. Pigarreei.

- Guarda? Podia dar-me um formulário de requerimento também? Terminou de trancar Shay, depois tirou um do bolso e enfiou o na fenda da minha cela.

Quando os guardas estavam a sair do nível 1 ouviu-se um pequeno piar débil.

- Shay? - perguntei. - Porque não preenches o formulário de requerimento?

- Não consigo encontrar as palavras certas.

- Tenho a certeza de que o director da prisão não se preocupa com a gramática.

- Não, é quando escrevo. Quando começo, as letras ficam todas misturadas.

- Então diz-me, que eu escrevo a mensagem. Fez-se um silêncio.

- Farias isso por mim?

- São capazes de acabar com a telenovela? - disse Crash. Estão a causar-me náuseas.

- Diz ao director - ditou Shay - que quero doar o meu coração, depois de ele me matar. Quero dá-lo a uma menina que precisa mais dele do que eu.

Encostei o papel à parede da cela e escrevi a lápis, assinando o nome de Shay. Ateio papel à minha linha de pesca e balancei-o por baixo da estreita abertura da porta da cela dele.

- Dá isto ao guarda que fizer as rondas amanhã de manhã.

- Sabes, Bourne - disse Crash pensativo -, não sei o que pensar de ti. Quero dizer, por um lado, és um monte de merda que mata crianças. Bem que podias ser um fungo a crescer no 32

Joey, por causa do que fizeste àquela menina. Mas por outro lado, mataste um polícia, e por mim estou muito satisfeito por haver menos um porco no mundo.

Por isso, o que devo achar de ti? Devo odiar-te, ou respeitar-te?

- Nenhuma das coisas - disse Shay. - Ambas.

- Sabes o que eu acho? Matar bebês arruina tudo o que fizeste de bom - Crash pôs-se de pé em frente à cela e começou a bater com uma caneca de café de metal contra o plexiglas. -

Mandem-no embora. Mandem-no embora. Mandem-no embora!

Joey - pouco habituado a estar sequer um patamar acima do fundo da hierarquia - foi o primeiro a juntar-se ao coro. Depois Texas e Pogie seguiram-no, porque faziam tudo o que Crash dizia.

- Mandem-no embora. Mandem-no embora.

A voz de Whitaker ouviu-se através do altifalante.

- Tens algum problema, Vitale?

- Não tenho nenhum problema. Este panasca assassino de crianças é que tem um problema.

Vamos fazer uma coisa, guarda. Deixe-me sair por cinco minutos, que eu pouparei aos bons contribuintes do New Hampshire o trabalho de se verem livres dele...

- Crash - disse Shay num tom suave. - Acalma-te.

Fui distraído por um assobio que vinha do meu minúsculo lavatório. Mal me levantei para investigar quando a água jorrou da torneira.

Era extraordinário por duas coisas - normalmente, a pressão da água não ia além de um fio, mesmo nos duches. E a água que transbordava pelas bordas da bacia de metal era de um vermelho intenso e profundo.

- Foda-se! - gritou Crash. - Fiquei encharcado!

- Meu, parece sangue - disse Pogie, horrorizado. - Não vou lavar-me com isso.

- Também está nas sanitas - acrescentou Texas.

Todos sabíamos que os nossos canos estavam ligados. O pior é que literalmente não conseguíamos escapar da merda dos outros que estavam ao nosso lado. Vendo as coisas pelo lado positivo, podíamos realmente enviar um bilhete ao longo de todo o recinto; apareceria por breves instantes na bacia da cela seguinte antes de prosseguir para o sistema de esgotos.

Virei-me e olhei para dentro da minha sanita. A água estava escura como rubis.

33

- Caramba - disse Crash. - Não é sangue. É vinho. Começou a arrulhar como um louco. -

Provem, minhas senhoras. As bebidas são por conta da casa.

Fiquei à espera. Não bebia água da torneira aqui. Já tinha um pressentimento de que os meus medicamentos para a SIDA, que vinham num cartão perfurado, eram uma experiência do governo realizada em reclusos dispensáveis... não estava disposto a consumir água tratada com um sistema dirigido pela mesma administração. Mas então ouvi Joey rir, e Calloway sorver da torneira, e Texas e Pogie cantar melodias inspiradas na bebida. Na realidade, o estado de espírito de todo o nível 1 alterou-se tão radicalmente que a voz do guarda prisional Whitaker ribombou através do intercomunicador, confundido pelo que via nos monitores.

- O que se passa aí? - perguntou ele. - Há alguma ruptura de canos?

- Pode dizer-se que sim - respondeu Crash. - Ou podia dizer-se que fomos assolados por uma sede terrível.

- Venha cá, guarda - acrescentou Pogie. - A próxima rodada é por nossa conta.

Toda a gente achou isto hilariante, mas por outro lado, já todos tinham bebido quase dois litros deste líquido, fosse ele qual fosse. Molhei o dedo no fluxo escuro que ainda escorria com força do meu lavatório. Podia ser ferro ou manganês, mas era verdade - esta água cheirava a açúcar e ficava pegajosa quando secava. Inclinei a cabeça para a torneira e bebi hesitantemente da torneira.

Sem ninguém saber Adam e eu éramos sommeliers e visitávamos as vinhas da Califórnia. Foi assim que Adam me oferecera pelo meu aniversário no ano passado um cabernet sauvignon Dominus Estate de 2000.amos bebê-lo na noite de Ano Novo. Passadas algumas semanas, quando entrei e

encontrei os dois entrelaçados como lianas, a garrafa também lá estava -

derrubada na mesa-de-cabeceira a manchar o tapete do quarto, como sangue que já tivesse sido derramado.

Quando se está na prisão há tanto tempo como eu, experimentam-se bastantes estados alterados inovadores. Bebi whisky caseiro destilado a partir de sumo de fruta, pão e rebuçados Jolly Rancher; cheirei spray desodorizante; fumei cascas de banana secas enroladas numa página da Bíblia. Mas isto não se assemelhava a nada do que já tinha experimentado. Isto era vinho genuíno.

Ri-me. Mas logo depois comecei a chorar, com as lágrimas a escorrerem-me pelas faces por aquilo que perdera. Por aquilo que agora estava literalmente a escorrer-me pelos dedos. Só sentimos falta do que nos recordamos de ter tido, e já há muito tempo que o conforto físico não fazia parte da minha vida quotidiana. Enchi uma caneca de plástico com vinho e bebi; fi-lo vezes sem conta até se tornar mais fácil esquecer que todas as coisas extraordinárias têm o seu fim - uma lição que eu podia ensinar, tendo em conta os meus antecedentes.

34

Nesta altura, os guardas prisionais aperceberam-se de que tinha havido um problema qualquer na canalização. Dois deles vieram para o nível 1 furiosos, e pararam em frente à minha cela.

- Tu - ordenou Whitaker. - Algemas.

Submeti-me à incongruência de me algemarem os pulsos através da abertura da cela, para que quando Whitaker abrisse a porta eu pudesse ser imobilizado por Smythe enquanto investigava. Olhei por cima do ombro e vi Whitaker tocar no fluxo de vinho com um dedo mindinho e levá-lo à língua.

- LUCIUS - disse ele -, o que é isto?

- De início pensei que fosse um caernet, guarda - disse eu. Mas agora estou mais inclinado para um merlot barato.

- A água vem do reservatório da cidade - disse Smythe. - Os reclusos não têm acesso a ele.

- Talvez seja um milagre - entoeu Crash. - O senhor sabe tudo sobre milagres, não sabe, Guarda Fundamentalista Cristão?

A porta da minha cela estava fechada e as minhas mãos estavam livres. Whitaker estava de pé na passadeira em frente às nossas celas.

- Quem fez isto? - perguntou ele, mas ninguém estava a ouvir.

- Quem é o responsável?

- Que importa? - respondeu Crash.

- Então juro-vos, se nenhum de vocês confessar, vou pedir à manutenção que vos corte a água durante a próxima semana ameaçou Whitaker.

Crash riu.

- A União Americana de Liberdades Civis precisa de uma imagem de marca, Whit.

Quando os guardas prisionais saíram intempestivamente do nível 1 todos ríamos. Coisas que não tinham piada nenhuma tornaram-se engraçadas; nem sequer me importei de ouvir o Crash. A dada altura, o vinho começou a gotejar e depois secou, mas nessa altura Pogie já tinha desmaiado, Texas e Joey cantavam "Danny Boy" em sintonia e eu estava a perder rapidamente a consciência. Na realidade, a última coisa de que me lembro é de Shay a perguntar a Calloway que nome ia dar ao pássaro, e da resposta de Calloway: Batman o Pisco. E Calloway a desafiar Shay para um concurso de bebida, mas Shay disse que ia passar.

Que na realidade, não bebia.

35

Durante dois dias, depois de a água no nível 1 se ter transformado em vinho, um fluxo contínuo de

canalizadores, cientistas e administradores prisionais visitaram as nossas celas.

Aparentemente, éramos a única unidade dentro da prisão onde isto acontecera, e a única razão que levou as autoridades a acreditar nisso foi o facto de quando as nossas celas foram revistadas, os guardas prisionais terem confiscado os frascos de champô, os pacotes de leite e até os sacos de plástico que todos nós tínhamos criativamente utilizado para armazenar algum vinho antes que este deixasse de escorrer; e porque as amostras recolhidas na canalização revelaram uma substância idêntica. Embora ninguém nos comunicasse oficialmente os resultados das análises laboratoriais, havia rumores de que o líquido em questão não era definitivamente água da torneira.

Os nossos privilégios de poder tomar duche e fazer exercício foram revogados por uma semana, como se a culpa tivesse sido nossa, e só passadas quarenta e três horas me autorizaram a receber a visita da enfermeira da prisão, Alma, que cheirava a limão e roupa lavada, e que tinha uma enorme torre em espiral de cabelos entrançados que eu supunha necessitar de intervenção arquitectónica antes de dormir. Normalmente, ela vinha duas vezes por dia para me trazer uma carteira cheia de comprimidos tão grandes e garridos como libélulas. Também aplicava pomada nas micoses dos pés dos reclusos, examinava dentes apodrecidos pela metanfetamina istal e fazia tudo que não necessitasse de uma visita à enfermaria. Admito que fingi várias vezes estar doente para que Alma me tirasse a temperatura ou me medisse a tensão arterial.

Às vezes, ela era a única pessoa que me tocava ao longo de semanas.

- Então - disse ela, enquanto o guarda prisional Smythe a deixava entrar na minha cela. -

Ouvi dizer que as coisas aqui no número 1 têm estado muito animadas. Vai contar-me o que aconteceu?

- Se pudesse contava - disse eu, e depois olhei de relance para o guarda que a acompanhava. -

Ou talvez não.

- Só me lembro de uma pessoa que tivesse transformado água em vinho - disse ela -, e o meu pastor dir-lhe-á que não foi esta segunda-feira na prisão estadual.

- Talvez o seu pastor possa sugerir que da próxima vez Jesus experimente um belo Syrah encorpado.

Alma riu-se e enfiou-me um termómetro na boca. Por cima das costas dela, fiquei a olhar para o guarda Smythe. Tinha os olhos vermelhos, e em vez de observar-me para se assegurar de que eu não fazia nenhuma estupidez, como fazer Alma refém, estava a fitar a parede que estava atrás da minha cabeça, perdido em pensamentos.

O termómetro apitou.

36

- Ainda está com febre.

- Diga-me alguma coisa que eu não saiba - respondi. Senti sangue a acumular-se debaixo da língua, devido às feridas que faziam parte desta terrível doença.

- Anda a tomar os medicamentos? Encolhi os ombros.

- Vê-me metê-los na boca todos os dias, não vê?

Alma sabia que havia tantas maneiras de um prisioneiro se suicidar como havia prisioneiros.

- Não me deixe, Júpiter - disse ela, esfregando uma substância viscosa na mancha vermelha que tenho na testa que conduziu a esta alcunha. - Quem mais me poderia contar os episódios de Hospital Central que perdi?

- Essa é uma razão bastante fraca para ficar.

- Já ouvi piores - Alma virou-se para o guarda Smythe. - Já acabei.

Saiu, e a cabina de controlo fez deslizar novamente a porta para a sua posição inicial, o som de dentes metálicos a cerrarem-se.

- Shay - chamei. - Estás acordado?
- Agora estou.
- És capaz de querer tapar os ouvidos - sugeri.

Antes que Shay conseguisse perguntar-me porquê, Calloway lançava a habitual rajada de insultos como fazia sempre que Alma tentava chegar a metro e meio de distância dele.

- Sai daqui, preta - gritou. -Juro por Deus, dou cabo de ti se me puseres a mão em cima...

O guarda prisional Smythe imobilizou-o contra um dos lados da cela.

- Por amor de Deus, Reece - disse ele. - Temos de passar por isto todos os dias por causa de um maldito penso rápido?

- Temos, se for esta cabra preta a colocá-lo.

Calloway tinha sido condenado por atear fogo a uma sinagoga deixando-a em cinzas há sete anos. Sofreu ferimentos na cabeça e necessitou de grandes enxertos de pele nos braços, mas considerou que a sua missão fora um sucesso porque o rabino aterrorizado fugira da cidade.

Os enxertos ainda precisavam de ser examinados; tinha sido submetido a três cirurgias só no ano passado.

- Sabe que mais - disse Alma -, não me importo que os braços dele apodreçam.

37

Não se importava, isso era verdade. Mas importava-se que ele lhe chamasse preta. De cada vez que Calloway lhe atirava essa palavra à cara, ficava rígida. E depois de visitar Calloway, movimentava-se um pouco mais devagar ao longo do recinto.

Sabia exactamente como ela se sentia. Quando somos diferentes, às vezes não vemos os milhões de pessoas que nos aceitam como somos. Só reparamos na única pessoa que não nos aceita.

- Fiquei com hepatite C por tua causa - disse Calloway, embora provavelmente a tivesse apanhado por causa da lâmina de barbear, tal como os outros reclusos que a contraíram na prisão. - Tu e as tuas mãos nojentas de preta.

Calloway estava a ser particularmente execrável hoje, até mesmo para os seus padrões. De início, achei que estava irascível, como todos nós, por os nossos parques privilégios nos terem sido retirados. Mas depois ocorreu-me - Calloway não podia deixar que Alma entrasse na sua cela, porque podia encontrar o pássaro. E se ela encontrasse o pássaro, o guarda prisional Smythe confiscá-lo-ia.

- O que quer fazer? - perguntou Smythe a Alma. Ela suspirou.

- Não vou contrariá-lo.

- Exactamente - exultou Calloway. - Sabes quem manda. Ouvindo o apelo dele, uma abreviatura para Guerra Santa Racial², os reclusos de toda a Unidade de Segurança começaram a gritar. Num estado de tão grande maioria branca como o New Hampshire, a Irmandade Ariana comandava a população prisional. Controlavam o tráfico de droga dentro da prisão; tatuavam trevos, relâmpagos e suásticas uns nos outros. Para entrar no bando, tinham de matar alguém sancionado pela irmandade - um negro, um judeu, um homossexual, ou qualquer outro cuja existência fosse considerada uma afronta à deles.

O som tornou-se ensurdecedor. Alma passou pela minha cela, com Smythe atrás. Quando passaram pela de Shay, ele disse ao guarda:

- Veja lá dentro.
- Eu sei o que está aí dentro, Reece - disse Smythe. - Cem quilos de trampa.

Quando Alma e o guarda prisional saíram, Calloway ainda estava aos berros.

- Por amor de Deus - sussurrei a Shay. - Se eles descobrirem o estúpido pássaro do Calloway vão revistar todas as nossas celas de novo! Queres ficar sem duche durante duas semanas?

- Não foi isso que eu quis dizer - disse Shay.

Não respondi. Em vez disso, deitei-me no meu catre e enfiei mais papel higiénico nos ouvidos. Mesmo assim, conseguia ouvir Calloway entoar os seus hinos de orgulho branco.

38

Mesmo assim, consegui ouvir Shay quando me disse que não estava a falar do pássaro pela segunda vez.

Naquela noite, quando acordei a suar, com o coração a bater na base esponjosa da garganta, Shay estava novamente a falar sozinho.

- Eles puxam o lençol para cima - disse ele.

- Shay?

Agarrei num pedaço de metal que serrei da borda da bancada da cela - demorei meses, cortado com um fio de elástico que tirei das cuecas e um pouco de pasta de dentes com bicarbonato de sódio, a minha serra de diamante. De forma engenhosa, o triângulo servia de espelho e de estilete. Enfiei a mão por baixo da porta, posicionando o espelho de forma a poder espreitar para dentro da cela de Shay.

Estava deitado no catre de olhos fechados e braços cruzados sobre o coração. A sua respiração era tão superficial que o peito mal subia e descia. Era capaz de jurar que sentia o cheiro de minhocas na terra recentemente revolvida. Ouvia o ruído das pedras embater na pá do coveiro.

Shay estava a praticar.

Eu próprio já fizera. Talvez não exactamente da mesma forma, mas tinha imaginado o meu funeral. Quem estaria presente. Quem estaria bem vestido, e quem usaria uma roupa terrivelmente feia. Quem choraria. Quem não choraria.

Que Deus abençoe aqueles guardas prisionais; tinham colocado Shay Bourne mesmo ao lado de outro condenado à morte.

Duas semanas após Shay ter chegado ao nível 1, seis guardas entraram na sua cela de manhã bem cedo e mandaram-no despir-se.

- Dobra-te - ouvi Whitaker dizer. - Afasta as pernas. Levanta os braços. Tosse.

- Para onde vamos?

- Para a enfermaria. Exame de rotina.

Conhecia o procedimento: sacudiriam as roupas dele para se assegurarem de que não havia contrabando escondido nelas, e depois diziam-lhe para voltar a vestir-se.

Levá-lo-iam para fora do nível 1, para além da imensidão da Unidade de Segurança.

Uma hora mais tarde, acordei com o som da cela de Shay a abrir-se de novo quando regressou.

39

- Vou rezar pela tua alma - disse o guarda Whitaker num tom grave antes de abandonar o nível 1.

- Então - disse eu num tom demasiado ligeiro e falso para me enganar até a mim próprio. -

Estás de perfeita saúde?

- Não me levaram para a enfermaria. Fomos ao gabinete do director da prisão.

Sentei-me no meu catre, olhando para o ventilador através do qual a voz de Shay era transmitida.

- Finalmente aceitou receber-te...

- Sabes por que mentem? - interrompeu Shay. - Porque têm medo que fiquemos descontrolados se nos disserem a verdade.

- Sobre o quê?

- É tudo controlo da mente. E não temos outra escolha senão ser obedientes porque pode ser desta vez que realmente...

- Shay - disse eu -, falaste com o director ou não?

- Ele falou comigo. Disse-me que o meu último recurso foi recusado pelo Supremo Tribunal - disse Shay. - A data da minha execução é vinte e três de Maio.

Sabia que antes de o transferirem para este nível, Shay esteve onze anos no corredor da morte; não foi propriamente algo inesperado. No entanto, essa data era apenas daqui a dois meses e meio.

- Acho que não querem chegar aqui e dizer simplesmente, olha, vamos levar-te para que te leiam a ordem oficial da tua execução. Quero dizer, é mais fácil limitarem-se a fingir que vamos à enfermaria, para não nos descontrolarmos. Aposto que falaram sobre como haveriam de vir buscar-me. Aposto que tiveram uma reunião.

Interroguei-me sobre o que preferiria, se fosse a minha morte a ser anunciada como um próximo comboio a partir de uma plataforma. Será que queria que um guarda me dissesse a verdade? Ou será que consideraria um gesto de bondade evitar que eu soubesse o inevitável, mesmo que só durante aqueles quatro minutos do percurso?

Sabia qual era a resposta para mim.

Interroguei-me por que razão, tendo em conta que só conhecia Shay Bourne há duas semanas, sentia um aperto na garganta ao pensar na sua execução.

- Lamento muito.

40

- Pois - disse ele. - Pois.

- Polícia - chamou Joey, e passado um momento, o guarda prisional Smythe entrou acompanhado do guarda prisional Whitaker. Ajudou Whitaker a transportar Crash até à cela do duche - a investigação da nossa água da torneira dionisíaca aparentemente não tivera resultados conclusivos, à excepção de algum bolor nos canos, e agora fomos autorizados a dispor de algum tempo para a nossa higiene. Mas depois, em vez de deixar o nível 1, Smythe voltou atrás pela passadeira, parando em frente à cela de Shay.

- Ouve - disse Smythe. - Na semana passada, disseste-me uma coisa.

- Disse?

- Disseste-me para ver lá dentro - hesitou. - A minha filha tem estado doente. Muito doente.

Ontem, os médicos disseram-me a mim e à minha mulher para nos despedirmos dela. Fiquei prestes a explodir. Por isso, agarrei no ursinho de peluche que estava no berço, que trouxemos de casa para que ir para o hospital fosse mais fácil para ela, e rasguei-o de alto a baixo. Tinha um enchimento de cascas de amendoim, e nunca pensámos em procurar ali. -

Smythe abanou a cabeça. - A minha filha não vai morrer; nem sequer chegou a estar verdadeiramente doente. É só alérgica - disse ele. - Como é que sabias?

- Não sabia...

- Não importa - Smythe meteu a mão no bolso para tirar um pequeno quadrado de folha de alumínio, desembrulhando-o para revelar um espesso bolinho de chocolate.

- Trouxe isto de casa. A minha mulher costuma fazê-los. Queria que comesses um.

- John, não podes dar-lhe contrabando - disse Whitaker, olhando por cima do ombro para a cabina de controlo.

- Não é contrabando. Estou apenas... a partilhar um pouco do meu almoço.

Comecei a ficar com água na boca. Os bolinhos de chocolate não constavam na ementa da cantina. O mais parecido era um bolo de chocolate, que nos ofereciam uma vez por ano num cabaz de Natal que também incluía uma meia cheia de doces e duas laranjas.

Smythe passou o bolinho de chocolate através da abertura na porta da cela. Olhou para Shay e acenou com a cabeça, em seguida abandonou o nível 1 com o guarda prisional

Whitaker.

- Hei, Corredor da Morte - disse Calloway -, dou-te três cigarros por metade disso.
- Troco-te isso por um pacote de café inteiro - disse Joey por sua vez.

41

- Ele não vai desperdiçá-lo em ti - disse Calloway. - Dou-te café e quatro cigarros.

Texas e Pogie juntaram-se-lhes. Dariam um leitor de CD a Shay em troca. Uma revista Playboy.

Um rolo de fita adesiva.

- Dois gramas - anunciou Calloway. - Última oferta.

A Irmandade fazia um negócio da China controlando o tráfico de metanfetamina na prisão estadual do New Hampshire; para que Calloway mexesse na sua reserva pessoal, devia querer mesmo aquele chocolate.

Tanto quanto sabia, Shay nem sequer tinha bebido uma chávena de café desde que tinha chegado ao nível 1. Não fazia ideia se fumava ou se se drogava.

- Não - disse Shay. - Não a todos. Passaram-se alguns minutos.

- Por amor de Deus, ainda lhe sinto o cheiro - disse Calloway. Deixem-me que vos diga, não estou a exagerar se disser que fomos obrigados a inalar aquele aroma durante horas. Às três da manhã, quando acordei devido às minhas habituais insónias, o aroma de chocolate era tão intenso que era como se aquele bolinho estivesse dentro da minha cela em vez de na de Shay.

- Porque não comes isso de uma vez por todas - murmurei.

- Porque - respondeu Shay, tão desperto quanto eu -, então não haveria nada por que ansiar.

MAGGIE

Amava Oliver por muitas razões, mas acima de tudo porque a minha mãe não o suportava.

"Ele é uma desgraça", dizia cada vez que vinha visitar-me. "É destrutivo", dizia, "se te livrasses dele, podias encontrar Alguém."

Alguém era um médico, como o anestesista de Dartmouth-Hitchcock com quem uma vez me arranjaram um encontro, que me perguntou se achava que as leis contra descarregar pornografia infantil no computador eram uma infracção aos direitos civis. Ou o filho do chantre que, na realidade, tinha uma relação homossexual monógama há cinco anos mas não dissera nada aos pais. Alguém era o sócio mais jovem da firma de contabilidade que preenchia os impostos do meu pai, que me perguntou na primeira e única vez que saímos juntos se eu sempre tinha sido uma rapariga avantajada.

Por outro lado, Oliver sabia precisamente aquilo que eu precisava, e quando precisava. E foi por isso que, assim que subi para cima da balança naquela manhã, ele saltou de debaixo da cama, onde estava diligentemente a cortar o fio do meu despertador com os dentes, e foi instalar-se mesmo em cima dos meus pés para que não conseguisse ver o mostrador digital.

42

- Que lindo serviço - disse eu, saindo de cima da balança, tentando não reparar nos números que piscavam a vermelho antes de desaparecer. com certeza que estava lá um sete porque Oliver também estava em cima da balança. Para além disso, se eu fosse apresentar uma queixa formal por escrito sobre este assunto, diria que (a) o tamanho 14 não é assim tão grande, (b) o tamanho 14 aqui corresponde ao tamanho 16 de Londres, por isso de certa forma era mais magra do que se tivesse nascido em Inglaterra e (c) o peso não interessava verdadeiramente, desde que fôssemos saudáveis.

É verdade, também não fazia muito exercício. Mas um dia ia fazer, pelo menos era o que dizia à minha mãe, a rainha da boa forma, assim que toda a gente para quem trabalhava tão incansavelmente fosse absolutamente, inequivocamente resgatada. Disselhe (e a quem mais quisesse ouvir) que a única razão da existência da União Americana pelas Liberdades Civis era ajudar as pessoas a assumir uma posição. Infelizmente, as únicas posições que a minha mãe reconhecia eram a da pomba, a do guerreiro II e todas as outras posições básicas do ioga.

Puxei as calças de ganga para cima, aquelas que admitia não lavar com muita frequência porque a máquina de secar as encolhia o bastante para ter de sofrer durante metade do dia até a ganga alargar o suficiente para atingir novamente o ponto de conforto. Agarrei numa camisola que não mostrasse os pneus debaixo do soutien e depois virei-me para Oliver.

- O que achas?

Ele descaiu a orelha esquerda, o que significava, "Porque te ralas com isso, visto que vais despir tudo para vestir um roupão de spa?"

Como habitualmente, tinha razão. É um pouco difícil esconder os nossos defeitos quando estamos a usar, bem, nada.

Seguiu-me até à cozinha, onde servi taças de comida de coelho para os dois (a dele literalmente, a minha com Especial K). Depois saltou para cima da caixa de areia ao lado da gaiola onde passaria o dia a dormir.

Tinha dado o nome ao meu coelho por causa de Oliver Wendell Holmes, Jr., o famoso juiz do Supremo Tribunal conhecido por Grande Dissidente. Uma vez disse, "Até um cão sabe qual é a diferença entre dar um pontapé e pregar uma rasteira." Os coelhos também sabiam. E

os meus clientes.

- Não faças nada que eu não fizesse - avisei Oliver. - Isso inclui roer as pernas dos bancos da

cozinha.

Agarrei nas minhas chaves e dirigi-me para o meu Prius. Tinha gastado quase todas as minhas poupanças no ano passado naquele híbrido - para ser sincera, não compreendia por que razão os fabricantes de automóveis cobravam uma taxa por sermos consumidores com 43

alguma consciência social. Não tinha tracção às quatro rodas, o que era mesmo uma chatice durante o Inverno do New Hampshire, mas achei que salvar a camada do ozono merecia sair ocasionalmente da estrada.

Os meus pais tinham-se mudado para Lynley - uma cidade a quarenta e dois quilómetros de Concord - há sete anos quando o meu pai assumiu o cargo de rabi do Templo Beth Or. Só que não existia nenhum Templo Beth Or: a sua congregação reformista realizava serviços religiosos à sexta-feira à noite na cantina da escola básica, porque o templo original tinha ficado em cinzas. As expectativas eram angariar fundos para um novo templo, mas o meu pai tinha sobrestimado o tamanho da sua congregação rural do New Hampshire e, embora me garantisse que iam comprar um terreno alhares, eu não via que isso fosse acontecer em breve.

De qualquer forma, agora a congregação já se habituara às leituras da Tora rotineiramente pontuadas pelos aplausos da multidão que assistia aos jogos de basquetebol no ginásio ao fundo do corredor.

O maior contribuinte anual individual para o fundo do templo do meu pai era o ChutZpah, um retiro para o bem-estar da mente, do corpo e da alma no centro de Lynley, que era gerido pela minha mãe. Embora a sua clientela não fosse sectária, tinha ganhado uma reputação entre as irmandades do templo, e vinham patrocinadores de lugares longínquos como Nova Iorque, Connecticut e até Maryland para relaxar e rejuvenescer. A minha mãe usava sal do Mar Morto para os esfoliantes. A cozinha do spa era kosher. Tinha saído na revista Boston, no New York Times e na Luxury SpaFinder.

No primeiro sábado de cada mês, ia ao spa para uma massagem gratuita, ou um tratamento facial, ou um tratamento de pedicure. Só que, depois, tinha de aguentar o almoço com a minha mãe. Tínhamos transformado aquilo numa rotina. Quando nos serviam o chá gelado de maracujá já tínhamos passado a fase de "Porque Não Me Telefonas."

A salada era reservada a "Já vou Estar Morta Quando For Avó." A entrada - apropriadamente - envolvia o meu peso. Será desnecessário referir que nunca chegávamos à sobremesa.

O ChutZpah era branco. Não apenas branco, mas assustador, de tal forma branco que tínhamos medo de respirar: tapetes brancos, azulejos brancos, roupões brancos, chinelos brancos. Não faço ideia de como a minha mãe mantinha tudo tão limpo, tendo em conta que quando era pequena, a casa estava sempre confortavelmente desarrumada.

O meu pai diz que Deus existe, embora para mim o júri ainda esteja a decidir isso. O que não quer dizer que não aprecie um milagre como qualquer pessoa - tal como quando cheguei à recepção e a recepcionista me disse que a minha mãe tinha de faltar ao nosso almoço por causa de uma reunião inesperada com um fornecedor de orquídeas.

- Mas disse que apesar disso devia fazer o seu tratamento disse a recepcionista. - A DeeDee vai ser a sua esteticista, e o seu cacifo é o 220.

44

Agarrei no roupão e nos chinelos que ela me entregou. O cacifo 220 estava junto a outros cinquenta onde várias mulheres de meia-idade cheias de energia despiam as suas roupas de ioga. Apressei-me a ir para outra secção de cacifos que estivesse agradavelmente vazia e vesti o roupão. Se alguém apresentasse queixa por eu estar a usar o cacifo 664, não me parecia que a minha mãe fosse deserdar-me por causa disso. Introduzi o meu código - 2358, pela União Americana pelas Liberdades

Civis.

- Respirei fundo para tomar coragem e tentei não olhar para o espelho enquanto passava.

Não havia muito que me agradasse no meu aspecto exterior. Tinha curvas, mas para mim, estavam todas nos sítios errados. Os meus cabelos eram uma explosão de caracóis escuros, que podiam ser sensuais se não tivesse de me esforçar tanto para que não ficassem eriçados.

Li que os cabeleireiros do programa da Oprah alisavam os cabelos das convidadas com cabelos iguais aos meus, porque os caracóis fazem as câmaras aumentar-nos cinco quilos - o que significava que até os meus cabelos faziam os objetos como eu ficar maiores do que na realidade eram. Os meus olhos não estavam mal - eram cor de lama num dia normal e verdes se me sentisse inclinada a fantasiar - mas acima de tudo, revelavam a parte de mim em que tinha orgulho: a minha inteligência.

Posso nunca vir a ser capa de revista, mas não me escapa nada.

O problema é que nunca ouvimos ninguém dizer, "Uau, olha só o cérebro daquela miúda."

O meu pai sempre me fez sentir especial, mas nem podia olhar para a minha mãe sem pensar porque não teria herdado a sua cintura fina e cabelos lisos. Quando era criança, só desejava ser como ela; em adulta, deixei de tentar.

Suspirando, entrei na zona das banheiras de hidromassagem: um oásis branco rodeado por bancos de verga branca onde mulheres maioritariamente brancas esperavam que as terapeutas de bata branca chamassem o seu nome.

DeeDee apareceu com o seu casaco imaculado, sorrindo.

- Deve ser a MAGGIE - disse ela. - É tal e qual como a sua mãe a descreveu.

Não ia morder aquele anzol.

- Muito gosto - nunca percebi muito bem o protocolo desta parte da experiência; cumprimentávamos e logo a seguir despíamo-nos para que uma completa desconhecida pudesse pôr-nos as mãos em cima... e pagávamos por este privilégio. Sou eu que estou a ver mal as coisas, ou os tratamentos de spa têm muito em comum com a prostituição?

- Está ansiosa por experimentar a sua Máscara Hino de Salomão?

- Preferia fazer uma desvitalização. DeeDee sorriu.

45

- A sua mãe também referiu que diria algo assim.

Para quem nunca experimentou, uma máscara corporal é uma experiência singular. Estamos deitadas numa marquesa confortável cobertas por um pedaço gigante de película aderente e nuas. Completamente, absolutamente nuas. Claro, a esteticista põe-nos uma toalha do tamanho de uma gaze por cima das nossas partes privadas enquanto nos esfrega, e tem uma expressão impenetrável que nunca deixa transparecer se está ou não a calcular o nosso índice de massa corporal com as palmas das mãos - mas não deixamos de estar dolorosamente conscientes do nosso físico, nem que seja por alguém o estar a sentir em primeira mão connosco.

Obriguei-me a fechar os olhos e lembrar-me que ser lavada com um duche de hidromassagem por outra pessoa devia fazer-me sentir uma rainha e não uma inválida hospitalizada.

- Então, DeeDee - disse eu. - Há quanto tempo trabalha nisto? Desenrolou uma toalha e segurou-a como um ecrã enquanto eu me deitava de costas.

- Já trabalho em spas há seis anos, mas fui contratada há pouco tempo para trabalhar aqui.

- Deve ser uma boa profissional - disse eu. - A minha mãe não explora amadores.

Ela encolheu os ombros.

- Gosto de conhecer pessoas novas.

Também gosto de conhecer pessoas novas, mas quando estão completamente vestidas.

- Em que trabalha? - perguntou DeeDee.

- A minha mãe não lhe disse?
- Não... disse apenas... - interrompeu-se subitamente, ficando em silêncio.
- Disse o quê?
- Disse, hum, disseme para aplicar-lhe uma dose extra de esfoliante de algas marinhas.
- Quer dizer que lhe disse que eu ia precisar do dobro da quantidade.
- Não disse...

- Mencionou a palavra roliça? - perguntei. Visto que DeeDee não respondeu, inteligentemente, pestanejei olhando para a luz enevoada do tecto, fiquei a ouvir o piano enlatado de Yanni durante alguns momentos e depois suspirei.

- Sou advogada da União Americana pelas Liberdades Civis.

46

- A sério? - as mãos de DeeDee ficaram imóveis nos meus pés.
- Alguma vez aceita casos de graça?
- É só isso que faço.
- Então deve saber a história daquele homem no corredor da morte... o Shay Bourne?

Escrevo-lhe há dez anos, desde o oitavo ano e comecei como parte de um trabalho para as aulas de estudos sociais. O último recurso dele foi recusado pelo Supremo Tribunal.

- Eu sei - disse eu. - Apresentei citações a favor dele. Os olhos de DeeDee abriram-se muito.
- Então é advogada dele?

- Bem... não - nem sequer vivia no New Hampshire quando Bourne foi condenado, mas a União Americana pelas Liberdades Civis apresentava citações amicus a favor dos prisioneiros no corredor da morte. Amicus é a palavra em latim para designar amigo do tribunal; quando assumimos uma posição num caso particular mas não somos uma parte directamente envolvida no mesmo, o tribunal permite-nos transmitir legalmente as nossas ideias se isso favorecer o processo de decisão. As minhas citações amicus ilustravam como a pena de morte era odiosa; definindo-a tanto um castigo cruel e invulgar, como inconstitucional. Tenho a certeza de que o juiz olhou para o meu trabalho esforçado, colocando-o prontamente de lado.

- Pode fazer mais alguma coisa para o ajudar? - perguntou DeeDee.

A verdade é que se o último recurso de Bourne foi rejeitado pelo Supremo Tribunal, agora nenhum advogado podia fazer grande coisa para o salvar.

- Vamos fazer assim - prometi. - vou analisar o assunto. DeeDee sorriu e tapou-me com cobertores aquecidos até estar enrolada como um burrito. Depois sentou-se atrás de mim e passou os dedos pelos meus cabelos. Enquanto me massajava o couro cabeludo, os meus olhos acabaram por fechar-se.

- Dizem que é indolor - murmurou DeeDee. - A injeção letal. Eles: o sistema, os juristas, os que apaziguam a culpa devido aos seus próprios actos com a retórica.

- Isso é porque nunca ninguém regressa para lhes dizer o contrário - disse eu. Pensei em Shay Bourne a receber a notícia da sua morte iminente. Pensei em estar deitada numa mesa como esta, a porem-me a dormir.

De repente, não conseguia respirar. Os cobertores estavam demasiado quentes, o creme na minha pele demasiado espesso. Quis sair das camadas e comecei a lutar para me libertar.

- Oh - disse DeeDee. - Espere aí, deixe-me ajudá-la. - Puxou o plástico e deu-me uma toalha.
- A sua mãe não me disse que era claustrofóbica.

47

Sentei-me, inspirando grandes quantidades de ar para dentro dos pulmões. "Claro que não disse", pensei. "Porque é ela que me sufoca."

LUCIUS

Era fim de tarde, quase na hora da mudança de turno, e o nível 1 estava relativamente sossegado. Eu tinha estado doente o dia todo, a acordar para cair novamente no sono devido à febre. Calloway, que habitualmente jogava xadrez comigo, estava a jogar com Shay.

- Bispo para a6 - gritou Calloway.

Calloway era um racista intolerante, mas também era o melhor jogador de xadrez que alguma vez conheci.

Durante o dia, Batman o Pisco residia no bolso da camisa, um pequeno alto que não era maior do que um pacote de rebuçados Starburst. Às vezes, trepava-lhe para cima do ombro e picava-lhe as cicatrizes na cabeça. Outras vezes, guardava Batman num exemplar brochado de The Stand que tinha sido alterada para ser um esconderijo - a partir do sexto capítulo, tinha sido cortado um quadrado das páginas do grosso livro com uma lâmina de barbear roubada, criando uma pequena cavidade que Calloway forrou com lenços de papel para fazer uma cama. O pisco comia puré de batata; Calloway trocou fita adesiva e fio preciosos e até uma chave de algemas de fabrico caseiro por doses extra.

- Hei - disse Calloway. - Não fizemos nenhuma aposta neste jogo.

Crash riu-se.

- Nem o Bourne é suficientemente estúpido para apostar contigo quando está a perder.

- O que terás tu que eu possa querer? - disse Calloway pensativo.

- Inteligência? - sugeriu. - Senso comum?

- Mantém-te fora deste assunto, paneleiro - Calloway ficou um momento a pensar. - O bolinho de chocolate. Quero o maldito bolinho de chocolate.

Agora, o bolinho de chocolate já tinha dois dias. Duvidava que Calloway fosse sequer capaz de o engolir. O que lhe daria mais satisfação era o acto de o tirar a Shay.

- Está bem - disse Shay. - Cavalo para g6. Fiquei sentado no catre.

- Está bem? Shay, ele está a dar cabo de ti.

- Como é que estás demasiado doente para jogar, DuFresne, mas não te importas de meter o nariz em todas as conversas? - disse Calloway. - Isto é entre mim e o Bourne.

48

- E se eu ganhar? - perguntou Shay. - O que ganho? Calloway riu-se.

- Isso não vai acontecer.

- O pássaro.

- Não vou dar-te o Batman...

- Então eu não te dou o bolinho de chocolate - fez-se um momento de silêncio.

- Está bem - disse Calloway. - Se ganhares, ficas com o pássaro. Mas não vais ganhar, porque o meu Bispo vai para d3. Considera-te oficialmente lixado.

Provavelmente, seria eu que pescaria, o bolinho de chocolate de Shay para o dar a Calloway.

Interroguei-me se algum deles repararia se roubasse uma migalha ou duas.

- Rainha para h? - retorquiu Shay. - Xequemate.

- O quê? - gritou Calloway. Analisei o jogo de xadrez mental que tinha estado a acompanhar: a rainha de Shay tinha aparecido sem mais nem menos, protegida pelo cavalo.

Calloway não tinha sítio para onde ir.

Nesse momento, a porta do nível 1 abriu-se, deixando entrar um par de guardas de coletes à prova de bala e capacetes. Dirigiram-se à cela de Calloway e levaram-no para a passadeira, algemando-o a uma balastrada de metal ao longo da parede do fundo.

Não havia nada pior do que revistarem a nossa cela. Aqui, tudo o que tínhamos eram os nossos pertences, e vê-los ser escrutinados era uma rude invasão de privacidade.

Para não referir o facto de que, quando isso acontecia, tínhamos excelentes hipóteses de perder o nosso melhor esconderijo, seja de drogas, álcool, chocolates, materiais artísticos seja da resistência feita a partir de cliques para aquecer o café instantâneo.

Entravam munidos de lanternas e espelhos de cabo comprido e trabalhavam de forma sistemática. Verificavam os cantos das paredes, os ventiladores, a canalização.

Desenrolavam até ao fim os sticks dos desodorizantes para se assegurarem de que não havia nada escondido por baixo. Agitavam embalagens de pós para ouvir o que pudesse estar lá dentro. Cheiravam os frascos de champô, abriam envelopes e tiravam as cartas que estavam lá dentro. Arrancavam os lençóis e passavam as mãos pelos colchões, procurando rasgões ou costuras descosidas.

Entretanto, éramos obrigados a assistir.

Não conseguia ver o que estava a acontecer na cela de Calloway, mas fazia uma ideia com base nas reacções dele. Revirou os olhos quando o cobertor foi examinado para ver se tinha 49

fios soltos; o maxilar ficou tenso quando um selo postal foi retirado de um envelope, revelando a heroína mexicana que estava debaixo. Mas quando inspeccionaram a sua estante, Calloway retraiu-se. Procurei o pequeno volume no bolso dele que seria o pássaro e apercebi-me de que Batman o Pisco estava algures dentro da cela.

Um dos guardas mostrou o exemplar de The Stand. As páginas foram despojadas, a lombada arrancada, o livro atirado contra a parede da cela.

- O que é isto? - perguntou um dos guardas, concentrando-se não no pássaro que tinha sido lançado para o outro lado da cela, mas nos lenços de papel azul-bebé que pousaram suavemente nas suas botas.

- Nada - disse Calloway, mas o guarda não estava disposto a acreditar nele. Examinou os lenços de papel, e ao não encontrar nada, confiscou o livro com o seu esconderijo escavado.

Whitaker disse algo sobre um relatório escrito, mas Calloway não estava a ouvir. Não me lembro de alguma vez o ver tão destroçado. Assim que o libertaram e o levaram novamente para a sua cela, correu para o canto para onde o pássaro tinha sido atirado.

O som que Calloway Reece fez foi primordial; mas talvez fosse sempre assim quando um homem adulto sem coração começava a chorar.

Ouviu-se um estrondo, e um baque arrepiante. Um remoinho de destruição enquanto Calloway lutava contra aquilo que não tinha solução. Finalmente exausto, Calloway deixou-se cair no chão da sua cela, embalando o pássaro morto.

- Cabrão. Cabrão.

- Reece - interrompeu Shay. - Quero o meu prémio.

Virei bruscamente a cabeça. com certeza Shay não seria suficientemente estúpido para antagonizar Calloway.

- O quê - disse Calloway entre dentes. - O que disseste?

- O meu prémio. Ganhei o jogo de xadrez.

- Agora não - sussurrei.

- Agora sim - disse Shay. - Aposto é aposta.

Aqui, só tínhamos a nossa palavra, e Calloway - com a sua sensibilidade da Irmandade Ariana - sabia isso melhor do que ninguém.

- O melhor é assegures-te de que não saís de trás dessas grades - jurou Calloway -, porque assim que tiver oportunidade vou deixar-te em tal estado que nem a tua mãe te reconheceria.

- Mas mesmo enquanto ameaçava Shay, Calloway embrulhou cuidadosamente o pássaro morto num lenço de papel e prendeu a pequena trouxa leve à ponta da sua linha de pesca.

Quando o pisco chegou perto de mim, enfiei-o debaixo da abertura de sete centímetros e meio debaixo da porta da minha cela. Ainda parecia Inacabado, com o olho fechado de um azul translúcido. Uma das asas estava dobrada para trás num ângulo extremo; o pescoço pendia para o lado.

Shay lançou a sua própria linha, com um peso composto por um pente numa das pontas e puxou a trouxa. Vi as mãos dele puxarem cuidadosamente o pisco embrulhado num lenço de papel para dentro da sua cela. As luzes na passadeira tremeluziram.

Muitas vezes imaginei o que teria acontecido a seguir. com uma visão de artista, gosto de visualizar Shay sentado no catre, envolvendo o minúsculo pássaro nas mãos em concha.

Imagino o toque de alguém que nos ama tanto que não consegue deixar-nos dormir; assim acordamos com a sua mão sobre o coração. A longo prazo, porém, pouco importa como Shay conseguiu. O que importa é o resultado: que todos nós ouvimos o débil piar daquele pisco; que Shay empurrou o pássaro reanimado por baixo da porta da sua cela para a passagem, onde este saltitou, como uma pontuação intermitente, em direcção à mão estendida de Calloway.

JUNE

Quando somos mães, conseguimos olhar para o rosto de um filho adulto e ver, em vez dele, aquele que espreitou para nós através das pregas de um cobertor de bebé.

Podemos observar a nossa filha de onze anos pintar as unhas com verniz de purpurinas e lembrarmo-nos de como costumava dar-nos a mão quando queria atravessar a rua.

Podemos ouvir o médico dizer que o verdadeiro perigo é a adolescência, porque não sabemos como o coração reagirá aos surtos de crescimento - e podemos fingir que falta imenso tempo.

- As duas melhores em três - disse Claire, e das pregas da sua camisa de noite de hospital voltou a erguer a mão.

Também ergui a mão. "Pedra, papel ou tesoura, agora."

- Papel - Claire sorriu. - Ganhei.

- Não ganhaste não - disse eu. - O quê? Tesoura?

- Só me esqueci de te dizer que está a chover, e a tesoura ficou ferrugenta, por isso enfias o papel e afasta-la.

51

Ri-me. Claire mexeu-se ligeiramente, com cuidado para não deslocar todos os tubos e fios.

- Quem vai dar comida ao Dudley? - perguntou ela.

Dudley era o nosso cão - um Springer Spaniel de treze anos que, juntamente comigo, era um dos poucos pontos de continuidade entre Claire e a sua irmã já falecida.

Claire pode nunca ter chegado a conhecer Elizabeth, mas as duas cresceram a colocar colares de pérolas falsas em volta do pescoço de Dudley, vestindo-o como a irmã que nunca tiveram.

- Não te preocupes com o Dudley - disse eu. - Se for preciso telefono à Sr.a Morrissey.

Claire acenou com a cabeça e olhou para o relógio.

- Achava que já deviam estar de volta.

- Eu sei, querida.

- O que achas que está a demorar tanto?

Havia cem respostas, mas aquela que me veio à cabeça foi que noutro hospital qualquer, a dois países de distância, outra mãe teve de se despedir do filho para que eu pudesse ter oportunidade de ficar com a minha.

O nome técnico da doença de Claire é cardiomiopatia congestiva pediátrica. Afectava doze milhões de crianças por ano, e significava que a cavidade cardíaca estava aumentada e distendida, que o coração não conseguia bombear o sangue de forma eficiente. Não podia ser corrigido nem revertido; se se tivesse sorte, podia viver-se com ela. Se não, morria-se de insuficiência cardíaca congestiva. Nas crianças, 79 por cento dos casos tinha origem desconhecida. Havia uma corrente de opinião que atribuía o seu início a uma miocardite e outras infecções virais durante a infância; e outra que afirmava que era herdada de um dos pais, portador do gene defeituoso.

Sempre presumi que este último fosse o caso de Claire. Afinal, certamente que uma criança saída do desgosto nasceria com um peso no coração.

De início, não sabia que ela tinha a doença. Cansava-se mais facilmente do que as outras crianças, mas eu ainda estava a mover-me em câmara lenta, sem reparar. Só quando tinha cinco anos e foi hospitalizada por causa de uma gripe que não conseguia curar é que foi diagnosticada. O Dr. Wu disse que Claire tinha uma ligeira arritmia que podia melhorar ou não: receitou-lhe Captopril, Lasix, Lanoxin. Disse que teríamos de esperar para ver.

No primeiro dia do quinto ano, Claire disse-me que se sentia como se tivesse engolido um colibri.

Presumi que fosse dos nervos devido ao início das aulas, mas passadas algumas horas - quando se levantou para resolver um problema de matemática no quadro desmaiou. As arritmias progressivas fazem o coração bater como se fosse um saco cheio de minhocas - não 52

bombeia sangue nenhum. Aqueles jogadores de basquetebol que parecem tão saudáveis e depois caem para o lado mortos no campo? Isso era fibrilação ventricular, e estava a acontecer a Claire. Submeteu-se a uma cirurgia para lhe implantarem um CDAI -

cardioversor-desfibrilador automático implantável, o u , mais simplesmente, u m serviço de urgências minúsculo mesmo no coração dela, que corrigiria futuras arritmias administrando um choque eléctrico. Foi colocada na lista para receber um transplante.

O esquema dos transplantes era traiçoeiro - assim que recebíamos um coração, o cronometro começava a funcionar, e não se tratava do final feliz que muita gente pensava.

Não queríamos ficar tanto tempo à espera d e u m transplante que o resto dos sistemas do organismo começasse a deixar de funcionar. Mas até mesmo um transplante não era um milagre: a maioria dos que o recebiam só conseguia tolerar um coração durante dez ou quinze anos antes de começarem a surgir complicações, ou de haver pura e simplesmente uma rejeição. Apesar disso, tal como o dr. Wu disse, daqui a quinze anos talvez possamos tirar u m coração d e uma prateleira e instalá-lo nas lojas de artigos eléctricos Best Buy... a ideia era manter Claire viva o tempo suficiente para que as inovações da medicina a acompanhassem.

Esta manhã, o pager que transportamos sempre tocou. "Temos um coração", disse o Dr. Wu quando telefonei. "Encontramo-nos no hospital."

Ao longo das seis horas que se seguiram, Claire foi sondada, picada, esfregada e preparada para que assim que o órgão milagroso chegasse no seu pequeno refrigerador, pudesse ir diretamente para a sala de operações. Era este o momento que eu esperara, e temera, ao longo de toda a sua vida.

E se... nem era capaz de dizer as palavras.

Em vez disso, alcancei a mão de Claire e entrelacei o s meus dedos nos dela. "Papel e tesoura", pensei. "Estamos entre a espada e a parede." Olhei para o leque dos seus cabelos de anjo na almofada, o ligeiro reflexo azulado da sua pele, os ossos leves como os de uma fada, de uma menina cujo corpo ainda era algo que não conseguia dominar. Por vezes, quando olhava para ela, não a via; em vez disso, fingia que ela era...

- Como achas que ela é? Pestanejei, sobressaltada.

- Quem?

- A rapariga. A que morreu.

- Claire - disse eu. - Não vamos falar sobre isto.

53

- Porque não? Não achas que devíamos saber tudo sobre ela, já que vai fazer parte de mim? -

as faces dela brilhavam em chamas, como às vezes acontecia quando Claire ficava exaltada: o mesmo fervor que por vezes a deixava sem fôlego.

- É fácil - tranquilizei-a, pondo-lhe uma mão em cima da cabeça.

- Nem sequer sabemos se é uma rapariga.

- Claro que é uma rapariga - disse Claire. - seria absolutamente nojento ter um coração de rapaz.

- Não me parece que isso seja um dos factores para haver correspondência.

Ela estremeceu.

- Devia ser - Claire debateu-se para se endireitar, ficando mais levantada na cama de hospital.

- Achas que vou ficar diferente?

Debrucei-me e beijei-a na testa.

- Tu - declarei -, vais acordar e ser a mesma miúda a quem não se pode mandar limpar o quarto, nem passear o Dudley, nem desligar as luzes antes de descer as escadas.

Em todo o caso foi isso que disse a Claire. Mas só conseguia ouvir as primeiras duas palavras: vais acordar. Uma enfermeira entrou no quarto.

- Acabámos de saber que começou a colheita - disse ela. Devemos ter mais informações em breve; o Dr. Wu está ao telefone com a equipa que está no local.

Depois de ela ter saído, Claire e eu ficámos em silêncio. Subitamente, era real - os cirurgiões iam abrir o peito de Claire, parar-lhe o coração e coser-lhe um novo.

Ambas tínhamos ouvido numerosos médicos explicar os riscos e as vantagens; sabíamos como era tão pouco frequente aparecerem doadores pediátricos. Claire encolheu-se na cama, com os cobertores até ao nariz.

- Se eu morrer - disse Claire -, achas que vou tornar-me numa santa?

Sentei-me ao lado dela, envolvia nos braços.

- Não vais morrer.

- Vou sim. E tu também. Só que eu posso ir um pouco mais cedo.

Não consegui evitar; senti as lágrimas acumularem-se nos meus olhos. Limpei-as à ponta dos lençóis de hospital. Claire cerrou a mão nos meus cabelos, como costumava fazer quando era pequena.

54

- Aposto que ia gostar - disse ela. - Ser uma santa.

Claire estava sempre com o nariz enfiado num livro e, recentemente, o seu fascínio por Joana d'Arc florescera em tudo o que era mártires.

- Não vais ser uma santa.

- Não podes ter a certeza - disse Claire.

- Para começar, não és católica. E para além disso, todos eles tiveram mortes horríveis.

- Isso nem sempre é verdade. Podemos morrer enquanto estamos a fazer o bem, e isso conta.

Santa Maria Goretti tinha a minha idade quando lutou contra um homem que a tentava violar e foi morta e ela tornou-se numa santa.

- Isso é uma atrocidade - disse eu.

- A Santa Bárbara arrancaram-lhe os olhos. E sabias que há um santo padroeiro dos doentes cardíacos? João de Deus?

- A questão é a seguinte, por que razão sabes que existe um santo padroeiro dos doentes cardíacos?

- Dah - disse Claire -, li sobre isso. Não me deixas fazer mais nada. - Chegou-se para trás, encostando-se às almofadas. - Aposto que uma santa pode jogar softbal.

- Uma menina com um transplante cardíaco também.

Mas Claire não estava a ouvir; sabia que a esperança não passava de uma ilusão; tinha aprendido isso observando-me. Olhou para o relógio.

- Acho que vou ser uma santa - disse ela, como se isso dependesse apenas dela. - Assim ninguém irá esquecer-me quando morrer.

O funeral de um polícia é algo de assombroso. Polícias, bombeiros e oficiais do Estado vêm de cada cidade do Estado, e alguns de ainda mais longe. Há uma procissão de carros da polícia que antecede o carro funerário; cobrem a estrada como neve.

Só passado muito tempo consegui recordar o funeral de Kurt, porque na altura estava a esforçar-me tanto para fingir que não estava a acontecer. O comandante da polícia, Irv, acompanhou-me até à campa para a cerimónia. Havia habitantes da cidade a ladear as ruas de Lynley, com letreiros feitos à mão em que estava escrito PROTEGER E SERVIR C O

DERRADEIRO SACRIFÍCIO. Era Verão e O asfalto afundava-se debaixo dos saltos dos meus

sapatos no sítio onde pisava. Estava rodeada de outras polícias que tinham trabalhado com Kurt e de centenas que não tinham, num mar de azul. Doíam-me as costas e tinha os pés 55

inchados. Dei por mim a focar um arbusto de lilás que estremecia na brisa, as pétalas caindo como chuva.

O comandante da polícia tinha determinado que haveria uma salva de vinte e um tiros, e quando esta terminou, cinco caças ergueram-se por cima das montanhas violeta à distância.

Rasgaram o céu em linhas paralelas e então, quando voavam por cima de nós, o avião mais à direita afastou-se do grupo como uma farpa, rumando para este nas alturas.

Quando o sacerdote parou de falar - não ouvi uma só palavra do que disse; o que poderia ele dizer-me sobre Kurt que eu já não soubesse? - Robbie e Vic avançaram.

Eram os melhores amigos de Kurt na esquadra. Como o resto da força policial de Lynley, tinham tapado os distintivos com tecido preto. Agarraram na bandeira que envolvia o caixão de Kurt e começaram a dobrá-la. As mãos enluvadas deles moviam-se tão depressa - lembrei-me do Rato Mickey, do Pato Donald, com os seus punhos brancos desmesurados.

Foi Robbie que me colocou o triângulo nos braços, algo a que me pudesse agarrar, algo que tomasse o lugar de Kurt.

Através dos rádios dos outros polícias ouviu-se a voz do operador da central: "Todas as unidades preparadas para uma comunicação.

Comunicação final para o Agente Kurt Nealon, número 144.

144, apresente-se no 360 da West Main para uma última missão. Era o endereço do cemitério.

Ficará sob os melhores cuidados. Vamos sentir muito a sua falta.

144,10-7.0 código de rádio para o final de turno.

Disseram-me que, depois disso, me aproximei do caixão de Kurt. Estava tão bem envernizado que conseguia ver o meu próprio reflexo, deformado e estranho. Tinha sido feito por medida, mais largo do que o normal, para acomodar Elizabeth também.

Com sete anos, ainda tinha medo do escuro. Kurt deitava-se ao lado dela, um elefante entre almofadas cor-de-rosa e cobertas de cetim, até que ela adormecesse; depois saía sorrateiramente do quarto e apagava a luz. Às vezes, acordava a meio da noite a gritar.

"Apagaste a luz", soluçava no meu ombro, como se isso lhe tivesse partido o coração.

O director de funeral deixou-me vê-los. Kurt abraçava a minha filha; Elizabeth tinha a cabeça encostada ao peito dele. Estavam como costumavam estar naquelas noites em que Kurt adormecia à espera que Elizabeth fizesse o mesmo. Estavam como eu desejava poder estar: tranquilos, despreocupados e em paz, um lago com uma pedra por lançar. Devia ser reconfortante saber que estavam juntos. Devia compensar o facto de não poder ir com eles.

56

- Toma conta dela - sussurrei a Kurt, soprando um beijo na madeira lustrosa com a minha respiração. - Toma conta da minha menina.

Como se a tivesse chamado, Claire mexeu-se dentro de mim naquela altura: uma volta vagarosa de asas de borboleta, lembrando-me da razão por que tinha de ficar para trás.

Houve um tempo em que rezava aos santos. O que me agradava neles eram as suas origens humildes: já tinham sido humanos e por isso sabia que compreendiam as coisas de uma forma que Jesus nunca poderia compreender. Percebiam o que era ver as esperanças destroçadas, ou as promessas quebradas, ou os sentimentos feridos. Santa Teresa era a minha preferida - aquela que acreditava que podíamos ser absolutamente vulgares, mas que de alguma forma o amor podia transfigurar-nos. Mas isso foi há muito tempo. A vida tem uma maneira de fazer notar, com vastos e extensos sinais, que

estamos a olhar para as coisas erradas, não tem? Foi quando comecei a admitir para mim própria que preferia estar morta, que tive uma filha que tinha de lutar para se manter viva.

Neste último mês, as arritmias de Claire agravaram-se. O CDAI dela era ativado seis vezes por dia. Disseram-me que quando era ativado era como uma corrente elétrica a percorrer o corpo. Fazia o coração voltar a bater, mas doía imenso. Uma vez por mês seria devastador; uma vez por dia debilitante. E depois havia a frequência de Claire.

Havia grupos de apoio para adultos que tinham de viver com um CDAI; havia histórias de pessoas que preferiam sofrer o risco de morrer de arritmia do que ter a certeza de que iriam levar um choque do aparelho mais tarde ou mais cedo. Na semana passada, encontrei Claire no quarto a ler o Livro Guinness de Recordes Mundiais.

- O Roy Sullivan foi atingido por um raio sete vezes ao longo de trinta e seis anos - disse ela.

- Acabou por suicidar-se. - Levantou a camisola, olhando para a cicatriz no peito. - Mamã - implorou ela -, por favor fá-los desligar isto.

Não sabia durante quanto tempo seria capaz de convencer Claire a ficar comigo, se era assim que tinha de ser.

Claire e eu virámo-nos imediatamente quando a porta do hospital se abriu. Estávamos à espera da enfermeira, mas era o Dr. Wu. Sentou-se na beira da cama e falou directamente a Claire, como se ela tivesse a minha idade e não onze anos.

- O coração que tínhamos para ti tinha um problema. A equipa só soube quando o viu... mas o ventrículo direito está dilatado. Agora não está a funcionar, o mais provável é ficar ainda pior quando for transplantado.

- Então... não posso ficar com ele? - perguntou Claire.

57

- Não. Quando te der um coração novo, quero que seja o mais saudável possível - explicou o médico.

Senti o meu corpo ficar rígido.

- Não... não compreendo. O Dr. Wu virou-se.

- Lamento, JUNE. Não vai ser hoje o grande dia.

- Mas pode demorar anos para encontrar outro dador - disse eu. Não acrescentei o resto da minha frase, porque sabia que o Dr. Wu conseguia ouvi-la na mesma: "A Claire não pode sobreviver durante tanto tempo."

- Temos de ter esperança - disse ele.

Quando saiu, ficámos sentadas num silêncio assombroso durante alguns momentos. Teria eu provocado isto? Teria o medo que tentara vencer - o medo de que Claire não sobrevivesse a esta operação - de alguma forma sido transportado para a realidade?

Claire começou a arrancar os monitores cardíacos do peito.

- Bem - disse ela, mas conseguia ouvir o tremor na sua voz, enquanto se esforçava por não chorar.

- Um sábado completamente desperdiçado.

- Sabes - disse eu, obrigando as palavras a desenrolar-se uniformemente -, tens o nome de uma santa.

- A sério?

Acenei com a cabeça.

- Fundou um grupo de freiras chamado Clarissas. Ela olhou para mim.

- Porque a escolheste?

"Porque no dia em que nasceste, a enfermeira que te pôs nos meus braços abanou a cabeça e disse: Ora aí está uma coisa que faz bem aos olhos. E eras mesmo. E ela é a santa padroeira precisamente

disso. E eu queria que ficasses protegida, desde o primeiro momento em que dissesse o teu nome."

- Gostava do nome - menti, e segurei na camisola de Claire para que ela a conseguisse vestir.

Sairíamos deste hospital, talvez fôssemos beber uns batidos de chocolate no Friendly s e alugar um filme com um final feliz. Levaríamos Dudley a dar um passeio e dar-lhe-íamos de comer, íamos comportar-nos como se fosse um dia normal. E depois de ela adormecer, esconderia o rosto na almofada e sentiria tudo o que agora não me permitia sentir: vergonha por saber que tive mais cinco anos na companhia de Claire do que na de Elizabeth, culpa por 58

estar aliviada por este transplante não se ter realizado, visto que podia matar Claire tão facilmente como a podia salvar.

Claire enfiou os pés nas sapatilhas Converse cor-de-rosa.

- Talvez me junte às Clarissas.

- Mesmo assim não poderás ser uma santa - disse eu. E acrescentei silenciosamente, "Porque eu não vou deixar que morras."

LUCIUS

Pouco tempo depois de Shay ter devolvido a vida a Batman o Pisco, Crash Vitale ateou fogo a si próprio.

Fez um fósforo improvisado como todos nós fazemos - tirando a lâmpada fluorescente do encaixe e segurando os ganchos de metal a uma distância suficiente do casquilho para que uma corrente de electricidade se crie. Se enfiarmos um pedaço de papel no intervalo, transforma-se numa tocha. Crash tinha amachucado as páginas de uma revista e dispô-las à sua volta em círculo. Quando Texas começou a gritar por socorro, o recinto já estava cheio de fumo. Os guardas prisionais apontaram a mangueira de incêndio na potência máxima ao abrir a porta da cela dele; conseguimos ouvir Crash ser projectado contra a parede pelo jacto.

A pingar, foi amarrado a uma maca para ser transportado, com os cabelos colados à cabeça e olhos desvairados.

- Hei, Green Mile - gritou ele enquanto o transportavam para fora do nível 1 -, porque não me salvaste?

- Porque gostava do pássaro - murmurou Shay.

Fui o primeiro a rir, depois Texas soltou um riso abafado. Joey também - mas só porque Crash não estava presente para o mandar calar-se.

- Bourne - disse Calloway, as primeiras palavras que ouvimos dele desde que o pássaro tinha voado novamente para a sua cela. Obrigado.

Fez-se um momento de silêncio.

- Merecia ter uma segunda oportunidade - disse Shay.

A porta do recinto abriu-se com um ruído, e desta vez o guarda Smythe entrou com a enfermeira, fazendo a sua ronda do fim da tarde. Alma entrou primeiro na minha cela, estendendo-me a carteira de comprimidos.

59

- Parece que alguém andou a fazer grelhados aqui e esqueceu-se de me convidar-disse ela.

Esperou que eu pusesse os comprimidos na boca, bebesse um gole de água.

- Durma bem, LUCIUS.

Quando saiu, aproximei-me da porta da cela. Fios de água escorriam pela passadeira de cimento. Mas em vez de sair do nível 1, Alma deteve-se em frente à cela de Calloway.

- Recluso Reece, vai deixar-me examinar esse braço? Calloway curvou-se para proteger o pássaro que tinha na mão.

Todos sabíamos que ele estava a segurar no Batman; todos sustivemos a respiração. E se Alma visse o pássaro? Denunciá-lo-ia?

Devia saber que Calloway nunca deixaria que isso acontecesse - seria suficientemente ofensivo para ela ficar assustada e se ir embora antes que chegasse demasiado perto. Mas antes que tivesse oportunidade de falar, ouvimos um piar aflautado - não vindo da cela de Calloway mas da de Shay. Ouviu-se um chamamento - o pisco à procura de outro da sua espécie.

- Mas que diabo é isto? - perguntou o guarda Smythe, olhando em seu redor. – De onde vem?

De repente, um chilrear veio da cela de Joey, e depois um pio mais alto da de Pogie. Para minha surpresa, até ouvi um chilreio vindo das proximidades do meu catre.

Virei-me, ouvindo-o através das aberturas do ventilador. Haveria uma colónia inteira de piscos aqui? Ou seria Shay, um ventríloquo além de um ilusionista, desta vez a lançar a voz?

Smythe percorreu o nível 1, de mãos a tapar os ouvidos ao espreitar pela clarabóia e para a cela do

duche à procura da origem do barulho.

- Smythe? - disse um guarda através do intercomunicador da câmara de controlo. - Mas que diabo está a acontecer?

Um sítio destes desgasta tudo, e a tolerância não é excepção. Aqui, a coexistência passa por perdão. Não aprendemos a gostar de algo que abominamos; acabamos por conseguir tolerá-

lo. E por isso que acatamos quando nos dizem para nos despirmos; é por isso que condescendemos a jogar xadrez com um pedófilo; é por isso que deixamos de adormecer a chorar. Vivemos e deixamos viver, e eventualmente isso acaba por bastar.

O que talvez explique por que razão o braço musculoso de Calloway se esgueirou pela abertura da porta, com a sua faixa "Anita Bryant" sombreando-lhe os bíceps. Alma pestanejou, surpreendida.

- Não vou magoá-lo - murmurou ela, olhando para a pele nova a crescer onde tinha sido enxertada, ainda cor-de-rosa e a evoluir.

60

Tirou um par de luvas de aiex do bolso e colocou-as, tornando as suas mãos tão brancas como as de Calloway. E quem diria - assim que Alma lhe tocou, todo aquele ruído ensurdecador cessou, fazendo-se um silêncio de morte.

MICHAEL

Um padre tem de dizer a missa todos os dias, mesmo que não apareça ninguém, embora isso raramente acontecesse. Numa cidade tão grande como Concord era normal encontrar pelo menos uma meia dúzia de membros da paróquia já a rezar o terço quando aparecia com a minha batina vestida.

Estava precisamente na parte da missa em que os milagres ocorriam.

-Tomai e comei este é o Meu Corpo que será entregue por vós - disse em voz alta e depois ajoelhei-me e ergui a hóstia.

A seguir a "Como diabo é que um Deus também pode ser uma Santíssima Trindade?" a pergunta mais comum que os não católicos me faziam enquanto padre era sobre a transubstanciação:

a fé em que durante a consagração, os elementos do pão e do vinho se transformam no Corpo e Sangue de Cristo. Conseguia perceber o que confundia as pessoas – se isto fosse verdade, a comunhão não seria um acto de canibalismo? E se ocorresse de facto uma mudança, por que razão não conseguíamos vê-la?

Quando ia à igreja em criança, muito antes de regressar a ela, comungava como toda a gente, mas na verdade não pensava muito naquilo que recebia. A mim parecia-me uma bolacha e um cálice de vinho... antes e depois de o padre os consagrar. Posso dizer-vos ainda hoje que continua a parecer uma bolacha e um copo de vinho. A parte do milagre resumia-se à filosofia. Não são as partes acidentais de um objecto que o tornam naquilo que realmente é...

são as partes essenciais. Ainda seríamos humanos, mesmo que não tivéssemos membros, nem dentes, nem cabelos; mas se de repente deixássemos de ser mamíferos, já não seria esse o caso. Quando consagrava a hóstia e o vinho durante a missa, a própria substância dos elementos alterava-se; eram as outras propriedades - a forma, o sabor, o tamanho - que permaneciam iguais. Tal como São João Baptista viu um homem e soube, imediatamente, que estava a olhar para Deus; tal como os Reis Magos chegaram junto de um bebé e sabiam que era o nosso Salvador... todos os dias segurava naquilo que pareciam ser bolachas e vinho, mas que na realidade era Jesus.

Precisamente por esta razão, a partir desta altura na missa, os meus dedos e o polegar permaneciam colados até os lavar depois da comunhão. Nem mesmo a mais pequena partícula da hóstia consagrada podia perder-se; esforçávamo-nos muito para nos

certificarmos disto ao limpar os restos da comunhão. Mas enquanto pensava nisto, a hóstia saltou da minha mão.

Sentime como me sentira quando, no terceiro ano, nas eliminatórias da Liga Infantil, vi uma bola alta aproximar-se do meu canto da parte esquerda do campo, demasiado rápida e alta - atrapalhado com a necessidade de a apanhar, sabendo que não conseguiria fazê-lo.

Paralisado, vi a hóstia cair, em segurança, dentro do cálice de vinho.

-A regra dos cinco segundos - murmurei, e enfiei a mão dentro do cálice e apanhei-a.

O vinho já começara a embeber a hóstia. Observei, estupefacto, formar-se um maxilar, uma orelha, uma sobrancelha.

O padre Walter tinha visões. Disse que se tornara padre porque, quando ajudava na missa, uma estátua de Jesus tinha estendido a mão para a sua túnica e puxado, dizendo-lhe para manter o rumo. Mais recentemente, Maria tinha-lhe aparecido na cozinha da sua residência enquanto fritava trutas e, de repente, estas começaram a saltar na frigideira. "Não deixes que nenhuma caia ao chão, avisara-o, e depois desaparecera.

Há centenas de padres com uma vocação exemplar mas que nunca recebem este tipo de intercedência divina - mas eu não queria fazer parte deste grupo. Tal como os adolescentes com os

quais trabalhava, compreendia a necessidade dos milagres - eles evitavam que a realidade nos paralisasse. Por isso fiquei a olhar para a hóstia, na esperança de que as feições traçadas a vinho se solidificassem num retrato de Jesus... mas em vez disso, dei por mim a olhar para algo completamente diferente. Os cabelos escuros desmazelados que pareciam mais próprios de um baterista de uma banda grunge do que de um sacerdote, o nariz partido durante uma briga no liceu, a barba por fazer. Gravado na superfície de hóstia, com a delicadeza de um gravador, estava o meu retrato.

- Este é o Meu Sangue - disse eu.

Quando Shay Bourne estava a trabalhar em nossa casa como carpinteiro, deu um presente de aniversário a Elizabeth. Feito de restos de madeira e esculpido nas horas livres, onde quer que fosse quando saía de nossa casa, era um pequeno baú com dobradiças. Esculpira-o elaboradamente, para que cada face retratasse uma fada diferente, vestida consoante a estação do ano. A do Verão tinha asas brilhantes de peónia, e uma coroa feita de sol. A da Primavera estava coberta de trepadeiras, e havia um tapete de flores debaixo dela. A do Outono usava os tons preciosos dos álceres e dos choupos, com o topo de uma bolota em cima da cabeça. E

a do Inverno patinava num lago gelado, deixando um rasto de geada prateada atrás de si. A tampa era uma pintura da Lua, erguendo-se sobre um campo de estrelas de braços esticados para um Sol que já estava fora do alcance.

62

Elizabeth adorava aquele baú. Na noite em que Shay lho deu, forrou-o de cobertores e dormiu lá dentro. Quando Kurt e eu lhe dissemos que não podia voltar a fazê-lo - e se a tampa lhe caísse em cima enquanto dormia? - transformou-o num berço para as bonecas. Deu nomes às fadas. Às vezes ouvia-a falar com elas.

Depois da morte de Elizabeth, levei o baú para o pátio, com a intenção de o destruir. Ali estava eu, grávida de oito meses e de luto, a erguer o machado de Kurt, e no último instante, não fui capaz de o fazer. Era o que Elizabeth tinha de mais precioso, como poderia aguentar perder isso também? Coloquei o baú no sótão, onde permaneceu durante anos.

Podia dizer-vos que me esqueci do baú, mas estaria a mentir. Sabia que estava ali, escondido atrás das nossas malas de viagem, roupas velhas de criança e quadros com molduras partidas.

Quando Claire tinha cerca de dez anos, encontrei-a a tentar carregar o baú para o seu quarto.

- É tão bonito - disse ela, arfando devido ao esforço. - E ninguém o usa. - Zanguei-me com ela e disselhe que fosse deitar-se e descansar.

Mas Claire estava sempre a perguntar por ele, e acabei por levar o baú para o quarto dela, para o seu lugar aos pés da cama, tal como estivera no quarto de Elizabeth.

Nunca lhe disse quem o esculpiu. Mas, às vezes, quando Claire estava na escola, dava por mim a espreitar lá para dentro. Quem sabe se também Pandora desejava ter examinado o conteúdo primeiro - desgostos, engenhosamente disfarçados de presente.

LUCIUS

Dizia-se no nível 1 que eu tinha atingido o estatuto de pescador profissional. O meu equipamento era uma linha resistente feita de fio que tinha armazenado ao longo dos anos, contrabalançada pelo peso - um pente, ou um baralho de cartas, dependendo daquilo para que estivesse a apontar. Era conhecido pela minha habilidade para pescar da cela de Crash, no outro extremo do nível 1, para a minha; e também da cela do duche, na outra extremidade.

Imagino que tivesse sido por isso que quando Shay lançou a sua linha, dei por mim a observar por curiosidade.

Foi depois de One Life to Live mas antes da Oprah, naquela hora do dia em que a maioria dos homens fazia uma sesta. Não me sentia muito bem. As aftas que tinha na boca causavam-me dificuldade em falar; estava sempre a ir à casa de banho. A pele em volta dos meus olhos, manchada devido ao sarcoma de Kaposi, estava inchada a ponto de mal conseguir ver. Então, subitamente, a linha de pesca de Shay passou a sibilar penetrando naquele estreito espaço debaixo da porta da minha cela.

- Queres? - perguntou ele.

63

Quando pescamos, é para ir buscar qualquer coisa. Trocamos revistas; trocamos alimentos; compramos drogas. Mas Shay não queria nada, só queria dar. Um pedaço de pastilha elástica Bazooka estava atado à ponta da linha.

É contrabando. A pastilha elástica pode ser usada como plasticina para construir todo o tipo de coisas e para sabotar fechaduras. Só Deus sabia onde Shay tinha arranjado este reduto - e ainda mais surpreendente, por que razão não se limitava a ficar com ele para si.

Engoli, e a minha garganta quase se rompeu ao longo de uma falha.

- Não, obrigado - disse com voz rouca.

Sentei-me no meu catre e tirei o lençol de cima do colchão de plástico. Uma das costuras tinha sido cuidadosamente modificada por mim. O fio, cosido como numa bola de futebol, podia soltar-se o suficiente para que eu pudesse remexer no enchimento de espuma. Enfiei o indicador lá dentro, retirando as minhas provisões secretas.

Havia comprimidos 3TC - Epivir - e Sustiva. Retrovir. Lomotil para a diarreia. Todos os medicamentos que a o longo de semanas Alma m e tinha visto colocar por cima da língua e aparentemente engolir - quando na realidade, ficavam enfiados na bochecha.

Ainda não tinha decidido se os utilizaria para me suicidar... ou se continuaria a guardar cada comprimido em vez de o ingerir: uma forma mais lenta mas igualmente segura de suicídio.

É curioso como quando estamos a morrer continuamos a lutar para ficarmos a ganhar.

Queremos determinar as condições; queremos escolher a data. Dizemos a nós próprios o que for preciso para fingir que ainda estamos a controlar tudo.

- Joey - disse Shay. - Queres? - Lançou novamente a linha, passando em arco por cima da passadeira.

- A sério? - perguntou Joey. A maioria de nós limitava-se a fingir que Joey não estava por perto; era mais seguro para ele. Ninguém se dava o trabalho de reconhecer a sua presença, quanto mais oferecer-lhe algo tão precioso como um pedaço de pastilha elástica.

- Eu quero um pedaço - exigiu Calloway. Devia ter visto o prémio passar, visto que a sua cela se situava entre a de Shay e a de Joey.

- Eu também - disse Crash.

Shay esperou que Joey tirasse a pastilha e depois puxou suavemente a linha, até estar ao alcance de Calloway.

- Há bastante.

- Quantas tens? - perguntou Crash.

64

- Só uma.

Ora, já viram uma pastilha elástica Bazooka. Talvez se consiga dividi-la com um amigo. Mas repartir uma única pastilha por sete homens gananciosos?

- Tira um pedaço e passa a outro - disse Shay.

- Talvez a queira toda.

- Talvez sim.

- Foda-se - disse Crash. - vou ficar com ela toda.

- Se precisas de toda.

Levantei-me, cambaleando, e agachei-me quando a linha de Shay alcançou a cela de Pogie.

- Tira um bocado - ofereceu Shay.

- Mas o Crash ficou com toda...

- Tira um bocado.

Ouvi o papel ser desembulhado e a voz de Pogie suavizar-se enquanto falava com a pastilha elástica na boca.

- Já não mascava uma pastilha elástica desde 2001.

Agora já conseguia sentir-lhe o cheiro. A cor rosa, o açúcar. Comecei a salivar.

- Caramba - disse Texas entre dentes, e depois todos ficaram a mascar em silêncio, menos eu.

A linha de pesca de Shay balançou entre os meus pés.

- Experimenta - insistiu ele.

Estendi a mão para a embalagem que estava na ponta da linha. Visto que os outros seis homens já tinham feito o mesmo, estava à espera de ver apenas um fragmento, uma partícula de pastilha elástica, se é que restava alguma - mas, para minha surpresa, a Bazooka estava intacta. Parti a pastilha a meio e coloquei um pedaço na boca. O resto embrulhei, e depois puxei a linha de Shay. Observei-a afastar-se, de volta à sua cela.

De início quase não consegui tolerar - a doçura nas aftas que tinha na boca, as arestas aguçadas da pastilha elástica antes de se tornar macia. Vieram-me as lágrimas aos olhos por querer tanto uma coisa que sabia que me causaria uma grande dor. Estendi a mão, pronto para cuspir a pastilha, quando aconteceu a coisa mais extraordinária: 65

a minha boca, a minha garganta deixaram de doer, como se a pastilha elástica tivesse um anestésico, como se já não fosse um doente com SIDA mas um homem vulgar que tinha comprado esta guloseima num balcão de uma estação de serviço depois de ter atestado o carro antes de fazer uma longa, longa viagem. Os meus maxilares mexiam-se de forma ritmada. Sentei-me no chão da minha cela a chorar enquanto mascava - não por sentir dor, mas por não a sentir.

Ficámos em silêncio durante tanto tempo que o guarda Whitaker apareceu para ver o que andávamos a tramar; e o que encontrou, como é óbvio, não foi aquilo que esperava encontrar.

Sete homens a imaginar infâncias que todos desejávamos ter tido. Sete homens a fazer balões tão brilhantes como a lua.

Pela primeira vez em quase seis meses, dormi a noite toda. Acordei descansado e tranquilo, sem aquele nó no estômago que habitualmente me consumia ao longo das primeiras horas do dia. Dirigi-me à bacia, espremi pasta de dentes para cima da escova dura que nos davam e olhei para a chapa de

metal ondulada que fazia de espelho.

Algo estava diferente.

As chagas, o sarcoma de Kaposi que me manchava as faces e inflamava as pálpebras há mais de um ano, tinham desaparecido. A minha pele estava limpa como um rio.

Inclinei-me para a frente para ver melhor. Abri a boca, puxei o lábio inferior, procurando em vão as bolhas e aftas que me impediam de comer.

- LUCIUS - ouvi, uma voz que vinha do ventilador por cima da minha cabeça. - Bom-dia.

Olhei para cima.

- É sim, Shay. Meu Deus, é sim.

Afinal acabei por não ter de pedir uma consulta médica. O guarda Whitaker ficou tão espantado com o meu aspecto que foi ele que chamou Alma. Levaram-me para a cela onde os advogados se reuniam com os seus clientes para que me pudessem tirar sangue e, passada uma hora, ela voltou à minha cela para me dizer o que eu já sabia.

- A sua contagem de CD4+ é de 1250 - disse Alma. - E a sua carga viral não é detectável.

- Isso é bom, não é?

- É normal. São os resultados que uma pessoa sem SIDA apresentaria se fizesse uma análise ao sangue - abanou a cabeça. Parece-me que o seu regime de tratamento está a ter resultados extraordinários...

66

- Alma - disse eu, e olhei para o guarda Whitaker atrás dela antes de tirar o lençol de cima do colchão e de abrir o meu esconderijo de comprimidos. Trouxe-os para junto dela, deitando várias dúzias nas suas mãos. - Já não tomo os meus medicamentos há meses.

A cor subiu-lhe às faces.

- Então não é possível.

- Não é provável - corrigi. - Tudo é possível. Enfiou os comprimidos no bolso.

- Tenho a certeza de que deve haver uma explicação médica...

- Foi o Shay.

- O recluso Bourne?

- Foi ele que fez isto - disse eu, bastante consciente de como parecia disparatado, porém desesperado por fazê-la compreender. Vi-o fazer um pássaro morto voltar à vida. E agarrar numa pastilha elástica e fazê-la ser suficiente para todos nós. Fez vinho sair das nossas torneiras na primeira noite em que estive aqui...

- Muito bem. Guarda Whitaker, deixe-me ver se conseguimos arranjar uma consulta psiquiátrica para...

- Não estou doido, Alma; estou... bem, estou curado - agarrei-lhe na mão. - Nunca viu algo com os seus próprios olhos que nunca imaginou ser possível?

Lançou um olhar a Calloway Reece, que já se submetia aos seus serviços há sete dias seguidos.

- Também foi ele que fez isso - sussurrei. - Tenho a certeza. Alma saiu da minha cela e ficou em frente à de Shay. Estava a ouvir a televisão, com os auscultadores.

- Bourne - berrou Whitaker. - Algemas.

Depois de lhe terem algemado os pulsos, a porta da sua cela abriu-se. Alma ficou na abertura de braços cruzados.

- O que sabe sobre o estado do recluso DuFresne? Shay não respondeu.

- Recluso Bourne?

- Não consegue dormir - disse Shay em voz baixa. - Dói-lhe a comer.

- Tem SIDA. Mas de repente, esta manhã, tudo mudou - disse Alma. - E por alguma razão, o

recluso DuFresne acha que você teve alguma coisa a ver com isso.

- Não fiz nada.

67

Alma voltou-se para o guarda prisional.

- Viu alguma coisa?

- Foram encontrados vestígios de álcool na canalização do nível 1 - admitiu Whitaker. - E

acredite, foi passado a pente fino à procura de uma fuga, mas não foi encontrado nada de conclusivo. E sim, vi-os todos mascar pastilha elástica. Mas a cela de Bourne foi escrupulosamente revistada e nunca encontramos nenhum contrabando.

- Não fiz nada - repetiu Shay. - Foram eles. - Subitamente, aproximou-se de Alma, animado.

- Está aqui por causa do meu coração?

- O quê?

- O meu coração. Quero doá-lo depois de morrer - ouviu-o remexer na sua caixa de pertences. -

Veja - disse ele, entregando a Alma um pedaço de papel. - É esta a menina que precisa dele. O LUCIUS escreveu o nome dela por mim.

- Não sei nada sobre isso...

- Mas pode descobrir, não pode? Pode falar com as pessoas certas?

Alma hesitou, e depois a sua voz suavizou-se, macia como flanela como quando falava comigo quando as dores eram tão fortes que não conseguia ver para além delas.

- Posso - disse ela.

É estranho ver na televisão aquilo que, na realidade, sabemos que está a acontecer mesmo à nossa porta. As multidões tinham invadido o parque de estacionamento da prisão. Havia pessoas de cadeira de rodas, mulheres idosas com andadores, mães segurando bebés doentes junto ao peito acampadas nas escadas da entrada do gabinete de liberdade condicional. Havia casais gay, na maioria dos casos um homem a apoiar um companheiro frágil e doente; e malucos segurando cartazes com referências bíblicas sobre o fim do mundo. Ladeando a rua que passava pelo cemitério e pelo centro da cidade encontravam-se as carrinhas da comunicação social - estações locais e até uma equipa da FOX vinda de Boston.

Neste momento, um jornalista da ABC 22 estava a entrevistar uma jovem mãe cujo filho nascera com lesões neurológicas graves. Estava ao lado do rapaz, na sua cadeira de rodas motorizada, com uma mão pousada na testa dele.

- O que eu gostaria? - disse ela, repetindo a pergunta do jornalista. - Gostaria de saber que ele me reconhece. - Esboçou um leve sorriso. - Não é pedir de mais, pois não?

O jornalista virou-se para a câmara.

68

- Bob, até agora a administração não confirmou nem negou que tivesse ocorrido algum milagre na prisão estadual de Concord. No entanto, fomos informados por uma fonte anónima, que estas ocorrências derivaram do desejo do único recluso no corredor da morte do New Hampshire, Shay Bourne, de doar os seus órgãos depois de ser executado.

Puxei os meus auscultadores para o pescoço.

- Shay - chamei. - Estás a ouvir isto?

- Temos a nossa própria celebridade - disse Crash. O tumulto começou a incomodar Shay.

- Sou quem sempre fui - disse ele, levantando a voz. - Sou quem sempre serei.

Nessa altura dois guardas prisionais chegaram, escoltando alguém que raramente víamos: o director Coyne. Um homem entroncado com um corte de cabelo militar em cima do qual podia ser

servido o jantar, ficou à porta da cela enquanto o guarda Whitaker dizia a Shay que se despidesse. Tirou as calças e a camisa e depois foi autorizado a voltar a vestir-se antes de ser algemado à parede em frente às nossas celas.

Os guardas começaram a revistar a cela de Shay - virando ao contrário a refeição que não tinha terminado, arrancando os auscultadores da televisão, despejando a sua caixa de pertences. Rasgaram-lhe o colchão, amachucaram-lhe os lençóis num monte. Passaram as mãos pelas bordas do lavatório, da sanita, do catre.

- Fazes alguma ideia, Bourne, do que está a acontecer lá fora?

- Perguntou o director da prisão, mas Shay limitou-se a ficar ali de pé com a cabeça apoiada no ombro, como o pisco de Calloway quando dormia. - És capaz de dizer-me o que estás a tentar provar?

Perante o silêncio declarado de Shay, o director começou a percorrer todo o nível 1.

- E vocês? - Gritou para nós. - E informo-vos de que aqueles que cooperarem comigo não serão castigados. Não posso prometer nada aos outros.

Ninguém falou.

O director Coyne virou-se para Shay.

- Onde arranjaste a pastilha elástica?

- Havia só uma - disse Joey Kunz, o bufo. - Mas foi suficiente para todos.

- És uma espécie de ilusionista, rapaz? - disse o director da prisão, com o rosto a centímetros do de Shay. - Ou será que os hipnotizaste levando-os a acreditar que estavam a receber algo que não estavam? Conheço o controlo da mente, Bourne.

69

- Não fiz nada - murmurou Shay. O guarda Whitaker aproximou-se.

- Director Coyne, não há nada na cela dele. Nem sequer no colchão. O cobertor está intacto: se andou a pescar com ele, então conseguiu entretecer novamente os fios depois de o fazer.

Fiquei a olhar para Shay. Claro que tinha pescado com o seu cobertor; eu vira a linha que ele tinha feito com os meus próprios olhos. Tinha desatado a pastilha elástica do fio azul entrançado.

- Estou de olho em ti, Bourne - disse o director, sibilando. Sei o que andas a tramar. Sabes muito bem que o teu coração não vai servir para nada assim que estiver cheio de cloreto de potássio na câmara de morte. Estás a fazer isto porque já não te resta nenhum recurso, mas nem que conseguisses ser entrevistado pela Barbara Walters, o voto de simpatia não vai alterar a data da tua execução.

O director da prisão abandonou o nível 1. O guarda Whitaker libertou as algemas de Shay da barra aonde estava acorrentado e conduziu-o novamente para a sua cela.

- Olha, Bourne. Sou católico.

- Ainda bem para si - respondeu Shay.

- Pensava que os católicos eram contra a pena de morte - disse Crash.

- Pois, não lhe faças nenhum favor - acrescentou Texas.

Até joey estava encostado à porta da sua cela, a acenar com a cabeça, em sinal de acordo.

Whitaker olhou para o fundo do nível 1, onde o director da prisão estava do outro lado do vidro à prova de som, a falar com outro guarda.

- A questão é... se quiseses... podia pedir a um dos padres de St. Catherine que viesse cá visitar-te - fez uma pausa. - Talvez possa ajudar com esse assunto do coração.

Shay ficou a olhar para ele.

- Por que razão haveria de fazer isso por mim?

Do sítio onde estava, conseguia ver o guarda perfeitamente. Meteu a mão por dentro do colarinho da camisa, puxando para fora um fio com um crucifixo. Levou-o aos lábios, e depois deixou que entrasse novamente para dentro da sua farda.

- "Quem acredita em mim" - murmurou Whitaker -, "não é em Mim que acredita, mas nAquele que Me enviou."

Não conhecia o Novo Testamento, mas era capaz de reconhecer uma passagem da Bíblia quando ouvia uma - e não era preciso ser nenhum génio para perceber que estava a sugerir 70

que as extravagâncias de Shay, ou como quer que fosse que se quisesse chamá-las, foram enviadas por Deus. Nessa altura apercebi-me de que embora Shay fosse um prisioneiro, tinha um certo poder sobre Whitaker. Tinha um certo poder sobre todos nós. Shay Bourne tinha conseguido fazer o que nenhuma força bruta, jogo de poder ou ameaça de gang tinha conseguido ao longo de todos estes anos que passei no nível 1: tinha-nos unido.

Na porta ao lado, Shay estava lentamente a reorganizar a sua cela. O programa informativo estava a acabar com outra vista aérea d a prisão estadual. Pelas imagens recolhidas no helicóptero, conseguíamos ver quantas pessoas se tinham reunido, quantas mais se dirigiam para aqui.

Sentei-me no meu catre. Não era possível, pois não?

Recordei-me novamente das minhas próprias palavras ditas a Alma: "Não é provável. Tudo é possível."

Tirei o meu material artístico do esconderijo de dentro do colchão, procurando entre os meus esboços aquele que tinha feito de Shay a ser levado do nível 1 depois de ter sofrido o ataque.

Desenhara-o numa maca, de braços abertos e amarrados, pernas presas juntas, olhos erguidos para o tecto. Desta vez, porém, virei o papel num ângulo de noventa graus. Assim, não parecia que Shay estivesse deitado. Parecia que estava a ser crucificado.

As pessoas estão sempre a "encontrar" Jesus na prisão. E se ele já estivesse aqui? Eu não quero alcançar a imortalidade através da minha obra. Eu quero tornar-me imortal não morrendo.

Woody Allen, citado em WoodyA len e a Sua Comédia, de Eric Lax MAGGIE

Sentia-me grata por muitas coisas, incluindo o facto de já não estar no liceu. Digamos apenas que não foi nada fácil para uma rapariga a quem o festim de roupas da Gap não servia e que tentava tornar-se invisível para que não reparassem nela devido ao seu tamanho. Hoje, estava numa escola diferente, dez anos depois, mas ainda sofria com um ataque de ansiedade provocado pelas recordações. Não importava que vestisse o meu fato Jones New York de ir ao tribunal; não importava que tivesse idade suficiente para que pensassem que era professora e não aluna - ainda estava à espera que um jogador de futebol americano aparecesse à esquina a qualquer momento e dissesse uma piada de gordas.

Topher Renfrew, o rapaz que estava sentado ao meu lado na recepção do liceu, tinha calças de ganga pretas e uma T-shirt esfarrapada com o símbolo d a anarquia e uma palheta de guitarra pendurada ao pescoço com um fio de cabedal. A rebeldia estava-lhe no sangue. Os auscultadores do seu iPod estavam pendurados por cima da camisola como o estetoscópio de um médico; e enquanto lia a decisão que o tribunal me entregara apenas há uma hora, os lábios pronunciavam silenciosamente as palavras.

71

- Então, o que significa esta treta toda? - perguntou ele.

- Que ganhaste - expliquei. - Se não quiseses dizer o Juramento de Fidelidade, não és obrigado a fazê-lo.

- Então e o Karshank?

O director de turma, um veterano da guerra da Coreia, tinha posto Topher de castigo cada vez que se recusava a dizer o Juramento. Tinha dado origem a uma campanha escrita levada a cabo pelo meu gabinete (bem, por mim) e depois tínhamos ido a tribunal para proteger as liberdades civis dele.

Topher devolveu-me a decisão.

- Fixe - disse ele. - Há alguma hipótese de conseguir legalizar a marijuana?

- Hum, não é a minha área de especialidade. Lamento - apertei a mão de Topher, dei-lhe os parabéns, e saí da escola.

Era um dia de festa - abri as janelas do Prius, embora estivesse frio lá fora, e aumentei o som da Aretha no leitor de CDs. Na maioria das vezes, os meus casos eram rejeitados pelos tribunais; passava mais tempo a lutar do que a obter uma resposta. Como me inseria no grupo dos três advogados da União Americana pelas Liberdades Cíveis do New Hampshire, era uma defensora da Primeira Emenda liberdade de expressão, liberdade religiosa, liberdade de organização. Por outras palavras, era realmente ótima no papel, mas na realidade isso significava que me tornei perita em escrever cartas. Escrevia em nome dos adolescentes que queriam usar as suas camisolas Hooters na escola, ou do rapaz gay que queria levar o namorado ao baile de finalistas; escrevia para que os polícias não discriminassem os condutores negros, quando as estatísticas mostravam que mandavam parar mais vezes condutores provenientes de minorias étnicas do que brancos em operações Stop de rotina.

Passava horas infundáveis em reuniões comunitárias, negociando com as agências locais, a Procuradoria Geral, as esquadras da polícia, as escolas. Era a farpa de que não conseguiam livrar-se, o espinho cravado, a sua consciência.

Agarrei no meu telemóvel e marquei o número da minha mãe no spa.

- Adivinha - disse quando ela atendeu. - Ganhei.

- MAGGIE, isso é fantástico. Estou tão orgulhosa de ti - houve uma hesitação muito ligeira. - Ganhaste o quê?

- O meu caso! - Aquele de que te falei no fim-de-semana passado ao jantar?

- Aquele contra a universidade cuja mascote é um índio?

72

- Nativo americano. E não, na verdade perdi esse. Estava a falar do caso do Juramento. E... - joguei o meu trunfo - acho que vou aparecer no telejornal hoje à noite.

Havia câmaras por todo o tribunal.

Ouvi a minha mãe baixar o telefone, gritando ao pessoal sobre a filha famosa. Sorrindo, desliguei, mas o telemóvel voltou a tocar junto da palma da minha mão.

- O que tinhas vestido? - perguntou a minha mãe.

- O meu fato Jones New York. A minha mãe hesitou.

- Não aquele das riscas finas?

- O que queres dizer com isso?

- Estou só a perguntar.

- Sim, o das riscas finas - disse eu. - Qual é o problema?

- E eu disse que havia algum problema?

- Não precisas de dizer - guinei para evitar um carro a abrandar. - Tenho de desligar - disse eu, e desliguei, com lágrimas nos olhos.

Voltou a tocar.

- A tua mãe está a chorar - disse o meu pai.

- Bem, então já somos duas. Porque é que ela não consegue limitar-se a ficar feliz por mim?

- Mas ela está feliz, querida. Acha que és demasiado crítica.

- Eu sou demasiado crítica? Estás a brincar?

- Aposto que a mãe da Mareia Clark lhe perguntou o que vestia no dia do julgamento do O. J.

- disse o meu pai.

- Aposto que a mãe da Mareia Clark não oferece à filha vídeos de exercícios pelo Chanukah.

- Aposto que a mãe da Mareia Clark não lhe oferece nada pelo Chanukah - disse o meu pai, rindo. -

Mas a meia de Natal dela... ouvi dizer que está cheia de DVDs de The Firm - Sistema para modelar o corpo.

Um sorriso estremeceu nos cantos da minha boca. Em plano de fundo, ouvia os berros em crescendo de um bebé chorar.

- Onde estás?

73

- Numa circuncisão - disse o meu pai. - É melhor ir andando, porque o mohel já está a olhar de lado para mim, e acredita, não quero incomodá-lo antes de fazer uma circuncisão.

Telefona-me depois para me contares todos os pormenores. A tua mãe vai gravar as notícias na TV para nós.

Desliguei e atirei o telemóvel para o assento do passageiro. O meu pai, que ganhava a vida a estudar a lei judaica, sempre fora muito bom a interpretar as zonas cinzentas entre as letras a preto e branco. A minha mãe, por outro lado, tinha um talento notável para estragar dias de festa. Virei para minha casa, onde Oliver me recebeu à entrada.

- Preciso de uma bebida - disselhe, e ele inclinou uma orelha, porque afinal eram apenas 14h45. Fui diretamente ao frigorífico - ao contrário do que a minha mãe provavelmente imaginava, a única comida que havia lá dentro era ketchup, um frasco de pimentos, as cenouras do Ollie e iogurte com um prazo de validade do tempo da administração Clinton - e servi-me de um copo de chardonnay Yellow Tail. Queria estar agradavelmente atordoada antes de ligar o televisor, onde sem dúvida os meus quinze minutos de fama ficariam manchados por um fato de riscas que fazia o meu já considerável traseiro parecer absolutamente gigantesco.

Oliver e eu instalámo-nos no sofá precisamente quando a música de abertura do noticiário do meio-dia inundou a sala de estar. A apresentadora, uma mulher de cabelos louros armados, sorriu para a câmara. Atrás dela estava a bandeira americana com uma linha a atravessá-la e as letras SEM JURAMENTO?

- A notícia principal de hoje: uma decisão favorável foi deliberada hoje no caso do aluno do liceu que se recusou a dizer o Juramento de Fidelidade - o ecrã encheu-se com um vídeo dos degraus do tribunal, onde se via o meu rosto com um bouquet de microfones debaixo do nariz.

Bolas, fazia-me realmente gorda.

- Numa extraordinária vitória das liberdades individuais civis comecei eu a dizer no ecrã, e então um sinal azul-vivo de NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA ocultou o meu rosto.

A imagem mudou para um directo em frente à prisão estadual, onde havia pessoas com tendas e empunhando cartazes e... seria um espectáculo de cadeiras de rodas?

O cabelo da jornalista estava a ser agitado num frenesim pelo vento.

- Janice Lee, em directo da Prisão Estadual Masculina do New Hampshire, em Concord, onde se encontra o homem que os outros reclusos chamam Messias do Corredor da Morte.

Peguei no Oliver ao colo e sentei-me, de pernas cruzadas, em frente ao televisor. Atrás da jornalista estavam dúzias de pessoas não consegui perceber se estavam a defender uma causa 74

ou a manifestarem-se contra. Alguns destacavam-se da multidão: o homem com o cartaz nas costas e no peito que dizia SÃO JOÃO 3,16, a mãe segurando uma criança flácida, o pequeno grupo de freiras a rezar o terço.

- Estamos a acompanhar a notícia inicial - disse a jornalista -, em que relatámos os acontecimentos inexplicáveis que ocorreram desde que o recluso Shay Bourne, o único prisioneiro do corredor da morte no New Hampshire, expressou o seu desejo de doar os órgãos após a sua execução. Hoje podem ser apresentadas provas científicas de que estes incidentes não se devem à magia... mas a algo mais.

O ecrã encheu-se com o rosto de um polícia fardado - o guarda prisional Rick Whitaker, segundo o que estava escrito em baixo.

- A primeira coisa foi a água da torneira - disse ele. - Uma noite, quando eu estava de serviço, os reclusos ficaram embriagados, e é certo que os canos apresentaram resultados positivos relativamente a resíduos alcoólicos num dia, embora a proveniência da água apresentasse resultados perfeitamente normais. Alguns reclusos mencionaram o facto de um pássaro ter voltado à vida, embora eu próprio não o tivesse testemunhado. Mas devo dizer que a alteração mais dramática envolveu o recluso DuFresne.

Novamente a jornalista:

- De acordo com as fontes, o recluso LUCIUS DuFresne, um doente com SIDA em fase terminal da doença, foi milagrosamente curado. Hoje, no noticiário das seis, falaremos com os médicos do Centro Médico Dartmouth-Hitchcock para apurar se existe alguma explicação médica... mas para os seguidores recém-convertidos deste Messias do Corredor da Morte -

disse a jornalista, indicando com um gesto a multidão atrás de si -, tudo é possível. Janice Lee, em Concord.

Então vi um rosto familiar na multidão atrás da jornalista DeeDee, a esteticista do spa que me tinha feito o tratamento com a máscara corporal. Lembrava-me de lhe ter dito que não havia mais nada a fazer no caso de Shay Bourne. Mas isso tinha sido antes.

Agarrei no telefone e marquei o número do escritório do meu chefe.

- Está a ver as notícias?

Rufus Urqhart, o presidente da União Americana pelas Liberdades Cívicas do New Hampshire, tinha dois televisores sempre sintonizados em canais diferentes na sua secretária, para não perder nada.

- Estou - disse ele. - Pensava que ia aparecer.

- Fui substituída pelo Messias do Corredor da Morte.

75

- Não podemos vencer o divino - disse Rufus.

- Precisamente - respondi. - Rufus, quero trabalhar no caso dele.

- Acorde, minha querida, já está a trabalhar no caso dele. Pelo menos, devia estar a escrever citações amicus - disse Rufus.

- Não, quero dizer, quero aceitá-lo como cliente. Dê-me uma semana - implorei.

- Olhe, MAGGIE, primeiro, este tipo já passou pelo tribunal estadual, pela primeira instância do tribunal federal e pelo Supremo Tribunal. Se bem me lembro, apresentaram uma petição no ano passado que foi recusada. O Bourne já esgotou todos os recursos... realmente não vejo maneira de reabrir a porta.

- Se ele acha que é o Messias - disse eu -, talvez tenha acabado de nos dar um pé-de-cabra.

A Lei de Uso Religioso de Terrenos e Pessoas Institucionalizadas de 2000 só foi realmente invocada passados cinco anos, quando o Supremo Tribunal apoiou a decisão deliberada no caso de Cutter contra Wilkinson, em que um grupo de prisioneiros do Ohio que eram satânicos processaram o Estado por não ter em conta as suas necessidades religiosas. Desde que uma prisão garantisse o direito à prática religiosa - sem impor a religião àqueles que não desejassem praticá-la - a lei era constitucional.

- Satânicos? - disse a minha mãe, pousando a faca e o garfo. É isso que esse homem é?

Estava em casa deles, a jantar, como em todas as sextas-feiras à noite antes de eles irem para os serviços religiosos do Sabat. A minha mãe convidava-me na segunda-feira, e eu dizia-lhe que tinha de esperar para ver se surgia alguma coisa - como um encontro amoroso, ou o Armagedão, ambos com a mesma probabilidade de acontecerem na minha vida. E depois, claro, na sexta-feira dava por mim a

passar as batatas gratinadas e a ouvir o meu pai a dizer o kiddush para o vinho.

- Não faço ideia - disselhe. - Não falei com ele.

- Os satânicos têm messias? - Perguntou o meu pai.

- Não estão a perceber. Legalmente, há um estatuto que afirma que até mesmo os prisioneiros têm o direito à prática da sua religião, desde que isso não interfira com o funcionamento da prisão encolhi os ombros. - Para além disso, e se ele for mesmo o Messias? Será que não temos a obrigação moral de lhe salvar a vida se ele estiver aqui para salvar o mundo?

O meu pai cortou uma fatia de carne.

- Ele não é o Messias.

- E sabes isso porque...?

76

- Não é um guerreiro. Não preservou o estado soberano de Israel. Não trouxe consigo a paz mundial. E pronto, devolveu a vida a algo que já estava morto, mas se fosse o Messias teria ressuscitado toda a gente. E se fosse esse o caso, os teus avós estariam agora aqui a perguntar se havia mais molho.

- Pai, existe uma diferença entre um messias judaico e... bem, outro qualquer.

- O que te leva a pensar que existe mais do que um? - Perguntou ele.

- O que te leva a pensar que só existe um? - Ripostei.

A minha mãe pousou o guardanapo.

- Vou tomar um Tylenol - disse ela, e levantou-se da mesa. O meu pai sorriu para mim.

- Terias sido uma excelente rabi, Mags.

- Pois, se não fosse aquele problema irritante da religião a meter-se no caminho.

Como é óbvio, tinha sido educada na fé judaica. Assistia aos serviços religiosos das sextas-feiras à noite e ouvia a voz cheia e sonora do chantre; observava o meu pai transportar a Tora com reverência e lembrava-me da sua expressão nas fotografias em que me trazia ao colo quando eu era bebé. Mas também me aborrecia tanto que dava por mim a decorar os nomes de quem era pai de quem nos Números. Quanto mais aprendia sobre a lei judaica, mais achava, como rapariga, que devia ser considerada impura, limitada ou incompleta. Fiz o meu bat mitzvah, como os meus pais queriam; e naquele dia, depois de ler excertos da Tora e celebrar a minha transição para a vida adulta, disse aos meus pais que nunca mais iria ao templo.

"Porquê?", perguntou o meu pai quando lhe disse.

"Porque não me parece que Deus esteja realmente interessado em saber se eu venho aqui todas as sextas-feiras à noite ou não. Porque uma religião baseada no que não devemos fazer e não no que devemos fazer para o bem comum não me convence. Porque não sei em que acredito."

Não tinha coragem para lhe dizer a verdade: que estava mais próxima de ser atea do que agnóstica, de que até duvidava da existência de Deus. Na minha profissão, já tinha visto demasiada injustiça no mundo para acreditar que uma divindade misericordiosa e toda-poderosa pudesse continuar a permitir que existissem tais atrocidades; e simplesmente detestava a ideia de que havia uma espécie de plano divino para a existência incapaz da humanidade. Era um pouco como uma mãe a observar os filhos brincar com o fogo e pensar "Bem, eles que se queimem, assim vão aprender."

77

Uma vez, quando estava no liceu, perguntei ao meu pai sobre aquelas religiões que, com a passagem do tempo, são consideradas falsas. Os Gregos e os Romanos, com todos os seus deuses, achavam que estavam a fazer sacrifícios e a rezar nos templos para receber favores das suas divindades; mas actualmente, as pessoas devotas troçariam deles. Como podemos saber, perguntei ao

meu pai, se daqui a quinhentos anos, alguma raça superior estrangeira não andarà a remexer nos artefactos da tua Tora e do crucifixo deles e a interrogar-se como pudemos ser tão ingénuos?

O meu pai, que é o primeiro a considerar uma situação controversa e a dizer, "Pensemos nisto", ficou sem palavras. "Porque uma religião não dura dois mil anos se for baseada numa mentira", disse por fim.

Eis a minha opinião: não me parece que as religiões se baseiem em mentiras, mas também não me parece que se baseiem em verdades. Acho que surgem devido ao que as pessoas precisam na altura. Como o jogador do World Series que não descalça as suas meias da sorte, ou a mãe de uma criança doente que acha que o filho só consegue dormir se ela estiver sentada junto ao berço - os crentes precisam, por definição, de algo em que acreditar.

- Então, qual é a tua ideia? - Perguntou o meu pai, recuperando a minha atenção.

Olhei para cima.

- vou salvá-lo.

- Talvez tu sejas o Messias - disse, pensativo.

A minha mãe voltou a sentar-se, enfiou dois comprimidos na boca e engoliu-os em seco.

- E se ele estiver a provocar toda esta agitação para que alguém como tu apareça e impeça que ele seja executado?

Bem, já tinha pensado nisso.

- Não interessa que seja apenas um estratagema - disse eu. Desde que consiga levar o tribunal a acreditar nele, não deixa de ser um golpe contra a pena de morte.

- Imaginei-me a ser entrevistada por Stone Phillips. Que, quando as câmaras se desligassem, me convidaria para jantar.

- Promete-me que não vais ser daquelas advogadas que se apaixonam pelos criminosos e casam com eles na prisão...

- Mãe!

- Bem, isso acontece, MAGGIE. Os criminosos são pessoas muito persuasivas.

- E sabes isso por teres passado bastante tempo na prisão? Ela levantou as mãos.

78

- Estou só a dizer.

- Rachel, acho que a MAGGIE tem isto sob controlo - disse o meu pai. - Porque não nos preparamos para sair?

A minha mãe começou a levantar a mesa, e eu fui atrás dela para a cozinha. Caímos numa rotina familiar: eu punha a loiça na máquina e lavava as travessas grandes à mão, ela limpava-as.

- Eu acabo - disse eu, como dizia todas as semanas. - Não vão querer chegar atrasados ao templo.

Ela encolheu os ombros.

- Podem começar sem o teu pai - passei-lhe uma tigela de cereais a pingar, mas ela pousou-a em cima da bancada e em vez disso examinou a minha mão. - Olha para as tuas unhas, MAGGIE. Eu tirei a mão.

- Tenho coisas mais importantes para fazer do que certificar-me de que tenho as cutículas bem aparadas, mãe.

- A questão não é a manicure - disse ela. - É quarenta e cinco minutos em que a coisa mais importante do mundo não seja outra pessoa... mas sim tu.

A minha mãe era assim: mesmo quando achava que era capaz de a matar, dizia algo que me dava vontade de chorar. Tentei cerrar os punhos, mas ela entrelaçou os nossos dedos.

- Vem ao spa na próxima semana. Vamos passar uma tarde agradável, só as duas.

Uma dúzia de comentários saltaram-me para a ponta da língua: "Há pessoas que têm de trabalhar

para viver. Não vai ser uma tarde agradável se estivermos só as duas.

Posso ser gulosa, mas não tenho estômago para tanto." Em vez disso, acenei com a cabeça, embora ambas soubéssemos que não tinha intenções de ir.

Quando era pequena, a minha mãe fazia um spa na cozinha só para mim. Fazia amaciadores de papaia e banana; esfregava-me a pele dos ombros e braços com óleo de coco, colocava-me rodela de pepino por cima dos olhos e cantava-me canções do Sonny Cher. Depois, segurava um espelho junto ao meu rosto. "Olha a minha linda menina", dizia ela, e durante muito tempo acreditei.

- Vem ao templo - disse a minha mãe. - Só hoje à noite. O teu pai ficaria tão feliz.

- Talvez da próxima vez - respondi.

Acompanhei-os até ao carro. O meu pai ligou o motor e abriu a janela.

79

- Sabes - disse ele. - Quando estava na faculdade, havia um sem-abrigo que costumava estar junto ao metro. Tinha um rato de estimação no ombro que normalmente lhe roía a gola do casaco, e ele nunca o tirava, nem quando estavam trinta e cinco graus. Sabia o primeiro capítulo de Moby Dick todo de cor. Dava-lhe sempre uma moeda de vinte e cinco cêntimos quando passava por ele.

O carro de um vizinho passou por nós - alguém que pertencia à congregação do meu pai, e que buzinou um cumprimento. O meu pai sorriu.

- A palavra Messias não é mencionada no Antigo Testamento... apenas a palavra hebraica para ungido. Ele não é um salvador; é um rei ou um sacerdote com um objetivo especial.

Mas o Midrash, bem, refere o moshiaich muitas vezes, e tem uma aparência diferente de cada vez. Às vezes é um soldado, às vezes um político, às vezes tem poderes sobrenaturais.

E outras, veste-se como um vagabundo. Dava uma moeda de vinte e cinco cêntimos àquele vagabundo - disse ele - porque nunca se sabe.

Depois fez marcha atrás e entrou na estrada. Fiquei ali de pé até deixar de os ver, até não haver mais nada a fazer senão ir para casa.

MICHAEL

Antes de podermos entrar na prisão, somos privados dos acessórios que fazem de nós quem somos. Tiram-nos os sapatos, o cinto. Tiram-nos a carteira, o relógio, a medalha com o santo.

Moedas que temos nos bolsos, telemóvel, até mesmo o alfinete com o crucifixo que temos na lapela. Entregamos a carta de condução ao polícia fardado e, em troca, tornamo-nos numa das pessoas sem rosto que entrou num local de onde os residentes não estão autorizados a sair.

- Padre? - Disse um polícia. - Sente-se bem?

Tentei sorrir e acenei com a cabeça, imaginando o que ele via: um tipo grande e forte, que tremia só de pensar em entrar naquela prisão. Claro, andava numa Triumph Trophy, oferecia-me para trabalhar com jovens pertencentes a gangs, e contrariava o estereótipo do padre sempre que podia, mas aqui dentro encontrava-se o homem cuja vida votei a favor de terminar.

No entanto.

Desde que tinha feito os votos e pedido a Deus que me ajudasse a compensar o que tinha feito a um homem com o que poderia fazer pelos outros - sabia que um dia isto aconteceria.

Sabia que acabaria por ficar frente a frente com Shay Bourne.

80

Reconhecer-me-ia?

Reconhecê-lo-ia?

Passei pelo detector de metais, sustendo a respiração, como se tivesse algo a esconder. E acho que tinha, mas os meus segredos não fariam disparar aqueles alarmes.

Comecei a enfiar outra vez o cinto nas presilhas das calças, a atar os atacadores dos meus ténis. Conversei. Ainda tinha as mãos a tremer.

- Padre Michael? - olhei para cima e vi outro guarda à minha espera. - O director Coyne está à sua espera.

- Claro - seguiu o guarda ao longo dos corredores de um cinzento-baço. Quando passávamos pelos reclusos, o guarda posicionou o corpo para se colocar entre nós: um escudo protetor.

Deixou-me num gabinete administrativo com vista para um pátio interior da prisão estadual.

Uma fila de prisioneiros dirigia-se de um edifício para o outro. Atrás deles havia uma vedação dupla com arame farpado.

- Padre.

O director da prisão era um homem robusto de cabelos grisalhos que me apertou a mão e fez um esgar à laia de sorriso.

- Director Coyne. Muito prazer.

Conduziu-me a o seu gabinete privado, um espaço surpreendentemente moderno e arejado, sem secretária - apenas uma longa mesa de aço com ficheiros e notas espalhados sobre o tampo. Assim que se sentou, tirou uma pastilha elástica do pacote.

- Nicorette - explicou. - A minha mulher está a obrigar-me a deixar de fumar e, para ser sincero, preferia que me cortassem o braço esquerdo. - Abriu um ficheiro com um número de lado, Shay Bourne também fora privado do seu nome aqui. - Agradeço-lhe por ter vindo.

Neste momento temos falta de capelães.

A prisão tinha um capelão a tempo inteiro, um padre da igreja episcopal que tinha viajado para a Austrália para estar junto ao pai moribundo. O que significava que se um recluso pedisse para falar com um sacerdote, seria chamado um dos sacerdotes locais.

-Tenho muito gosto - menti, e assinalei mentalmente o terço que teria de rezar mais tarde como

penitência.

Empurrou o ficheiro na minha direcção.

- Shay Bourne. Conhece-o? Hesitei.

81

- E quem não o conhece?

- Pois, a cobertura noticiosa é lixada, perdoe-me a expressão. Dispensava esta atenção toda.

O que interessa é que o recluso quer doar os órgãos após a execução.

- Os católicos apoiam a doação de órgãos, desde que o paciente esteja em morte cerebral e já não consiga respirar sem ajuda - disse eu.

Aparentemente, não era a resposta certa. Coyne agarrou num lenço de papel, franziu o sobrolho e cuspiu a pastilha lá para dentro.

- Pois, claro, estou a perceber. É essa a ideia. Mas a realidade é que este homem está à beira do fim. É um assassino condenado, por dois homicídios. Acha que de repente desenvolveu uma faceta humanitária... ou não será mais provável que esteja a conquistar a simpatia do público para impedir a sua execução?

-Talvez queira que algo de bom resulte da sua morte...

- A injeção letal foi criada para fazer parar o coração do recluso - disse Coyne peremptoriamente.

Este ano já tinha ajudado um membro da paróquia ao decidir que ia doar os órgãos do filho após um acidente de moto que o deixou em morte cerebral. A morte cerebral, explicou o médico, é diferente da morte cardíaca. O filho dela estava irreversivelmente morto - nunca iria recuperar, como as pessoas em coma - mas graças à respiração artificial, o coração dele ainda batia. Se ocorresse morte cardíaca, os órgãos não seriam viáveis para transplante.

Recostei-me na cadeira.

- Director Coyne, fiquei com a impressão de que o recluso Bourne tinha pedido um conselheiro espiritual...

- E pediu. E nós gostaríamos que lhe desaconselhasse esta ideia disparatada - o director suspirou. - Olhe, sei o que isto lhe vai parecer. Mas o Bourne vai ser executado pelo Estado.

É um facto. Pode tornar-se um espectáculo de feira... ou pode ser feito de forma discreta. -

Ficou a olhar para mim. - Está claro para si o que precisa de fazer?

- Como água - disse em voz baixa.

Já me deixei influenciar pelos outros anteriormente, porque presumi que sabiam mais do que eu. Jim, outro jurado, tinha utilizado a expressão "olho por olho" citada do Sermão no Monte feito por Jesus para convencer-me de que corrigir uma morte com outra morte era justo. Mas agora, percebia que Jesus estava na realidade a dizer o oposto - a criticar aqueles que deixavam que o castigo fosse parte do crime.

82

Não ia de maneira nenhuma deixar que o director Coyne me dissesse que conselhos devia dar a Shay Bourne.

Nesse instante, apercebi-me de que se Shay Bourne não me reconhecesse, não ia dizer-lhe que já nos tínhamos encontrado antes. Não era a minha salvação que estava em jogo; era a dele. E se eu tinha desempenhado um papel crucial em arruinar-lhe a vida, agora - enquanto padre - competia-me redimi-lo.

- Gostava de ver o Bourne - disse eu.

O director da prisão acenou com a cabeça.

-Também achei - levantou-se e conduziu-me novamente para os gabinetes administrativos.

Virámos e entrámos numa cabina de controlo, um conjunto de portas duplas gradeadas.

O director da prisão levantou a mão e o guarda que estava lá dentro destrancou a primeira porta de aço com um zumbido e o som de metal a raspar no metal. Entrámos na câmara intermédia, e essa mesma porta fechou-se automaticamente.

Então era assim, estar trancado ali dentro.

Antes que pudesse entrar em pânico, a porta interior abriu-se com um zumbido e percorremos outro corredor.

- Já esteve aqui alguma vez? - perguntou o director da prisão. - Não.

- Habituaamo-nos a isto.

Olhei em volta, para as paredes de blocos de betão, para as passadeiras ferrugentas.

- Duvido.

Entrámos por uma porta à prova de fogo onde se lia NÍVEL 1.

- É aqui que alojamos os reclusos mais perigosos - disse Coyne. - Não posso prometer-lhe que terão um bom comportamento.

A meio do espaço havia uma torre de controlo. Um jovem polícia estava lá sentado, observando um monitor de televisão que parecia ter uma visão global do interior do recinto.

Estava silencioso, ou talvez a porta fosse à prova de som.

Aproximei-me da porta e espreitei lá para dentro. Havia um duche vazio mais perto de mim, e depois oito celas. Não conseguia ver os rostos dos homens e não tinha a certeza de qual seria Bourne.

83

- Este é o padre Michael - disse o director da prisão. - Veio falar com o recluso Bourne. -

Enfiou a mão num contentor e entregou-me um colete à prova de bala e óculos de protecção, como se fôssemos para a guerra e não para o corredor da morte.

- Não pode entrar se não tiver o equipamento adequado disse o director da prisão.

- Entrar?

- Bem, onde acha que vai ver o recluso Bourne, padre? No Starbucks?

Achei que haveria alguma espécie de... sala. Ou na capela. -vou ficar sozinho com ele? Numa cela?

- Caramba, não - disse o director Coyne. - O senhor fica cá fora, na passadeira, e fala através da porta.

Respirando fundo, vesti o colete por cima das minhas roupas e coloquei os óculos, ajustando-os ao rosto. Então disse uma oração rápida e acenei com a cabeça.

- Abra - disse o director Coyne ao jovem guarda.

- Sim, senhor - disse o rapaz, visivelmente atrapalhado por estar sob o escrutínio de Coyne.

Olhou para o painel de controlo que estava à sua frente, um aparato de múltiplos botões e luzes, e carregou num deles à esquerda, para se aperceber no último instante que tinha feito a escolha errada. As portas de todas as oito celas abriram-se em simultâneo.

- Oh, meu Deus - disse o rapaz, de olhos muito abertos, como discos, enquanto o director da prisão me afastou do caminho e começou a carregar numa série de alavancas e botões do painel de controlo.

- Tirem-no daqui - gritou o director da prisão, abanando a cabeça na minha direcção. O seu apelo via rádio ouviu-se pelo altifalante: "Vários reclusos libertados no nível 1 ; necessária assistência imediata."

Eu fiquei ali de pé, enquanto os reclusos saíam das suas respectivas celas como veneno. E então... bem... foi uma confusão dos diabos.

Quando as portas se abriram em uníssono, como todos os instrumentos de corda a serem afinados numa orquestra e acertarem por magia na nota certa da primeira vez que erguessem o arco, eu não saí a correr da cela como os outros. Fiquei parado por um instante, paralisado pela liberdade.

84

Enfiei rapidamente o meu quadro debaixo do colchão do catre e escondi a tinta num monte de roupa suja. Ouvia a voz do director Coyne pelos altifalantes, a chamar as forças especiais através do rádio. Isto aconteceu apenas uma vez desde que estou na prisão; um polícia novo fez asneira e duas celas abriram-se em simultâneo.

O recluso que foi incidentalmente libertado entrou a correr na cela do outro e rachou-lhe o crânio contra o lavatório, um homicídio encomendado por um gang há anos.

Crash foi o primeiro a sair da cela. Passou pela minha a correr empunhando um estilete, dirigindo-se directamente para Joey Kunz - um pedófilo era um alvo legítimo para todos.

Pogie e Texas seguiram-no como cães que eram.

- Agarrem-no, rapazes - berrou Crash. - Vamos cortar-lhos. A voz de Joey subiu de tom em crescendo ao ver-se encurralado.

- Por amor de Deus, alguém me ajude!

Ouviu-se o som de um punho bater na carne, os insultos de Calloway. Agora, também ele já se encontrava na cela de Joey.

- LUCIUS? - ouvi, num fio de voz, como se viesse de debaixo de água, e lembrei-me de que Joey não era o único no nível 1 capaz de magoar uma criança. Joey foi a primeira vítima de Crash, Shay podia muito bem ser a segunda.

Havia pessoas fora da prisão a rezar a Shay; havia líderes de opinião religiosos na televisão a prometer o Inferno e a perdição para aqueles que adorassem um falso messias. Não sabia o que Shay era ou não era, mas atribuí-a-lhe totalmente a minha saúde recuperada. E havia algo nele que não se adequava a este sítio, que nos fazia parar e olhar com mais atenção, como se encontrássemos uma orquídea a crescer num gueto.

- Fica onde estás - gritei. - Shay, estás a ouvir-me?

Mas ele não respondeu. Fiquei à porta da minha cela, a tremer. Fiquei a fitar a linha invisível entre aqui e agora, não e sim, se e quando. Respirando fundo, saí lá para fora.

Shay não estava na sua cela; dirigia-se lentamente para a de Joey. Através da porta do nível 1, conseguia ver os polícias vestir coletes à prova de bala e colocar escudos e máscaras protectoras. Também estava lá outra pessoa - um padre que nunca tinha visto antes.

Agarrei no braço de Shay, para o deter. Foi apenas isso, aquele leve calor, e quase fiquei de rastos. Aqui na prisão tocamos uns nos outros; não nos tocam. Era capaz de ficar agarrado a Shay, à curva inocente do seu braço, para sempre.

Mas Shay virou-se, e lembrei-me da primeira regra tácita da prisão: não invadir o espaço dos outros. Larguei-o.

85

- Não faz mal - disse Shay num tom suave, e deu outro passo na direcção da cela de Joey.

Joey estava estendido no chão, a soluçar, com as calças puxadas para baixo. Tinha a cabeça virada para o lado e sangue a jorrar-lhe do nariz. Pogie segurava-lhe num dos braços, Texas no outro; Calloway estava junto dos pés que se debatiam. Deste ângulo, estavam fora do campo de visão dos

guardas que se mobilizavam para imobilizar toda a gente.

- Já ouviste falar em Salvar as Crianças? - disse Crash, empunhando a sua arma branca artesanal. - Estou aqui para fazer um donativo.

Precisamente nessa altura, Shay espirrou.

- Santinho - disse Crash automaticamente. Shay limpou o nariz à manga.

- Obrigado.

A interrupção fez Crash perder alguma da sua força. Lançou um olhar ao exército do outro lado da porta, a gritar ordens que não ouvíamos. Balançou para trás nos calcanhares e examinou Joey, a tremer no chão de cimento.

- Soltem-no - disse Crash.

- Soltá-lo... ? - repetiu Calloway.

- Ouviram o que eu disse. Todos vocês. Afastem-se.

Pogie e Texas ouviram; faziam sempre aquilo que Crash dizia. Calloway foi mais lento a retirar-se.

- Ainda não acabámos - disse ele a Joey, mas depois afastou-se.

- Estás à espera de quê? - disse-me Crash, e apressei-me a entrar na minha própria cela, esquecendo-me completamente dos assuntos dos outros.

Não sei o que conduziu à mudança de planos de Crash - se foi o facto de saber que os guardas iam invadir o nível 1 e castigá-lo; se foi o espirro de Shay na altura certa; se foi a palavra - Santinho nos lábios de um pecador como Crash. Mas quando as forças especiais chegaram passados alguns segundos, estávamos os sete dentro das nossas celas, embora as portas ainda estivessem completamente abertas, como se fôssemos anjos, como se não tivéssemos nada a esconder.

Há uma flor que vejo do pátio de exercício. Bem, não consigo propriamente vê-la - tenho de me agarrar ao parapeito da única janela com os dedos e trepar pela parede de cimento como uma aranha, mas consigo vislumbrá-la antes de voltar a cair no chão. E um dente-de-leão, que poderiam pensar que é uma erva, mas pode ser utilizada em saladas e em sopas. A raiz 86

pode ser triturada e usada como substituto do café. Os seus fluidos podem combater as verrugas e ser usados como repelente de insectos.

Aprendi tudo isto num artigo da revista Mother Earth News no qual embrulho os meus tesouros - o meu estilete, as minhas cotonetes, os minúsculos frascos de Visine onde guardo as tintas que fabrico. Leio o artigo cada vez que tiro os meus artigos cá para fora para os examinar, o que faço diariamente. Guardo as minhas provisões atrás de um tijolo de betão solto por baixo do meu catre, substituindo a argamassa com Metamucil e pasta de dentes, misturando-os, para que os guardas não fiquem desconfiados ao revistar a minha cela.

Nunca pensei muito nisso antes de vir para aqui, mas quem me dera saber mais de horticultura. Quem me dera ter aprendido o que faz as plantas crescer. Caramba, se o tivesse feito, talvez tivesse cultivado melancias a partir da semente. Talvez agora já tivesse trepadeiras penduradas por todo o lado.

Adam é que tinha jeito para plantas lá em casa. Costumava encontrá-lo lá fora ao amanhecer, a escavar na terra entre os nossos Hemerocallis e sedum. "As plantas herdarão a terra", disse ele.

"Os humildes", corrigi. "Os humildes herdarão a terra."

"Nem pensar", disse Adam, e riu-se. "As plantas vão derrubá-los."

Costumava dizer que se colhêssemos um dente-de-leão, cresceriam dois no seu lugar. Acho que são o equivalente botânico dos homens que estão nesta prisão. Tirem um de nós das ruas, e mais brotarão no seu lugar.

Com Crash novamente na solitária, e Joey na enfermaria, o nível 1 estava estranhamente

sossegado. Devido a Joey ter sido espancado, os nossos privilégios foram cortados, por isso todas as visitas ao duche e ao pátio de exercício foram canceladas para o resto do dia. Shay estava a andar para trás e para a frente. Há bocado, queixava-se de ter os dentes a vibrar devido ao aparelho de ar condicionado; por vezes os sons eram demasiado intensos para ele -

normalmente quando estava agitado.

- LUCIUS - disse ele. - Viste aquele padre hoje? - Vi.

- Achas que veio por minha causa? Não queria dar-lhe falsas esperanças.

- Não sei, Shay. Talvez estivesse alguém a morrer noutro nível e precisasse da extrema unção.

- Os mortos não estão vivos, e os vivos não morrem. Ri-me.

- Obrigado por isso, Ioda.

87

- Quem é o Yoda?

Estava a dizer disparates, como Crash há um ano quando começou a tirar a tinta de chumbo dos tijolos de betão e a comê-la, na esperança de que servisse de alucinogénio.

- Bem, se o paraíso existir, aposto que está cheio de dentes-de-leão - (Na realidade, acho que o paraíso está cheio de tipos iguais a Wentworth Miller de Prison Break, mas por agora, estava a referir-me apenas à paisagem.).

- O paraíso não é um lugar.

- Não disse que tinha coordenadas geográficas...

- Se fosse no céu, então as aves chegariam lá antes de ti. Se fosse no fundo do mar, então os peixes seriam os primeiros.

- Então onde fica? - perguntei.

- Dentro de ti - disse Shay -, e fora também.

Se não andava a comer a tinta de chumbo, então tinha fabricado whisky caseiro sem que eu soubesse.

- Se isto é o paraíso, fica para a próxima.

- Não podes ficar à espera, porque já está aqui.

- Bem, acho que foste o único de nós a receber óculos cor-de-rosa ao ser preso. Shay ficou em silêncio durante algum tempo.

- LUCIUS - perguntou por fim -, porque é que o Crash foi atrás do Joey e não de mim?

Não sabia. Crash era um assassino condenado; não tinha dúvidas de que era capaz de matar e mataria novamente se tivesse oportunidade. Na prática, tanto Joey como Shay pecaram de igual forma segundo o código de justiça de Crash; tinham atacado crianças. Talvez Crash tivesse pensado que seria mais fácil matar Joey. Talvez Shay tivesse conquistado algum respeito através dos seus milagres. Talvez tivesse apenas tido sorte.

Talvez até Crash pensasse que Shay era especial.

- Ele não é diferente do Joey... - disse Shay.

- Queres um pequeno conselho? Não deixes que o Crash te ouça a dizer isso.

- ... e nós não somos diferentes do Crash - terminou. - Não sabes o que te levaria a fazer o que o Crash fez, tal como não sabias o que te faria matar o Adam, até isso acontecer.

88

Respirei fundo. Ninguém na prisão falava sobre os crimes dos outros, mesmo que acreditássemos em segredo que eram culpados. Mas eu tinha morto o Adam. A mão que empunhou a arma era minha; o sangue que estava nas minhas roupas era o dele. Não foi aquilo que fiz que estive em jogo no tribunal; foi por que razão o fiz.

- Não faz mal não saber algo - disse Shay. - É isso que nos torna humanos.

Independentemente daquilo que o Sr. Filósofo Ali do Lado pensava, havia coisas das quais tinha a certeza: que fui amado, outrora, e que amei também. Que uma pessoa podia encontrar a esperança na forma como crescia uma erva. Que a essência da vida de um homem não estava no sítio para onde ia mas nos pormenores que o tinham levado até lá.

Que cometemos erros.

Fechei os olhos, farto de enigmas e, para minha surpresa, só conseguia ver dentes-de-leão -

como se tivessem sido pintados nos campos da minha imaginação, cem mil sóis. E lembrei-me de outra coisa que nos torna humanos: a fé, a única arma no nosso arsenal para combater a dúvida.

JUNE

Dizem que Deus não nos dá mais do que aquilo que somos capazes de aguentar, mas isso suscita uma questão mais importante: por que razão Deus nos deixa sofrer?

- Não comento - disse ao telefone, e desliguei-o com tanta força que Claire, que estava sentada no sofá com o seu iPod ligado, endireitou-se e reparou. Estiquei o braço por baixo da mesa e puxei o fio desligando-o definitivamente, para não ter de ouvir o telefone tocar.

Estiveram a manhã toda a telefonar; acamparam à porta de minha casa. "Como se sente ao saber que há manifestantes à porta da prisão a desejar que o homem que matou a sua filha e o seu marido seja liberto?"

"Acha que o facto de Shay Bourne ter pedido para doar os seus órgãos é uma maneira de compensar aquilo que fez?"

O que eu pensava é que nada do que Shay Bourne pudesse fazer ou dizer alguma vez compensaria as vidas de Elizabeth e Kurt. Sabia em primeira mão como sabia mentir tão bem e que resultados isso podia ter - isto não passava de uma manobra publicitária para que todos ficassem a sentir-se mal por sua causa, porque passada uma década, quem se lembrava sequer de se sentir mal por causa daquele polícia, daquela menina?

Eu lembrava-me.

89

Há pessoas que dizem que a pena de morte não é justa por a execução de um homem demorar tanto tempo. Que é desumano ter de esperar durante onze anos ou mais pelo seu castigo. Que ao menos para Elizabeth e Kurt, a morte foi rápida.

Deixem-me dizer-vos o que está errado neste raciocínio: presumir que Elizabeth e Kurt foram as únicas vítimas. Exclui-me a mim; exclui Claire. E posso garantir-vos que todos os dias ao longo dos últimos onze anos pensei naquilo que perdi às mãos de Shay Bourne. Estou à espera da sua morte há tanto tempo quanto ele.

Ouvi vozes vindas da sala de estar e apercebi-me de que Claire tinha ligado a televisão. Uma fotografia pouco nítida de Shay Bourne enchia o ecrã. Era a mesma fotografia que tinha sido usada nos jornais, embora Claire não os tivesse visto, uma vez que os deitei fora imediatamente. Os cabelos de Bourne agora estavam curtos, e tinha rugas aos cantos da boca como parênteses e em leque aos cantos dos olhos, mas à excepção disso não estava diferente.

- É ele, não é? - perguntou Claire.

"Complexo de Deus?" estava escrito por baixo da fotografia.

- É - aproximei-me do televisor, tapando-lhe intencionalmente a vista, e desliguei-o.

Claire olhou para mim.

- Lembro-me dele - disse ela. Suspirei.

- Querida, ainda nem sequer tinhas nascido.

Desdobrou a manta de croché que estava em cima do sofá e enrolou-a em volta dos ombros, como se de repente tivesse ficado com frio.

- Lembro-me dele - repetiu Claire.

MICHAEL

Era preciso que vivesse numa gruta para não saber o que diziam de Shay Bourne, mas era a última pessoa no mundo que acreditaria que ele era o messias. Para mim, havia um único Filho de Deus, e eu sabia quem Ele era. Quanto ao seu espectáculo bem, já vi David Blaine fazer desaparecer um elefante na Quinta Avenida, em Nova Iorque, mas também não se tratou de um milagre. Para ser directo: a minha função aqui não era alimentar as ideias alucinadas de Shay Bourne... apenas ajudá-lo a aceitar Jesus Cristo como seu Deus e Salvador antes da execução para que acabasse por ser aceite no Reino dos Céus.

E se pudesse ajudá-lo a doar o seu coração durante o processo, que assim fosse.

90

Dois dias após ter ocorrido o incidente no nível 1, estacionei a minha Trophy à porta da prisão. Estava sempre a lembrar-me de um versículo de São Mateus onde Jesus falou aos seus discípulos: "era peregrino e recolhestes-Me; estava nu e destes-Me de vestir; adoeci e visitastes-Me; estive na prisão e fostes ter Comigo." Os discípulos - que, para ser brutalmente sincero, não eram muito inteligentes - ficaram confusos. Não se lembravam de Jesus estar perdido, nu, doente ou na prisão. E Jesus disselhes: "Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes."

Lá dentro, deram-me novamente um colete à prova de bala e óculos protectores. A porta do nível 1 abriu-se, e conduziram-me ao longo do corredor até à cela de Shay Bourne.

Não era assim tão diferente de estar no confessionário. Os mesmos orifícios tipo queijo suíço perfuravam a porta de metal da cela, de forma que conseguia vislumbrar Shay. Embora fôssemos da mesma idade, ele parecia ter envelhecido toda uma vida. Agora tinha as têmporas grisalhas, ainda era franzino e esguio. Hesitei, em silêncio, à espera para ver se os olhos deles se abriam de reconhecimento, se começaria a bater na porta e a exigir que o afastassem do homem que tinha posto a sua execução em marcha.

Mas algo curioso acontece quando nos vestimos com vestes clericais: não somos homens. De certa forma somos mais do que um homem, e também menos. Já murmuraram segredos à minha frente; mulheres já levantaram as saias para ajeitarem os collants. Tal como um médico, um padre deve ser imperturbável, um observador, uma mosca na parede.

Se pedirem a dez pessoas que se encontrem comigo para descrever a minha fisionomia, oito delas não serão capazes de dizer qual é a cor dos meus olhos. Pura e simplesmente não vêm para além do colarinho de padre.

Shay dirigiu-se imediatamente para a porta da cela e começou a sorrir.

- O senhor veio - disse ele. Engoli em seco.

- Shay, sou o padre Michael.

Pousou as mãos abertas na porta da cela. Lembro-me de uma fotografia que constava das provas do crime, aqueles dedos escurecidos pelo sangue da menina. Mudei tanto nos últimos onze anos, mas e Shay Bourne? Teria remorsos? Teria amadurecido? Desejaria, tal como eu, poder apagar os seus erros?

- Hei, padre - gritou uma voz, mais tarde viria a saber que era Calloway Reece -, tem alguma daquelas bolachas? Estou quase a morrer de fome.

Ignorei-o e concentrei-me em Shay.

91

- Então... pelo que sei é católico?

- Uma mãe de acolhimento baptizou-me - disse Shay. - Há mil anos - olhou para mim. -

Podiam pô-lo na sala de conferências, aquela que usam para os advogados.

- O director da prisão disse que teríamos de conversar aqui, na sua cela.

Shay encolheu os ombros.

- Não tenho nada a esconder.

"A sério?" - ouvi, embora ele não o tivesse dito.

- Em todo o caso, é lá que apanhamos hepatite C - disse Shay.

-Apanham hepatite C?

- No dia em que nos cortam o cabelo. Quarta-feira sim, quarta-feira não. Vamos para a sala de conferências e cortam-nos o cabelo. Pente dois, mesmo que o queiramos ter mais comprido por causa do Inverno. A partir de Novembro está um frio de rachar. -Virou-se para mim. - Porque não conseguem que faça calor em Novembro e frio agora?

- Não sei.

- Fica nas lâminas.

- Desculpe?

- O sangue - disse Shay. - Fica nas lâminas. Se alguém se cortar, outro apanha hepatite C.

Seguir a conversa dele era como ver uma bola SuperBall ressaltar.

- Aconteceu-lhe isso?

-Aconteceu a outros, por isso claro, aconteceu-me a mim.

"Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes."

Tinha a cabeça a andar à roda: esperava que fosse devido ao discurso não linear de Shay, e não a um ataque de pânico iminente. Já os tinha há onze anos, desde o dia em que deliberámos a sentença de Shay.

- Mas tirando isso, sente-se bem?

Depois de ter dito isto, tive vontade de dar um pontapé a mim próprio. Não se perguntava a um homem que ia morrer como se sentia. "Tirando isso, Sr.a Lincoln , pensei, "como foi a peça de teatro?"

92

- Sinto-me só - respondeu Shay. Respondi automaticamente.

- Deus está consigo.

- Bem - disse Shay-, é péssimo a jogar às damas. -Acredita em Deus?

- Se eu acredito em Deus? - Inclinou-se para a frente, subitamente intenso. - Disseram-lhe que quero doar o meu coração?

- Foi disso que vim falar, Shay. -Ainda bem. Mais ninguém quer ajudar.

- E o seu advogado?

- Despedi-o - Shay encolheu os ombros. - Perdeu todos os recursos, e depois começou a dizer que devíamos falar com o governador. O governador nem sequer é de New Hampshire, sabia? Nasceu no Mississippi. Sempre quis ver esse rio...

- O seu advogado...

- Queria que o governador comutasse a minha sentença para prisão perpétua. Por isso despedi-o.

Lembrei-me do director Coyne, de como estava certo de que tudo isto era apenas um estratagema para que a execução de Shay fosse desmarcada. Podia estar enganado?

- Quer dizer que deseja morrer, Shay?

- Desejo viver - disse ele. - Por isso tenho de morrer. Finalmente, algo a que me pudesse agarrar.

- O Shay vai viver - disse eu. - No Reino do Pai. Aconteça o que acontecer aqui, Shay. E

quer possa doar os seus órgãos, quer não.

Subitamente o rosto dele ensombrou-se.

- O que quer dizer, quer possa, quer não?

- Bem, é complicado...

-Tenho de lhe dar o meu coração. Tenho. -A quem? -À Claire Nealon.

Fiquei de boca aberta. Esta parte do pedido de Shay em particular não tinha chegado às notícias.

- Nealon? É da família da Elizabeth? - apercebi-me demasiado tarde que uma pessoa normal, que não tivesse pertencido ao júri do caso de Shay - era capaz de não reconhecer aquele nome e identificá-lo com tanta rapidez. Mas Shay estava demasiado agitado para reparar nisso.

93

- É irmã da menina que foi morta. Tem um problema cardíaco; vi na televisão. O que está dentro de mim vai salvá-la - disse Shay.

- Se não conseguir fazê-lo, isso vai matar-me.

Estávamos a cometer o mesmo erro. Shay e eu. Ambos acreditávamos que uma má acção passada podia ser corrigida por uma boa acção futura. Mas dar o seu coração a Claire Nealon não ia devolver a vida à irmã dela. E ser conselheiro espiritual de Shay Bourne não ia escamotear o facto de que eu fazia parte da razão pela qual ele estava aqui.

- Não pode alcançar a salvação por doar os seus órgãos, Shay. O único caminho para a salvação é admitir a sua culpa e procurar absolvição em Jesus.

- O que aconteceu na altura agora já não tem importância.

- Não deve ter medo de assumir a responsabilidade; Deus ama-nos, mesmo quando cometemos erros.

- Não consegui evitar - disse Shay. - Mas desta vez, posso emendar as coisas.

- Deixe isso nas mãos de Deus - sugeri. - Diga-Lhe que está arrependido pelo que fez e Ele perdoar-lhe-á.

- Aconteça o que acontecer?

- Aconteça o que acontecer.

- Então porque tenho de dizer primeiro que estou arrependido?

Hesitei, tentando encontrar uma maneira de explicar melhor o pecado e a salvação a Shay.

Era uma troca: admitíamos algo e em troca recebíamos a redenção. Segundo a economia da salvação de Shay, dávamos uma parte de nós - e de certa forma ficávamos novamente inteiros.

As duas ideias seriam realmente assim tão diferentes?

Abanei a cabeça para clarear as ideias.

- O LUCIUS é ateu - disse Shay. - Não é verdade, LUCIUS? Da porta ao lado, LUCIUS murmurou:

- Mmhmm.

- E não morreu. Estava doente, e ficou melhor.

O doente com SIDA; tinha ouvido falar dele nas notícias. -Teve alguma coisa a ver com esse assunto?

94

- Não fiz nada.

- LUCIUS, também acredita nisso?

Inclinei-me para trás para estabelecer contacto visual com este outro recluso.

- Acho que o Shay teve tudo a ver com esse assunto - disse ele.

- O LUCIUS deve acreditar naquilo que precisar - disse Shay.

- E os milagres? - acrescentou LUCIUS.

- Que milagres? - disse Shay.

Apercebi-me de dois factos: Shay Bourne não alegava ser o Messias, nem Jesus, nem outra pessoa que não ele próprio. E devido a uma ideia errada, sentia de facto que não poderia descansar em paz se não doasse o seu coração a Claire Nealon.

- Olhe - disse LUCIUS. -Vai ajudá-lo ou não?

Talvez nenhum de nós pudesse corrigir os erros do passado, mas isso não significava que não pudéssemos dar mais significado ao nosso futuro. Fechei os olhos e imaginei que era a última pessoa a falar com Shay Bourne antes de ser executado pelo Estado do New Hampshire.

Imaginei que escolhia uma parte da Bíblia que ele compreendesse, um bálsamo de oração naqueles últimos minutos. Podia fazer isso por ele. Podia ser quem ele precisava que eu fosse agora, por não ter sido quem ele precisava que eu fosse no passado.

- Shay - disse eu -, saber que o seu coração continuará a bater no peito de outra pessoa não é a salvação. É altruísmo. A Salvação é regressar a casa. É compreender que não tem de provar nada a Deus.

- Oh, por amor de Deus - resmungou LUCIUS. - Não lhe dê ouvidos, Shay.

Virei-me para ele.

- Importa-se? - depois mudei de posição, para deixar de ver LUCIUS, concentrando-me em Shay. - Deus ama-o, quer doe os seus órgãos, quer não, quer tenha cometido erros no passado, quer não. E no dia da sua execução, estará à sua espera. Cristo pode salvá-lo, Shay.

- Cristo não pode dar um coração à Claire Nealon - de repente o olhar de Shay tornou-se penetrante e lúcido. - Não preciso de encontrar Deus. Não quero o catecismo - Disse ele. - Só quero saber se depois de morto poderei salvar uma menina.

- Não - disse eu sem rodeios. - Pelo menos se lhe administrarem a injeção letal. As drogas destinam-se especificamente a parar-lhe o coração e, depois disso, não pode ser doado.

95

A luz nos seus olhos esmoreceu, e eu respirei fundo.

- Lamento, Shay. Sei que estava à espera de ouvir uma coisa diferente, e as suas intenções são boas... mas tem de canalizar essas boas intenções para ficar em paz com Deus de outra forma. E nisso posso ajudá-lo.

Precisamente nessa altura uma jovem entrou intempestivamente no nível 1. Tinha uma cascata de caracóis negros a cair-lhe pelas costas e, por baixo do colete à prova de bala, vestia o fato de riscas mais feio que eu já tinha visto.

- Shay Bourne? - disse ela. - Sei o que pode fazer para conseguir doar os seus órgãos.

MAGGIE

Algumas pessoas podem achar difícil evadir-se da prisão, mas para mim, foi igualmente difícil entrar. É verdade, não era oficialmente advogada de Shay Bourne – mas os funcionários da prisão não sabiam. Podia discutir esse pormenor técnico com o próprio Bourne, se e quando o encontrasse.

Não esperava que fosse tão difícil passar pela multidão que estava à porta da prisão. Abrir caminho por entre estudantes universitários a fumar marijuana numa tenda, com os seus letrados a dizer FAÇAM A PAZ, NÃO MILAGRES amontoados no chão lamacento; outra coisa completamente diferente é explicar a uma mãe e ao seu filho pequeno de cabeça calva, doente com cancro, que merecemos passar-lhes à frente na fila. No fundo, a única maneira de avançar era explicar àqueles que estavam à espera (em alguns casos, há dias) que era a advogada de Shay Bourne e que ia transmitir-lhe aqueles apelos: desde o casal idoso com mãos nodosas, cujos diagnósticos idênticos - cancro da mama e cancro linfático - chegaram com uma semana de intervalo; ao pai que trazia fotografias dos oito filhos que deixara de poder sustentar desde que perdera o emprego; à filha que empurrava a cadeira de rodas da mãe, desejando apenas mais um momento de lucidez na névoa da doença de Alzheimer para poder pedir desculpa pela transgressão ocorrida anos antes. "Há tanta dor no mundo", pensei, "como é que conseguimos acordar de manhã?"

Quando alcancei o portão de entrada, anunciei que tinha vindo visitar Shay Bourne, e o polícia riu-se de mim.

- A senhora e o resto do mundo livre.
- Sou advogada dele.

Ele ficou a olhar para mim durante um longo momento, e depois falou para o rádio. Passado um momento, um segundo polícia acompanhou-me através da zona de segurança. Quando saí, ouviu-se um aplauso da multidão.

96

Estupefacta, virei-me e acenei hesitantemente, depois apressei-me para acompanhar o guarda.

Nunca tinha estado na prisão estadual. Era um grande edifício antigo de tijolo; o pátio estendia-se atrás da vedação de arame farpado. Disseram-me para assinalar a minha entrada num bloco de mola e despir o casaco antes de passar pelo detector de metais.

- Fique aqui à espera - disse o polícia, e deixou-me sentada numa pequena antecâmara.

Estava lá um recluso a limpar o chão com uma esfregona que não estabeleceu contacto visual comigo. Calçava umas sapatilhas brancas que rangiam de cada vez que dava um passo.

Observei as mãos dele na esfregona e interroguei-me se teriam participado num homicídio, numa violação, num assalto.

Havia uma razão para não me ter tornado advogada de defesa criminal: este cenário dava-me arrepios. Já tinha estado na prisão do condado para me encontrar com clientes, mas eram crimes menores: manifestar-se a favor de um candidato político junto a um comício, queimar a bandeira nacional, desobediência civil. Nenhum dos meus clientes matou alguma vez alguém, e muito menos uma criança e um polícia. Dei por mim a pensar em como seria ficar aqui trancada para sempre. E se as minhas roupas de sair, as roupas do dia-a-dia e os pijamas fossem sempre o mesmo uniforme cor-de-laranja? E se me dissessem quando havia de tomar duche, quando havia de comer, quando havia de me deitar? Visto que a minha carreira se destinava a manter as liberdades individuais, era difícil de imaginar um mundo onde todas elas tinham sido retiradas.

Enquanto observava o recluso limpar entre uma fila de cadeiras, interroguei-me qual seria o luxo mais difícil de deixar para trás. Havia coisas triviais: ficar sem chocolate quase podia ser considerado

como um castigo cruel e invulgar; não era capaz de sacrificar as minhas lentes de contacto; preferia morrer do que abdicar do gel que impedia que os meus cabelos se transformassem num ninho de ratos eriçado. Mas e o resto - perder a variedade estonteante de cereais da secção da mercearia, por exemplo? Não poder receber uma chamada telefónica?

Claro, já há tanto tempo que não tinha uma relação íntima com um homem que já tinha teias de aranha entre as pernas, mas como seria deixar de ser tocada casualmente, até mesmo um aperto de mão?

Aposto que não ia sentir falta de discutir com a minha mãe.

De repente um par de botas apareceu no chão à minha frente.

- Está com azar. Ele está com o conselheiro espiritual - disse o polícia. - O Bourne hoje está muito popular.

- Não faz mal - disse num tom de bazófia. - O conselheiro espiritual pode juntar-se a nós na nossa reunião. - Vislumbrei um leve vestígio de incerteza no rosto do polícia. Não permitir 97

que um recluso se reúna com o seu advogado é algo a evitar a todo o custo, e eu estava a pensar em aproveitar-me disso.

O polícia encolheu os ombros e conduziu-me ao longo do corredor. Acenou com a cabeça para o homem que estava numa cabina de controlo e a porta abriu-se. Entrámos numa pequena câmara intermédia de metal, e sustive a respiração quando a porta de aço deslizou até fechar completamente.

- Sou um pouco claustrofóbica - disse eu. O polícia sorriu.

- Que azar o seu.

A porta interior zuniu e entrámos na prisão.

- Aqui está tudo silencioso - comentei.

- Isso é porque hoje é um dia bom - entregou-me um colete à prova de bala e óculos de protecção e ficou à espera que eu os colocasse. Durante um breve momento, entrei em pânico - e se um colete de homem como este não me servisse? Como isso seria embaraçoso? Mas tinha correias de Velcro e esse problema não se verificou, e assim que estava equipada, a porta para um longo nível abriu-se. - Divirta-se - disse o polícia, e foi nessa altura que me apercebi de que devia entrar sozinha.

Bem, não ia convencer Shay Bourne de que era suficientemente corajosa para lhe salvar a vida se não conseguisse arranjar coragem para entrar por aquela porta.

Ouviram-se gritos e assobios. E eu tinha de encontrar o meu público no nível de segurança máxima da prisão estadual.

- Querida, vieste por minha causa? - Disse um dos homens, e outro baixou as calças para que eu pudesse ver-lhe os boxers, como se estivesse à espera de ver esse tipo de espectáculo a vida inteira. Mantive os olhos fixos no padre que estava à porta de uma das celas.

Devia ter-me apresentado. Devia ter explicado por que razão mentira para entrar nesta prisão.

Mas estava tão nervosa que nada saiu como devia.

- Shay Bourne? - disse eu. - Sei o que pode fazer para conseguir doar os seus órgãos.

O padre franziu-me o sobrolho.

- Quem é a senhora?

- Sou a advogada dele. Virou-se para Shay.

- Pensei que tinha dito que não tinha advogado.

98

Shay inclinou a cabeça. Olhou para mim como se estivesse a farejar por entre os grãos dos meus pensamentos, separando o trigo do joio.

- Deixe-a falar - disse ele.

O meu laivo de coragem alargou-se a seguir a isso: deixando o padre com Shay, voltei para junto dos polícias e exigi uma sala privada de conferências para as reuniões dos reclusos com os advogados. Expliquei que, legalmente, tinham de me disponibilizar uma e que, devido à natureza da nossa conversa, o padre devia ser autorizado a assistir à reunião. Então o padre e eu fomos conduzidos para dentro de um pequeno cubículo de um lado, enquanto Shay foi escoltado por dois guardas por uma entrada diferente. Quando a porta se fechou, encostou-se a ela, enfiando as mãos pela abertura para que lhe retirassem as algemas.

- Muito bem - disse o padre. - O que se passa? Ignorei-o e virei-me para Shay.

- Chamo-me MAGGIE Bloom. Sou advogada da União Americana pelas Liberdades Civis, e acho que sei como o salvar da execução.

- Obrigado - disse ele -, mas não é isso que quero. Fiquei a olhar para ele.

- O quê?

- Não preciso de me salvar totalmente. Só o meu coração.

- Não... não compreendo - disse eu devagar.

- O que o Shay quer dizer - disse o padre -, é que está resignado com a sua execução. Só quer doar os seus órgãos depois.

- Quem é o senhor, concretamente? - perguntei.

- Sou o padre Michael Wright.

- E é o conselheiro espiritual dele?

- Sou.

- Desde quando?

- Desde dez minutos antes de a senhora se tornar advogada dele - disse o padre.

Virei-me novamente para Shay.

- Diga-me o que quer.

- Quero dar o meu coração à Claire Nealon. Quem diabo era a Claire Nealon?

- E ela quer o seu coração?

99

Olhei para Shay e depois olhei para Michael, e apercebi-me de que tinha feito precisamente a pergunta que ninguém se lembrara de fazer até então.

- Não sei se ela o quer - disse Shay -, mas precisa dele.

- Bem, já alguém falou com ela? - virei-me para o padre Michael. - Não é essa a sua função?

- Olhe - disse o padre -, o Estado tem de o executar com uma injeção letal. E se isso acontecer, a doação de órgãos não é viável.

- Não necessariamente - disse eu devagar.

Um advogado não pode interessar-se mais pelo caso do que o cliente. Se não conseguia convencer Shay a entrar numa sala de audiências esperando que lhe poupassem a vida, então seria um disparate levar isto adiante. Contudo, se a sua missão de doar o seu coração se encaixasse na minha - abolir a pena de morte - então porque não usar a mesma lacuna na lei para obter o que ambos desejávamos? Eu podia lutar para que ele morresse nas condições por ele estabelecidas - doar os seus órgãos - e durante o processo, alertar a consciência das pessoas relativamente à pena de morte para que um maior número delas tomasse posição contra ela.

Olhei para o meu novo cliente e sorri.

MICHAEL

A louca que interrompeu a nossa sessão de aconselhamento pastoral estava agora a prometer a Shay Bourne finais felizes que não podia concretizar.

- Preciso de fazer um pouco de pesquisa - explicou ela. Voltarei daqui a alguns dias.

Shay, entretanto, olhava para a advogada como se ela tivesse acabado de lhe oferecer a Lua.

- Mas acha... acha que eu vou poder doar-lhe o meu coração?

- Sim - disse ela. - Talvez.

Sim. Talvez. Sinais contraditórios, era o que ela lhe estava a dar. Ou seja, o oposto da minha mensagem: "Deus. Jesus. Um único caminho verdadeiro."

Bateu à janela, com tanta pressa para sair da sala de conferências como tivera de entrar.

Quando um polícia abriu a porta com um zumbido, agarrei-lhe no braço: - Não lhe dê muitas esperanças - sussurrei. Ela ergueu uma sobrancelha.

- Não lhas corte pela raiz.

100

A porta fechou-se atrás de MAGGIE Bloom, e observei-a afastar-se pela janela oblonga da sala de conferências. Através do ténue reflexo, via Shay observá-la também.

- Gostei dela - anunciou.

- Bem - suspirei. - Ainda bem.

- Alguma vez reparou como às vezes é um espelho e outras vezes é um vidro?

Demorei um momento para perceber que estava a referir-se ao reflexo.

- É a forma como a luz incide - expliquei.

- Há luz dentro de um homem de luz - murmurou Shay. - Pode iluminar o mundo inteiro. -

Cruzou o olhar com o meu. - Então, o que estava a dizer que era impossível?

A minha avô era uma católica tão devota que pertencia ao comité de mulheres que vinham limpar a igreja, e às vezes levava-me com ela. Ficava sentado lá atrás, a fazer um engarrafamento de carrinhos Matchbox no genuflexório. Via-a esfregar Murphy Oil Soap nos bancos de madeira cheios de marcas e varrer a nave com uma vassoura; e aos domingos, quando íamos à missa, olhava em seu redor - da entrada, aos tectos abobadados, às velas tremeluzentes - e acenava com a cabeça de satisfação. Por outro lado, o meu avô nunca ia à igreja. Em vez disso, aos domingos, ia à pesca. No Verão, pescava robalos com moscas; no Inverno, abria um buraco no gelo e ficava à espera, bebendo café do termo, com o vapor rodeando-lhe a cabeça como uma auréola.

Só quando fiz doze anos é que me deixaram faltar a uma missa de domingo para ir com o meu avô. A minha avó mandou-me com uma lancheira e um velho boné de baseball para que o sol não me batesse no rosto.

- Talvez consigas fazê-lo ver a razão - disse ela. Já tinha ouvido sermões suficientes para perceber o que acontecia àqueles que não eram verdadeiros crentes, por isso subi para o seu pequeno barco de alumínio e fiquei à espera até pararmos debaixo de um ramo baixo de salgueiro, junto à margem. Tirou uma cana de pesca com uma mosca e deu-ma, e depois começou a fazer lançamentos com a sua velha cana de bambu.

"Um dois três. Um dois três." A pesca com mosca tinha um ritmo, como uma dança de salão.

Esprei até termos ambos desenrolado a longa língua de fio por cima do lago, até as moscas que o meu avô laboriosamente caçara na cave estivessem pousadas ao de leve na superfície.

- Avô - perguntei -, não queres ir para o Inferno, pois não?

- Oh, meu Deus - respondeu ele. - A tua avó obrigou-te a fazer isto?

- Não - menti. - Só não compreendo porque nunca vais à missa conosco.

101

-Tenho a minha própria missa - disse ele. - Não preciso que um homem de colarinho e vestido me diga em que devo e não devo acreditar.

Talvez se fosse mais velho, ou mais esperto, tivesse ficado por ali. Em vez disso, semicerrei os olhos à luz do sol, olhando para o meu avô.

- Mas foi um padre que te casou. Ele suspirou.

- Pois, e até frequentei a escola paroquial, tal como tu.

- O que te fez deixar?

Antes que ele pudesse responder, senti um puxão que era sempre como o dia de Natal, no momento antes de abrir o embrulho maior que estava debaixo da árvore. Puxei o fio, lutando contra o assobio e os esticões do peixe na outra ponta, certo de nunca ter apanhado nada igual. Por fim, emergiu da água, como se estivesse a nascer de novo.

- Um salmão! - exultou o meu avô. - Aí com uns bons cinco quilos... imagina as correntes que teve de subir para vir do oceano até aqui para desovar. - Segurou o peixe no ar, sorrindo.

- Não via um neste lago desde os anos sessenta!

Olhei para o peixe, ainda preso à minha linha, debatendo-se em esplendor. Era prateado, dourado e carmin em simultâneo.

O meu avô segurou no salmão, imobilizando-o o suficiente para retirar a mosca, e voltou a lançar o peixe para o lago. Observámos a bandeira da sua cauda, o seu dorso vermelho ao nadar para longe.

- Quem diz que para encontrarmos Deus num domingo de manhã, devemos ir à igreja? - murmurou o meu avô.

Durante muito tempo após isso, acreditei que o meu avô tinha razão: Deus estava nos pormenores. Mas isso foi antes de aprender que para sermos verdadeiros crentes tínhamos de ir à missa todos os domingos e dias santos, receber a eucaristia, a reconciliação todos os anos, dar dinheiro aos pobres, observar a Quaresma. Ou por outras palavras - podemos dizer que somos católicos, mas se não cumprirmos os requisitos, não somos.

Quando estávamos no seminário, pensei ouvir a voz do meu avô: "Achei que Deus devia amar-nos incondicionalmente. Para mim essas são demasiadas condições."

A verdade é que deixei de ouvir.

Quando saí da prisão, a multidão que estava lá fora tinha-se multiplicado. Estavam lá os doentes, os fracos, os velhos e os famintos, mas também estava lá um pequeno grupo de freiras de um convento no Maine, e um coro a cantar "Santo, Santo, Santo. Fiquei 102

surpreendido pela forma como um boato sobre um suposto milagre podia trazer ali tantos convertidos, tão depressa.

- Estão a ver? - disse uma mulher, apontando para mim. - Até o padre Michael está aqui.

Pertencia à paróquia, e o filho tinha fibrose quística. Ele também estava ali, de cadeira de rodas empurrada pelo pai.

- Então é verdade? - perguntou o homem. - Este homem faz mesmo milagres?

- Deus faz - disse eu, interceptando essa pergunta pelo caminho. Pousei a mão na testa do rapaz. - São João de Deus, santo padroeiro dos doentes, peço que intercedeis para que o Senhor tenha piedade desta criança e lhe devolva a saúde. Peço-vos isto em nome de Jesus.

"Não em nome de Shay Bourne" pensei.

- Ámen - murmuraram os pais.

- com licença - disse, virando costas.

As hipóteses de Shay Bourne ser Jesus eram iguais às de eu ser Deus. Estas pessoas, estes falsos devotos, não conheciam Shay Bourne - nunca viram Shay Bourne. Estavam a colocar o rosto do Salvador num homem que costumava falar sozinho; um homem cujas mãos estavam cobertas do sangue de dois inocentes. Estavam a confundir espectáculo e eventos inexplicados com divindade. Um milagre só era um milagre até se provar o contrário.

Comecei a abrir caminho através da multidão, caminhando na direcção oposta, para longe dos portões da prisão, um homem com uma missão. MAGGIE Bloom não era a única que podia pesquisar.

MAGGIE

Em retrospectiva, teria sido muito mais simples telefonar para um médico que pudesse explicar-me os meandros da doação de órgãos. Mas podia demorar uma semana até que um médico muito ocupado me devolvesse o telefonema, e o caminho da prisão para minha casa contornava o hospital de Concord, e eu ainda estava inundada de um íntegro fervor legal. São estas as únicas explicações que posso arranjar para ter decidido ir ao serviço de urgências.

Quanto mais depressa conseguisse falar com um especialista, mais depressa poderia começar a construir o caso de Shay.

103

Contudo, a enfermeira de triagem - uma mulher corpulenta de cabelos grisalhos que parecia um navio de guerra - comprimiu a boca numa linha plana quando lhe pedi para falar com um médico.

- Qual é o seu problema? - perguntou ela.

- Tenho algumas perguntas...

- A senhora e toda a gente que está naquela sala de espera, mas antes terá de explicar-me a natureza da sua doença.

- Oh, eu não estou doente... Olhou em meu redor.

- Então onde está o paciente?

- Está na prisão estadual.

A enfermeira abanou a cabeça.

- O paciente tem de estar presente para se fazer o registo. Achei difícil de acreditar, com certeza alguém que estivesse inconsciente devido a um acidente de automóvel não tinha de ficar à espera no corredor até chegar alguém que conseguisse dizer o seu número de utente.

- Estamos muito ocupados - disse a enfermeira. - Quando o paciente chegar, venha aqui outra vez.

- Mas eu sou advogada...

- Então processe-me - retorquiu a enfermeira.

Regressei à sala de espera e sentei-me ao lado de um estudante universitário com uma toalha ensanguentada enrolada em volta da mão.

- Uma vez aconteceu-me isso - disse eu. - A cortar um pãozinho.

Ele virou-se para mim.

- Parti o vidro de uma janela com um soco porque a minha namorada estava na cama com o meu colega de quarto.

Apareceu uma enfermeira.

- Whit Romano? - disse ela, e o rapaz levantou-se.

- Boa sorte com isso - disselhe quando se ia embora, e passei os dedos pelos cabelos, reflectindo. Deixar uma mensagem à enfermeira não me garantia que um médico a fosse ver em determinada altura durante o próximo milénio: tinha de arranjar outra maneira de entrar.

104

Passados cinco minutos estava novamente diante do navio de guerra.

- O paciente chegou? - perguntou ela.

- Bem. Sim. Sou eu.

Pousou a caneta.

- Agora já está doente. Há bocado não estava. Encolhi os ombros.

- Acho que deve ser uma apendicite... A enfermeira franziu os lábios.

- Sabe que lhe cobraremos cento e cinquenta dólares por uma visita às urgências, mesmo que forjada.

- Quer dizer que o seguro não...

- Não.

Lembrei-me de Shay, do som que aquelas portas de aço faziam ao fechar-se na prisão.

- É a minha barriga. Tenho dores agudas.

- De que lado?

- Do esquerdo...? - a enfermeira semicerrou os olhos. - Quero dizer, do outro lado esquerdo.

- Sente-se - disse ela.

Instalei-me de novo na sala de espera e li dois números da People quase tão velhos como eu antes de ser chamada para a sala de exame. Uma enfermeira - mais nova, de bata cor-de-rosa - mediu-me a tensão arterial e a temperatura. Anotou a minha história de saúde, enquanto mentalmente verificava que podíamos enfrentar um processo-crime por falsificar os nossos próprios registos médicos.

Estava deitada na mesa de exame a olhar para um póster de Onde Está o Wally? que estava no tecto, quando o médico entrou.

- Sr.a Bloom? - disse ele.

Bem, vou dizer directamente - ele era um espanto. Tinha cabelos negros e olhos da cor dos mirtilos que cresciam no jardim dos meus pais - quase púrpura a uma determinada luz, e translúcidos no instante seguinte. Podia ter-me cortado ao meio com o seu sorriso. Tinha uma bata branca e uma camisa de ganga com uma gravata cheia de Barbies estampadas.

Provavelmente também tinha uma em carne e osso em casa uma noiva 86-60-86 com um curso de medicina e direito, ou de astrofísica e ciência política.

105

A nossa relação estava terminada sem que eu lhe tivesse dito uma palavra.

- A senhora é a Sr.a Bloom?

Como é que não tinha reparado naquele sotaque britânico?

- Sim - disse eu, desejando ser tudo menos isso.

- Sou o Dr. Gallagher - disse ele, sentando-se num banco. Porque não me diz o que sente?

- Bem - comecei a dizer. - Na verdade sinto-me bem.

- Para que saiba, a apendicite classifica-se como uma "enfermidade grave".

Enfermidade. Que amoroso! Apostava que também dizia coisas como por obséquio e ascensor.

- Vamos examiná-la - disse ele. Levantou-se e enfiou o estetoscópio nos ouvidos, depois meteu-o debaixo da minha camisola. Não conseguia lembrar-me da última vez em que um homem tinha metido a mão debaixo da minha camisola.

- Respire - disse ele. Pois, está bem.

- A sério - disse eu. - Não estou doente.

- Se pudesse deitar-se...?

Isso bastou para me trazer de volta à realidade. Assim que me apalpasse o estômago, não só ia perceber que não tinha uma apendicite... como também era provável que conseguisse descobrir que tinha comido aqueles dois donuts no Dunkin Donuts ao pequeno-almoço, quando toda a gente sabe que eles demoram três dias cada um - a digerir.

- Não tenho apendicite - disse abruptamente. - Só disse à enfermeira que tinha porque queria falar com um médico durante alguns minutos...

- Muito bem - disse ele suavemente. - vou chamar a Dr.a Tawasaka. Tenho a certeza de que ela falará consigo sobre aquilo que quiser... - Enfiou a cabeça pela porta. - Sue? Chama a psiquiatra...

Oh, óptimo, agora pensa que eu tenho um problema mental.

- Não preciso de uma psiquiatra - disse eu. - Sou advogada e preciso de uma opinião médica acerca de um cliente.

Hesitei, à espera que ele chamasse os seguranças, mas em vez disso, sentou-se e cruzou os braços.

106

- Continue.

? - Sabe alguma coisa sobre transplantes cardíacos?

- Um pouco. Mas posso dizer-lhe de imediato que se o seu cliente necessita de um, terá de se registar na Rede Unida para a Partilha de Órgãos e ficar à espera como toda a gente...

- Não precisa de um coração. Quer doar um.

Vi o rosto dele transformar-se ao aperceber-se de que o meu cliente tinha de ser o recluso que estava no corredor da morte. Não havia muitos prisioneiros no New Hampshire a desejar ser doadores de órgãos ultimamente. - Vai ser executado - disse o Dr. Gallagher.

- Sim. Por injeção letal.

- Então não poderá doar o seu coração. Um dador tem de estar em morte cerebral; a injeção letal provoca morte cardíaca. Por outras palavras, assim que o coração do seu cliente deixar de bater durante a execução, não irá funcionar em mais ninguém.

Eu sabia isto; o padre Michael dissera-me isto, mas eu não quis acreditar.

- Sabe o mais interessante? - disse o médico. - Acho que é o potássio que é utilizado na injeção letal, a substância química que faz parar o coração. É a mesma substância química que utilizamos na solução cardioplégica, e em que é mergulhado o coração do dador imediatamente antes de ser transplantado no peito do paciente. Mantém o coração parado enquanto não está a receber um fluxo sanguíneo normal, até estar terminada a sutura - olhou para mim. - Imagino que a prisão não aceitasse uma cardiectomia, a remoção do coração, como método de execução?

Abanei a cabeça.

- A execução tem de ocorrer dentro da prisão.

Ele encolheu os ombros.

- Nem acredito que estou a dizer isto, mas é pena que já não utilizem um esquadrão de fuzilamento. Um tiro certo poderia fazer de um recluso o dador de órgãos perfeito. Até o enforcamento serviria, se pudéssemos colocar um aparelho de respiração artificial após ter sido confirmada a morte cerebral. Estou habituado a salvar pacientes, e não a matá-los em teoria.

- Compreendo.

- Por outro lado, mesmo que pudesse doar o coração, o mais provável era ser demasiado grande para o corpo de uma criança. Já alguém referiu esse assunto?

Abanei a cabeça, sentindo-me ainda pior relativamente às hipóteses que Shay tinha.

107

O médico olhou para cima.

- A má notícia, lamento dizer, é que o seu cliente está com azar.

- Há alguma boa notícia?

- Claro que sim - sorriu o Dr. Gallagher. - A senhora não tem apendicite, Sr.a Bloom.

- Eis a questão - disse a Oliver, depois de trazer para casa comida chines suficiente para alimentar uma família de quatro pessoas (podia-se guardar as sobras, e Oliver gostava mesmo de mu shu de legumes, ainda que a minha mãe dissesse que os coelhos não comiam comida a sério). - Há sessenta e nove anos que ninguém é executado no Estado do New Hampshire. Presumimos que a injeção letal é o único método, mas isso não significa que tenhamos razão.

Agarrei na embalagem de chau min e enfiei a massa chinesa na boca.

- Sei que está aqui algures - disse entre dentes enquanto o coelho saltava por cima de outra pilha de textos jurídicos espalhados no chão da sala de estar. Não tinha por hábito ler o Código Penal do New Hampshire; percorrer as secções e sub-secções era como navegar em melaço. Voltava uma página, e aquilo que tinha lido há um instante atrás desaparecia ao longo do texto.

Morte.

Pena de morte.

Homicídio em primeiro grau.

Injecção letal.

630:5 (XXIII). Por imposição da pena de morte, a sentença deverá ser que o arguido seja encarcerado na prisão estadual de Concord até ao dia marcado para a sua execução, que não deverá ocorrer no prazo de um ano a seguir ao dia em que a sentença for decretada.

Ou no caso de Shay, onze anos.

A pena de morte deverá ser infligida por administração intravenosa contínua de uma quantidade letal de barbiturato de acção ultra-rápida, combinado com um agente químico paralisante até que a morte seja pronunciada por um médico licenciado, segundo os padrões reconhecidos pela prática de medicina.

Tudo o que eu sabia sobre a pena de morte tinha aprendido na União Americana pelas Liberdades Civis. Antes de trabalhar ali, não pensava muito na pena de morte, excepto quando alguém era executado e a comunicação social fazia uma história monumental desse assunto. Agora sabia os nomes daqueles que tinham sido mortos. Ouvira falar dos seus 108

recursos de última hora. Sabia que, depois de mortos, descobria-se que alguns reclusos eram inocentes.

A injecção letal devia ser como abater um cão - uma sonolência que nos subjugava, e depois nunca mais acordávamos. Sem dor, sem tensão. Era um cocktail de três drogas: pentotal sódico, um sedativo para pôr o recluso a dormir; Pavulon, para paralisar o sistema muscular e parar a respiração e cloreto de potássio para parar o coração.

O pentotal sódico é de acção ultra rápida - o que significa que é possível recuperar muito depressa dos seus efeitos. Também significa que o indivíduo pode ter sensibilidade nos nervos, mas estar suficientemente sedado para ser incapaz de comunicar ou mexer-se.

O jornal de medicina britânico Lancel publicou em 2005 um estudo dos relatórios de toxicologia de quarenta e nove reclusos executados em quatro estados dos EUA; quarenta e três dos reclusos apresentavam um nível de anestesia inferior ao necessário para cirurgia, e vinte e um apresentavam níveis que indicavam consciência.

Os anestesistas dizem que se uma pessoa estiver consciente no momento em que o cloreto de potássio for administrado, este seria como óleo a ferver nas veias. Um recluso podia sentir-se como se estivesse a ser queimado vivo por dentro, mas ser incapaz de se mexer ou falar devido à paralisia muscular causada pelas outras duas drogas. O Supremo Tribunal chegou a ter dúvidas: embora tivesse deliberado que a pena capital era constitucional, suspenderam as execuções de dois reclusos devido a um assunto mais específico: se a dor excessiva provocada pela injecção letal seria uma infracção dos direitos civis que pudesse ser discutida num tribunal inferior. Ou - para simplificar - a injecção letal podia não ser tão humana como toda a gente desejava acreditar.

630:5 (XIV): O comissário prisional ou o seu representante deverão determinar a substância ou substâncias a ser utilizadas e os procedimentos a seguir em qualquer execução, desde que se por alguma razão o comissário determinar ser impraticável a pena de morte por administração da substância ou substâncias letais necessárias, a sentença de morte deve ser executada por enforcamento ao abrigo da lei relativa à pena de morte por enforcamento em vigor a partir de 31 de Dezembro de

1986.

Oliver instalou-se no meu colo enquanto eu relia as palavras. Shay não tinha de ser executado por injeção letal, se eu conseguisse levar o comissário - ou um tribunal - a declará-la impraticável. Se juntarmos a isso a Lei de Uso Religioso de Terrenos e Pessoas Institucionalizadas - a lei que dizia que as liberdades religiosas de um prisioneiro tinham de ser protegidas na prisão - e se conseguisse provar que a doação de órgãos fazia parte das crenças religiosas de Shay que lhe trariam a redenção, então a injeção letal era impraticável.

Nesse caso, Shay seria enforcado. E - era este o verdadeiro milagre - segundo o Dr. Gallagher, isso significava que Shay Bourne podia doar o seu coração.

LUCIUS

No dia em que o padre voltou, estava a trabalhar nos pigmentos. A minha substância preferida era o chá - deixava uma mancha cuja intensidade podia variar de quase branco a castanho-amarelado. Os M&M, eram vibrantes, mas eram os mais difíceis de trabalhar.

tínhamos de humedecer uma cotonete e esfregá-la na superfície do M&MM, não podíamos limitar-nos a embeber o pigmento como estava a fazer esta manhã com Skittles.

Coloquei a minha tampa de frasco em cima da mesa e acrescentei cerca de quinze gotas de água morna. A seguir coloquei o Skittle verde, e fi-lo rolar com o dedo, observando a cobertura de corante alimentar sair. O truque era retirar o rebuçado assim que comesse a ver o açúcar branco debaixo da cobertura - se o açúcar se derretesse na tinta, não resultaria tão bem.

Enfie o rebuçado desbotado na boca - ultimamente já conseguia fazê-lo, visto as aftas terem desaparecido. Enquanto o chupava, despejei o conteúdo da tampa (verde, como a erva sobre a qual não andava descalço há anos; como a cor da selva; como os olhos de Adam) para dentro de um frasco de aspirina para o guardar. Mais tarde, podia variar o pigmento com um pouco de pasta de dentes branca, diluindo-o em água para obter o tom certo.

Era um processo laborioso, mas por outro lado... eu tinha tempo. Estava prestes a repetir a proeza com um rebuçado amarelo rendia uma quantidade de tinta quatro vezes superior a um Skittle - quando o padre de Shay se aproximou da porta da minha cela com o seu colete à prova de bala. Naturalmente, tinha visto o padre por breves instantes no dia em que visitou Shay pela primeira vez, mas apenas à distância. Agora, que estava directamente em frente à minha cela, via que era mais novo do que eu julgara, com um cabelo que sem dúvida não parecia o de um padre e olhos tão suaves como flanela cinzenta.

- O Shay foi cortar o cabelo - disse eu, porque era o dia do barbeiro, e foi para lá que o levaram há cerca de dez minutos.

- Eu sei, LUCIUS - disse o padre. - Foi por isso que pensei que podia falar consigo.

Deixem-me que vos diga, a última coisa que desejava fazer era conversar com um padre. Não tinha pedido um, certamente, e segundo a minha experiência anterior, os sacerdotes apenas queriam dar-me um sermão sobre como ser gay era uma escolha, e como Deus me amava (mas não o meu hábito incómodo de apaixonar-me por outros homens).

Shay tinha regressado à sua cela convencido de que a sua nova equipa - uma advogada e este padre - ia mover montanhas pela sua causa, mas isso não significava que eu partilhasse o seu entusiasmo. Apesar de estar encarcerado há onze anos, Shay ainda era o recluso mais ingénuo que alguma vez conheci. Ainda ontem à noite, por exemplo, discutiu com os guardas

prisionais porque era o dia de lavar roupa e tinham-lhe trazido lençóis limpos, que Shay se recusou a colocar na cama. Disse que conseguia sentir a lixívia, e insistiu em dormir no chão da cela.

- Agradeço-lhe por aceitar falar comigo, LUCIUS - disse o padre. - Fico satisfeito por ver que ultimamente se tem sentido melhor.

Fiquei a olhar para ele, desconfiado.

- Há quanto tempo conhece o Shay? Encolhi os ombros.

- Desde que o colocaram na cela ao lado da minha há algumas semanas.

- Nessa altura já falava em doar órgãos?

- De início não - disse eu. - Depois teve um ataque e foi transferido para a enfermaria.

Quando regressou, só falava em doar o coração.

- Teve um ataque? - repetiu o padre, e consegui perceber que para ele isto era uma novidade.

- Voltou a ter mais algum desde essa altura?

Inclinei-me para trás.

- Porque não pergunta isso ao Shay?

- Queria ouvir o que tinha para dizer.

- O que o senhor quer - corriji - é que eu lhe diga se ele realmente faz ou não faz milagres.

O padre acenou com a cabeça devagar.

- Acho que é verdade.

Algumas Informações já tinham sido comunicadas à imprensa; suponho que o resto acabaria por ser revelado mais tarde ou mais cedo. Contei-lhe o que tinha visto com os meus próprios olhos, e quando terminei, o padre Michael franzia ligeiramente a testa.

- Ele anda por aí a dizer que é Deus?

- Não - graciei. - O Crash é que anda.

- LUCIUS - perguntou o padre -, acredita que Shay é Deus?

- Tem de recuar um pouco, padre, porque eu não acredito em Deus. Deixei de acreditar mais ou menos na altura em que um dos seus prezados colegas me disse que a SIDA era o meu castigo por pecar - para ser sincero, dividi a religião entre secular e não secular; escolhendo concentrar-me na beleza de um Caravaggio sem reparar na Madonna e no menino; ou encontrar a melhor receita de borrego para um sumptuoso jantar de Páscoa, sem pensar na 111

Paixão. A religião dava esperança a pessoas que sabiam que o fim não seria bonito de se ver.

Era por isso que os reclusos começavam a rezar na prisão e os pacientes começavam a rezar quando os médicos diziam a palavra "terminal". A religião devia ser um cobertor puxado até ao queixo para nos manter quentes, uma promessa de que quando o fim chegasse, não morreríamos sozinhos - mas podia igualmente deixar-nos a tremer ao frio, se aquilo em que acreditássemos se tornasse mais importante do que o facto de acreditarmos.

Fiquei a olhar para ele.

- Não acredito em Deus. Mas acredito no Shay.

- Obrigado pelo seu tempo, LUCIUS - disse o padre num tom suave, e caminhou ao longo do nível 1.

Podia ser um padre, mas estava à procura dos seus milagres no sítio errado. Aquele dia com a pastilha elástica, por exemplo. Vi a reportagem no noticiário - anunciaram que Shay agarrara num pequeno rectângulo de pastilha elástica Bazooka e a multiplicara. Mas se perguntassem a alguém que tivesse estado lá - como eu, ou Crash, ou Texas - ficariam a saber que de repente não havia sete pastilhas elásticas. Era mais assim: quando pescávamos a pastilha por baixo da porta das nossas celas, em vez de tirarmos o máximo que podíamos, contentávamo-nos com menos.

A pastilha elástica multiplicou-se por magia. Mas nós - abertamente gananciosos - tivemos em conta as necessidades dos outros sete homens e nesse instante verificámos que eram tão válidas como as nossas.

O que, se me perguntarem, foi um milagre ainda maior.

MICHAEL

O Santo Padre tem um gabinete inteiro no Vaticano dedicado a analisar alegados milagres e a avaliar a sua autenticidade. Escrutinam estátuas e bustos, detectam óleo aromático nas paredes a emanar aroma de rosas. A minha experiência não se comparava à daqueles padres, mas por outro lado, havia uma multidão de quase quinhentas pessoas à porta da prisão estadual a chamar Shay Bourne de salvador - e eu não ia deixar que as pessoas virassem costas a Jesus com essa facilidade.

Para isso, estava agora instalado num laboratório no campus de Dartmouth, com um estudante de mestrado chamado Ahmed que tentava explicar-me os resultados da análise que tinha feito à amostra de solo recolhida junto aos canos que conduziam ao nível 1.

- A prisão não conseguiu obter uma explicação conclusiva porque estavam à procura dela dentro dos canos, e não fora deles disse Ahmed. - Por isso a água apresentou resultados 112

positivos de uma substância semelhante a álcool, mas apenas em certos canos. E nunca adivinharia o que cresce junto a esses canos: centeio.

- Centeio? O cereal?

- Pois - disse Ahmed. - O que explica a concentração de cravagem presente na água. É uma doença do centeio provocada por um fungo. Não sei o que a provoca, não sou botânico, mas aposto que está relacionada com a quantidade de chuva que tivemos, e havia uma racha muito fina na canalização, descoberta quando investigaram pela primeira vez, que explica a transmissão. A cravagem foi o primeiro tipo de guerra química. Os assírios utilizaram-na no século VII a. C. para envenenar reservatórios de água - sorriu. Tenho um curso de química e outro de civilizações antigas.

- É mortal?

Ahmed encolheu os ombros.

- Em doses repetidas. Mas de início, é um alucinogénio semelhante ao LSD.

- Então, os prisioneiros do nível 1 podiam não estar embriagados... - disse eu cautelosamente.

- Correcto - respondeu Ahmed. - Apenas a alucinar. Virei o tubo de ensaio contendo a amostra de solo.

- Acha que a água ficou contaminada?

- Seria o meu palpito.

Mas Shay Bourne, na prisão, não poderia saber que havia um fungo a crescer junto aos canos que conduziam ao nível 1, pois não?

De repente lembrei-me de outra coisa: na manhã seguinte, aqueles mesmos reclusos do nível 1 tinham ingerido aquela mesma água e não se comportaram de forma invulgar.

- Então como ficou contaminada?

- Ora isso - disse Ahmed -, é que ainda não sei bem.

- Existem várias razões para um doente de SIDA em estado avançado com uma contagem de CD4 particularmente baixa e carga viral elevada pudesse subitamente apresentar melhorias -

disse o Dr. Perego. Especialista em doenças auto-imunes do Centro Médico Dartmouth-Hitchcock, também era médico de doentes com VIH SIDA da prisão estadual e sabia tudo sobre LUCIUS e a sua recuperação. Não tinha tempo para uma conversa informal, mas estava disposto a conversar e eu quisesses acompanhá-lo desde o seu consultório até uma reunião na outra ponta do hospital: desde que percebesse que ele não podia violar a confidencialidade de médico para paciente. - Se um paciente estiver a armazenar 113

medicamentos, por exemplo, e subitamente decidir começar a tomá-los, as feridas desaparecerão e

a saúde melhorará. Embora retiremos sangue aos pacientes de SIDA de três em três meses, por vezes aparece um que se recusa a que lhe retirem sangue e, mais uma vez, aquilo que parece ser uma melhoria súbita é na realidade uma recuperação lenta.

- Alma, a enfermeira da prisão, disse-me que já não retirava sangue a LUCIUS há mais de seis meses - disse eu.

- O que significa que não podemos saber ao certo qual era a sua contagem viral recente - chegámos à sala de conferências. Médicos de bata branca entravam na sala, ocupando os seus lugares. - Não tenho a certeza do que desejava ouvir - disse o Dr. Perego, sorrindo apologeticamente. - Que ele é especial... ou que não é.

- Também não tenho a certeza - admiti, e apertei-lhe a mão. Obrigado pelo seu tempo.

O médico seguiu para a reunião, e comecei a dirigir-me para o fundo do corredor, para o estacionamento. Estava à espera do elevador, sorrindo para um bebé que estava num carrinho com um penso debaixo do olho esquerdo, quando senti uma mão no meu ombro. O Dr.

Perego estava ali de pé.

- Ainda bem que o apanhei - disse ele. - Tem um minuto?

Observei a mãe do bebé empurrar o carrinho para dentro do elevador escancarado.

- Claro.

- Isto é o que eu não lhe disse - disse o Dr. Perego. - E não o ouviu da minha boca.

Acenei com a cabeça, compreendendo.

- O VIH provoca deficiência cognitiva - uma perda permanente de memória e de concentração. Podemos ver isto literalmente numa ressonância magnética, e o exame ao cérebro do DuFresne mostrou danos irreparáveis quando chegou à prisão estadual. No entanto, ontem ele fez outra ressonância magnética ao cérebro, que demonstra uma reversão dessa atrofia - olhou para mim, à espera que a informação assentasse. - Já não existem provas físicas de demência.

- O que poderia causar isso?

- Absolutamente nada. É por isso que se diz que é uma perda permanente - o Dr. Perego abanou a cabeça. - Isso - disse ele - é um milagre.

Da segunda vez que fui visitar Shay Bourne, ele estava deitado no catre, a dormir. Não querendo incomodá-lo, comecei a recuar, mas ele falou comigo sem abrir os olhos.

- Estou acordado - disse ele. - E o senhor?

114

- Da última vez que verifiquei, estava - respondi. Sentou-se, balançando as pernas para o lado do catre.

- Uau. Sonhei que era atingido por um relâmpago e, de repente, era capaz de localizar qualquer pessoa no mundo, a qualquer altura. Então o governo fez um acordo comigo: se encontrasse o Bin Laden, era um homem livre.

- Costumava sonhar que tinha um relógio e que, ao atrasar os ponteiros, podia recuar no tempo - disse eu. - Sempre quis ser pirata, ou viking.

- Parece muito sanguinário, para um padre.

- Bem, não nasci de batina. Olhou-me nos olhos.

- Se eu fosse capaz de fazer o tempo voltar para trás, ia à pesca com mosca com o meu avô.

Olhei para cima.

- Também costumava fazer isso com o meu avô.

Interroguei-me como dois rapazes - como Shay e eu - podiam começar as vidas no mesmo ponto e de alguma forma seguir caminhos que os levassem a ser homens tão diferentes.

- O meu avô já faleceu há tanto tempo, mas ainda sinto falta dele - admiti.

- Nunca conheci o meu - disse Shay. - Mas devo ter tido um, não é verdade?

Fiquei a olhar para ele, perplexo. Que tipo de vida teria tido para ter de construir memórias imaginárias?

- Onde cresceu, Shay? - perguntei num tom suave.

- A luz - respondeu Shay, ignorando a minha pergunta. Como é que um peixe sabe onde ela está?

Quero dizer, as coisas movem-se no fundo do oceano, não é? Por isso se regressarmos e tudo estiver mudado, como é que pode ser o mesmo sítio onde estivemos antes?

A porta para o nível 1 zumbiu, e um dos guardas percorreu a passadeira, transportando um banco de metal.

- Aqui tem, padre - disse ele, colocando-o em frente à porta da cela de Shay. - No caso de querer ficar durante mais algum tempo.

Reconheci-o como sendo o homem que me procurara da última vez que estivera aqui, a falar com LUCIUS. A filha dele estava em estado crítico; atribuiu a recuperação dela a Shay.

Agradei-lhe, mas fiquei à espera que se fosse embora para voltar a falar.

- Alguma vez se sentiu como esse peixe?

115

Shay olhou para mim como se eu não conseguisse acompanhar uma conversa linear.

- Que peixe? - disse ele.

- Como se não conseguisse encontrar o caminho de regresso a casa?

Sabia para onde estava a dirigir-me com esta conversa - directamente para a verdadeira salvação - mas Shay desviou-nos do caminho.

-Tinha algumas casas, mas apenas uma era a minha.

Tinha estado em lares de acolhimento; lembrava-me disso do julgamento.

- E onde era?

- Aquela em que a minha irmã estava comigo. Não a vejo desde os dezasseis anos. Desde que me mandaram para a prisão.

Lembrei-me de que ele tinha sido enviado para um centro de detenção juvenil por fogo posto, mas não me lembrava de nenhuma irmã.

- Porque é que ela não esteve presente no seu julgamento? perguntei, apercebendo-me demasiado tarde de que tinha cometido um grande erro, que não tinha razões para saber isso, a menos que estivesse lá.

Mas Shay não reparou.

- Disselhe para se manter afastada. Não queria que ela contasse a ninguém o que fiz -

hesitou. - Quero falar com ela.

- Com a sua irmã?

- Não. Ela não me ia ouvir. A outra. Essa vai ouvir-me, depois de eu morrer. Cada vez que a filha falar - Shay olhou para mim. Sabe que disse que ia perguntar-lhe se ela quer o meu coração? E se eu próprio lhe perguntasse?

Fazer JUNE Nealon visitar Shay na prisão seria como fazer o monte Everest mover-se até Columbus, no Ohio.

- Não sei se isso irá resultar...

Mas por outro lado, talvez ver JUNE em pessoa fizesse Shay ver a diferença entre o perdão pessoal e o perdão divino. Talvez colocar o coração de um assassino no peito de uma criança mostrasse - literalmente - como o bem podia surgir a partir do mal. E a pulsação de Claire traria mais paz a JUNE do que qualquer oração que eu pudesse oferecer.

Talvez Shay soubesse realmente mais acerca da redenção do que eu.

Agora ele estava em frente à parede de tijolos de cimento, passando os dedos pelo cimento como se fosse capaz de ler a história dos homens que viveram aqui antes dele.

- Vou tentar - disse eu.

Uma parte de mim sabia que devia dizer a MAGGIE Bloom que fizera parte do júri que condenou Shay Bourne. Ocultar a verdade a Shay era uma coisa; comprometer o caso legal que MAGGIE estivesse a construir era outra. Por outro lado, competia-me a mim garantir que Shay encontrasse paz em Deus antes de morrer. Assim que contasse a MAGGIE o meu anterior envolvimento com Shay, sabia que ela me diria para desaparecer dali, para arranjar outro consultor espiritual em que a defesa não pudesse encontrar falhas. Rezara muito e durante muito tempo por causa disto e, por agora, ia guardar o meu segredo. Deus desejava que eu ajudasse Shay, ou pelo menos foi isso que disse a mim próprio, porque assim não tinha de admitir que também eu desejava ajudar Shay, depois de o ter abandonado da primeira vez.

Os escritórios da Associação Americana pelas Liberdades Civas situavam-se por cima de uma tipografia e cheirava a tinta fresca e toner. Estavam cheios de plantas em várias fases de morte, e armários de ficheiros ocupavam a maior parte do chão. Uma assistente legal estava sentada na recepção, dactilografando tão furiosamente que quase esperava que o ecrã do seu computador explodisse.

- Como posso ajudá-lo - disse ela, sem se dar ao trabalho de olhar para cima.

- Estou aqui para falar com MAGGIE Bloom.

A assistente legal levantou a mão direita, ainda dactilografando com a esquerda, e espetou um polegar para cima e para a esquerda, dirigi-me para o fundo do corredor, passando por cima de caixas cheias de ficheiros e pilhas de jornais, e encontrei MAGGIE sentada à secretária, escrevendo num bloco jurídico. Ao ver-me, sorriu.

- Olhe - disse ela, como se fôssemos velhos amigos. -Tenho notícias fantásticas. Acho que o Shay pode ser enforcado. - Depois empalideceu. - Não quis dizer notícias fantásticas, propriamente. Quis dizer... bem, o padre sabe o que eu quis dizer.

- Porque haveria ele de querer isso?

- Porque assim poderá doar o seu coração - MAGGIE franziu a testa. - Mas primeiro temos de fazer a prisão aceitar enviá-lo para fazer alguns exames, para termos certeza de que não é demasiado grande para uma criança...

Respirei fundo.

- Olhe. Precisamos de conversar.

117

- Não é muito frequente receber um padre a querer confessar-se. Ela nem sabia da missa a metade. "Isto não gira à tua volta" lembrei-me a mim próprio, e coloquei Shay firmemente no topo das minhas prioridades.

- O Shay quer ser ele próprio a perguntar à JUNE Nealon se ela aceitará o seu coração.

Infelizmente, visitá-lo não faz parte da lista das suas dez prioridades. Gostava de saber se existe alguma espécie de mediação emitida pelo tribunal à qual possamos recorrer.

MAGGIE ergueu uma sobrancelha.

- Acha mesmo que ele é a pessoa mais adequada para lhe transmitir essa informação? Não vejo como isso poderá favorecer o nosso caso...

- Olhe, sei que está a fazer o seu trabalho - disse eu -, mas eu também estou a fazer o meu. E salvar a alma do Shay pode não ser importante para si, mas para mim é crucial. Neste momento, o

Shay pensa que doar o seu coração é a única maneira de se salvar, mas há uma grande diferença entre piedade e salvação.

MAGGIE cruzou as mãos em cima da secretária.

- E qual é ela?

- Bem, a JUNE pode perdoar o Shay. Mas só Deus pode redimi-lo, e isso não tem nada a ver com o facto de ele dar o seu coração. Sim, a doação de órgãos seria um último gesto maravilhoso e altruísta na terra, mas não vai saldar a dívida que ele tem para com a família da vítima, e não é necessário para que ele caia nas boas graças de Deus. A salvação não é uma responsabilidade pessoal. Não temos de obter a salvação. Esta é-nos concedida por Jesus.

- Então - disse ela. - Suponho que não ache que ele é o Messias.

- Não, acho que essa é uma conclusão muito precipitada.

- Está a gastar as suas palavras. Fui educada na fé judaica. As minhas faces flamejaram.

- Não tive intenção de insinuar...

- Mas agora sou ateia.

Abri a boca, e depois fechei-a bruscamente.

- Acredite - disse MAGGIE -, sou a última pessoa no mundo a acreditar que o Shay Bourne é uma encarnação de Jesus...

- Bem, claro que não...

118

-... Mas não por um messias não poder surgir sob a forma de criminoso - esclareceu. - Posso dizer-lhe que neste momento há bastantes pessoas inocentes no corredor da morte neste país.

Não estava disposto a dizer-lhe que sabia que Shay Bourne era culpado. Tinha examinado as provas; tinha ouvido os testemunhos; tinha-o condenado.

- Não se trata disso.

- Então como pode ter tanta certeza de que ele não é o que toda a gente pensa que ele é? -

Perguntou MAGGIE.

- Porque - respondi - Deus teve apenas um filho para nos dar.

- Pois. E, corrija-me se estiver enganada, foi um carpinteiro de trinta e três anos carregando uma sentença de morte, que fazia milagres por toda a parte. Não, tem razão. Não se parece nada com o Shay Bourne.

Pensei naquilo que tinha ouvido Ahmed e o Dr. Perego dizerem. Os ditos milagres de Shay não se pareciam nada com os de Jesus... ou pareciam-se? Transformar água em vinho.

Alimentar muitos com quase nada. Curar o s doentes. Fazer o s cegos - o u neste caso os preconceituosos - verem.

Tal como Shay, Jesus não tirou vantagem dos seus milagres. Tal como Shay, Jesus sabia que ia morrer. E a Bíblia até dizia que Jesus devia regressar. Mas embora o Novo Testamento fosse muito claro sobre isso ir acontecer, é um pouco impreciso em relação aos pormenores: quando, porquê, como.

- Ele não é Jesus.

- Muito bem.

- Não é - insisti. MAGGIE levantou as mãos. -Já percebi.

- Se ele fosse Jesus... se este fosse o Segundo Advento... bem, haveria êxtases, e destruição, e ressurreições, e não estaríamos aqui sentados a ter esta conversa normal.

Por outro lado, não havia nada na Bíblia que dissesse que antes do Segundo Advento, Jesus não aparecesse para ver como estavam as coisas aqui na terra.

Imagino que nesse caso faria sentido aparecer incógnito - disfarçar-se como a última pessoa que

alguém pudesse pensar que era o Messias.

Por amor de Deus, mas que ideia? Abanei a cabeça, para desanuviar.

- Deixe-o encontrar-se com a JUNE Nealon antes de formular o pedido para a doação de órgãos, é só o que lhe peço. Quero o mesmo que a MAGGIE: que a voz do Shay seja ouvida, que a menina se salve e que a pena de morte seja posta em causa. Também quero assegurar-119

me de que se e quando o Shay doar o seu coração o faça pelas razões certas. E isso significa separar a saúde espiritual do Shay da componente legal de toda esta confusão.

- Eu consigo fazer isso - disse MAGGIE. - É o ponto central do meu caso. Olhe, a mim não me interessa que pense que o Shay é Jesus ou que o Shay pense que é Jesus ou que simplesmente está doido. O que me interessa é que os direitos do Shay não sejam postos de lado no grande mecanismo da pena de morte, e se tiver de recorrer ao facto de as outras pessoas aparentemente pensarem que ele tem Deus do seu lado, então fá-lo-ei.

Ergui uma sobrancelha.

- Está a usar o Shay para colocar em evidência um assunto que acha repreensível, na esperança de conseguir mudá-lo.

- Bem - disse MAGGIE, corando. - Suponho que isso seja verdade.

- Então como pode censurar-me por ter um objetivo devido às minhas crenças?

MAGGIE levantou os olhos e suspirou.

- Há uma coisa que se chama justiça reparadora - disse ela. Não sei se a prisão sequer o permitirá, e muito menos o Shay ou os Nealon. Mas isso permitiria ao Shay sentar-se numa sala com a família das vítimas e pedir-lhes perdão.

Expirei o ar que não tinha consciência de estar a suster.

- Obrigado - disse eu.

MAGGIE agarrou na caneta e começou novamente a escrever no seu bloco jurídico.

- Não me agradeça. Agradeça à JUNE Nealon, se conseguir que ela aceite fazer isso.

Motivado, saí dos escritórios da União Americana pelas Liberdades Cívicas, e depois detive-me.

- É o que deve ser feito. MAGGIE não olhou para cima.

- Se a JUNE não aceitar encontrar-se com ele - disse ela -, vou mover o processo na mesma.

JUNE

De início, quando a advogada de apoio às vítimas me perguntou se aceitava comparecer a uma reunião de justiça reparadora com Shay Bourne, desatei a rir.

- Pois - disse eu. - E talvez depois disso pudessem mergulhar-me em óleo a ferver ou esquartejar-me.

120

Mas ela estava a falar a sério, tal como eu quando recusei. A última coisa no mundo que eu desejava era sentar-me junto daquele monstro para fazê-lo sentir-se melhor consigo próprio e poder morrer em paz.

Kurt não morreu em paz. Porque haveria ele de morrer?

Achei que o assunto estava encerrado, até uma manhã em que ouvi alguém bater à porta.

Claire estava deitada no sofá com Dudley enrolado aos seus pés, a ver a Game Show Network. Passávamos os dias à espera de um coração com os estores fechados, ambas fingindo que não queríamos ir a lado nenhum, quando, na verdade, nenhuma de nós aguentava ver como as mais pequenas deslocações deixavam Claire exausta.

- Eu vou lá - gritou ela, embora ambas soubéssemos que não podia ir e não iria. Pousei a faca que estava a usar para cortar aipo na cozinha e limpei as mãos às calças de ganga.

- Aposto que é aquele tipo sinistro que estava a vender revistas - disse Claire quando passei por ela.

- Aposto que não - era um rapaz alto e forte do Utah, a angariar assinaturas para ajudar a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Eu estava lá em cima a tomar duche; Claire falou com ele através da porta, o que lhe valeu um grande sermão. Foi aquela palavra Santos que a intrigou; não sabia que era uma palavra bonita para designar Mórmon. Sugeriu que ele experimentasse uma cidade onde não tivesse ocorrido um duplo homicídio cometido por um jovem que tinha andado de porta em porta à procura de trabalho, e depois de ele ter ido embora telefonei para a polícia.

Não, tinha a certeza de que não era o mesmo homem.

No entanto, para minha surpresa, estava um padre no meu alpendre. A sua moto estava estacionada na minha via de acesso. Abri a porta e tentei sorrir educadamente.

- Acho que se enganou na casa.

- Tenho a certeza de que não, Sr.a Nealon - respondeu. - Sou o padre Michael, de St. Catherine. Gostaria de falar consigo durante alguns minutos.

- Desculpe... eu conheço-o? Hesitou.

- Não - disse ele. - Mas gostava de alterar essa situação.

A minha inclinação natural era bater com a porta. (Seria um pecado mortal? E isso interessava, se nem acreditava em pecados mortais?) Era capaz de referir o momento exato em que desisti da religião. Embora nunca tivesse sido católica, Kurt era. Batizámos a Elizabeth, e um padre presidiu à cerimónia dos seus funerais. Depois disso, prometi a mim própria que nunca mais colocaria os pés numa igreja, que Deus não podia fazer nada por mim 121

para compensar a minha perda. Contudo, este padre era um desconhecido. Tanto quanto sabia, o mais importante não era salvar a minha alma, mas salvar a vida de Claire. E se este padre soubesse da existência de um coração de que a Rede Unida para Partilha de Órgãos não tivesse conhecimento?

- A casa está um caos - disse eu, mas abri a porta para que ele pudesse entrar. Parou quando passámos pela sala de estar, onde Claire estava a ver televisão. Claire virou-se, com o seu rosto magro

e pálido a erguer-se como uma lua por cima das costas do sofá. - Esta é a minha filha - disse eu virando-me para ele, e hesitei: olhava para Claire como se ela já fosse um fantasma.

Estava prestes a expulsá-lo quando Claire o cumprimentou e apoiou os cotovelos nas costas do sofá.

- Sabe alguma coisa sobre santos?

- Claire!

Ela revirou os olhos.

- Estou só a perguntar, mãe.

- Sei - disse o padre. - Sempre gostei de São Ulrique. É o santo padroeiro que mantém as toupeiras afastadas.

- Está a brincar.

- Alguma vez tiveram uma toupeira aqui?

- Não.

- Então acho que ele está a cumprir a sua missão - disse eu, e sorri.

Por ter feito Claire sorrir, decidi deixá-lo entrar e dar-lhe o benefício da dúvida. Seguiu-me até à cozinha, onde sabia que podíamos conversar sem que Claire ouvisse.

- Desculpe o interrogatório - disse eu. - A Claire lê muito. Os santos são a sua última obsessão. Há seis meses era a forja. - Fiz um gesto indicando a mesa, oferecendo-lhe uma cadeira.

- Sobre a Claire - disse ele. - Sei que ela está doente. É por isso que estou aqui.

Embora estivesse à espera disto, o meu coração ficou aos pulos.

- Pode ajudá-la?

122

- Conheço uma pessoa que gostava de tentar - disse o padre. Mas primeiro preciso que aceite fazer uma coisa.

Seria capaz de me tornar freira, de caminhar sobre brasas.

- Qualquer coisa - jurei.

- Sei que a Procuradoria já lhe falou em justiça reparadora...

O meu rosto flamejava - de raiva, e de vergonha por não ter relacionado as coisas: Shay Bourne queria doar os órgãos; eu estava a procurar activamente um coração para Claire.

Teria ele iniciado esta campanha por saber que Claire estava doente? E isso interessava sequer?

- Saia da minha casa - disse bruscamente, mas o padre Michael não se moveu.

Pensar em corações consumia-me. Assistia a programas de descobertas médicas sobre transplantes e lia jornais da Associação Médica Americana. Mas apesar de toda a cobertura noticiosa feita a partir da prisão, nunca tinha relacionado Shay Bourne e Claire. Interroguei-me se teria sido por ingenuidade ou por, mesmo inconscientemente, estar a tentar protegê-la.

Necessitei de todas as minhas forças para erguer os olhos e olhar directamente para o padre.

- O que o leva a pensar que eu haveria de querer que uma parte daquele homem continuasse a andar sobre a terra, e muito menos dentro da minha filha?

- JUNE, por favor, escute-me. Sou o conselheiro espiritual do Shay. Costumo falar com ele.

E acho que a JUNE também devia falar.

- Porquê? Porque perturba a sua consciência simpatizar com um assassino? Porque não consegue dormir à noite?

- Porque acredito que uma boa pessoa pode fazer algo de mau. Porque Deus perdoa, e eu não posso deixar de fazer o mesmo.

Sabem como, quando estamos à beira de um esgotamento, o mundo nos lateja nos ouvidos -

um impulso de sangue, de consequência? Sabem como é quando a verdade nos corta a língua em

tiras, mas mesmo assim temos de a dizer?

- Nada do que ele me disser fará alguma diferença.

- Tem toda a razão - disse o padre Michael. - Mas e se aquilo que você disser fizer?

Havia uma variável que o padre tinha deixado de fora da equação: eu não devia nada a Shay.

Já me parecia ser uma segunda morte cauterizante assistir às notícias todas as noites, ouvir as vozes dos apoiantes acampados junto à prisão, que traziam os filhos doentes e os cônjuges moribundos para serem curados. "Seus idiotas", queria gritar-lhes. "Não vêem que ele vos 123

enganou, tal como me enganou a mim? Não sabem que ele matou o meu amor, a minha menina?"

- Diga uma pessoa que o John Wayne Gacy tenha matado - pedi.

- Não... não sei - disse o padre Michael.

- E o Jeffrey Dahmer? Abanou a cabeça.

- Mas lembra-se dos nomes deles, não se lembra? Levantou-se da cadeira e aproximou-se de mim devagar.

- JUNE, as pessoas podem mudar. A minha boca contorceu-se.

- Pois. Como um carpinteiro gentil e sem casa que se transforma num psicopata?

Ou uma menina de cabelos prateados como uma fada cujo peito, numa fracção de segundo, floresce numa peónia de sangue. Ou uma mãe que se transforma numa mulher que nunca imaginou vir a ser: amarga, vazia, destroçada.

Sabia porque este padre queria que eu me encontrasse com Shay Bourne. Sabia o que Jesus dissera: "A quem te bater numa das faces oferece-lhe também a outra; e a quem te levar a capa, não impeças de levar também a túnica."

Digo-vos uma coisa: Jesus nunca enterrou um filho.

Desviei o rosto, porque não queria dar-lhe a satisfação de me ver chorar, mas ele colocou o braço à minha volta e conduziu-me a uma cadeira. Deu-me um lenço de papel.

E então a voz dele, um murmúrio, coagulou-se em palavras individuais.

- Santa Felicidade, santa padroeira daqueles que sofreram a morte de um filho, peço-vos que intercedais para que o Senhor ajude esta mulher a encontrar paz... com mais força do que julgava ter, empurrei-o.

- Não se atreva - disse eu, com a voz a tremer. - Não reze por mim. Porque se Deus estiver agora a ouvir, está cerca de onze anos atrasado - dirigi-me para o frigorífico, onde a única decoração era uma fotografia de Kurt e Elizabeth, presa com um íman que Claire fizera no jardim-de-infância. Tinha tocado tantas vezes na fotografia que os cantos estavam arredondados; a cor tinha desbotado para as minhas mãos. - Quando aconteceu, toda a gente disse que o Kurt e a Elizabeth estavam em paz. Que tinham ido para um sítio melhor. Mas sabe uma coisa? Eles não foram para lado nenhum. Foram levados. Eu fui roubada.

- Não culpe Deus por isso, JUNE - disse o padre Michael. - Ele não levou o seu marido e a sua filha.

124

- Não - disse eu bruscamente. - Isso foi o Shay Bourne - fiquei a olhar para ele friamente. -

Agora gostava que se fosse embora.

Acompanhei-o até à porta, porque não queria que ele dissesse nem mais uma palavra a Claire - que estava virada no sofá para ver o que se passava mas deve ter captado sinais não verbais suficientes comunicados pela minha coluna rígida para saber que não devia vir espreitar. À

porta, o padre Michael deteve-se.

- Pode não ser quando desejamos, ou como desejamos, mas Deus acaba por acertar as contas -

disse ele. - Não precisa de ir à procura de vingança.

Fiquei a olhar para ele.

- Não se trata de vingança - disse eu. - Trata-se de justiça.

Depois de o padre ter ido embora, fiquei com tanto frio que não conseguia parar de tremer.

Vesti uma camisola, e depois outra, e enrolei-me num cobertor, mas não há maneira de aquecer um corpo cujas entranhas se transformaram em pedra.

Shay Bourne queria doar o seu coração a Claire para que ela pudesse viver.

Que tipo de mãe seria eu se deixasse isso acontecer?

E que tipo de mãe seria eu se o recusasse?

O padre Michael disse que Shay Bourne queria acertar os pratos da balança: dar-me a vida de uma filha por ter tirado a vida à outra. Mas Claire não substitui Elizabeth; devia tê-las a ambas. E, no entanto, esta equação era das mais simples: "Posso ficar com uma, ou posso ficar sem nenhuma. O que devo escolher?"

Eu é que odiava Shay Bourne - Claire nem o conhecia. Se não aceitasse o coração, estava a tomar essa decisão por pensar que era o melhor para Claire... ou porque era o que eu conseguia aguentar?

Imaginei o Dr.Wu a retirar o coração de Shay de dentro de um refrigerador. Ali estava ele, uma noz mirrada, um cristal negro como carvão. Se deitarmos uma gota de veneno na água mais pura o que acontece ao resto?

Se não aceitasse o coração de Shay Bourne, o mais provável seria Claire morrer.

Se aceitasse, seria como dizer que podia de alguma forma ser compensada pela morte do meu marido e da minha filha. E não podia - nunca.

"Acredito que uma boa pessoa pode fazer algo de mau", dissera o padre Michael. Como tomar a decisão errada pelas razões certas. Recusar a vida da minha filha por ela não poder ficar com o coração de um assassino.

125

"Perdoa-me, Claire", pensei, e de repente deixei de ter frio. Estava a ferver, escaldada pelas lágrimas nas minhas faces.

Não podia confiar na súbita reviravolta altruísta de Shay Bourne; e talvez isso significasse que ele tinha ganhado: tinha ficado exactamente tão amarga e miserável como ele era. Mas isso apenas me fez ter mais certeza de que tinha forças para lhe dizer directamente o que acertar os pratos da balança significava realmente. Não era dar-me um coração para Claire; não era oferecer-me um futuro que pudesse aligeirar o peso do passado. Era saber que Shay Bourne desejava desesperadamente algo e que, desta vez, seria eu a destruir-lhe o seu sonho.

MAGGIE

Estupefacta, desliguei o telefone e olhei novamente para o auscultador. Estava tentada a marcar 69 para saber qual o número da última chamada, só para ter a certeza de que não tinha sido alguma partida.

Bem, de facto aconteciam milagres.

Mas antes que pudesse reflectir sobre esta reviravolta, ouvi passos dirigirem-se para a minha secretária. O padre Michael dobrou a esquina, com um aspecto como se tivesse acabado de percorrer o Inferno de Dante.

- A JUNE Nealon não quer nada com o Shay.

- Isso é interessante - disse eu -, visto que a JUNE Nealon acabou de me telefonar, aceitando comparecer a uma reunião de justiça reparadora.

O padre Michael empalideceu.

- Tem de voltar a telefonar-lhe. Não é uma boa ideia.

- A ideia foi sua.

- Isso foi antes de ter falado com ela. Se ela for a essa reunião, não será por querer ouvir o que o Shay tem para dizer. Será por querer acabar com ele antes que o Estado o faça.

- Acha mesmo que o que quer que seja que o Shay tenha para lhe dizer será menos doloroso do que o que ela lhe disser a ele?

- Não sei... pensei que talvez se se encontrassem... - afundou-se numa cadeira em frente à minha secretária. - Não sei o que estou a fazer. Acho que há algumas coisas que simplesmente não podem ser corrigidas.

Suspirei.

126

- Está a tentar. É o melhor que qualquer um de nós pode fazer. Olhe, e u não costumo defender casos de pena de morte todos os dias: mas o meu chefe costumava. Trabalhou na Virgínia antes de vir para norte. São campos de minas emocionais: se ficarmos a conhecer o recluso, acabamos por desculpar um crime hediondo por causa de uma infância terrível, ou do alcoolismo, ou de uma crise emocional, ou das drogas, até vermos a família da vítima e outro nível de sofrimento completamente diferente. E de repente começamos a sentir-nos um pouco envergonhados por estar do lado do arguido.

Dirigi-me a um pequeno frigorífico junto ao armário dos ficheiros e tirei uma garrafa de água para o padre.

- O Shay é culpado, padre. Um tribunal já nos disse isso, a JUNE sabe-o. Toda a gente sabe que não está certo executar um homem inocente. A verdadeira questão é se será correcto executar alguém que seja culpado.

- Mas está a tentar que ele seja enforcado - disse o padre Michael.

- Não estou a tentar que ele seja enforcado - corrigi. - Quero lutar pelas liberdades civis dele e, ao mesmo tempo, alertar para os problemas da pena de morte neste país. A única maneira de fazer ambas as coisas é arranjar uma forma de ele poder morrer como desejar. É essa a diferença entre o padre e eu. O senhor está a tentar arranjar maneira de ele morrer da forma que o senhor deseja que ele morra.

- Foi a MAGGIE que disse que o coração de Shay pode não apresentar uma correspondência viável. E mesmo que apresente, a JUNE Nealon nunca concordará em aceitá-lo - disse o padre.

Claro que isto era totalmente possível. O que o padre Michael tinha convenientemente deixado de fora ao imaginar uma reunião entre JUNE e Shay é que para perdoar, temos de nos lembrar de como sofremos. E que para esquecer, temos de aceitar o nosso papel naquilo que aconteceu.

- Se não quisermos que o Shay perca a esperança - disse eu -, então o melhor é também não a perdermos.

MICHAEL

Todos os dias, quando não estava a dizer a missa do meio-dia, ia visitar Shay. Por vezes falávamos sobre programas de televisão que tínhamos visto - estávamos ambos bastante aborrecidos com a Meredith da Anatomia de Gray e achávamos que as raparigas de The Bachelor eram muito sensuais mas estúpidas como uma porta. Por vezes falávamos sobre carpintaria, como um pedaço de madeira lhe dizia em que precisava de se tornar, como podia dizer o mesmo sobre um membro da paróquia necessitando ajuda. Por vezes falávamos sobre o caso dele - os recursos que tinha perdido, os advogados que tivera ao longo dos anos. E, 127

por vezes, estava menos lúcido. Andava de um lado para o outro na sua cela como um animal enjaulado; balançava-se para trás e para a frente; saltava de assunto em assunto como se fosse a única forma de atravessar a selva dos seus pensamentos.

Um dia, Shay perguntou-me o que se dizia dele lá fora.

- O Shay sabe - disselhe. - Vê as notícias.
- Eles acham que eu posso salvá-los - disse Shay.
- Bem. Acham.
- Isso é bastante egoísta, não é? Ou serei eu egoísta por não tentar?
- Não posso responder-lhe a essa pergunta, Shay - disse eu. Ele suspirou.
- Estou cansado de estar à espera para morrer - disse ele. Onze anos é muito tempo.

Aproximei mais o banco da porta da cela; assim era mais privado. Tinha demorado uma semana, mas consegui isolar os meus sentimentos em relação ao caso de Shay dos seus próprios sentimentos. Fiquei estupefacto ao constatar que Shay se julgava inocente - embora o guarda Coyne me tivesse dito que todos na prisão se achavam inocentes, independentemente das condenações, interrogava-me se a sua memória do que tinha acontecido se teria desvanecido ao longo do tempo - e eu ainda conseguia lembrar-me das horríveis provas como se me tivessem sido apresentadas ontem. Quando insistia um pouco -

encorajando-o a falar mais sobre esta condenação injusta, sugerindo que MAGGIE poderia utilizar estas informações no tribunal, perguntando-lhe por que razão estava disposto a aceitar ser executado com tal passividade se não era culpado - ele calava-se. Dizia vezes sem conta que o que acontecera naquela altura não interessava agora. Comecei a entender que proclamar a sua inocência tinha muito menos a ver com a realidade do seu caso do que com a frágil ligação que havia entre nós. Estava a tornar-me no seu confidente - e queria que eu pensasse o melhor acerca dele.

- O que acha que é mais fácil? - perguntou Shay. - Saber que vamos morrer numa determinada data e hora, ou saber que pode acontecer a qualquer momento, quando menos esperamos?

Um pensamento atravessou-me a mente: "Perguntou isso a Elizabeth?"

- Eu prefiro não saber - disse eu. - Viver cada dia como se fosse o último, e tudo isso. Mas acho que se realmente sabe quando vai morrer, Cristo indicou-lhe o caminho para o fazer graciosamente.

Shay sorriu desdenhosamente.

- Pense nisto. Hoje demorou quarenta e dois minutos até mencionar o seu querido Jesus.

128

- Desculpe. Ossos do ofício - disse eu. - Quando Jesus diz em Getsémani, "Pai, se é possível, afaste de Mim esse cálice..." está a lutar com o seu destino... mas acaba por aceitar a vontade de Deus.

- Mau para ele - disse Shay.

- Bem, claro. Aposto que as pernas Lhe tremiam como gelatina quando carregava a cruz.

Afinal, era humano. Podemos ser corajosos, mas isso não impede que o nosso estômago ande às voltas.

Acabei de falar e verifiquei que Shay me observava.

- Já alguma vez pensou que pode estar completamente enganado?

- Sobre quê?

- Sobre tudo. Sobre o que Jesus disse. Sobre o que Jesus quis dizer. Isto é, Ele nem sequer escreveu a Bíblia, pois não? Na realidade, as pessoas que escreveram a Bíblia nem sequer estavam vivas enquanto Jesus viveu. - Devo ter ficado absolutamente estupefacto, porque Shay apressou-se a continuar. - Não é que Jesus não tivesse sido um tipo espectacular: um óptimo professor, um excelente orador, blá, blá, blá. Mas... Filho de Deus?

Onde estão as provas?

- Isso é a fé - disse eu. - Acreditar sem precisar de ver.

- Muito bem - argumentou Shay. - Mas e aqueles que pensam que é em Alá que devemos acreditar? Ou que o caminho certo é o Nobre Caminho? Quero dizer, como pode um homem que caminhou sobre as águas sequer ser baptizado?

- Sabemos que Jesus foi baptizado porque...

- Porque está escrito na Bíblia? - Shay riu-se. - Alguém escreveu a Bíblia, e não foi Deus. Tal como alguém escreveu o Corão e o Talmude. E deve ter decidido o que deveria ser incluído e o que não deveria. É como quando escrevemos uma carta, e colocamos lá tudo o que fizemos nas férias mas deixamos de fora a parte em que nos roubaram a carteira e apanhámos uma intoxicação alimentar.

- Precisa realmente de saber se Jesus apanhou alguma intoxicação alimentar? - perguntei.

- Não é essa a questão. Não pode pegar em São Mateus 26,39 ou São Lucas 22,42 ou qualquer outro e lê-lo como se fosse um facto.

- Está a ver, Shay, aí é que se engana. Posso pegar em São Mateus 26,39 e saber que é a palavra de Deus. Ou em São Lucas 22,42 e lê-lo como se fosse um facto.

129

Nesta altura, outros reclusos no recinto estavam a ouvir. Alguns deles - como Joey Kunz, que era ortodoxo grego, e Pogie, que era baptista do sul, gostavam de ficar a ouvir quando eu visitava Shay e lhe lia as escrituras; alguns deles tinham até perguntado se eu podia ir rezar com eles quando viesse visitar Shay.

- Fecha a matraca, Shay - gritou Pogie. - Vais para o Inferno assim que te espetarem a agulha no braço.

- Não estou a dizer que estou certo - disse Shay, levantando a voz. - Só estou a dizer que mesmo que o padre tenha razão, isso não significa que eu deixe de ter.

- Shay - disse eu -, tem de parar de gritar, senão vão pedir-me para ir embora.

Ele aproximou-se de mim, espalmando as mãos do outro lado da porta de rede metálica.

- E se fosse indiferente que fosse cristão, ou judeu, ou budista, ou seguisse a doutrina Wicca ou... fosse transcendentalista? E se todos esses caminhos conduzissem ao mesmo lugar?

- Shay - suspirou LUCIUS. - Deixa-te de filosofias. Estás a causar-me uma terrível dor de cabeça.

- A religião junta as pessoas - disse eu.

- Pois, sim. Podemos atribuir as causas de todos os assuntos polarizadores de opinião neste país à religião. Investigação de células estaminais, guerra do Iraque, o direito à eutanásia, casamento de homossexuais, aborto, evolução, até a pena de morte: qual é a linha de fractura? Essa sua Bíblia - Shay encolheu os ombros. Acha mesmo que Jesus ficaria satisfeito com a forma como o mundo evoluiu?

Lembrei-me dos bombistas suicidas, dos extremistas que invadiam as clínicas de Planeamento Familiar. Lembrei-me das reportagens do Médio Oriente.

- Acho que Deus ficaria horrorizado com algumas coisas que se fazem em Seu nome - admiti. - Acho que há lugares em que a Sua mensagem foi distorcida. E é por isso que acho que é ainda mais importante espalhar a mensagem que Ele quis realmente transmitir.

Shay afastou-se da porta da cela.

- Se olhar para um homem como o Calloway...

- Foda-se, Bourne - gritou Reece. - Não quero fazer parte do teu discurso. Nem sequer quero que a tua boca imunda pronuncie o meu nome...

-... um homem qualquer que incendiou um templo...

- Estás morto, Bourne - disse Reece. - M-O-R-T-O.

130

-... ou o guarda prisional que nos acompanha ao duche e sabe que não pode olhar-nos nos olhos, porque se a sua vida tivesse sido só um bocadinho diferente, podia ser ele a usar as algemas. Ou os políticos que acham que podem agarrar numa pessoa que já não querem que pertença à sociedade e trancá-la...

Ao ouvir isto, os outros reclusos começaram a aplaudir. Texas e Pogie agarraram nos tabuleiros e começaram a bater com eles nas portas de metal das suas celas. Pelo intercomunicador, ouviu-se a voz de um guarda: - O que se passa aí dentro?

Shay agora estava de pé junto à porta da sua cela, pregando à sua congregação, desligado do pensamento linear e de tudo o resto excepto este momento de espectáculo.

- E aqueles que são verdadeiros monstros, aqueles que eles não querem perto das suas mulheres e filhos nunca mais, aqueles como eu, bem, livram-se deles. Porque é mais fácil do que admitir que não há uma diferença assim tão grande entre eles e eu.

Ouviram-se assobios; ouviram-se aplausos. Shay recuou como se estivesse num palco, dobrou-se pela cintura, fez uma vénia. Depois regressou para o seu final.

- O feitiço vira-se contra o feiticeiro. Uma agulha hipodérmica não basta. Se lascarem um pedaço de madeira, eu estarei lá.

S e levantarem uma pedra, e u estarei lá. S e olharem a o espelho, e u estarei lá. - Shay olhou diretamente para mim. - Se quiser realmente saber o que transforma alguém num assassino - disse ele -, pergunte a si próprio o que o levaria a matar.

As minhas mãos cerraram-se sobre a Bíblia que trazia sempre comigo quando ia visitar Shay.

Afinal, Shay não estava a discorrer sobre nada. Não estava desligado da realidade.

Eu é que estava.

Porque, tal como Shay estava a sugerir, não éramos tão diferentes quanto eu gostaria de pensar. Éramos ambos assassinos.

A única diferença era que a morte que eu provocara ainda estava para acontecer.

MAGGIE

Nessa semana, quando apareci no ChutZpah para almoçar com a minha mãe, ela estava demasiado ocupada para me receber.

- MAGGIE - disse ela quando eu estava à porta do seu gabinete.

131

- O que estás aqui a fazer?

Era o mesmo dia, a mesma hora em que nos encontrávamos para o nosso almoço habitual - o almoço a que eu nunca queria ir. Mas hoje, estava realmente a apetecer-me descontraír enquanto me cortavam e arranjavam as cutículas. Desde que o padre Michael entrara de rompante no meu escritório a falar de um encontro entre Shay e JUNE Nealon, duvidava de mim própria e das minhas intenções. Ao tentar tornar possível que Shay doasse o seu coração, estaria a proteger os meus interesses, ou os dele?

Claro, seria um bónus da comunicação social para o movimento contra a pena de morte se o último gesto de Shay fosse algo tão altruísta como uma doação de órgãos... mas não seria moralmente incorrecto apressar legalmente a execução de um homem, mesmo que ele próprio o tivesse pedido? Após três noites sem dormir, só desejava fechar os olhos, mergulhar as mãos em água morna e pensar em tudo menos em Shay Bourne.

A minha mãe vestia uma saia creme tão pequena que podia ter sido comprada na loja de bonecas American Girl, e tinha os cabelos apanhados num chignon.

- Estou à espera de uma investidora - disse ela. - Lembras-te? Lembrava-me de ela ter mencionado vagamente que queria acrescentar uma nova ala ao ChutZpah e que havia uma senhora muito rica de Woodbury, em Nova Iorque, que queria discutir o seu financiamento.

- Nunca chegaste a dizer-me que ia ser hoje - disse eu, e sentei-me numa das cadeiras em frente à sua secretária.

- Estás a amachucar as almofadas - disse a minha mãe. - E eu dissete. Telefonei-te para o trabalho, e estavas a dactilografar, como costumas estar sempre que te telefono embora aches que eu não consigo ouvir. E dissete que tinha de adiar o almoço para quinta-feira, e tu disseste-me que sim, que estavas muito ocupada e perguntaste-me se eu tinha mesmo de te telefonar para o trabalho.

O meu rosto ficou corado.

- Não costumo dactilografar enquanto estou ao telefone contigo.

Pronto, costume. Mas é a minha mãe. E ela telefona pelas razões mais ridículas: Se acho bem que faça o jantar do Chanukah no sábado, no dia 16 de Dezembro, embora ainda seja Março?

Se me lembro do nome da bibliotecária da minha escola primária, porque ela acha que se cruzou com ela na mercearia? Por outras palavras, a minha mãe telefona por razões absolutamente triviais em comparação com escrever uma carta para salvar a vida de um homem que vai ser executado.

- Sabes, MAGGIE, vejo que nada do que faço aqui poderá alguma vez ser tão importante como aquilo que tu fazes, mas fico ofendida por saber que nem sequer prestas atenção 132

quando falo contigo - os olhos dela encheram-se-lhe de lágrimas, e ela praguejou. - Não acredito que vieste aqui para me aborrecer antes de falar com a Alicia Goldman-Hirsch.

- Não vim aqui para te aborrecer! Vim porque venho sempre na segunda terça-feira de cada mês! Não podes culpar-me por uma estúpida conversa que tivemos a o telefone provavelmente há seis meses!

- Uma estúpida conversa que tivemos ao telefone - disse a minha mãe em voz baixa. - Bem, é bom

saber o que realmente pensas da nossa relação, MAGGIE.

Levantei as mãos.

- Não posso ganhar nenhum caso aqui - disse eu. - Espero que a tua reunião corra bem. -

Depois saí a correr do gabinete dela, passando pela secretária branca da secretária, com o computador branco e a recepcionista quase albina, a caminho do meu carro que estava no parque de estacionamento, onde tentei dizer a mim própria que o facto de estar a chorar não tinha nada a ver com o facto de que mesmo quando nem sequer me esforçava, só sabia desiludir as pessoas.

Encontrei o meu pai no seu escritório - um espaço alugado num centro comercial, visto ser um rabi sem templo - a escrever o sermão para o Sabat. Assim que entrei, ele sorriu, e depois levantou um dedo para pedir um instante para terminar o pensamento brilhante que estava a anotar. Deambulei por ali, passando os dedos pelas lombadas de livros escritos em hebraico e grego, Antigos Testamentos e Novos Testamentos, livros sobre teurgia, teologia e filosofia.

Agarrei num velho pisa-papéis que lhe tinha feito no jardim-de-infância - uma pedra pintada para parecer um caranguejo, embora agora se parecesse mais com uma ameiba, e então peguei numa das minhas fotografias de bebé, enfiada numa moldura de acrílico.

Tinha bochechas gordas, mesmo naquela altura.

O meu pai fechou o computador portátil.

- A que devo esta surpresa?

Voltei a colocar a fotografia na prateleira de mogno.

- Alguma vez pensaste se a pessoa que está na fotografia será a mesma que vês quando olhas para o espelho?

Ele riu.

- É essa a eterna questão, não é? Nascemos quem somos, ou fazemo-nos assim? - Levantou-se e contornou a secretária, beijando-me na face. - Vieste aqui para discutir filosofia com o teu pai?

133

- Não, vim porque... não sei porque vim - era a verdade; o meu carro de certa forma encaminhara-se para o escritório dele, e mesmo quando me apercebi para onde se dirigia não retomei a minha rota. Toda a gente vinha ao escritório do meu pai quando estava perturbada ou quando desejava aconselhar-se, porque não haveria eu de fazer o mesmo? Sentei-me no velho sofá de couro que ele tinha desde que me lembrava. - Achas que Deus perdoa os assassinos?

O meu pai sentou-se ao meu lado.

- O teu cliente não é católico?

- Estava a falar de mim.

- Bem, caramba, Mags. Espero que te tenhas livrado da arma. Suspirei.

- Pai, não sei o que fazer. O Shay Bourne nem sequer quer ser a imagem da campanha contra a pena de morte, ele quer morrer. E sim, posso dizer a mim própria uma dúzia de vezes que ambos podemos tirar proveito disto: o Shay pode morrer segundo as suas condições; e eu coloco a pena de morte sob escrutínio e talvez até a faça ser rejeitada pelo Supremo Tribunal, mas isso não faz desaparecer o facto de que, no final, Shay acabará por ser morto, e eu serei tão responsável quanto o Estado que assinou o mandado. Talvez devesse convencer o Shay a tentar a anulação da sua condenação, a lutar pela vida, em vez de pela morte.

- Não me parece que ele quisesse isso - disse o meu pai. Não estás a assassiná-lo, MAGGIE.

Estás a realizar as últimas vontades dele: ajudá-lo a corrigir o mal que fez.

- Arrependimento através da doação de órgãos?

- É mais teshuvah. Fiquei a olhar para ele.

- Oh, pois - gracejou ele. - Esquecime da amnésia pós-Escola Hebraica. Para os Judeus, o

arrependimento está relacionado com a conduta: apercebemo-nos de que fizemos algo de mal, resolvemos mudá-lo no futuro. Mas teshuvah significa retorno. Dentro de cada um de nós existe uma faísca de Deus, o nosso verdadeiro ser. Está lá, quer sejamos o judeu mais devoto, quer sejamos o mais marginal. O pecado, o mal, o homicídio: tudo isto pode ocultar o nosso verdadeiro ser. Teshuvah significa regressar à parte de Deus que foi ocultada.

Quando nos arrependemos, normalmente sentimo-nos tristes, devido aos remorsos que nos conduziram a isso. Mas quando falamos sobre teshuvah, sobre estabelecer novamente essa ligação com Deus, bem, isso faz-nos felizes - disse o meu pai. - Ainda mais felizes do que antes, porque os nossos pecados nos separaram de Deus... e o reencontro é sempre melhor, não é?

Dirigiu-se para a fotografia de bebé que eu tinha voltado a colocar na prateleira.

134

- Sei que o Shay não é judeu, mas talvez seja isto que esteja por trás do seu desejo de morrer e de dar o seu coração. Teshuvah está relacionado com alcançar algo divino, algo que esteja para além das limitações do corpo - olhou para mim. - Essa é a resposta à tua pergunta sobre a fotografia. És uma pessoa diferente por fora daquela que eras quando esta fotografia foi tirada, mas por dentro não. Não no âmago do teu ser. E isso não só faz parte de ti como fazia quando tinhas seis meses de idade... como também faz parte de mim, e da tua mãe, e do Shay Bourne, e de toda a gente neste mundo. É aquela parte de nós que está ligada a Deus, e a esse nível, somos todos iguais.

Abanei a cabeça.

- Obrigada, mas isso não me fez sentir melhor. Quero salvá-lo, pai, e ele, ele não quer ser salvo.

- A restituição é um dos passos para o teshuvah - disse o meu pai. - O Shay parece que fez uma interpretação bastante literal disto: tirou a vida a uma criança; por isso deve àquela mãe a vida de uma criança.

- Não é uma equação perfeita - disse eu. - Para isso teria de trazer de volta a Elizabeth Nealon.

O meu pai acenou com a cabeça.

- Os rabis já falam disso há anos, desde o Holocausto: se a vítima está morta, a família poderá realmente perdoar o assassino? com as vítimas é que ele tem de saldar as contas. E as vítimas agora são cinzas.

Endireitei-me, esfregando as têmporas.

- É muito complicado.

- Então pergunta a ti própria o que deve ser feito.

- Nem sequer consigo responder a essa pergunta.

- Bem - disse o meu pai -, então talvez devesse perguntar ao Shay.

Olhei para ele, pestanejando. Era simples. Não via o meu cliente desde aquela primeira visita na prisão; o trabalho que tinha estado a fazer para marcar uma reunião de justiça reparadora fora feito pelo telefone. Talvez o que eu precisasse mesmo de fazer fosse descobrir por que razão Shay Bourne tinha tanta certeza de que tinha tomado a decisão certa, para poder explicá-la a mim própria.

Debrucei-me e abracei-o.

- Obrigada, pai.

135

- Não fiz nada.

- Mesmo assim, és mais conversador do que o Oliver.

- Não digas isso ao coelho - disse ele. - Arranhava-me com o dobro da força do que costuma arranhar-me.

Levantei-me, dirigindo-me para a porta.

- Telefone-te depois. Oh, já agora - disse eu -, a mãe está outra vez zangada comigo.

Estava sentada sob a crua luz fluorescente da sala de conferências para as reuniões entre os advogados e os seus clientes quando trouxeram Shay Bourne para se encontrar comigo.

Recuou para junto da abertura para que lhe pudessem tirar as algemas e sentou-se do outro lado da mesa. Apercebi-me de que as mãos dele eram pequenas, talvez até mais pequenas do que as minhas.

- Como vai? - perguntou ele.

- Bem. E o Shay?

- Estava a referir-me ao processo legal. Ao meu coração.

- Bem, ficamos à espera até o Shay falar com a JUNE Nealon amanhã - hesitei. - Shay, preciso de fazer-lhe uma pergunta, como sua advogada. - Fiquei à espera que ele me olhasse diretamente nos olhos. - Acredita mesmo que morrer é a única forma de se redimir por aquilo que fez?

- Só quero dar-lhe o meu coração...

- Eu entendo. Mas para fazer isso, basicamente aceitou ser executado.

Ele sorriu ligeiramente.

- E eu que pensava que aqui o meu voto não contava.

- Acho que percebe o que eu quero dizer - disse eu. - O seu caso vai fazer incidir uma luz sobre a pena de morte, Shay, mas o Shay vai ser o cordeiro oferecido em sacrifício.

Levantou bruscamente a cabeça.

- Quem pensa que eu sou?

Hesitei, sem ter bem a certeza do que estava a perguntar.

- Acredita naquilo em que todos acreditam? - perguntou ele.

- Ou naquilo em que o LUCIUS acredita? Acha que consigo fazer milagres?

136

- Não acredito em nada que não tenha visto - disse eu com firmeza.

- A maioria das pessoas deseja simplesmente acreditar naquilo que lhe dizem - disse Shay.

Ele tinha razão. Era por isso que no escritório do meu pai sofrera uma crise: porque mesmo sendo uma ateia confirmada, por vezes achava demasiado assustador pensar que não havia nenhum Deus a zelar pelo nosso bem. Era por isso que um país tão iluminado como os Estados Unidos ainda tinha um estatuto de pena de morte em vigor: era simplesmente demasiado assustador pensar na justiça - ou a falta dela - que prevaleceria se tal não acontecesse. Os factos eram reconfortantes, de tal forma que deixámos de nos questionar sobre de onde teriam vindo.

Estava a tentar perceber por mim própria quem Shay era? Possivelmente. Não acreditava que ele fosse o Filho de Deus, mas se isso o fazia receber a atenção da comunicação social, então achava que ele era genial por encorajar essa ideia.

- Se conseguir fazer a JUNE perdoá-lo nesta reunião, Shay, talvez não tenha de abdicar do seu coração. Talvez se sinta bem por voltar a relacionar-se com ela, e depois podemos convencê-la a falar com o governador em seu favor para comutar a sua sentença para prisão perpétua...

- Se fizer isso - interrompeu Shay -, suicido-me. Fiquei de boca aberta.

- Porquê?

- Porque - disse ele - tenho de sair daqui.

De início pensei que estivesse a referir-se à prisão, mas depois vi que estava agarrado aos próprios braços, como se a penitenciária a que estivesse a referir-se fosse o seu próprio corpo. E isso, claro, fez-me lembrar o meu pai e o teshuvah. Poderia estar realmente a ajudá-

lo ao permitir que morresse segundo as suas condições?

- Vamos dar um passo de cada vez - aquiesci. - Se conseguir fazer a JUNE Nealon perceber por que razão deseja fazer isto, então esforçar-me-ei para que um tribunal também o entenda.

Mas Shay ficou subitamente perdido em pensamentos, para onde quer que fosse que o levassem.

- Vemo-nos amanhã, Shay - disse eu, e ia tocar-lhe no ombro para que soubesse que me ia embora.

Assim que estendi o braço, porém, dei por mim estendida no chão.

Shay estava de pé junto a mim, tão chocado pelo golpe que me aplicara como eu estava.

Um guarda entrou de rompante pela sala, fazendo Shay deitar-se no chão com um joelho nas costas para que pudesse ser algemado.

137

- Sente-se bem? - gritou-me.

- Estou bem... escorreguei - menti. Sentia um vergão a formar-se na minha face esquerda, um vergão que sem dúvida o guarda também estaria a ver. Engoli o nó provocado pelo medo que tinha na garganta. - Podia dar-nos apenas mais alguns minutos?

Não disse ao guarda para retirar as algemas a Shay; não era assim tão corajosa. Mas pus-me de pé e fiquei à espera que ficássemos novamente sozinhos na sala.

- Desculpe - disse Shay abruptamente. - Desculpe, foi sem intenção, às vezes, quando a MAGGIE...

- Shay - ordenei. - Sente-se.

- Não quis fazer aquilo. Não a vi a aproximar-se. Pensei que era... que ia... - interrompeu-se, sufocado pelas palavras. Desculpe.

Eu é que tinha cometido um erro. Um homem que estava trancado sozinho há uma década, cujo único contacto humano que tinha era colocarem-lhe e retirarem-lhe as algemas, não estaria minimamente preparado para um pequeno gesto de gentileza. Tê-lo-ia instintivamente interpretado como uma ameaça ao seu espaço pessoal, e foi assim que acabei estendida no chão.

- Não voltará a acontecer - disse eu. Ele abanou furiosamente a cabeça.

- Não.

- Até amanhã, Shay.

- Está zangada comigo?

- Não.

- Está sim. Vejo que está.

- Não estou - disse eu.

- Então é capaz de fazer-me um favor?

Já tinha sido avisada disto por outros advogados que trabalhavam com reclusos: eles deixam-nos sem pinga de sangue. Pedem-nos selos, dinheiro, comida. Telefonemas, que fazemos à família, em nome deles. São os derradeiros mestres da arte de enganar; por muita pena que tenhamos deles, não podemos esquecer-nos de que nos tirarão tudo o que puderem tirar, porque não têm nada.

138

- Da próxima vez, pode descrever-me como é andar descalço na relva? - perguntou ele. - Eu sabia, mas já não me lembro - abanou a cabeça. - Só queria...só queria voltar a saber como era.

Enfiei o bloco de notas debaixo do braço.

- Até amanhã, Shay - repeti, e fiz sinal ao guarda que me libertaria.

MICHAEL

Shay Bourne estava a andar de um lado para o outro na sua cela. A cada quinta volta, girava sobre si próprio e começava a dar voltas no sentido oposto.

- Shay - disse eu, tanto para o acalmar a ele como a mim próprio. - Vai correr bem.

Estávamos à espera que o transportassem para a sala onde a nossa reunião de justiça reparadora com JUNE Nealon se realizaria, e estávamos ambos nervosos.

- Fale comigo - disse Shay.

- Está bem - disse eu. - Sobre o que quer falar?

- Sobre o que vou dizer. O que ela vai dizer... as palavras não me vão sair bem, tenho a certeza. - Olhou para mim. - vou lixar isto tudo.

- Diga simplesmente o que tem para dizer, Shay. Encontrar as palavras certas é difícil para toda a gente.

- Bem, é ainda pior quando sabemos que a pessoa com quem estamos a falar pensa que não sabemos o que estamos a dizer.

- Jesus conseguiu fazê-lo - fiz notar -, e não estava propriamente a assistir a uma reunião de terça-feira dos Toastmasters³ em Nínive. - Abri a minha Bíblia no livro de Isaías. - "O

Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova aos que sofrem..."

- Podemos só desta vez não ter um momento de estudo da Bíblia? - gemeu Shay.

- É um exemplo - disse eu. - Jesus disse isso quando regressou à sinagoga onde crescera.

Deixe-me que lhe diga, aquela congregação

1. Toastmasters International é uma organização não lucrativa funcionando em clubes a nível mundial com o objectivo de ajudar os seus membros a melhorar as suas capacidades de comunicação, falar em público e liderança. tinha muitas perguntas, afinal, tinham crescido com Ele e conheciam-No antes de ter começado a fazer milagres, por isso antes de poderem duvidar Dele, o que é que Ele fez? Disselhes aquilo que estavam à espera de ouvir. Deu-lhes esperança - olhei para Shay. - É isso que tem de fazer com a JUNE.

139

A porta do nível 1 abriu-se e seis guardas de coletes à prova de bala e protecções faciais completas entraram.

- Não fale enquanto o mediador não lhe pedir para falar. E veja se lhe diz por que razão isto é tão importante para si - insisti, dando instruções à última hora.

Precisamente nesse momento, o primeiro guarda alcançou a porta da cela.

- Padre - disse-me -, vamos ter de pedir-lhe que vá ter connosco ali abaixo.

Observei-os conduzir Shay através do nível 1. "Fale com o coração" pensei, observando-o a afastar-se. "Para que ela saiba que vale a pena aceitá-lo."

Já me tinham dito o que fariam com ele. Seria algemado e agrilhado nos tornozelos. As algemas e as grilhetas seriam ligadas a uma corrente presa na cintura, de forma que se deslocava a arrastar os pés n o interior d a caixa humana formada por guardas. Seria levado para a cantina, que estava agora preparada para o aconselhamento ao infractor. O director da prisão explicara que basicamente quando precisavam de realizar sessões de grupo com infractores violentos, aparafusavam várias caixas de metal ao chão - e os prisioneiros eram colocados dentro destas celas em miniatura com um advogado, que se sentava numa cadeira na cantina junto a eles.

- É terapia de grupo - explicara orgulhosamente o director Coyne -, mas não deixam de estar

encarcerados.

MAGGIE fizera pressão para que se realizasse uma visita cara a cara. Quando não conseguiu, quis saber se poderíamos encontrar-nos em lados opostos de uma cabina de visita com um vidro. Mas éramos muitos, contando com o moderador e JUNE, pelo menos fora o que dissera a administração (apesar de já ter visto famílias de dez pessoas apinhadas numa destas pequenas cabinas isoladas para visitar um recluso). Embora eu - tal como MAGGIE -

pensasse que começávamos em grande desvantagem se um dos participantes estivesse acorrentado e aparafusado ao chão como Hannibal Lecter, era o melhor que conseguíamos arranjar.

A mediadora era uma mulher chamada Abigail Herrick, que vinha do gabinete de apoio à vítima da Procuradoria-Geral e tinha formação para fazer este género de coisas.

Ela e JUNE estavam a conversar em voz baixa num dos lados da antecâmara. Dirigi-me a JUNE assim que entrei.

- Obrigado. Isto significa muito para o Shay.

- Essa é a última razão pela qual o faria - disse JUNE, e virou-se de novo para Abigail.

140

Esgueirei-me para o outro lado da sala sentando-me ao lado de MAGGIE. Ela estava a deitar verniz cor-de-rosa nos co-lantes para prender uma malha caída.

- Estamos com um grande problema - disse eu.

- Sim? Como é que ele está?

- Está em pânico - semicerrei os olhos à luz fraca quando ela levantou a cabeça. - Como é que arranjou esse olho negro?

- Nas horas livres sou campeã de pesos médios do New Hampshire.

Ouviu-se um zumbido, e o director Coyne entrou.

- Está tudo preparado.

Conduziu-nos para a cantina, passando pelo detector de metais. MAGGIE e eu já tínhamos esvaziado os bolsos e despido os casacos antes que JUNE e Abigail se tivessem sequer apercebido do que estava a acontecer; esta é a diferença entre uma pessoa com experiência pessoal num estabelecimento prisional e as que têm uma vida normal.

Um guarda, ainda usando todo o equipamento de protecção, abriu a porta a JUNE, que continuou a fitá-lo horrorizada enquanto entrava.

Shay estava sentado dentro do que parecia ser uma cabina telefónica permanentemente selada com parafusos, porcas e metal. Grades tapavam-lhe partes do rosto; os seus olhos procuraram os meus assim que entrei na sala. Quando nos viu, levantou-se.

Nesse momento, JUNE ficou paralisada.

Abigail agarrou-lhe no braço e conduziu-a a uma das quatro cadeiras dispostas em semicírculo em frente à cabina. Dois guardas estavam atrás de nós; à distância conseguia ouvir o assobio de algo ser grelhado.

- Bem. Começamos - disse Abigail, e apresentou-se. - Shay, chamo-me Abigail Herrick.

Hoje vou ser a mediadora. Compreende o que isso significa?

Ele hesitou. Parecia estar prestes a desmaiar.

- A mediação vítima-infractor é um processo que concede à vítima a oportunidade de se encontrar com o infractor num ambiente seguro e estruturado - explicou Abigail. - A vítima poderá comunicar ao infractor qual foi o impacto físico, emocional e financeiro do crime. A vítima tem também oportunidade de obter respostas a quaisquer perguntas pendentes sobre o crime e de se envolver directamente em elaborar um plano para que o infractor salde essa dívida se possível, emocional ou monetária. Em troca, o infractor terá oportunidade de assumir responsabilidade pelo seu

comportamento e actos. Toda a gente percebeu até agora?

141

Comecei a interrogar-me por que razão este processo não era utilizado em cada crime cometido. Claro, representava muito trabalho para a Procuradoria-Geral e para a prisão, mas não seria melhor encontrar-se cara a cara com a outra parte, em vez de deixar que o sistema legal servisse de intermediário?

- Ora, o processo é estritamente voluntário. Isso significa que se a JUNE quiser ir-se embora a qualquer altura, deve sentir-se à vontade para o fazer. Mas – acrescentou Abigail -, também gostaria de salientar que esta reunião foi iniciada pelo Shay, o que representa um primeiro passo muito positivo.

Olhou para mim, para MAGGIE, depois para JUNE e finalmente para Shay.

- Agora, Shay - disse Abigail -, terá de ouvir a JUNE.

Dizem que ultrapassamos a nossa dor, mas isso não é verdade, nunca acontece. Já se passaram onze anos, e dói tanto como no primeiro dia.

Ver o rosto dele - cortado em segmentos por aquelas grades de metal, como se fosse uma espécie de retrato de Picasso que não podia ser reconstituído - fez-me relembrar tudo. Aquele rosto, o maldito rosto dele, fora o último que Kurt e Elizabeth viram.

Quando aconteceu, costumava fazer acordos comigo própria. Dizia que conseguia lidar com as mortes deles, desde que - e depois preenchia o espaço em branco. Desde que tivessem sido rápidas e indolores. Desde que Elizabeth tivesse morrido nos braços de Kurt. Se estivesse a conduzir, dizia a mim própria que se o semáforo ficasse verde antes de chegar ao cruzamento, sem dúvida estes pormenores seriam verdadeiros. Não admitia que por vezes abrandava para aumentar as hipóteses.

A única razão que me fazia arrastar para fora da cama naqueles primeiros meses era existir alguém mais necessitado do que eu. Quando era recém-nascida, Claire não tinha escolha.

Tinha de ser amamentada, de mudar as fraldas, de ser embalada. Mantinha-me tão presa ao presente que tive de largar o passado. Foi ela que me salvou a vida. Talvez seja por isso que estou tão determinada em salvar a dela também.

Mas nem mesmo ter Claire a meu cargo era cem por cento seguro. As mais pequenas coisas faziam-me cair numa espiral descendente: enquanto colocava sete velas no bolo de aniversário dela, pensava em Elizabeth, que teria catorze. Abria uma caixa na garagem e inspirava o aroma das cigarrilhas que Kurt gostava de fumar de vez em quando. Abria um boião de vaselina e via a pequena impressão digital de Elizabeth, preservada na superfície.

Tirava um livro da estante e caía de lá uma lista de compras, escrita na letra de Kurt: "pioneses, leite, sal grosso."

142

O que eu gostaria de dizer a Shay Bourne sobre o impacto que este crime teve na minha família é que a fez desaparecer, pura e simplesmente. O que eu gostaria de fazer era levá-lo de volta ao momento em que Claire, de quatro anos, se empoleirou nas escadas para olhar para uma fotografia de Elizabeth e me perguntou onde vivia a menina que se parecia com ela.

Gostaria que ele soubesse como é percorrer o nosso próprio corpo com a mão, e debaixo da camisa de noite, e descobrir que não podemos surpreender-nos com o nosso próprio toque.

Gostaria de lhe mostrar o local no quarto que ele construiu, o antigo quarto de criança de Claire, onde há uma mancha de sangue nas tábuas do soalho que não consegui limpar.

Gostaria de lhe dizer que embora tivesse alcatifado o quarto há anos e o tivesse transformado num quarto de hóspedes, ainda não o atravesso normalmente, e em vez disso contorno-o em bicos de pés quando tenho de lá entrar.

Gostaria de lhe mostrar as contas que vieram do hospital de cada vez que Claire tinha de ir para lá, que rapidamente consumiram o dinheiro que recebemos da companhia de seguros depois da morte de Kurt. Gostaria que ele me tivesse acompanhado ao banco, no dia em que perdi o controlo em frente à empregada da caixa e lhe disse que queria liquidar o fundo para a universidade de Elizabeth Nealon.

Gostaria de sentir aquele momento em que Elizabeth, sentada ao meu colo enquanto lia para ela, ficava flexível e mole, dormindo nos meus braços. Gostaria de ouvir Kurt a chamar-me Ruiva outra vez, por causa dos meus cabelos, e a enfiar os dedos neles enquanto víamos televisão no quarto à noite. Gostaria de apanhar do chão as meias sujas que Elizabeth espalhava pela casa, um pequeno tornado, a mesma razão que antes me fazia gritar com ela.

Gostaria muito de discutir com Kurt por causa do tamanho da conta do MasterCard.

Se eles tinham de morrer, gostaria muito de o ter sabido com antecedência, para poder pegar em cada segundo passado com eles e saber como me agarrar a ele, em vez de achar que haveria mais um milhão. Se eles tinham de morrer, gostaria muito de ter estado lá, para que o meu fosse o último rosto que vissem, em vez do dele.

Gostaria de dizer a Shay Bourne para ir para o Inferno, porque para onde quer que vá depois de morrer, é bom que não seja perto da minha filha e do meu marido.

MICHAEL

- Porquê? - perguntou JUNE Nealon. A voz dela estava raiada de ferrugem e mágoa e, no colo, as mãos contorciam-se. - Por que razão o fez? - ergueu os olhos, fitando Shay. - Deixei-o entrar em minha casa. Dei-lhe emprego. Confiei em si. E você, você tirou-me tudo o que eu tinha.

A boca de Shay movia-se em silêncio. Balançava de um lado para o outro na pequena cabina, por vezes batendo com a testa. Os olhos não se fixavam, como se estivesse a esforçar-se muito por organizar o que tinha para dizer.

143

- Posso corrigi-lo - disse por fim.

- Não pode corrigir nada - disse ela, tensa. -A sua outra filha...

JUNE ficou rígida.

- Não fale dela. Não se atreva a murmurar o nome dela sequer. Diga-me apenas. Esperei onze anos para ouvi-lo. Diga-me porque fez isto.

Ele cerrou os olhos; gotas de suor surgiram-lhe na testa. Murmurava, uma litania destinada a convencer-se a si próprio, ou talvez JUNE. Inclinei-me para a frente, mas o ruído que vinha da cozinha obliterava-lhe as palavras. E então, o que quer que fosse que estivesse a ser grelhado foi retirado da grelha, e todos ouvimos Shay, perfeitamente.

- Foi melhor ela ter morrido.

JUNE pôs-se de pé num ápice. O rosto dela estava tão pálido que receei que caísse para o lado, e levantei-me no caso de isso acontecer. Depois o sangue afluíu, quente, às suas faces.

- Seu canalha - disse ela, e correu lá para fora. MAGGIE puxou-me o casaco do fato.

-Vá - pronunciou ela silenciosamente.

Fui atrás de JUNE, passando pelos dois guardas e pela antecâmara. Ela saiu disparada pela porta dupla dirigindo-se ao parque de estacionamento sem sequer se dar ao trabalho de ir buscar a carta de condução à cabina de controlo, que fora trocada por um passe de visitante.

Tinha a certeza de que preferia ir à DGV e pagar por uma segunda via do que voltar a pôr os pés naquela prisão.

- JUNE - gritei. - Por favor. Espere.

Por fim apanhei-a junto ao carro, um velho FordTaurus com fita adesiva em volta do pára-choques traseiro. Soluçava tanto que não conseguia enfiar a chave na fechadura.

- Permita-me - abri a porta e segurei-a para que ela pudesse sentar-se, mas não o fez. - JUNE, lamento...

- Como é que ele foi capaz de dizer aquilo? Ela era uma menina. Uma menina linda, inteligente, perfeita.

Abracei-a e deixei-a chorar no meu ombro. Mais tarde, arrepender-se-ia de o fazer; mais tarde, sentiria que eu tinha manipulado a situação. Mas, por agora, abracei-a até que recuperasse o fôlego.

A redenção tinha muito pouco a ver com o geral, e muito a ver com o particular. Jesus podia perdoar Shay, mas de que serviria isso se Shay não se perdoasse a si próprio? Fora esse ímpeto que o levava a dar o seu coração, tal como eu fora levado a ajudá-lo para compensar o 144

meu voto a favor da sua execução. Não podíamos apagar os nossos erros, por isso fizemos o mais aproximado: tentámos fazer algo que desviasse a atenção deles.

- Gostaria de ter conhecido a sua filha - disse num tom suave. JUNE afastou-se de mim.

-Também gostaria que a tivesse conhecido.

- Não pedi que viesse até aqui para que ficasse de novo magoada. O Shay deseja mesmo corrigir os seus erros. Sabe que a única coisa boa que poderá ser originada pela sua vida talvez seja a sua morte - olhei para o arame farpado enrolado no topo da vedação da prisão: uma coroa de espinhos para um homem que desejava ser um salvador. - Ele tirou-lhe o resto da sua família - disse eu. - Ao menos, deixe-o ajudá-la a ficar com a Claire.

JUNE entrou no carro, novamente a chorar enquanto saía do lugar onde estava estacionada.

Observei-a parar à saída da prisão, com o pisca a marcar o tempo.

Então, subitamente, as luzes dos travões acenderam-se. Fez marcha-atrás a acelerar, parando junto a mim, a centímetros de distância. Abriu a janela do lado do condutor.

-Vou aceitar o coração dele - disse JUNE, numa voz pastosa. -vou aceitá-lo, e vou ver aquele canalha morrer, e mesmo assim não ficaremos quites.

Demasiado espantado para falar, acenei com a cabeça. Observei JUNE afastar-se no carro, com as luzes traseiras a piscar vermelhas como os olhos de um diabo.

MAGGIE

- Bem - disse eu quando vi o padre Michael de regresso à prisão, assombrado -, foi péssimo.

Ao ouvir o som da minha voz, olhou para cima.

- Ela vai aceitar o coração. Fiquei de boca aberta.

- Está a brincar.

- Não. Vai aceitá-lo pelas razões erradas... mas vai aceitá-lo. Não podia acreditar. A seguir à hecatombe na visita de justiça reparadora, teria mais facilmente aceitado que tivesse ido comprar uma Uzi para fazer justiça pelas suas próprias mãos contra Shay Bourne. Comecei a raciocinar rapidamente: se JUNE Nealon queria o coração de Shay, qualquer que fosse a razão, então eu teria muito que fazer.

- Preciso que me passe um atestado a dizer que é o conselheiro espiritual do Shay e que as crenças religiosas dele incluem doar o seu coração.

Ele respirou fundo.

- MAGGIE, não posso assinar um documento legal sobre o Shay...

145

- Claro que pode. Minta - disse eu -, e depois vá confessar-se. Não está a fazer isto por si; está a fazê-lo pelo Shay. E precisamos de um cardiologista para examinar o Shay, para ver se o coração dele é compatível com a Claire.

O padre fechou os olhos e acenou com a cabeça.

- Acha que devo ir dizer-lhe?

- Não - disse eu, sorrindo. - Eu vou.

Após um ligeiro desvio, passei novamente pelos detectores de metais e fui conduzida de novo para a sala de visitas dos advogados aos clientes à porta do nível 1. Passados alguns minutos, apareceu um guarda a resmungar, trazendo Shay.

- Se ele continuar a andar assim de um lado para o outro, o Estado terá de contratar-lhe um motorista.

Shay passou as mãos pelos cabelos, fazendo-os ficar em pé; a camisa do uniforme da prisão estava para fora das calças.

- Desculpe - disse ele de imediato.

- Não era a mim que devia pedir desculpas - respondi.

- Eu sei - cerrou os olhos, abanou a cabeça. - Tinha onze anos de palavras dentro da minha cabeça, e não consegui fazê-las sair como queria.

- Surpreendentemente, a JUNE Nealon está disposta a aceitar o seu coração para a Claire.

Algumas vezes ao longo da minha carreira, fui portadora de uma mensagem que mudaria a vida de um cliente: a vítima de um crime de ódio cuja loja fora destruída, que recebera uma indemnização que lhe permitiria construir instalações maiores e melhores; o casal homossexual que foi aprovado legalmente para constar da lista de pais do directório da escola primária. Um sorriso desabrochou no rosto de Shay e eu lembrei-me, nesse momento, que evangelho significa boa nova.

- Ainda não é definitivo - disse eu. - Ainda não sabemos, a nível médico, se é viável. E há uma série de assuntos legais para contornar... e é sobre isso que tenho de lhe falar, Shay.

Fiquei à espera que ele se sentasse à minha frente na mesa, e ficasse suficientemente calmo para parar de sorrir e olhar directamente para mim. Já tinha chegado a este ponto com clientes anteriormente: desenhávamos-lhes um mapa e mostrávamos-lhes onde se encontrava a saída, e depois ficávamos à espera para ver se eles compreendiam que precisávamos que eles rastejassem dali para

fora sozinhos. Isso era legítimo, legalmente; não lhes dizíamos para distorcerem a verdade, só lhes explicávamos o funcionamento dos tribunais, na esperança de que estivessem dispostos a usá-lo em seu favor.

146

- Ouça com atenção - disse eu. - Existe uma lei neste país que diz que o Estado tem de o deixar praticar a sua religião, desde que isso não interfira com a segurança da prisão. Existe também uma lei no New Hampshire que diz que mesmo que o tribunal o tenha condenado à morte por injeção letal, o que não lhe permitiria doar o seu coração... em determinadas circunstâncias, os reclusos que estão no corredor da morte podem em vez disso ser enforcados. E se for enforcado, poderá doar os seus órgãos.

Era muito para ele assimilar, e eu via-o ingerir as palavras como se estas viessem numa correia transportadora.

- Talvez seja capaz de convencer o Estado a enforcá-lo - disse eu -, se conseguir provar a um juiz de um tribunal federal que doar os seus órgãos faz parte da sua religião. Compreende o que eu estou a dizer?

Ele retraiu-se.

- Não gostava de ser católico.

- Não tem de dizer que é católico.

- Diga isso ao padre Michael.

- De boa vontade - ri-me.

- Então o que terei de dizer?

- Há muita gente fora desta prisão, Shay, que não tem nenhum problema em acreditar que o que está a fazer aqui tem uma base religiosa. Mas eu também preciso de acreditar nisso. Para que isto resulte, o Shay terá de me dizer que doar os seus órgãos é o único caminho para a salvação.

Ele levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

- O meu caminho para a salvação pode não ser igual ao de outra pessoa.

- Não faz mal - disse eu. - O tribunal não se interessa por mais ninguém. Só querem saber se o Shay acha que doar o seu coração à Claire Nealon irá redimi-lo aos olhos de Deus.

Quando parou à minha frente e olhei directamente para ele, vi algo que me surpreendeu. Por estar tão ocupada a planear uma saída para Shay Bourne, esquecera-me de que por vezes o mais extravagante é realmente a verdade.

- Eu não acho - disse ele. - Eu sei que é.

- Então estamos no bom caminho - enfiei as mãos nos bolsos do fato e de repente lembrei-me de outra coisa que tinha para dizer a Shay.

147

- Pica - disse eu. - É como caminhar em cima de uma tábua cheia de agulhas. Mas não dói.

Cheira a manhãs de domingo, é como um cortador de relva junto à janela quando estamos a tentar fingir que o sol ainda não nasceu.

Enquanto falava, Shay fechou os olhos.

- Acho que me lembro.

- Bem - disse eu. - No caso de não se lembrar. - Tirei as mancheias de relva que tinha arrancado junto à prisão e espalhei os tufos pelo chão.

Um sorriso surgiu no rosto de Shay. Descalçou os ténis distribuídos pela prisão e começou a andar para trás e para a frente, descalço, por cima da relva. Depois dobrou-se para reunir os pedaços e enfiou-os no bolso do uniforme, junto a um coração que ainda batia forte.

- Vou guardá-los - disse ele.

Sei que Deus não me dá nada que eu não possa lidar. Apenas gostaria que Ele não confiasse tanto em mim.

Madre Teresa

Tudo tem um preço.

Podemos ficar com o homem dos nossos sonhos, mas apenas durante alguns anos.

Podemos ter a família perfeita, mas afinal não passa de uma ilusão.

Podemos manter a nossa filha viva, mas só com o coração da pessoa que mais odiamos no mundo.

Não consegui ir da prisão directamente para casa. De início tremia tanto que nem sequer conseguia conduzir; e mesmo depois, deixei passar a saída da auto-estrada duas vezes. Tinha ido àquela reunião para dizer a Shay Bourne que não queria o coração dele. Então por que razão tinha mudado de ideias? Talvez por estar zangada. Talvez por ter ficado tão chocada com o que Shay Bourne dissera. Talvez porque se ficassemos à espera que a Rede Unida para a Partilha de Órgãos encontrasse um coração para Claire, já fosse demasiado tarde.

Para além disso, disse a mim própria, isso ainda não estava totalmente decidido. As hipóteses de Bourne ser sequer fisicamente compatível com Claire eram insignificantes; o coração dele provavelmente seria demasiado grande para o corpo de uma criança; poderia ter todo o tipo de doenças que comprometessem o processo, ou um consumo de drogas prolongado que o impedisse de ser dador.

E, no entanto, havia outra parte de mim que não deixava de pensar: "Mas e se...?"

148

Poderia permitir-me ter esperança? E conseguiria aguentar se, mais uma vez, essa esperança fosse destruída por Shay Bourne?

Quando me sentia suficientemente calma para ir para casa e enfrentar Claire, já era de noite. Tinha pedido a uma vizinha para ir ver como ela estava de hora a hora durante a tarde e o princípio da noite, mas Claire recusou terminantemente uma ama oficial. Estava a dormir profundamente no sofá, com o cão enrolado aos seus pés.

Dudley levantou a cabeça quando entrei, uma valorosa sentinela. "Onde estavas tu quando levaram a Elizabeth?", pensei, não pela primeira vez, afagando Dudley entre as orelhas.

Durante dias, após os homicídios, fiquei com o cachorrinho ao colo, a olhar nos olhos dele e a fingir que podia dar-me as respostas que tão desesperadamente procurava.

Desliguei o televisor que tagarelava para ninguém e sentei-me junto de Claire. Se a minha filha recebesse o coração de Shay Bourne, olharia para ela mas vê-lo-ia a ele a retribuir-me o olhar?

Seria capaz de viver com isso?

E se não fosse... a Claire sobreviveria?

Encostei-me ao corpo de Claire, estendendo-me junto a ela no sofá. Adormecida, enrolou-se junto a mim, uma peça de um puzzle encaixada no seu lugar. Beijei a testa da minha filha, verificando inconscientemente se tinha febre. Esta agora era a minha vida, e a de Claire: ficar à espera. Como Shay Bourne na sua cela, à espera da sua vez de morrer, estávamos aprisionadas pelas limitações do corpo de Claire, à espera da sua vez de viver.

Por isso não me julguem, a menos que tenham adormecido no sofá com um filho doente, pensando que essa noite poderia ser a última.

Em vez disso, façam esta pergunta: fá-lo-iam?

Abdicariam da vossa vingança contra alguém que odiassem se isso implicasse salvar alguém que amassem?

Desejariam que os vossos sonhos se realizassem se isso implicasse realizar as últimas vontades do vosso inimigo?

MAGGIE

Na escola, era uma aluna meticulosa. Justificava o texto dos meus trabalhos, para que a escrita não ficasse com um aspecto irregular. Fazia capas elaboradas – uma pequena guilhotina de duas dimensões para o meu trabalho sobre Um Conto de Duas Cidades; um 149

trabalho de ciências sobre os prismas com o título em múltiplas cores, como o arco-íris, uma letra escarlate para... bem, já devem ter percebido.

Por isso, escrever uma carta ao comissário prisional fez-me lembrar um pouco os meus dias de estudante. Envolvia várias partes: a transcrição da declaração de Shay Bourne afirmando que queria doar o seu coração à irmã da sua vítima; um atestado do cirurgião cardiologista de Claire Nealon, declarando que ela precisava realmente de um coração para sobreviver. Tinha telefonado para marcar uma consulta médica para Shay, para verificar se era compatível com Claire; e tinha passado uma hora ao telefone com um coordenador da Rede Unida para a Partilha de Órgãos, para confirmar que se Shay doasse o seu coração, poderia escolher quem o iria receber. Juntei todas estas cartas com uma mola de borboleta prateada e depois voltei para o computador para acabar a minha carta para o comissário Lynch.

Tal como foi evidenciado na carta do conselheiro espiritual do arguido, o padre Michael Wright, a execução por injeção letal não só impedirá o arguido de cumprir a sua vontade de doar o coração a Claire Nealon como também interfere na prática da sua religião - uma clara violação dos direitos estabelecidos pela Primeira Emenda.

Portanto, ao abrigo do código penal do New Hampshire, 630:5, subsecção XIV, seria impraticável que o comissário prisional executasse a pena de morte por injeção letal. A pena de morte executada por enforcamento, porém, não só é contemplada no código penal, como também permitiria ao arguido praticar a sua religião até ao momento da execução.

Conseguia imaginar, neste momento, o comissário a ficar de boca aberta ao aperceber-se de que eu tinha conseguido juntar duas leis diferentes de forma a tornar as semanas seguintes num verdadeiro inferno.

Além disso, este gabinete está disposto a trabalhar em conjunto com o comissário prisional para facilitar o que necessita de ser feito, visto ser forçoso proceder a análises de tecidos e exames médicos antes da doação, e por o factor tempo ser essencial durante a recolha de órgãos.

Para não referir - não confio em si.

É imperativo resolver este assunto com brevidade, por razões óbvias.

Não temos muito tempo para resolver isto, porque nem Shay Bourne nem Claire Nealon dispõem de muito tempo, ponto final.

com os melhores cumprimentos, MAGGIE Bloom, Advogada.

150

Imprimi a carta e enfiei-a num envelope castanho-amarelado que já tinha endereçado.

Enquanto lambia o envelope, pensei: "Por favor, faça isto resultar."

Com quem estava a falar? Não acreditava em Deus. Agora já não. Era atea.

Ou pelo menos era o que dizia a mim própria, embora houvesse uma parte secreta de mim que tinha esperança que eu estivesse enganada.

LUCIUS

As pessoas pensavam que sabiam de que sentiriam mais falta se tivessem de trocar comigo, nesta cela. Comida, ar livre, as calças de ganga preferidas, sexo - acreditem, já ouvi isso tudo, e todas se enganam. Aquilo de que sentimos mais falta na prisão é da possibilidade de escolha. Não temos vontade própria: cortam-nos o cabelo da mesma maneira, igual a todos os outros. Comemos o que é servido quando é servido. Dizem-nos quando devemos tomar duche, cagar, fazer a barba. Até as nossas conversas são determinadas: se alguém chocar contra nós no mundo real, dirá: "Desculpe." Se alguém chocar connosco aqui diremos "Mas que merda é esta, seu cabrão" antes que ele possa sequer falar. Se não o fizermos, ficamos marcados.

Não temos escolha agora porque fizemos uma escolha má no passado - e foi por isso que todos nós ficámos motivados com a tentativa de Shay morrer segundo as suas próprias condições. Não deixava de ser uma execução, mas mesmo esse pequeno fragmento de preferência era mais do que aquilo que tínhamos no dia-a-dia. Imaginava como o meu mundo mudaria se nos dessem a escolher entre um uniforme cor-de-laranja e um amarelo; se nos perguntassem se gostaríamos de ter um garfo ou uma colher nos nossos tabuleiros com as refeições, em vez do universal "garfo-colher" de plástico. Mas quanto mais animados ficávamos com a possibilidade de, bem, com a possibilidade... mais deprimido Shay ficava.

- Talvez - disseme ele uma tarde quando o ar condicionado estava avariado e estávamos todos inertes nas nossas celas - devesse deixá-los fazer aquilo que querem.

O s guardas, num acto piedoso, abriram a porta que dava para a cela de exercício. Devia proporcionar-nos uma brisa, mas tal não se verificara.

- Porque dizes isso?

- Porque acho que comecei uma guerra - disse Shay.

- Bem, vejam só - riu Crash. - E eu aqui a treinar a pontaria.

Esta tarde Crash injectara-se com Benadryl. Muitos dos reclusos aqui tinham feito as suas próprias agulhas - agulhas hipodérmicas caseiras que podiam ser afiadas cada vez que eram utilizadas raspando-as numa caixa de fósforos. O Benadryl era distribuído pela enfermeira da prisão; podia acumular-se alguns, abrir-se uma cápsula e cozinhar as pequenas esferas de 151

medicamento numa colher num fogão feito a partir de uma lata de refrigerante, e era um estimulante, mas as substâncias utilizadas no medicamento também nos enlouqueciam.

- O que dizes, Senhor Messias... queres um chuto?

- Obviamente que não - respondi.

- Não me parece que ele estivesse a falar contigo - disse Shay. E depois disse a Crash: - Dá-me.

Crash riu.

- Acho que não o conheces tão bem quanto julgas, Liberace. Não é verdade, Corredor da Morte?

Crash não tinha princípios morais. Juntava-se à Irmandade Ariana quando isso servia os seus propósitos. Falava em ataques terroristas; aplaudia quando assistíamos às imagens do World Trade Center a ruir. Tinha uma lista de vítimas, se alguma vez saísse daqui. Queria que os filhos crescessem para ser drogados, traficantes de droga ou prostitutas, e disse que ficaria desiludido se fossem qualquer outra coisa. Uma vez, ouvi-o descrever uma visita com a filha de três anos: disselhe para dar um murro noutra criança da escola para que ele ficasse orgulhoso dela, e para não voltar até o ter feito. Agora via-o lançar a Shay o seu equipamento, bem escondido dentro de uma pilha desmontada, pronto para uma dose, com o Benadryl liquefeito lá dentro. Shay colocou a agulha na curva do braço,

colocando o polegar no êmbolo.

E esguichou o precioso líquido para o chão da passadeira.

- Mas que merda! - explodiu Crash. - Dá-me isso.

- Não ouviste? Sou Jesus. Devo salvar-te - disse Shay.

- Não quero ser salvo - gritou Crash. - Quero o meu equipamento de volta!

- Vem buscá-lo - disse Shay, e empurrou o equipamento debaixo da porta, de forma que este ficou mesmo no meio da passadeira. - Hei, guarda - gritou ele. – Venha ver o que o Crash fez.

Quando os guardas prisionais entraram para confiscar o equipamento - e escrever-lhe uma multa que incluiria uma estadia na solitária - Crash deu um soco na porta de metal.

-Juro-te, Bourne, quando menos esperares...

Foi interrompido pelo som da voz do director Coyne no pátio.

- Acabei de comprar uma maldita maca de execuções - gritou o director, conversando com alguém que não conseguíamos ver. - O que vou fazer com ele?? - E então, quando parou de 152

falar, todos reparámos em algo, ou na sua ausência. O ruído incessante de martelos e serras que se fazia sentir lá fora há meses, enquanto se construía uma câmara de execuções para levar a cabo a sentença de Shay, silenciara-se. Só ouvíamos um simples sossego tranquilo.

- ... vais acabar morto - terminou Crash, mas agora estávamos a começar a interrogar-nos se isso ainda seria verdade.

MICHAEL

O reverendo Arbogath Justus pregava na Igreja Drive de Cristo em Deus em Helderich, no Michigan. A sua congregação chegava de carro aos domingos de manhã e recebia um panfleto azul com a escritura do dia, e uma mensagem para sintonizar o rádio na frequência 1620 AM para ouvir o bom reverendo quando subisse para o púlpito, o antigo snack bar quando a igreja era um cinema. Teria ridicularizado esta situação, mas o seu rebanho contava com uma força de seiscentas pessoas, o que levou a acreditar que havia bastantes pessoas no mundo a querer enfiar os pedidos de oração debaixo dos limpa pára-brisas para que estes fossem recolhidos, e receber a comunhão de acólitas de patins.

Acho que não era assim tão diferente passar de um ecrã de cinema para um mais pequeno, e era por isso que o reverendo Justus também geria um canal de televisão numa televisão por cabo chamada SOS (Salvem as Nossas Almas)⁴. Tinha passado por ele algumas vezes, enquanto mudava de canal. Era fascinante para mim, tal como a Semana do Tubarão era fascinante no Discovery Channel - tinha curiosidade em ficar a saber mais, mas a boa distância segura. Justus usava eyeliner na televisão e fatos numa gama de cores de chupa-chupa. A mulher tocava acordeão quando chegava a altura de cantar hinos. Tudo aquilo parecia uma paródia daquilo que a fé deveria ser - tranquila, trazendo paz ao coração, e não grandiosa e dramática - e era por isso que acabava sempre por mudar de canal.

Um dia, quando fui visitar Shay, o meu carro ficou parado no trânsito a caminho da prisão.

Rostos brilhantes e limpos do Midwest abriam caminho de carro em carro.

Vestiam T-shirts verdes com o nome da igreja de Justus nas costas, escrito por cima de um desenho rudimentar de um Chevy descapotável de 57. Quando uma rapariga se aproximou, abri a janela.

- Que Deus o abençoe! - disse ela, e ofereceu-me uma tira de papel amarelo.

Tinha um retrato de Jesus, de braços estendidos e mãos erguidas, a flutuar na forma oval de um espelho lateral de um carro.

Lia-se: Os OBJECTOS NO ESPELHO ESTÃO MAIS PRÓXIMOS DO QUE APARENTAM.

153

E depois em baixo: Shay Bourne: Um Lobo com Pele de Cordeiro? Não Deixem Que Um Falso Profeta vos Leve por Maus Caminhos!

A fila de carros avançava lentamente, por fim, e virei para o parque de estacionamento. Tive de estacionar o carro em cima da relva, de tal forma estava sobrelotado. A multidão de pessoas que estava à espera de Shay, e a comunicação social que fazia a cobertura da sua história, não se tinham dissipado.

No entanto, quando me aproximei da prisão, apercebi-me de que no momento a atenção destas pessoas não se fixava em Shay, mas num homem de fato de três peças verde-lima, com um colarinho clerical. Aproximei-me o suficiente para ver a maquilhagem pesada e o eyeliner, e percebi que o reverendo Arbogath Justus mudara-se agora para o reino da religião por satélite... e escolhera a prisão para ser a sua primeira paragem.

- Os milagres não significam nada - anunciou Justus. - O mundo está cheio de falsos profetas.

No Apocalipse, está escrito que há uma besta que usa milagres para iludir os homens levando-os a adorá-la. Sabem o que acontece a essa besta no Dia do Julgamento Final? Ela e as pessoas que foram iludidas são lançados num lago de fogo. É isso que querem?

Uma mulher avançou do abismo da multidão.

- Não - soluçou. - Quero ir com Deus.

- Jesus ouviu-a, irmã - disse o reverendo Justus. - Porque Ele está aqui, connosco. E não dentro dessa prisão, como o falso profeta Shay Bourne!

Ouviu-se um brado vindo dos seus convertidos. Mas com a mesma rapidez, foi igualado por aqueles que ainda não tinham desistido de Shay.

- Como sabemos que o reverendo não é um falso profeta? gritou um jovem.

Ao meu lado, uma mulher apertou mais a criança que trazia nos braços. Olhou para o meu colarinho e franziu o sobrolho.

- O senhor está do lado dele?

- Não - disse eu. - com certeza que não. Ela acenou com a cabeça.

- Bem, não vou seguir os conselhos de um homem cuja igreja tem uma concessão para um bar.

Comecei a concordar, mas distraí-me com um homem entroncado que tirou o reverendo do seu púlpito improvisado, puxando-o para o meio da multidão.

As câmaras, como é óbvio, estavam todas a gravar.

154

Sem pensar duas vezes no que estava a fazer, ou que estava a ser filmado, avancei e salvei o reverendo Justus das garras da turba. Ele colocou os braços à minha volta, arquejando, enquanto eu nos içava a ambos para cima de um rebordo que contornava o parque de estacionamento.

Em retrospectiva, não sei porque decidi armar-me em herói. E de facto não sei porque disse o que disse a seguir. Em termos filosóficos, o reverendo Justus e eu pertencíamos à mesma equipa embora abordássemos a religião com estilos muito diferentes. Mas também sabia que Shay estava - talvez pela primeira vez na sua vida - a tentar fazer algo de honroso. Não merecia ser vilipendiado por isso.

Podia não acreditar em Shay - mas acreditava no que ele dizia.

Senti o olho bem aberto e branco de uma câmara de televisão virar-se na minha direcção, e um bando de outros seguiu-o.

- O reverendo Justus veio até aqui, tenho a certeza, porque acredita que está a dizer-vos a verdade. Bem, Shay Bourne também. Quer fazer algo neste mundo antes de o deixar: salvar a vida de uma criança. O Jesus que eu conheço apoiá-lo-ia, penso eu. E disse eu, virando-me para o reverendo -, o Jesus que eu conheço não mandaria as pessoas para um Inferno ardente se estivessem a tentar expiar os seus pecados. O Jesus que eu conheço acredita em segundas oportunidades.

Quando o reverendo Justus se apercebeu de que eu o salvara de ser sacrificado pela turba, para o sacrificar novamente, o seu rosto enrubesceu.

- Há uma verdadeira palavra de Deus - proclamou na sua voz preparada para as câmaras - e Shay Bourne não está a pregá-la.

Bem, não podia argumentar contra isso. Ao longo de todo este tempo que estivera com Shay, ele nunca citou o Novo Testamento. Mais facilmente praguejaria ou tergiversaria sobre o vírus Hanta e conspirações governamentais.

- Tem toda a razão - disse eu. - Ele está a tentar fazer algo que nunca foi feito. Está a questionar as condições existentes. Está a tentar sugerir outro caminho: um caminho melhor.

E está disposto a morrer para que isso aconteça - ergui uma sobrancelha. Pensando melhor, aposto que Jesus teria muito em comum com um homem como Shay Bourne.

Acenei com a cabeça, desci do rebordo de granito, e abri caminho por entre a multidão até chegar a uma divisória de segurança, onde um guarda prisional me deixou passar.

- Padre - disse ele, abanando a cabeça -, não faz ideia do tamanho do monte de o-senhor-sabe-o-quê em que acabou de se meter. - E como se precisasse de provas, o meu telemóvel tocou: o padre Walter a dizer-me zangado para regressar a St. Catherine, imediatamente.

155

Estava sentado no primeiro banco da igreja enquanto o padre Walter andava de um lado para o outro à minha frente.

- E se eu dissesse que fui tocado pelo Espírito Santo? sugeri, recebendo um olhar devastador.

- Não compreendo - disse o padre Walter. - Como foi dizer uma coisa daquelas... em directo na televisão, por amor de Deus...

- Não tive intenção...

- ... quando devia saber que ia atingir St. Catherine? - sentou-se ao meu lado e inclinou a cabeça para trás, como se estivesse a rezar para a imagem esculpida de Jesus na Cruz que se erguia por cima de nós. - Michael, a sério, onde estava com a cabeça? - perguntou ele num tom suave. - Você é um homem atraente, inteligente e honesto. Podia subir muito na Igreja, receber a sua própria paróquia, acabar por ir para Roma... ser tudo aquilo que quisesse ser. E

em vez disso, recebo uma cópia de um atestado da Procuradoria-Geral, a dizer que enquanto conselheiro espiritual de Shay Bourne acredita na salvação através da doação de órgãos? E

depois ligo a televisão para ver as notícias do meio-dia e vejo-o num púlpito improvisado, a falar como uma espécie de... uma espécie de...

- De quê?

Ele abanou a cabeça, mas parou antes de me chamar herege.

- Já leu Tertuliano - disse ele.

Todos nós tínhamos lido, no seminário. Era um famoso historiador cristão ortodoxo cujo texto A Prescrição dos Hereges era um precursor do Credo de Niceia. Tertuliano incutiu a ideia de um depósito de fé - que devemos pegar nos ensinamentos de Cristo e acreditar neles tal como são, sem acrescentar nem tirar nada.

- Quer saber por que razão o Catolicismo já existe há dois mil anos? - perguntou o padre Walter. - Por causa de pessoas como Tertuliano, que compreenderam que não podemos alterar a verdade. As pessoas ficaram incomodadas com as mudanças do Vaticano II. O papa até restabeleceu a missa em latim.

Respirei fundo.

- Pensei que ser conselheiro espiritual significava fazer o que Shay precisa para enfrentar a morte em paz, e não o que nós precisamos que ele faça, como bom católico.

- Santo Deus - disse o padre Walter. - Ele ludibriou-o. Franzi o sobrolho.

- Ele não me ludibriou.

156

- Tem-no na mão! Olhe para si, quase se comportou como o assessor de imprensa dele hoje no noticiário...

- Acha que Jesus morreu por uma razão? - interrompi.

- Claro.

- Então por que razão Shay Bourne não pode fazer o mesmo?

- Porque - disse o padre Walter -, Shay Bourne não vai morrer pelos pecados de ninguém, só pelos dele.

Retraí-me. Bem, e eu não sabia isso melhor do que ninguém? O padre Walter suspirou.

- Não concordo com a pena de morte, mas compreendo esta sentença. Ele assassinou duas pessoas. Um polícia e uma menina

- Abanou a cabeça. - Salve a alma dele, Michael. Não tente salvar-lhe a vida.

Olhei para cima.

- O que acha que teria acontecido se apenas um dos apóstolos tivesse ficado acordado no jardim

com Jesus? Se impedissem que fosse preso? Se tentassem salvar-lhe a vida?

O padre Walter ficou de boca aberta.

- Não acha realmente que Shay Bourne é Jesus, pois não? Não achava.

Pois não?

O padre Walter sentou-se no banco e tirou os óculos. Esfregou os olhos.

- Mikey - disse ele -, tire umas duas semanas de férias. Vá para algum lado rezar. Pense naquilo que está a fazer, naquilo que está a dizer-olhou para mim. – E entretanto, não quero que vá à prisão por parte de St. Catherine.

Olhei em volta, para esta igreja de que comecei a gostar - com os seus bancos envernizados e os salpicos de luz dos vitrais, a seda murmurante do véu do cálice, as chamas a bailar nas velas acesas em oferenda. "Onde estiver o vosso tesouro, aí estará, também o vosso coração."

- Não irei à prisão por parte de St. Catherine - disse eu - mas irei pelo Shay.

Percorri a nave, passando pela água benta, passando pelo quadro dos boletins com a informação sobre o rapaz do Zimbabué que a congregação sustentava com os seus donativos.

Quando saí lá para fora pela porta dupla da igreja, o mundo ficou tão luminoso por um momento, que não conseguia ver para onde ia.

MAGGIE

Há quatro maneiras de enforcar uma pessoa. O enforcamento por queda curta implica que o prisioneiro caia apenas alguns centímetros; o peso do seu corpo e o facto de se debater aperta o nó, provocando a morte por estrangulamento. O enforcamento por suspensão implica que o prisioneiro seja içado e estrangulado. O enforcamento por queda comum - popular na América nos séculos XIX e XX - implica que o prisioneiro caia de uma altura entre um metro e vinte e um metro e oitenta, o que pode ou não fracturar-lhe o pescoço. O enforcamento por queda longa é uma execução mais personalizada: a altura de que o prisioneiro cai é determinada pelo peso e tipo de corpo. O corpo ainda está a acelerar devido à força da gravidade no final da queda, mas a cabeça é restringida pelo nó - o que fractura o pescoço e causa ruptura da espinal medula, provocando inconsciência imediata e uma morte rápida.

Também tinha ficado a saber que a seguir ao fuzilamento, o enforcamento era a forma mais popular de execução em todo o mundo. Foi introduzido na Pérsia há dois mil e quinhentos anos, destinando-se aos criminosos masculinos (as mulheres eram estranguladas num poste, por ser menos indecente) - uma alternativa agradável ao sangue e vísceras de uma típica decapitação, mantendo todo o vigor de um espectáculo público.

No entanto, não era totalmente seguro. Em 1885, um assassino britânico chamado Robert Goodale foi enforcado, mas a força da queda decapitou-o. Mais recentemente, o meio irmão de Saddam Hussein sofreu o mesmo destino macabro no Iraque. Era um dilema legal: se a pena de morte tivesse de ser executada por enforcamento, então o prisioneiro não poderia ser decapitado, senão a sentença não seria cumprida.

Tinha de fazer a minha investigação - o que explicava o facto de estar a ler a Tabela Oficial de Quedas e a calcular o peso de Shay Bourne quando o padre Michael entrou no meu gabinete.

- Oh, ótimo - disse eu, indicando a cadeira em frente à minha secretária com um gesto. - Se o laço for correctamente posicionado, há qualquer coisa acerca de um ilhó de latão, a queda provoca a fractura instantânea da vértebra C2. Diz aqui que a morte cerebral ocorre em seis minutos, e a morte de todo o organismo demora entre dez e quinze minutos. Isso significa que temos uma janela de quatro minutos para o colocar em respiração artificial antes de o coração deixar de bater e oh, quase me esquecia: já tive uma resposta da Procuradoria-Geral.

Recusaram o nosso pedido para que Shay fosse enforcado em vez de executado por injeção letal. Incluíram a sentença original, como se eu não a tivesse lido milhões de vezes, e disseram-me que se quisesse questioná-la, teria de recorrer aos procedimentos adequados. O

que - disse eu - já fiz há cinco horas.

O padre Michael nem sequer parecia estar a ouvir-me.

158

- Olhe - disse eu, suavemente -, é mais fácil se pensar nesta questão do enforcamento como ciência... e pare de o relacionar directamente com o Shay.

- Desculpe - disse o padre, abanando a cabeça. - É que... tem sido um dia bastante mau.

- Refere-se ao confronto que teve com o tele-evangelista?

- Assistiu a isso?

- O senhor é o assunto do momento, padre. Fechou os olhos.

- Que bom.

- Tenho a certeza de que o Shay também viu, se isso lhe serve de consolo.

O padre Michael olhou para mim.

- Graças ao Shay, o meu supervisor acha que sou um herege. Pensei no que diria o meu pai se um membro da sua congregação o procurasse para aliviar a alma.

- O padre acha-se um herege?

- E algum herege se acha herege? - perguntou ele. - Sinceramente, sou a última pessoa que devia estar a ajudá-la a vencer o caso do Shay, MAGGIE.

- Olhe - disse eu, tentando animá-lo. - Estava quase a ir para casa dos meus pais, para jantar.

É um compromisso marcado, todas as sextas-feiras à noite. Porque não vem comigo?

- Não queria incomodar...

- Acredite, há sempre comida suficiente para alimentar um país do terceiro mundo.

- Então está bem - disse o padre -, seria ótimo. Desliguei o candeeiro da secretária.

- Podemos ir no meu carro - disse eu.

- Posso deixar a minha moto estacionada aqui no parque?

- Pode andar de moto, mas não pode comer carne à sexta-feira?

Ainda parecia que o mundo lhe tinha sido puxado de debaixo dos pés.

- Acho que os fundadores da Igreja pensaram que seria mais fácil prescindir da carne do que das Harleys.

Conduzi-o através do labirinto de armários de ficheiros nos escritórios da União Americana pelas Liberdades Cívicas e dirigi-me lá para fora.

159

- Adivinhe o que descobri hoje - disse eu. - O alçapão do velho cadafalso na prisão estadual está no gabinete do capelão.

Quando olhei para o padre Michael, tive quase a certeza de ver o espectro de um sorriso.

JUNE

Uma das coisas que me agrada no consultório do Dr. Wu é a parede cheia de fotografias. Um enorme quadro de cortiça exibe fotografias de pacientes que contra todas as expectativas sobreviveram após o Dr. Wu ter operado os seus corações doentes. Havia bebês apoiados em almofadas, retratos em cartões de Natal e rapazes brandindo bastões da Liga Infantil. Era um mural de sucesso.

Quando falei pela primeira vez na oferta de Shay ao Dr. Wu, ele ouviu-me com atenção e depois disse que nos seus vinte e três anos de profissão, ainda estava para ver o coração de um homem adulto ser compatível com uma criança. Os corações crescem consoante as necessidades do corpo que os alberga - e foi por isso que todos os órgãos oferecidos a Claire para transplante pertenciam a outra criança.

- vou examiná-lo - prometera o Dr. Wu -, mas não quero dar-lhe muitas esperanças.

Agora observava o Dr. Wu sentar-se e espalmar as mãos abertas na secretária. Ficava sempre espantada pelo facto de ele andar por aí a sacudir as mãos e a acenar como se estas fossem absolutamente normais, e não milagrosas. Aquelas celebridades ridículas que faziam seguros para os seios e para as pernas não podiam comparar-se com o Dr. Wu e as suas mãos.

-JUNE...

- Diga depressa - disse eu, cheia de boa disposição falsa. O Dr. Wu olhou-me nos olhos.

- É uma correspondência perfeita para a Claire.

Já tinha agarrado na alça da minha mala, planeando agradecer-lhe apressadamente e bater em retirada para fora do consultório antes de começar novamente a chorar por causa de mais um coração perdido; mas estas palavras pregaram-me à cadeira.

- Peço... peço desculpa?

- Têm o mesmo grupo sanguíneo, B positivo. A prova cruzada de tecidos efectuada no sangue deles resultou não reactiva. Mas, eis o mais notável, o coração dele tem o tamanho exacto.

160

Sabia que procuravam um dador que estivesse num intervalo de 20 por cento do peso do paciente - o que no caso de Claire significava alguém entre 27 e 45 quilos. Shay Bourne era um homem pequeno, mas era um adulto. Tinha de pesar 55 ou 60 quilos.

- Em termos médicos, não faz sentido. Teoricamente, o coração dele é demasiado pequeno para cumprir a função de que o corpo necessita... e, no entanto, parece ter uma saúde de ferro - o Dr. Wu sorriu. - Parece que a Claire arranjou um dador.

Fiquei imóvel. Deviam ser notícias maravilhosas - mas mal conseguia respirar. Como reagiria Claire se soubesse as circunstâncias que estavam por trás da doação?

- Não pode contar-lhe - disse eu.

- Que vai receber um transplante? Abanei a cabeça.

- De onde ele veio.

O Dr. Wu franziu a testa.

- Não acha que ela irá descobrir? Está em todas as notícias. -As doações de órgãos são todas feitas anonimamente. Para além disso, ela não quer o coração de um rapaz. Está sempre a dizer isso.

- Essa não é a verdadeira questão, pois não? - o cardiologista ficou a olhar para mim. - É um músculo, JUNE. Nada mais, e nada menos. O que faz um coração poder ser transplantado não tem nada a ver com a personalidade do dador.

Olhei para ele.

- O que faria o doutor, se ela fosse sua filha?
- Se ela fosse minha filha - respondeu o Dr.Wu -, já teria marcado a cirurgia.

Tentei dizer a Shay que ele era o tema do Larry King Live naquela noite, mas ou estava a dormir, ou não lhe apetecia responder-me. Em vez disso, retirei a minha resistência do seu esconderijo atrás de um bloco de cimento na parede e aqueci água para fazer chá. Os convidados daquela noite eram o reverendo doido com quem o padre Michael tinha discutido à porta da prisão, e um académico pomposo chamado Ian Fletcher. Era difícil de dizer qual deles tinha um passado mais intrigante - o reverendo Justus e a sua igreja drive-in, ou Fletcher - que era um ateu mediático até se deparar com uma menina, como acontecera a Shay, que aparentemente fazia milagres e ressuscitava os mortos. Acabou por casar com a mãe da menina, o que na minha opinião minava bastante a credibilidade do seu comentário.

161

Apesar disso, era melhor orador do que o reverendo Justus, que estava sempre a levantar-se do assento como se estivesse cheio de hélio.

- Há um velho provérbio, Larry - disse o reverendo. - Não podemos evitar os problemas, mas não temos de lhes indicar o caminho.

Larry King bateu com a caneta na secretária duas vezes.

- E com isso quer dizer...?

- Os milagres não transformam um homem em Deus. O Dr. Fletcher devia saber isso melhor do que ninguém.

Tranquilo, Ian Fletcher sorriu.

- Quanto mais pensamos que temos razão, mais provável é que estejamos enganados. Este é um provérbio com o qual o reverendo Justus provavelmente nunca se deparou.

- Fale-nos do que é ser um ateu mediático - disse Larry.

- Bem, costumava fazer o que o Jerry Falwell faz, só que em vez de dizer que Deus existe, dizia que Deus não existe. Andava a desmascarar pretensos milagres por todo o país. Mas acabei por encontrar um que não consegui desacreditar, comecei a pensar se seria mesmo Deus que eu objectava... ou se seria apenas o sentimento de autoridade que parece fazer parte de pertencer a um grupo religioso. Tal como ouvimos dizer que alguém é um bom cristão, bem, quem diz que os cristãos possuem o monopólio da virtude? Ou quando o presidente termina um discurso com "Que Deus abençoe os Estados Unidos da América", porquê só nós?

- Ainda é ateu? - perguntou King.

- Teoricamente, suponho que seja um agnóstico. Justus zombou.

- Preciosismos.

- Não é verdade, um ateu tem mais em comum com um cristão, visto acreditar que podemos saber se Deus existe ou não, mas enquanto um cristão diz certamente que sim, um ateu diz certamente que não. Para mim, e qualquer outro agnóstico, o assunto ainda não está decidido. A religião é intrigante, mas num sentido histórico. Um homem deve viver a sua vida de uma certa maneira, não por causa de alguma autoridade divina, mas por causa de uma obrigação moral pessoal para consigo próprio e para com os outros.

Larry King virou-se para o reverendo Justus.

- E o senhor, a sua congregação reúne-se num antigo cinema drive-in. Não acha que isso retira alguma da pompa e circunstância à religião?

162

- O que verificámos, Larry, é que para algumas pessoas a obrigação de se levantar e ir à igreja é demasiado pesada. Não gostam de ter de ver ou ser vistas por outros; não gostam de estar em espaços fechados num belo domingo; preferem prestar culto em privado. Ir à igreja drive-in permite à pessoa fazer o que quer que seja que precisa de fazer enquanto está em comunhão com Deus: quer esteja de pijama, a comer um Egg McMuffin, ou a dormir durante o meu sermão.

- Ora, Shay Bourne não é a primeira pessoa a aparecer e a agitar os ânimos - disse King. - Há alguns anos, um defensor de futebol americano da Florida foi encontrado na rua, afirmando ser Deus. E um sujeito na Virgínia queria que lhe alterassem a carta de condução para mostrar que residia no Reino dos Céus. O que acha que Shay Bourne tem que leva as pessoas a pensar que talvez seja genuíno?

- Tanto quanto sei - disse Fletcher -, Bourne não pretende ser o Messias, nem a Mary Poppins, nem o Capitão América: são as pessoas que o apoiam que o baptizaram, sem querer fazer trocadilhos. Ironicamente, isso é muito semelhante ao que vemos na Bíblia, Jesus não anda a dizer que é Deus.

- "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; Ninguém vem ao Pai senão por Mim" - citou Justus. - João, 14,6.

- Também há evidências nos evangelhos de que Jesus aparecia sob formas diferentes a pessoas diferentes - disse Fletcher. - O apóstolo Tiago fala sobre ver Jesus de pé na margem sob a forma de uma criança. Refere isso a João, que acha que ele é doido, porque a pessoa que está na margem não é uma criança mas sim um belo jovem de barba.

O reverendo Justus franziu o sobrolho.

- Posso citar o Evangelho de São João de trás para a frente disse ele -, e isso não está lá.

Fletcher sorriu.

- Nunca disse que era do Evangelho de São João. Disse que era de um evangelho. Um evangelho gnóstico, chamado Actos de João.

- Não existe nenhum Actos de João na Bíblia - disse Justus ofendido. - Ele está a inventar.

- O reverendo tem razão: não vem na Bíblia. E há dúzias de outros semelhantes. Através de uma série de decisões editoriais, foram excluídos: e considerados heréticos pela Igreja Paleocristã.

- Isso é porque a Bíblia é a Palavra de Deus, ponto final - disse Justus.

- Na verdade, os evangelhos de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João nem sequer foram escritos por São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João. O Evangelho de São 163

Marcos baseia-se no que o apóstolo Pedro pregava. Muitas vezes considera-se que o autor do Evangelho de São Mateus fosse um cobrador de impostos chamado Levi.

O Evangelho de São Lucas foi escrito por um médico. E o autor do Evangelho de São João nunca menciona o seu nome... mas foi o último destes quatro evangelhos sinópticos a ser escrito, cerca do ano 100 d. C. Se o apóstolo João fosse o autor, teria de ser extremamente velho.

- Cortinas de fumo - disse o reverendo Justus. - Ele está a usar a retórica para nos distrair da verdade mais básica.

- Que é? - perguntou King.

- Acredita verdadeiramente que se o Senhor escolhesse conceder-nos a graça da sua presença terrena novamente, e isso é muito duvidoso, na minha modesta opinião, escolheria deliberadamente encarnar num assassino condenado, com duas acusações?

A água começou a ferver, e desliguei a resistência, depois desliguei o televisor sem ouvir a resposta de Fletcher. Por que razão Deus haveria de escolher encarnar em algum de nós?

E se fosse ao contrário... se fôssemos nós que encarnássemos em Deus?

MICHAEL

Durante o caminho para casa dos pais de MAGGIE, deambulei entre vários níveis de culpa. Tinha desiludido o padre Walter e St. Catherine. Tinha feito uma figura triste na televisão. E embora tivesse começado a contar a MAGGIE que Shay e eu tínhamos um assunto entre nós que ele desconhecia - tinha-me acobardado. Outra vez.

- Então, a questão é esta - disse MAGGIE, distraíndo-me dos meus pensamentos enquanto entrávamos na via de acesso. - Os meus pais vão ficar um pouco entusiasmados quando o virem no meu carro.

Olhei para o retiro sossegado, feito de madeira.

- Não recebem muitas visitas aqui?

- Não recebem muitos namorados, é mais isso.

- Não quero desiludi-la, mas não sou propriamente um candidato a namorado.

MAGGIE riu.

- Pois, obrigada, mas gosto de pensar que nem eu estou assim tão desesperada. É que a minha mãe parece que tem radar: consegue farejar um cromossoma Y a quilómetros de distância.

164

Como se MAGGIE a tivesse invocado, uma mulher saiu de casa. Era franzina e loura, com os cabelos bem cortados e enrolados para dentro e um colar de pérolas ao pescoço.

Ou tinha acabado de chegar do trabalho, ou ia sair - a minha mãe, numa sexta-feira à noite, teria vestida uma das camisas de flanela do meu pai com as mangas arregaçadas, e o que ela chamava calças de ganga largas de fim-de-semana. Semicerrou os olhos, vislumbrando-me através do pára-brisas.

- MAGGIE! - gritou. - Não nos disseste que ias trazer um amigo para jantar.

Só a forma como disse a palavra amigo fez-me sentir uma vaga de simpatia por MAGGIE.

- Joel! - chamou, virando-se para a casa atrás de si. - A MAGGIE trouxe um convidado!

Saí do carro e ajeitei o meu colarinho.

- Olá - disse eu. - Sou o padre Michael.

A mãe de MAGGIE levou a mão ao pescoço.

- Oh, meu Deus.

- Foi por pouco - respondi.

Nesse momento, o pai de MAGGIE saiu apressadamente de casa, metendo a camisa para dentro das calças.

- Mags - disse ele, envolvendo-a num abraço apertado, e foi nessa altura que reparei no seu solidéu. Depois virou-se para mim e apertou-me a mão. - Sou o rabi Bloom.

- Podia ter-me dito que o seu pai era rabi - sussurrei a MAGGIE.

- O padre não perguntou - deu o braço ao pai. - Pai, este é o padre Michael. É um herege.

- Por favor diz-me que não andas a sair com ele - murmurou a Sr.a Bloom.

- Mãe, ele é padre. Claro que não ando - MAGGIE riu-se enquanto se dirigiam para casa. -

Mas aposto que aquele artista de rua que me convidou para sair está a começar a parecer-lhe muito mais agradável...

E assim ficámos os dois, homens de Deus, desconfortavelmente de pé à entrada de casa. O rabi Bloom mostrou-me o caminho para casa, para o seu escritório.

- Então - disse ele. - Onde é a sua congregação?

- Em Concord - disse eu. - St. Catherine.

- E como conheceu a minha filha?

165

- Sou o conselheiro espiritual de Shay Bourne. Ele olhou para cima.

- Isso deve ser perturbante.

- E é - disse eu. - Sob vários aspectos.

- Então, ele é ou não?

- Dador de um coração? Isso depende da sua filha, penso eu. O rabi abanou a cabeça.

- Não, não. A MAGGIE conseguiria mover uma montanha se quisesse, uma molécula de cada vez.

Estava a referir-me a se ele é ou não Jesus?

Pestanejei.

- Nunca pensei em ouvir essa pergunta de um rabi.

- Bem, Jesus era judeu. Basta olhar para as provas; vivia em casa, seguiu a profissão do pai, pensava que a mãe era virgem e a mãe pensava que ele era Deus - o rabi Bloom esboçou um largo sorriso, e eu também comecei a sorrir.

- Bem, o Shay não anda a pregar o que Jesus fez. O rabi riu-se.

- E o padre estava lá da primeira vez para ter a certeza disso?

- Sei o que está escrito nas escrituras.

- Nunca entendi as pessoas, judeus ou cristãos, que lêem a Bíblia como se fosse uma prova irrefutável. Evangelho significa boa nova. É uma forma de contar a história, para que esta se adapte à audiência a quem a estamos a contar.

- Não diria que Shay Bourne está aqui para contar a história de Cristo às gerações mais modernas - respondi.

- Então fá-lo pensar por que razão tanta gente aderiu a isto. É quase como se o que ele é fosse menos importante do que o que precisam que ele seja - o rabi Bloom começou a procurar na sua estante, descobrindo finalmente um tomo poeirento, que folheou até encontrar uma determinada página. - "Jesus disse aos discípulos, Comparai-me com alguém e dizei-me com quem me pareço. Simão Pedro disselhe, Tu és como um anjo justo. Mateus disselhe, Tu és como um sábio filósofo. Tomé disselhe, Mestre, a minha boca é totalmente incapaz de dizer com quem te pareces. Jesus disse, Não sou o teu mestre. Porque bebeste, ficaste intoxicado com a nascente borbulhante que eu tenho distribuído por medida."

Fechou de novo o livro enquanto eu tentava contextualizar a escritura.

166

- A história é sempre escrita pelos vencedores - disse o rabi Bloom. - Este foi um dos perdedores. - Entregou-me o livro mesmo quando MAGGIE espreitou para dentro do escritório.

- Pai, não estás a tentar impingir mais um exemplar de -As Melhores Anedotas Judaicas, pois não?

- Incrivelmente, o padre Michael já tem um exemplar assinado. O jantar já está pronto?

-Já.

- Graças a Deus. Estava a começar a pensar que a tua mãe tinha cremado o frango - quando MAGGIE voltou para a cozinha, o rabi Bloom virou-se para mim. - Bem, apesar da forma como a MAGGIE o apresentou, não me parece ser um herege.

- É uma longa história.

-Tenho a certeza de que já sabe que heresia vem da palavra grega para escolha - encolheu os ombros. - Faz-nos pensar. E se as ideias que sempre foram consideradas sacrílegas não fossem nada sacrílegas: apenas ideias com as quais nunca nos deparámos? Ou ideias com as quais nunca nos permitiram que nos deparássemos?

Nas minhas mãos, o livro que o rabi me tinha dado parecia estar a queimar-me.

- Está com fome? - perguntou Bloom.

- Esfomeado - admiti, e deixei-o indicar o caminho.

Quando estava grávida de Claire, disseram-me que tinha diabetes gestacional. Continuo a achar que isso não era verdade, sinceramente - uma hora antes de fazer a análise, tinha levado Elizabeth ao McDonalds e acabado a bebida de laranja Hi-C, o que é suficiente para deixar qualquer pessoa num coma de açúcar. No entanto, quando o obstetra me comunicou os resultados, fiz o que tinha de fazer: segui uma dieta rigorosa que me deixava sempre esfoameada, tirava sangue duas vezes por semana, sustinha a respiração enquanto o meu médico verificava o crescimento do bebé.

O aspecto positivo? Fizeram-me inúmeras ecografias. Muito depois de a maioria das futuras mães terem visto os bebés que tinham dentro delas às vinte semanas, eu continuei a ver imagens actualizadas. Tornou-se tão habitual para Kurt e eu ver o nosso bebé que ele deixou de ir às consultas semanais de obstetrícia. Ficava a tomar conta de Elizabeth enquanto eu ia ao hospital, levantava a camisola e deixava a varinha rolar por cima da minha barriga, iluminando num monitor um pé, um cotovelo, a curva do nariz desta criança. Nessa altura, no 167

oitavo mês de gravidez, a imagem não mostrava a figura esquelética que vemos às vinte semanas - podemos ver os cabelos, as estrias no polegar, a curva da face. Parecia tão real no ecrã da ecografia que por vezes me esquecia de que ainda estava dentro de mim.

- Não falta muito tempo - disse-me a técnica naquele último dia enquanto limpava o gel da minha barriga com um toalhete morno.

- Para si é fácil de dizer - disselhe eu. - Não tem de andar a correr atrás de uma menina de sete anos no seu oitavo mês de gravidez.

- Já passei por isso - disse ela, e meteu a mão por baixo do ecrã para me dar a imagem impressa do rosto do bebé naquele dia.

Quando o vi, sustive a respiração: de tal forma este novo bebé se parecia com Kurt - completamente diferente de mim, diferente de Elizabeth. Este novo bebé tinha os seus olhos afastados, a s suas covinhas, o queixo pontiagudo. Guardei a imagem na minha mala para poder mostrar-lha, e depois fui para casa.

Havia carros a fazer marcha-atrás na rua que conduzia à minha. Presumi que estivessem a fazer obras; tinham estado a repavimentar as estradas nesta zona. Ficámos em fila, parados, a ouvir o rádio. Passados cinco minutos, comecei a ficar preocupada - Kurt estava de serviço naquele dia, e tinha almoçado cedo para que eu pudesse ir fazer a ecografia sem ter de levar Elizabeth comigo. Se não chegasse a casa depressa, chegaria atrasado ao trabalho.

- Graças a Deus - disse eu quando o trânsito começou a avançar lentamente. Mas à medida que me aproximava, vi os sinais de desvio colocados ao fundo do meu quarteirão, o carro da polícia estacionado de lado no meio da rua. Senti um pequeno aperto no coração, como quando vemos um carro de bombeiros dirigir-se apressadamente para as proximidades da nossa casa.

Roger, um polícia que eu conhecia de vista, estava a desviar o trânsito. Abri a janela.

- Eu moro aqui - disse eu. - Sou casada com o Kurt Nea... Antes que conseguisse terminar, o rosto dele ficou petrificado, e foi assim que soube que tinha acontecido alguma coisa. Tinha visto o rosto de Kurt ficar assim quando me comunicou que o meu primeiro marido tinha morrido no acidente de viação.

Tirei o cinto de segurança e saí do carro, desajeitada e pesada na minha gravidez.

- Onde está ela? - gritei, com o carro ainda a trabalhar. - Onde está a Elizabeth?

- JUNE - disse Roger enquanto colocava um braço firme à minha volta. - Porque não vem comigo?

Acompanhou-me ao longo da rua onde eu vivia, até ver o que não tinha conseguido ver do cruzamento: o clarão das luzes dos carros da polícia, piscando como uma feira.

As bocas escancaradas das ambulâncias. A porta da minha casa aberta. Um polícia levava o cão nos braços; quando Dudley me viu, começou a ladrar como um doido.

- Elizabeth! - gritei, e empurrei Roger, correndo o mais depressa que podia tendo em conta a minha forma e tamanho. - Elizabeth!

Fui interceptada por alguém que me deixou sem fôlego - o comandante da polícia.

- JUNE - disse ele num tom suave. - Venha comigo.

Lutei contra Irv - arranhando, dando pontapés, argumentando. Pensei que se me debatesse talvez não ouvisse aquilo que ele estava prestes a dizer.

- A Elizabeth? - sussurrei.

- Ela foi alvejada, JUNE.

Fiquei à espera que ele dissesse "Mas vai ficar bem", só que não disse. Abanou a cabeça.

Mais tarde, lembrar-me-ia de que estava a chorar.

- Quero vê-la - soluzei.

- Há mais uma coisa - disse Irv, e enquanto observava, um par de paramédicos levava dali Kurt numa maca com rodas. O rosto dele estava branco, sem pinga de sangue: todo ele parecia embeber a ligadura improvisada que tinha em volta do tronco.

Alcancei a mão de Kurt, e ele virou-se para mim, de olhos vidrados.

- Lamento - disse ele, sufocado. - Lamento tanto.

- O que aconteceu? - gritei, frenética. - Lamentas o quê? O que lhe aconteceu!

- Minha senhora - disse o paramédico -, temos de levá-lo para o hospital.

Outro paramédico puxou-me para trás. Observei-os levar Kurt para longe de mim.

Enquanto Irv me conduzia para outra ambulância, falou, palavras que na altura me pareciam tão sólidas e quadradas como tijolos, dispostas frase sobre frase para construir um muro entre a vida que conhecera e aquela que agora seria forçada a viver. "Kurt prestou um depoimento... encontrou o carpinteiro a abusar sexualmente da Elizabeth... confronto...

alguns tiros foram disparados... Elizabeth estava no meio.

"Elizabeth", costumava eu dizer, quando ela andava atrás de mim na cozinha minúscula enquanto fazia o jantar, "estou a tropeçar em ti".

169

"Elizabeth, o teu pai e eu estamos a tentar ter uma conversa."

"Elizabeth, agora não."

"Nunca."

As minhas pernas estavam dormentes quando Irv me conduziu para dentro de uma segunda ambulância.

- Ela é a mãe - disse ele quando um dos paramédicos avançou. Um pequeno vulto estava estendido na maca na cavidade central da ambulância, tapado com um grosso cobertor cinzento. Estendi a mão, a tremer, e puxei o tecido para baixo. Assim que vi Elizabeth, os meus joelhos cederam; se não fosse Irv, teria caído.

Parecia que estava a dormir. As mãos estavam colocadas de cada um dos lados do corpo; tinha as faces rosadas.

Tinham-se enganado, só isso.

Debrucei-me por cima da maca, tocando-lhe no rosto. A pele dela ainda estava morna.

- Elizabeth - sussurrei, como fazia quando tinha de a acordar para ir para a escola. -

Elizabeth, são horas de acordar.

Mas ela não se mexeu; não me ouviu. Soçobrei por cima do seu corpo, puxando-a para junto de mim. O sangue que tinha no peito era garrido. Tentei aproximá-la de mim, mas não conseguia - este bebê que estava dentro de mim não deixava.

- Não vás - sussurrei. - Por favor, não vás.

- JUNE - disse Irv, tocando-me no ombro. - Se quiser pode ir com eles, mas tem de a pousar.

Não entendia qual era a pressa de a levar para o hospital; mais tarde ficaria a saber que só um médico podia declarar a morte de Elizabeth, por muito óbvia que esta fosse.

Os paramédicos prenderam gentilmente Elizabeth à maca e ofereceram-me um lugar ao lado dela.

- Esperem - disse eu, e tirei um gancho do cabelo. - Ela não gosta de ter a franja nos olhos -, murmurei, e prendia. Deixei ficar a minha mão na testa dela por um momento, uma benção.

Durante o caminho interminável até ao hospital, olhei para a minha camisola. Estava manchada de sangue, uma Rorschach de perda. Mas não tinha sido a única a ficar marcada, mudada para sempre. Não fiquei surpreendida quando passado um mês dei à luz Claire - uma criança que não se parecia nada com o pai, como naquele dia da ecografia, mas que em vez disso era um autêntico retrato da irmã que nunca chegaria a conhecer.

MAGGIE

Oliver e eu estávamos a desfrutar de um copo de Yellow Tail e de um episódio de Anatomia de Grey gravado quando se ouviu alguém bater à porta. Ora, isto era alarmante sob diversos aspectos:

1. Era sexta-feira à noite, e nunca ninguém aparecia à sexta-feira à noite.
2. As pessoas que tocam à campainha às 10 da noite ou:
 - a. estão paradas sem bateria no carro
 - b. são assassinos em série
 - c. todos os pontos anteriores
3. Estava de pijama.
4. Aquele que tinha um buraco no rabo, e viam-se as cuecas.

Fiquei a olhar para o coelho.

- Não vamos atender - disse eu, mas Oliver saltou do meu colo e começou a farejar a parte inferior da porta.

- MAGGIE? - ouvi. - Sei que estás aí.

- Pai? - levantei-me do sofá e abri a porta para o deixar entrar.

- Não devias estar no serviço religioso?

Despiu o casaco e pendurou-o num bengaleiro antigo que a minha mãe me dera num dos meus aniversários, e que eu realmente detestava, mas que ela procurava cada vez que vinha a minha casa ("Oh, MAGGIE, fico tão contente por ainda o teres!").

- Fiquei para assistir às partes importantes. A tua mãe ficou a coscuvilhar com a Carol; provavelmente vou chegar a casa antes dela.

Carol era a chantre - uma mulher com uma voz que me fazia lembrar adormecer ao sol no Verão: forte, firme, absolutamente relaxante. Quando não estava a cantar, colecionava dedais. Ia a convenções tão longe como Seattle para os trocar, e tinha uma parede inteira de doze metros em casa dividida por um empreiteiro em minúsculos expositores. A minha mãe disse que Carol tinha mais de cinco mil dedais. Não me parecia que eu tivesse cinco mil unidades de nada, excepto, talvez, de calorias diárias.

Entrou na sala de estar e olhou para a televisão.

- Quem me dera que aquela rapariga escanzelada deixasse o McDreamy.

171

- Costumas ver a Anatomia de Grey?

- A tua mãe vê. Eu absorvo por osmose - sentou-se no sofá, enquanto eu remoía o facto de realmente ter alguma coisa em comum com a minha mãe.

- Gostei do teu amigo padre - disse o meu pai.

- Ele não é meu amigo. Trabalhamos juntos.

- Posso gostar dele na mesma, não posso? Encolhi os ombros.

- Algo me diz que não vieste até aqui para me dizer como o padre Michael é fabuloso.

- Bem, em parte. Porque é que o levaste lá a casa esta noite?

- Porquê? - perguntei, zangada. - A mãe queixou-se?

- És capaz de parar de falar na tua mãe? - suspirou o meu pai.

- Estou a fazer-te uma pergunta.

- Ele teve um dia difícil. Ficar do lado do Shay não é fácil para ele.

O meu pai olhou para mim atentamente.

- E para ti?

- Disseste-me para perguntar ao Shay o que ele queria - disse eu. - Ele não quer que lhe salvem a

vida. Quer que a sua morte tenha algum significado.

O meu pai acenou com a cabeça.

- Muitos judeus pensam que não podemos doar órgãos, porque isso viola a lei judaica: não devemos mutilar o corpo após a morte; devemos enterrá-lo o mais depressa possível. Mas pikuah nefesh tem precedência sobre isso. Diz que o dever de salvar uma vida é mais importante do que tudo. Ou por outras palavras: um judeu tem de não cumprir a lei, se isso implicar salvar uma vida.

- Então não há problema em cometer um homicídio para salvar outra pessoa? - perguntei.

- Bem, Deus não é estúpido. Ele estabelece parâmetros. Mas se existir um pikuah nefesh cármico no mundo...

- Misturar metáforas, ainda por cima religiões...

- ... então o facto de não conseguires impedir uma execução pelo menos é contrabalançado pelo facto de estares a salvar uma vida.

172

- A que preço, pai? Será correcto matar um criminoso, alguém que a sociedade já não quer, para que uma menina possa viver? E se não fosse uma menina a precisar do coração? E se fosse outro criminoso? Ou se não fosse o Shay que tivesse de morrer para poder doar os seus órgãos? E se fosse eu?

- Que Deus te livre - disse o meu pai.

- É uma questão de semântica.

- É uma questão de moral. Estás a agir bem.

- Ao agir mal.

O meu pai abanou a cabeça.

- Há mais uma coisa sobre pikuah nefesh... exonera-nos da culpa. Não podemos sentir remorsos por termos infringido a lei, porque eticamente, somos obrigados a isso.

- Estás a ver, aí é que te enganas. Eu posso sentir remorsos. Porque não estamos a falar em não jejuar no Yom Kippur por estarmos doentes... estamos a falar sobre a morte de um homem.

- E em salvar-te a vida. Olhei para ele.

- A vida da Claire.

- Dois coelhos de uma cajadada - disse o meu pai. - Talvez não seja literal no teu caso, MAGGIE. Mas este processo legal deu-te ânimo. Deu-te algo por que ansiar - olhou em seu redor, para a minha casa: o individual para uma pessoa, a taça de pipocas em cima da mesa, a gaiola do coelho.

Imagino que a minha vida tivesse um objectivo quando queria o pacote completo - o chuppah, o marido, os filhos, partilhar automóveis com os vizinhos para levar as crianças à escola - mas em determinada altura, simplesmente deixei de ter esperança. Habituei-me a viver sozinha, a guardar a outra metade da lata de sopa para o jantar do dia seguinte, a mudar as fronhas apenas do meu lado da cama. Fiquei demasiado à vontade comigo própria, de tal forma que qualquer outra pessoa parecer-me-ia uma intrusão.

Afinal, fingir era muito menos difícil do que ter esperança.

Uma das razões pelas quais adorava os meus pais - e os detestava - é que eles ainda pensavam que eu tinha oportunidade de fazer isso tudo. Só queriam que eu fosse feliz; não conseguiam perceber como é que eu podia ser feliz sozinha. O que, lendo nas entrelinhas, significava que eles me achavam tão carente como eu própria achava.

Sentia os olhos encherem-se de lágrimas.

173

- Estou cansada - disse eu. - Devias ir embora.

- MAGGIE...

Quando ele se aproximou de mim, afastei-me.

Carreguei nos botões do comando até o televisor ficar todo negro. Oliver saiu de trás da secretária para investigar, e eu agarrei nele. Talvez fosse por isto que decidi passar os meus tempos livres com um coelho: não davam conselhos indesejados.

- Esqueceste-te de um pequeno pormenor - disse eu. - O pikkuah nefesh não se aplica a um ateu.

O meu pai deteve-se enquanto tirava o casaco do bengaleiro mais feio do mundo. Colocou-o por cima do braço e aproximou-se de mim.

- Sei que isto parece estranho dito por um rabi - disse ele -, mas nunca me importei com aquilo em que acreditas, Mags, desde que acredites em ti tanto quanto eu acredito. - Pousou a mão no dorso de Oliver. Os nossos dedos tocaram-se ao de leve, mas eu não olhei para ele. -

E não se trata de semântica.

-Pai...

Ergueu uma mão para me calar e abriu a porta.

- vou dizer à tua mãe para te comprar pijamas novos pelo teu aniversário - disse ele, parando à porta. - Esse tem um buraco no rabo.

MICHAEL

Em 1945, dois irmãos estavam a escavar entre os penhascos de Nag Hammadi, no Egito, tentando encontrar fertilizante. Um deles - Mohammed Ali - bateu e malgo duro enquanto escavava. Desenterrou um grande pote vermelho de cerâmica. Receando que um génio estivesse lá dentro, Mohammed Ali não queria abrir o pote. Por fim, a perspectiva de encontrar ouro levou-o a abri-lo para encontrar treze livros de papiro lá dentro, encadernados com couro de gazela.

Alguns dos livros foram queimados na lareira. Os outros chegaram às mãos de teólogos, que os dataram, calculando que tivessem sido escritos por volta do ano 140 d. C., cerca de trinta anos após o Novo Testamento - e ao decifrá-los encontraram os nomes de evangelhos que não se encontravam na Bíblia, cheios de histórias que se encontravam no Novo Testamento...

e muitas que não. Em alguns deles, Jesus falava por enigmas; noutros, o nascimento da Virgem e a ressurreição física foram excluídos.

Tornaram-se conhecidos por Evangelhos Gnósticos e, ainda hoje, são pouco considerados pela Igreja.

174

No seminário, estudamos os Evangelhos Gnósticos. Aprendemos, nomeadamente, que constituem uma heresia. E deixem-me que vos diga, quando um padre nos entrega um texto dizendo-nos que não devemos acreditar nele, isso influencia a forma como o lemos. Talvez não tenha lido o texto com atenção, talvez tenha guardado a análise cuidada e meticulosa para a Bíblia. Talvez tenha falhado redondamente e dito ao padre que leccionava essa disciplina que tinha feito os trabalhos de casa quando na realidade não tinha. Qualquer que fosse a desculpa, naquela noite quando abri o livro de Joel Bloom, foi como se nunca tivesse visto aquelas palavras antes, e embora planeasse apenas ler o prefácio do académico que compilara aqueles textos - um homem chamado Ian Fletcher - dei por mim a devorar as páginas como se se tratasse do último romance de Stephen King e não de uma colecção de evangelhos muito antigos.

O canto de uma página do livro fora dobrado para marcar o Evangelho de Tomé. Todas as referências sobre Tomé que conhecia da Bíblia não eram de forma nenhuma lisonjeadoras: ele não acreditou que Lázaro se ergueu dos mortos. Quando Jesus disse aos Seus discípulos que O seguissem, Tomé fez notar que não sabiam para onde ir. E quando Jesus ressuscitou após a crucificação, Tomé nem sequer estava lá - e não acredita até tocar nas feridas com as suas próprias mãos. É a própria definição da falta de fé - e a origem do ditado "Ver para crer, como São Tomé.

No entanto, no livro do rabi Bloom, esta página começava: "Estas são as palavras secretas que Jesus, o Vivo, proferiu e que o gémeo, Judas Tomé, anotou."

Gémeo? Desde quando Jesus tinha um gémeo?

O resto do "evangelho" não era uma narrativa da vida de Jesus, como o de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, mas uma colecção de citações de Jesus, todas elas começando com as palavras "Jesus disse". Algumas eram semelhantes às da Bíblia. Outras eram completamente desconhecidas e pareciam-se mais com quebra-cabeças do que com uma escritura:

"Se deres ao mundo o que está dentro de ti, o que está dentro de ti salvar-te-á. Se não deres ao mundo o que está dentro de ti, o que está dentro de ti destruir-te-á."

Li a passagem duas vezes e esfreguei os olhos. Havia qualquer coisa nela que me fazia parecer já a ter ouvido antes.

Depois apercebi-me onde.

Shay dissera-mo da primeira vez que nos encontrámos, quando me explicara por que razão queria

doar o seu coração a Claire Nealon.

175

Continuei a ler atentamente, ouvindo a voz de Shay uma e outra vez.

"Os mortos não estão vivos, e os vivos não morrerão.

Vimos da luz.

Se lascarem um pedaço de madeira, eu estarei lá. Se levantarem uma pedra, eu estarei lá."

Da primeira vez que andei na montanha-russa, sentime assim - como se o chão tivesse sido arrancado de debaixo dos meus pés, como se estivesse prestes a vomitar, como se precisasse de ter algo a que me agarrar.

Se perguntarmos a doze pessoas na rua se alguma vez ouviram falar dos Evangelhos Gnósticos, onze ficarão a olhar para nós como se fôssemos doidos. Na realidade, a maioria das pessoas hoje em dia nem sequer sabe recitar os Dez Mandamentos. A educação religiosa de Shay Bourne fora mínima e fragmentada; a única coisa que o vi ler foi o Especial Fatos de Banho da Sports Illustrated. Não sabia escrever; mal conseguia seguir uma ideia até ao fim da frase. A sua instrução formal terminara num Diploma de Equivalência Geral que tinha recebido enquanto se encontrava num estabelecimento de detenção juvenil.

Então como poderia Shay Bourne ter memorizado o Evangelho de Tomé? Onde o teria sequer encontrado ao longo da sua vida?

Ou - talvez - eu estivesse enganado acerca dele.

Ao longo das últimas três semanas, abri caminho por entre uma multidão de pessoas acampadas em frente à prisão. Desliguei o televisor quando mais um comentador sugeriu que Shay poderia ser o Messias. Afinal, eu sabia que não. Era um padre; tinha feito os votos; sabia que existia um só Deus. A sua mensagem tinha sido registada na Bíblia e, acima de tudo, quando Shay falava, não se parecia com Jesus em nenhum dos quatro evangelhos.

Mas existia um quinto. Um evangelho que não tinha sido incluído na Bíblia, mas que era igualmente antigo. Um evangelho que reflectia as ideias de pelo menos algumas pessoas na altura do nascimento da cristandade. Um evangelho que Shay Bourne me tinha citado.

E se os fundadores da Igreja se tivessem enganado?

E se os evangelhos que foram rejeitados e desvalorizados fossem os verdadeiros, e aqueles que foram escolhidos para constar no Novo Testamento fossem as versões embelezadas? E se Jesus tivesse realmente dito as citações enumeradas no Evangelho de Tomé?

Isso significaria que as alegações que se faziam sobre Shay Bourne podiam não ser assim tão disparatadas.

176

E isso explicaria por que razão um Messias poderia regressar sob a forma de um assassino condenado - para ver se desta vez não nos enganávamos.

Levantei-me da cadeira, fechando o livro ao meu lado, e comecei a rezar.

"Pai Nosso" disse silenciosamente, "ajudai-me a compreender."

O telefone tocou, fazendo-me dar um salto. Olhei para o relógio - quem telefonaria depois das três da manhã?

- Padre Michael? Fala o guarda Smythe, da prisão. Desculpe incomodá-lo a esta hora, mas o Shay Bourne teve outro ataque. Achámos que gostaria de saber.

- Ele está bem?

- Está na enfermaria - disse Smythe. - Perguntou por si.

A esta hora, as massas vigilantes à porta da prisão estavam aconchegadas dentro dos seus sacos-

cama e tendas, no dia artificial criado pelos enormes holofotes que inundavam de luz a parte da frente do edifício. Tiveram de abrir a porta para me deixarem entrar; quando entrei na zona de recepção, o guarda Smythe estava à minha espera.

- O que aconteceu?

- Ninguém sabe - disse o guarda. - Foi o recluso DuFresne que nos alertou, novamente. Não conseguimos ver o que aconteceu nas câmaras de vigilância.

Entrámos na enfermaria. Num canto distante e escuro, Shay estava recostado numa cama, com uma enfermeira a seu lado. Tinha um copo de sumo na mão que chupava por uma palhinha; a outra mão estava algemada às grades da cama. Tinha fios a sair da sua bata de hospital.

- Como está ele? - perguntei.

- Não vai morrer - disse a enfermeira, e então, apercebendo-se do seu erro, corou violentamente. - Ligámo-lo para vigiar o coração. Até agora, está tudo bem.

Sentei-me numa cadeira junto a Shay e olhei para Smythe e para a enfermeira.

- Podemos ficar sozinhos por um minuto?

- É todo o tempo que terá - disse a enfermeira. - Acabámos de lhe dar uma coisa para o pôr a dormir.

Dirigiram-se para o outro lado da enfermaria, e eu aproximei-me de Shay.

- Sente-se bem?

177

- Não ia acreditar se lhe contasse.

- Oh, experimente - disse eu.

Olhou para verificar que ninguém estava a ouvir.

- Estava a ver televisão, sabe? Um documentário sobre como fazem guloseimas para comer nos cinemas, como Dots e Milk Duds. E comecei a ficar cansado, por isso fui desligá-la. Mas antes de conseguir carregar no botão, toda a luz que estava no televisor entrou dentro de mim como se fosse electricidade. Quero dizer, conseguia sentir aquelas coisas dentro do meu 221

sangue, a andar de um lado para o outro, como é que se chamam, corporais?

- Corpúsculos.

- Pois, é isso. Detesto essa palavra. Viu aquele episódio do Caminho das Estrelas em que há uns extraterrestres que chupam o sal de tudo? Sempre achei que deviam chamar-se corpúsculos. Dizemos a palavra, e parece que estamos a comer um limão...

- Shay. Estava a falar da luz.

- Oh, pois é. Bem, foi como se começasse a ferver por dentro, e os meus olhos, estavam a transformar-se em gelatina, e tentei chamar, mas tinha os dentes cerrados e depois acordei aqui, a sentir-me como se tivesse sido completamente chupado - olhou para mim. - Por um corpúsculo.

- A enfermeira disse que foi um ataque. Lembra-se de mais alguma coisa?

- Lembro-me de pensar - disse Shay - que era assim que devia ser.

-O quê?

- Morrer. Respirei fundo.

- Lembra-se de quando era pequeno, uma criança, e adormecia no carro? E alguém lhe pegava ao colo e o metia na cama, de forma que quando acordava de manhã, sabia automaticamente que estava outra vez em casa? É assim que eu acho que é morrer.

- Isso seria bom - disse Shay, numa voz mais profunda, atordoada. - Seria bom saber como é a minha casa.

Uma frase que acabara de ler há apenas uma hora veio-me à cabeça como uma farpa: "O reino do Pai encontra-se espalhado sobre a Terra, e as pessoas não o vêem."

Embora soubesse que não era a altura certa, embora soubesse que devia estar aqui para ajudar Shay, e não ao contrário, aproximei-me, até as minhas palavras poderem ser vertidas na sua orelha.

178

- Onde encontrou o Evangelho de Tomé? - sussurrei. Shay olhou para mim sem perceber.

- Que Tomé? - disse ele, e então os seus olhos acabaram por se fechar.

Enquanto me afastava da prisão, ouvi a voz do padre Walter: "Ele enganou-o." Mas quando mencionei o Evangelho de Tomé, não vi nem o mais pequeno vislumbre de reconhecimento nos olhos de Shay, e ele tinha sido drogado: teria sido tremendamente difícil continuar a dissimular.

Teria sido assim que os judeus que conheceram Jesus e o reconheceram como sendo mais do que um rabi muito dotado se sentiram? Não tinha ponto de comparação. Tinha crescido como católico; tinha-me tornado padre. Não conseguia lembrar-me de uma altura em que não acreditasse que Jesus era o Messias.

No entanto, conhecia alguém que conseguia.

O rabi Bloom não tinha templo, porque tinha sido queimado, mas alugava um escritório perto da escola onde se realizavam os serviços religiosos. Estava à espera em frente à porta trancada quando ele chegou um pouco antes das oito da manhã.

- Uau! - exclamou ele, assimilando o que via diante de si: um padre de olhos vermelhos e roupas amarrotadas agarrado a um capacete de motorizada e aos textos de Nag Hammadi. -

Deixava-o ficar com ele por mais do que uma noite.

- Por que razão os Judeus não acreditam que Jesus é o Messias?

Abriu a porta do escritório.

- Para isso vou precisar de pelo menos chávena e meia de café - disse Bloom. - Entre.

Começou a fazer uma cafeteira de café e ofereceu-me uma cadeira. O escritório dele parecia-se muito com o do padre Walter em St. Catherine - convidativo, confortável.

Um local onde desejaríamos sentar-nos e conversar. No entanto, ao contrário do padre Walter, as plantas do rabi Bloom eram verdadeiras. As do padre Walter eram de plástico, trazidas pelas Voluntárias, uma vez que as matava a todas, desde as ficus às violetas-africanas.

- É um judeu errante - disse o rabi quando me viu examinar o vaso com a planta.

- Uma piada da MAGGIE.

- Vim agora da prisão. O Shay Bourne teve outro ataque.

- Disse à MAGGIE?

179

- Ainda não - olhei para ele. - Não respondeu à minha pergunta.

- Ainda não bebi o meu café - levantou-se e serviu uma chávena para cada um de nós, colocando leite e açúcar na minha sem me perguntar primeiro. - Os Judeus acham que Jesus não é o Messias porque ele não preenchia os critérios para ser um Messias judaico. Na verdade é bastante simples, e foi tudo explicado por Maimónides.

Um moshiaich judaico levará de novo os Judeus para Israel e estabelecerá um governo em Jerusalém que será o centro do poder político no mundo, tanto para Judeus como para Gentios.

Reconstruirá o Templo e reestabelecerá a lei judaica como lei soberana. Ressuscitará os mortos, todos eles, e trará consigo uma grandiosa era de paz, e em que todos acreditarão em Deus. Será descendente de David, um rei e um guerreiro, um juiz, e um grande líder... mas também será firmemente, inequivocamente humano. Bloom pousou a chávena à minha frente. - Acreditamos que em cada geração nasce uma pessoa com potencial para se tornar o moshiaich. Mas se a era messiânica não chegar e essa pessoa morrer, então não é ele.

- Como Jesus.

- Pessoalmente, sempre considerei Jesus um grande patriota judeu. Era um bom judeu, que provavelmente usava um solidéu e obedecia à Tora, e nunca pensou em dar início a uma religião. Odiava os Romanos e queria expulsá-los de Jerusalém. Foi acusado de rebelião política e condenado à morte. Sim, um sumo-sacerdote judeu executou a sentença, Caifás, mas em todo o caso a maioria dos judeus na altura odiava Caifás por ser o homem de confiança dos Romanos - olhou para mim por cima da borda da chávena de café. - Jesus era um bom homem? Sim. Um ótimo professor? Claro. O Messias? Não sei.

- Muitas das predições da Bíblia para a era messiânica foram cumpridas por Jesus...

- Mas teriam sido as mais importantes? - perguntou o rabi Bloom. - Digamos que não me conhecia e eu pedia-lhe para se encontrar comigo. Disselhe que estaria em frente ao Steeplegate Mall às dez horas vestindo uma camisa havaiana e que tinha cabelos ruivos encaracolados e estaria a ouvir Outkast no meu iPod. E às dez horas, via uma pessoa em frente ao Steeplegate Mall que tinha cabelos ruivos encaracolados, vestia uma camisa havaiana e ouvia Outkast num iPod... mas era uma mulher. Ainda acharia que era eu?

Levantou-se para voltar a encher a chávena.

- Sabe o que eu ouvi hoje na rádio no caminho para aqui? Outro autocarro explodiu em Israel. Mais três rapazes do New Hampshire morreram no Iraque. E a polícia prendeu um tipo qualquer em Manchester que matou a ex-mulher a tiro em frente aos dois filhos de ambos. Se Jesus trouxe consigo a era messiânica, e o mundo de que ouço falar nas notícias é um mundo de paz e redenção... bem, então prefiro ficar à espera de um moshiach diferente -

180

olhou de novo para mim. -Agora, se não se importa que eu lhe faça uma pergunta... o que faz um padre no escritório de um rabi às oito da manhã a fazer perguntas sobre o Messias judaico?

Levantei-me e comecei a percorrer o pequeno escritório.

- O livro que me emprestou fez-me pensar.

- E isso é mau?

- O Shay Bourne disse algumas coisas, textualmente, que li ontem à noite no Evangelho de Tomé.

- O Bourne? Ele leu Tomé? Pensei que a MAGGIE tinha dito que ele...

- ... não tem nenhuma formação religiosa, e uma educação muito básica.

- Os Gedeões não andam propriamente a deixar o Evangelho de Tomé nos quartos de hotel - disse o rabi Bloom. - Onde teria ele...

- Precisamente.

Colocou os dedos em pirâmide.

- Hum.

Pousei o livro que ele me tinha emprestado em cima da sua secretária.

- O que faria se começasse a duvidar de tudo aquilo em que acredita?

O rabi Bloom inclinou-se para a frente e folheou o seu livro de endereços.

- Faria mais perguntas - disse ele. Escreveu algo num Post-it e entregou-mo.

"Ian Fletcher" li eu. "603-555-1367."

LUCIUS

Na noite em que Shay sofreu o seu segundo ataque, eu estava acordado, reunindo a tinta que planeava utilizar para fazer mais uma tatuagem em mim próprio. Modéstia à parte, estou bastante orgulhoso das minhas tatuagens caseiras. Tenho cinco - as minhas razões fundamentais eram que o meu corpo, até há três semanas, não valia muito mais do que servir de tela para a minha arte; para além disso, a ameaça de contrair SIDA através de uma agulha contaminada era obviamente irrelevante. No tornozelo esquerdo tinha um relógio cujos ponteiros marcavam o momento da morte de Adam. No ombro esquerdo tinha um anjo, e por baixo um desenho tribal africano. Na perna direita tinha um touro, porque era esse o meu signo; e a nadar ao lado dele tinha um peixe, por causa do signo de Adam. Tinha grandes 181

planos para esta sexta, que tencionava colocar mesmo a meio do peito: a palavra ACREDITA em letras góticas. Já tinha treinado o desenho ao contrário várias vezes, a lápis e a caneta, até ter a certeza de que conseguiria reproduzi-lo com a minha pistola de tatuagens ao espelho.

A minha primeira pistola fora confiscada pelos guardas prisionais, tal como o equipamento de Crash. Demorei seis meses a reunir os componentes para fazer uma nova.

Fazer tinta era difícil, e mais difícil ainda conseguir escapar sem ser detectado - e foi por isso que escolhi trabalhar durante as horas mais mortas da noite. Tinha pegado fogo a uma colher de plástico, mantendo a chama fraca para poder apanhar o fumo com um saco de plástico.

Tresandava horivelmente, e mesmo quando estava a começar a ter a certeza de que os guardas prisionais iriam literalmente cheirá-la e encerrar a minha operação, Shay Bourne desfaleceu na cela ao lado.

Desta vez, o ataque dele foi diferente. Gritara - tão alto que acordou todo o recinto, tão alto que uma poeira fina de gesso caiu suavemente dos tectos das nossas celas. Para ser sincero, Shay estava em tão mau estado quando o levaram para fora do nível 1 que nenhum de nós tinha a certeza se voltaria ou não - e foi por isso que fiquei estupefacto por vê-lo ser transportado novamente para a sua cela logo no dia seguinte.

- Polícia - gritou Joey Kunz, mesmo a tempo para que eu escondesse os componentes da minha pistola de tatuagens debaixo do colchão. Os guardas trancaram Shay na sua cela, e assim que a porta do nível 1 se fechou atrás deles, perguntei a Shay como se sentia.

- Dói-me a cabeça - disse ele -, tenho de dormir.

Visto que Crash ainda não se encontrava no nível 1 devido à transgressão por causa do equipamento para o uso de drogas, estava tudo mais sossegado. Calloway dormia durante a maior parte do dia e ficava acordado durante a noite com o seu pássaro; Texas e Pogie jogavam póquer virtual; Joey assistia às suas telenovelas. Fiquei à espera mais alguns minutos para ter a certeza de que os guardas estavam ocupados com outra coisa na cabina de controlo e depois meti novamente a mão debaixo do colchão.

Tinha descarnado uma corda de guitarra até atingir a parte central, uma agulha improvisada.

Esta foi inserida numa caneta cujo cartucho de tinta fora removido - e uma pequena parte da ponta serrada e presa à outra extremidade da agulha, que estava ligada ao braço motorizado de um leitor de cassetes. A caneta foi presa com fita adesiva a uma escova de dentes dobrada em L, o que permitia segurar mais facilmente no aparelho. O comprimento da agulha podia ser regulado fazendo deslizar a caneta para trás ou para a frente; só faltava ligar o adaptador AC do leitor de cassetes, e tinha novamente uma pistola de tatuagens funcional.

A fuligem que tinha reunido na noite anterior foi misturada com algumas gotas de champô para a

liquefazer. Posicionei-me em frente ao aço inoxidável que me servia de espelho e examinei o peito. Então, cerrando os dentes para combater a dor, liguei a pistola. A agulha 182

movia-se para trás e para a frente numa órbita elíptica, perfurando-me centenas de vezes por minuto.

Ali estava, a letra A.

- LUCIUS?

A voz de Shay chegou à minha cela.

- Estou um pouco ocupado, Shay.

- Que barulho é este?

- Não tens nada a ver com isso - coloquei-a de novo sobre a pele, senti a agulha funcionar junto ao meu corpo, mil setas atingindo-me.

- LUCIUS? Ainda ouço o barulho. Suspirei.

- É uma pistola de tatuagens, Shay, está bem? Estou a fazer uma tatuagem em mim próprio.

Houve uma hesitação.

- Fazes-me uma?

Já o tinha feito em vários reclusos quando estava alojado em níveis diferentes - níveis com um pouco mais de liberdade do que o nível 1, que oferecia vinte e três horas de confinamento.

- Não posso. Não consigo alcançar-te.

- Não faz mal - disse Shay. - Eu consigo alcançar-te.

- Pois, como queiras - disse eu. Semicerrei novamente os olhos em frente ao espelho e coloquei a pistola de tatuagens junto à pele. Sustendo a respiração, tracei cuidadosamente as curvas e floreios em volta das letras C e R.

Pareceu-me ouvir Shay gemer quando comecei a letra E, e não há dúvida de que gritou quando tatuei o D. A minha pistola não devia estar a ajudar em nada as dores de cabeça dele.

Alheando-me dos seus gemidos, aproximei-me mais do espelho e observei o meu trabalho artístico.

Meu Deus, estava fabuloso. As letras moviam-se a cada respiração; nem mesmo o inchaço vermelho na pele conseguia ofuscar as linhas bem traçadas das letras.

- A-acredita - gaguejou Shay.

Virei-me, como se pudesse ver através da parede que dividia as nossas celas.

183

- O que disseste?

- É o que tu disseste - corrigiu Shay. - Li bem, não li?

Não tinha falado a ninguém sobre os meus planos para a minha sexta tatuagem. Não tinha mostrado os desenhos do protótipo. Tinha a certeza de que Shay, do sítio onde estava, não conseguia ver para dentro da minha cela enquanto trabalhava.

Procurando desajeitadamente atrás do tijolo que me servia de cofre, tirei o estilete que usava como espelho portátil. Dirigi-me para a parte da frente da cela e posicionei-o de forma a conseguir ver o rosto radiante de Shay no reflexo.

- Como soubeste o que estava a escrever?

O sorriso de Shay ficou ainda mais rasgado, e depois ergueu o punho. Abriu os dedos, um de cada vez.

A palma da sua mão estava vermelha e inflamada, e gravada nela, em letras góticas, estava exactamente a mesma tatuagem que tinha acabado de fazer em mim próprio.

MICHAEL

Shay percorria a sua cela descrevendo oitos.

-Viu-o? - perguntou-me, de olhos desvairados.

Sentei-me no banco que tinha arrastado para ali da cabina de controlo. Hoje estava inactivo - não só tinha a cabeça a fervilhar de perguntas, como também – pela primeira vez num ano - não ia dizer a missa da meia-noite.

- Quem? - respondi distraidamente.

- O Sully. O tipo novo. Ali ao lado.

Olhei para dentro da outra cela. LUCIUS DuFresne ainda estava à esquerda de Shay; à sua direita, a cela anteriormente vazia tinha agora um ocupante. Sully, porém, não estava ali.

Estava no pátio recreativo, correndo repetidamente a toda a velocidade através do pequeno quadrado e saltando contra a parede do fundo, de mãos abertas, como se atingi-la com bastante força o fizesse atravessar o metal.

- Eles vão matar-me - disse Shay.

-A MAGGIE está a trabalhar numa moção escrita neste preciso...

- Não o Estado - disse Shay. - Um deles.

184

Não percebia nada da política da prisão, mas havia uma fronteira ténue entre a paranóia de Shay e o que talvez pudesse ser considerado verdade. Shay estava a receber mais atenção do que qualquer outro recluso na prisão, em resultado do seu processo legal e do frenesim da comunicação social. Era muito provável que se tornasse num alvo a abater para a população da prisão em geral.

Atrás de mim, o guarda Smythe passou com o seu colete à prova de bala, transportando uma vassoura e alguns artigos de limpeza. Uma vez por semana, os reclusos tinham de limpar as suas próprias celas. Era uma limpeza supervisionada, feita uma de cada vez: depois de um recluso chegar do pátio recreativo, os artigos de limpeza estariam à sua espera na cela, e um guarda prisional ficava de vigia à porta até o trabalho estar terminado - mantinha-se perto, porque até mesmo o limpa-vidros poderia tornar-se uma arma aqui dentro. Observei a porta da cela vazia abrir-se, para que Smythe pudesse deixar os produtos de limpeza, as toalhas e a vassoura; e depois dirigiu-se para a outra ponta do nível 1 para tirar o novo recluso do pátio recreativo.

-vou falar com o director. vou garantir a sua protecção - disse a Shay, e isso pareceu acalmá-lo. - Então - disse eu, mudando de assunto -, o que gosta de ler?

- O quê, agora estamos na Oprah? Vamos ter um clube de leitura?

-Não.

-Ainda bem, porque não vou ler a Bíblia.

- Eu sei - disse eu, aproveitando esta incursão. - Porque não?

- São mentiras - Shay sacudiu uma mão, em sinal de rejeição.

- O que lê que não seja mentira?

- Não leio - respondeu ele. - As palavras ficam todas misturadas. Tenho de ficar a olhar para uma página durante um ano até conseguir que faça algum sentido.

- "Há luz dentro de uma pessoa de luz" - citei. - "E brilha em todo o mundo."

Shay hesitou.

-Também a consegue ver? - ergueu as mãos em frente ao rosto, examinando as pontas dos dedos. - A luz da televisão, aquilo que entrou dentro de mim, ainda está ali.

Brilha, à noite.

Suspirei.

- É do Evangelho de Tomé.

185

- Não, tenho a certeza de que veio da televisão...

- As palavras, Shay. As que acabei de dizer. São de um evangelho que estive a ler ontem à noite. E muitas das coisas que me tem dito também.

Os olhos dele cruzaram-se com os meus.

- O que sabe - disse ele suavemente, e não consegui perceber se era uma afirmação ou uma pergunta.

- Não sei - admiti. - é por isso que estou aqui.

"Se deres ao mundo o que está dentro de ti, o que está dentro de ti salvar-te-á." Era uma das citações de Jesus no Evangelho de Tomé; era uma das primeiras coisas que Shay Bourne me dissera, quando explicava porque precisava de doar o seu coração. Poderia ser assim tão simples? A salvação poderia não ser uma aceitação passiva, como tinha sido levado a crer, mas uma demanda activa?

Talvez para mim fosse rezar o terço, comungar e servir Deus. Talvez para o pai de MAGGIE fosse reunir-se com um grupo de membros da congregação resistentes que não deixavam que a ausência de um templo físico os dissuadisse da oração. Talvez para MAGGIE fosse corrigir a parte dela que a mantinha concentrada nos seus pontos fracos em vez de nos seus pontos fortes.

Talvez para Shay fosse oferecer o seu coração - literal e figurativamente - à mãe que tinha perdido o seu há anos por causa dele.

Por outro lado, Shay Bourne era um assassino; as suas sentenças enrolavam-se como um cachorro a perseguir a própria cauda; pensava que tinha algo fosforescente a correr-lhe nas veias porque um televisor o tinha atingido a meio da noite. Não parecia messiânico - apenas delirante.

Shay olhou para mim.

- Devia ir embora - disse ele, mas então foi distraído pelo som da porta do pátio recreativo a abrir-se. O guarda Smythe conduziu o novo recluso de volta para o nível 1.

Era uma enorme torre de músculos com uma suástica tatuada na cabeça. O cabelo, a ressurgir após um corte rente, crescia como musgo.

A porta da cela do recluso foi fechada e as algemas retiradas.

- Sabes qual é o procedimento, Sully - disse o guarda. Ficou à porta enquanto Sully agarrou no frasco de spray devagar e lavou a bacia. Ouvi o ranger de uma toalha de papel no metal.

186

- Olhe, padre, viu o jogo ontem à noite? - disse o guarda Smythe, e depois revirou os olhos. -

Sully, o que estás a fazer? Não precisas de varrer...

De repente, a vassoura que Sully tinha nas mãos deixou de ser uma vassoura e passou a ser uma lança quebrada que ele lançou à garganta do guarda. Smythe agarrou o pescoço, gorgolejando. Os olhos reviraram-se para trás; dirigiu-se aos tropeções para a cela de Shay.

Quando caiu junto a mim, pressionei a ferida com as mãos e gritei por socorro.

O nível 1 ganhou vida. Todos os reclusos reclamavam para ver o que tinha acontecido; o guarda Whitaker apareceu de repente e levantou-me do chão, substituindo-me enquanto outro guarda começava a fazer a reanimação cardiorrespiratória. Outros quatro guardas passaram por mim a correr com gás pimenta e lançaram-no à cara de Sully. Foi arrastado para fora do nível 1 aos berros enquanto o médico que estava mais próximo chegava - um psiquiatra que já tinha visto na prisão. Nesta altura, Smythe deixara de se mexer.

Ninguém parecia reparar que eu estava ali; havia demasiadas coisas a acontecer, demasiado em

jogo. O psiquiatra tentou encontrar pulsação no pescoço de Smythe, mas a sua mão surgiu a escorrer sangue. Ergueu o pulso do guarda prisional e, passado um momento, abanou a cabeça.

- Faleceu - murmurou o psiquiatra.

O nível 1 caíra num silêncio absoluto; os reclusos estavam todos a observar, em estado de choque, o corpo diante deles. O sangue tinha cessado de jorrar do pescoço de Smythe que estava totalmente imóvel. À minha direita, via uma altercação na cabina de controlo - os técnicos de emergência médica que tinham chegado demasiado tarde e estavam a tentar entrar no nível 1. Permitiram-lhes a entrada, ainda a vestir os coletes à prova de bala, e ajoelharam-se junto ao corpo de Smythe, repetindo os mesmos exames inúteis que o psiquiatra fizera.

Atrás de mim, ouvi alguém chorar.

Virei-me e vi Shay agachado no chão da sua cela. Tinha o rosto manchado de lágrimas e sangue; a sua mão deslizou por debaixo da porta da cela para tocar ao de leve nos dedos de Smythe.

- Está aqui para a extrema-unção? - perguntou um dos médicos e, pela primeira vez, toda a gente pareceu aperceber-se de que ainda estava junto deles.

- Eu, hum...

- O que está ele aqui a fazer? - disse o guarda Whitaker rispidamente.

- Posso ir embora - disse eu. -vou... embora - olhei mais uma vez para Shay, que estava enrolado numa bola, sussurrando. Se não o conhecesse, teria pensado que estava a rezar.

187

Enquanto os dois técnicos de emergência médica se preparavam para colocar o corpo numa maca, rezei por Smythe.

- Em Nome de Deus Pai Todo-Poderoso que te criou... em Nome de Jesus Cristo que te redimiui; em Nome do Espírito Santo que te santifica. Que descanses em paz, e que a tua morada seja o Paraíso de Deus. Ámen.

Fiz o sinal da cruz e comecei a levantar-me.

- Quando disser três - disse o primeiro técnico de emergência médica.

O segundo acenou com a cabeça, com as mãos nos tornozelos do guarda assassinado.

- Um, dois... mas que diabo - gritou ele enquanto o defunto começou a debater-se contra ele.

Uma das provas da imortalidade da alma é o facto de inúmeras pessoas acreditarem nela.

Também acreditaram que o mundo era plano.

MarkTwain, Notebook

JUNE

Claire seria cortada ao meio, o esterno aberto com uma serra e preso com um afastador de metal para que pudesse ficar, literalmente, sem coração - e não era isto que me deixava mais aterrorizada.

Não, o que me deixava horrorizada era a ideia de existir uma memória celular.

O Dr.Wu tinha dito que não havia provas científicas de que os traços pessoais dos dadores de coração fossem transferidos para os receptores. Mas a ciência não explicava tudo, pensei.

Tinha lido os livros e investigado, e não via porque haveria de ser assim tão rebuscado pensar que um tecido vivo pudesse ter capacidade de recordar.

Afinal, quantos de nós já tentámos esquecer algo traumático... apercebendo-nos de que estava impresso na parte de dentro das pálpebras, tatuado na língua?

Havia dúzias de casos. O bebé com pé boto que se afogara e deu o seu coração a outra criança, que começou também a arrastar a perna esquerda. O cantor de rap que começou a tocar música clássica e depois veio a saber que o seu dador tinha morrido agarrado a um estojo de violino. O produtor de gado que recebeu o coração de um jovem de dezasseis anos que era vegetariano, e que deixou de conseguir comer carne sem ficar violentamente doente.

Depois havia o dador de vinte anos que compunha música nos tempos livres. Um ano após a sua morte, os pais descobriram um CD com uma música romântica que tinha gravado, sobre dar o coração a uma rapariga chamada Andi. A sua receptora, uma rapariga de vinte anos, 188

chamava-se Andrea. Quando os pais do rapaz puseram a música a tocar para ela, foi capaz de acompanhar o coro, sem nunca sequer a ter ouvido.

A maioria destas histórias era inofensiva - uma estranha coincidência, uma reviravolta intrigante. Excepto uma: um rapazinho recebeu o coração de outro rapaz que fora assassinado. Começou a ter pesadelos com o homem que assassinou o seu dador - com pormenores sobre a roupa que o homem vestia, como tinha raptado o rapaz, onde a arma do crime fora escondida. Utilizando estas provas, a polícia capturou o assassino.

Se Claire recebesse o coração de Shay Bourne, já era suficientemente mau que tivesse de albergar os pensamentos de um assassino. Mas o que me deixaria totalmente destroçada era se, com aquele coração dentro dela, tivesse de sentir o próprio pai e a irmã serem mortos.

Nesse caso, era melhor não ter coração.

MAGGIE

Hoje, resolvi, ia fazer tudo bem. Era domingo, e não tinha de trabalhar. Em vez disso, levantei-me e desenterrei o meu vídeo Um Minuto de Exercícios (que não é de maneira nenhuma tão relaxado como parece - podemos acrescentar minutos a nosso gosto, e não estava ali ninguém para reparar se eu escolhia a opção de quatro minutos e não a de oito, mais difícil). Escolhi Focar nos Abdominais, em vez de Braços, mais fácil. Fiz a reciclagem, limpei os dentes com fio dental e depilei as pernas com uma lâmina de barbear no duche. Lá em baixo, limpei a gaiola de Oliver e deixei-o andar pela sala de estar enquanto fazia claras de ovo mexidas para o pequeno-almoço com germen de trigo.

Bem. Em todo o caso aguentei durante quarenta e sete minutos, até ir buscar as Oreos que tinha guardado numa caixa com as minhas calças de ganga justas, uma última tentativa de me fazer sentir culpada antes de abrir o pacote e ceder à tentação.

Também dei uma Oreo a Oliver, e estava a começar a comer a minha terceira bolacha quando a campainha da porta soou.

Assim que vi a T-shirt rosa-vivo do homem que estava no alpendre, com as palavras JUBILOSO POR JESUS impressas em grandes letras, sabia que era o meu castigo por ter cedido à tentação das guloseimas.

- Se não se for embora nos próximos segundos, telefono para o 112 - disse eu.

Ele sorriu, um grande sorriso realçado por um aparelho ortodôntico de platina.

- Não sou um desconhecido - disse ele. - Sou um amigo que ainda não conhece.

Revirei os olhos.

189

- Porque não vamos directos ao assunto: você dá-me os panfletos, eu recuso educadamente falar consigo, e depois fecho a porta e deito-os no lixo.

Ele estendeu a mão.

- Sou o tom.

- Está de saída - corrigi.

- Também costumava ser amargo. Ia para o trabalho de manhã e vinha para uma casa vazia à noite, comia meia lata de sopa e ficava a pensar por que razão me tinham posto neste mundo.

Pensei que não tinha ninguém, que era sozinho...

- E depois ofereceu a Jesus o resto da sua sopa - terminei. Olhe, sou ateia.

- Não é demasiado tarde para encontrar a fé.

- O que quer realmente dizer é que não é demasiado tarde para eu encontrar a sua fé -

respondi, pegando em Oliver quando este fez uma incursão desvairada em direcção à porta aberta. - Sabe em que eu acredito? Que a religião cumpriu o seu objectivo histórico: era um conjunto de leis que regiam a vida, antes de termos um sistema jurídico. Mas mesmo quando começa com as melhores intenções, as coisas podem correr mal, não é verdade? Um grupo de pessoas junta-se porque acredita nas mesmas coisas, e então de alguma forma essa ideia perverte-se, e qualquer pessoa que não acredite nessas coisas passa a estar enganada.

Sinceramente, mesmo que existisse uma religião fundada no princípio de que devemos praticar o bem, ou ajudar as pessoas nos seus direitos individuais, como eu faço todos os dias, eu não ia aderir a ela... porque continuaria a ser uma religião.

Tinha deixado tom sem fala. Provavelmente fora o debate mais acalorado que tinha há meses; deviam sobretudo fechar-lhe a porta na cara. Dentro de casa, o telefone começou a tocar.

Tom meteu-me um panfleto na mão e apressou-se a bater em retirada do meu alpendre.

Enquanto fechava a porta atrás de mim, olhei para a capa.

DEUS + VOCÊ = 1

- Se a religião tiver algo de matemática - resmunguei -, será a divisão. - Meti o panfleto no forro de jornais no fundo da gaiola de Oliver enquanto corria para o telefone, que estava prestes a passar para o atendedor de chamadas. - Estou?

A voz não era familiar, hesitante.

- MAGGIE Bloom está?

190

- É a própria - preparei-me para fazer um comentário mordaz para colocar uma operadora de telemarketing no seu lugar por incomodar-me numa manhã de domingo.

Afinal não era uma operadora de telemarketing. Era uma enfermeira do Hospital de Concord, e estava a telefonar porque eu estava sugerida como contacto de emergência de Shay Bourne, e tinha surgido uma emergência.

LUCIUS

Não julgaríamos possível, mas quando o guarda Smythe voltou à vida, as coisas na realidade pioraram.

Os restantes guardas tiveram de prestar depoimento ao director da prisão sobre o apunhalamento. Ficámos confinados, e no dia seguinte uma equipa de guardas que não trabalhavam habitualmente no nível 1 ficou de serviço. Começaram a fazer turnos de uma hora no pátio de exercício e no duche, e Pogie foi o primeiro.

Não tomava duche desde o apunhalamento, embora os guardas nos tivessem dado um uniforme novo a mim e a Shay. Tínhamos o sangue de Smythe em cima de nós, e uma lavagem rápida nas bacias das nossas celas não me fez sentir propriamente limpo. Enquanto esperávamos pela nossa vez de tomar duche, Alma apareceu para nos fazer a ambos análises ao sangue. Faziam análises a qualquer pessoa que entrasse em contacto com o sangue de um recluso, e visto que isso incluía o guarda Smythe, o sangue dele aparentemente estava apenas a um passo de ser questionável. Shay foi transportado com algemas nas mãos e tornozelos e uma corrente à cintura para uma sala de detenção fora do nível 1, onde Alma estava à espera.

No meio disto tudo, Pogie entrou no duche. Ficou ali, a queixar-se das costas. Outros dois guardas trouxeram a tábua de apoio e algemaram Pogie ali, transportando-o depois para uma maca com rodas para que pudesse ser levado para a Medicina. Mas como não estavam habituados ao nível 1, e como os guardas costumam seguir-nos, e não ir à frente, não se aperceberam de que Shay já estava a regressar ao nível 1, ao mesmo tempo que Pogie estava a sair.

As tragédias ocorrem numa fração de segundo na prisão; bastou isso para que Pogie se servisse de uma chave de algemas que tinha escondido, saltasse da tábua de apoio, agarrasse nela e desferisse um golpe no crânio de Shay, de tal forma que este foi lançado de rosto contra a parede de tijolo.

- Weiss macht! - gritou Pogie (Orgulho branco), e foi assim que percebi que Crash, da solitária onde ainda estava preso, tinha utilizado os seus conhecimentos para encomendar um ataque a Shay em retaliação por este o ter denunciado e dado o seu equipamento para uso de drogas aos guardas prisionais. O ataque de Sully ao guarda Smythe tinha sido apenas um dano colateral, realizado para abalar os guardas do nosso nível para que a segunda parte do plano pudesse ser posta em prática. E Pogie, que estava a ser avaliado, tinha agarrado 191

imediatamente a oportunidade de mostrar aquilo que valia executando um homicídio sancionado pela Irmandade Ariana.

Seis horas após este fiasco, Alma regressou para terminar de me tirar sangue. Fui levado para a cela de detenção e encontrei-a ainda abalada devido ao que tinha acontecido, embora não me dissesse nada - só que Shay tinha sido levado para o hospital.

Quando vi algo prateado brilhar, esperei até Alma retirar a agulha do meu braço. Depois baixei a cabeça, colocando-a entre os joelhos.

- Sente-se bem, meu querido? - perguntou Alma.

- Estou só um pouco tonto - os meus dedos percorreram o chão. Se os ilusionistas são os que melhor fazem truques de mãos, então os reclusos não lhes ficam muito atrás. Assim que regressei à minha cela, tirei o meu trofeu da bainha do uniforme onde o tinha escondido. A chave de algemas de Pogie era minúscula, brilhante, formada a partir de um fecho de envelope.

Rastejei por debaixo do meu catre e retirei o tijolo solto que escondia os meus preciosos bens. Os meus frascos de tinta e pincéis de cotonete estavam numa pequena caixa de cartão.

Também tinha pacotes de rebuçados, de que tencionava extrair pigmentos no futuro - uma

embalagem meio vazia de M M s, um rolo de LifeSavers, alguns Starbursts soltos.

Desembrulhei um dos Starbursts, o cor de laranja que sabia a aspirina infantil St. Joseph, e amassei o quadrado com os polegares até se tornar maleável. Pressionei a chave no centro, e depois voltei a moldá-lo cuidadosamente num quadrado e embrulhei-o no seu papel original.

Não me agradava a ideia de beneficiar de alguma forma de um incidente que tinha deixado Shay tão ferido, mas também era realista. Quando as sete vidas de Shay se esgotassem e eu ficasse sozinho, precisaria de toda a ajuda que pudesse arranjar.

MAGGIE

Mesmo que não estivesse registada como contacto de emergência de Shay Bourne, tê-lo-ia encontrado com facilidade no hospital: era o único paciente com guardas armados à porta do seu quarto. Olhei para os guardas, e depois concentrei-me na enfermeira que estava na recepção.

- Ele está bem? O que aconteceu?

O padre Michael telefonara-me depois do ataque a o guarda Smythe e dissera-me que Shay não tinha sofrido nenhum ferimento. Algures entre essa altura e agora, porém, algo devia ter corrido drasticamente mal. Tinha tentado telefonar ao padre, mas ele não atendia o telemóvel - presumi que estivesse a caminho, que também tivesse sido avisado.

192

Se Shay não foi tratado no hospital da prisão, o que quer que fosse que acontecera deveria ter sido bastante grave. Os reclusos não eram transportados para fora da prisão a menos que fosse absolutamente necessário, por causa dos custos e da segurança. com todo o alarde que Shay criara fora dos muros da prisão, devia ter sido uma questão de vida ou morte.

Por outro lado, talvez tudo fosse uma questão de vida ou morte quando se tratava de Shay.

Aqui estava eu, literalmente a tremer por saber que ele tinha sido ferido com gravidade, quando tinha passado o dia anterior a entregar moções para simplificar a sua execução.

A enfermeira olhou para mim.

- Acabou de sair da sala de operações.

- Operações!

- Sim - disse uma voz britânica articulada. - E não, não foi uma apendicectomia.

Quando me virei, o Dr. Gallagher estava ali.

- É o único médico que trabalha aqui?

- Às vezes parece-me que sim. Estou à disposição para responder às suas perguntas. O Sr.

Bourne é meu paciente.

- É meu cliente.

O Dr. Gallagher olhou para a enfermeira e para os guardas armados.

- Porque não vamos conversar para outro sítio?

Segui-o até ao fundo do corredor, para uma pequena sala de espera familiar que estava vazia.

Quando o médico me fez sinal para me sentar, fiquei desanimada. Os médicos só pediam para nos sentarmos quando tinham más notícias para dar.

- O Sr. Bourne vai ficar bem - disse o Dr. Gallagher. - Pelo menos relativamente ao ferimento.

- Que ferimento?

- Desculpe, pensava que sabia, aparentemente, tratou-se de uma luta entre reclusos. O Sr.

Bourne recebeu uma pancada muito forte no seio maxilar.

Fiquei à espera que ele traduzisse.

- Tem o maxilar fracturado - disse o Dr. Gallagher, e inclinou-se para a frente, tocando-me no rosto. Os seus dedos roçaram o osso debaixo da minha órbita, em direcção à boca.

193

- Aqui - disse ele, e eu deixei completa e definitivamente de respirar. - Houve algum trauma durante a operação. Assim que vimos os ferimentos, percebemos que a anestesia teria de ser intravenosa, em vez de inalável. Escusado será dizer que quando o Sr. Bourne ouviu a anestesista dizer que tinha iniciado o pentotal sódico gota a gota, ficou bastante agitado - o médico olhou para mim. -

Perguntou se era um ensaio para o grande dia.

Tentei imaginar como seria estar no lugar de Shay - ferido, com dores e confuso - levado para um local estranho para o que parecia ser um prelúdio da sua própria execução.

- Quero vê-lo.

- Se pudesse dizer-lhe, Sr.a Bloom, que se eu soubesse quem ele era, e em que circunstâncias se encontra, quero dizer, bem, nunca teria permitido que a anestesista utilizasse essa droga, muito menos num catéter intravenoso. Lamento muito tê-lo sujeitado a isso.

Acenei com a cabeça e levantei-me.

- Mais uma coisa - disse o Dr. Gallagher. - Admiro-a verdadeiramente. Por fazer estas coisas.

Estava a meio caminho do quarto de Shay quando me apercebi de que o Dr. Gallagher se lembrava do meu nome.

Foram necessários vários telefonemas para que me deixassem ver Shay, e mesmo assim, o director da prisão insistiu que o guarda que estava dentro do quarto teria de ficar. Entrei, reconheci a presença do guarda prisional, e sentei-me na borda da cama de Shay. Tinha os olhos negros, o rosto ligado. Estava a dormir, e isso fazia-o parecer mais novo.

Parte do meu trabalho implicava defender as causas dos meus clientes. Eu era o braço forte, a lutar por eles, o altifalante que transmitia as suas vozes. Sentia o desconforto do rapaz Abenaki cuja equipa do liceu se chamava Redskins⁵; identificava-me com a paixão do professor que tinha sido despedido por pertencer à religião Wicca. Shay, porém, pôs-me a cabeça a andar à roda. Embora este talvez fosse o caso mais importante que alguma vez levaria a tribunal, e embora - como o meu pai fez notar - não estivesse tão motivada com a minha carreira há muito tempo, havia um paradoxo inerente. Quanto melhor o conhecia, mais hipóteses tinha de ganhar o caso da sua doação de órgãos. Mas quanto melhor o conhecia, mais difícil seria para mim vê-lo ser executado.

Tirei o telemóvel da mala. Os olhos do guarda viraram-se para mim.

- Não deve usar isso aqui...

- Oh, não me chateie - disse bruscamente, e liguei para o padre Michael pela centésima vez, chegando ao seu voice mail.

- Não sei onde está - disse eu -, mas telefone-me imediatamente.

194

Tinha deixado a vertente emocional do caso de Shay Bourne para o padre Michael, achando que (a) os meus talentos funcionavam melhor numa sala de audiências e (b) as minhas capacidades de relacionamento interpessoal estavam tão enferrujadas que precisava de WD-40 antes de usá-las. Mas agora, o padre Michael estava desaparecido em combate, Shay estava hospitalizado e eu estava aqui, para bem ou para mal.

Fiquei a olhar para as mãos de Shay. Estavam algemadas às grades de metal da maca de hospital. Tinha as unhas limpas e cortadas, os tendões grossos. Era difícil imaginar os dedos cerrados em volta de uma pistola, puxando o gatilho duas vezes. E, no entanto, doze jurados foram capazes de o imaginar.

Muito devagar, estendi a mão por cima do cobertor de algodão com borbotos. Entrelacei os meus dedos com os de Shay, surpreendida com o calor da sua pele. Mas quando estava prestes a afastar-me, ele apertou-os. Entreabriu os olhos, outro tom de azul entre as equimoses.

- Gracie - disse ele, numa voz que parecia algodão preso em espinhos. - Vieste.

Não sabia quem ele pensava que eu era.

- Claro que vim - disse eu, apertando-lhe a mão. Sorri para Shay Bourne e fingi ser a pessoa que ele precisava que eu fosse.

MICHAEL

O consultório do Dr. Vijay Choudhary estava cheio de estátuas de Ganesha, a divindade hindu com um corpo humano de ventre proeminente e cabeça de elefante. Na realidade, tive de afastar uma para me sentar.

- O Sr. Smythe teve mesmo muita sorte - disse o médico. Mais meio centímetro para a esquerda e ele não teria sobrevivido.

- Sobre esse assunto... - respirei fundo. - Um médico na prisão declarou-o como morto.

- Aqui entre nós, padre, não confiaria num psiquiatra para encontrar o seu próprio carro no parque de estacionamento, quanto mais a pulsação de uma vítima hipotensa.

Os relatórios da morte do Sr. Smythe foram, como disse, bastante exagerados.

- Havia muito sangue...

- Muitas das estruturas do pescoço podem sangrar bastante. Para um leigo, uma poça de sangue pode parecer uma quantidade enorme, mesmo quando não é - encolheu os ombros. -

O que penso que aconteceu foi uma reacção vasovagal. O Sr. Smythe viu o sangue e desmaiou. O corpo compensa o choque devido à perda de sangue. A tensão arterial desce, e ocorre vasoconstrição, e ambas tendem a parar a hemorragia. Também conduzem à perda de 195

pulsação palpável nas extremidades, e foi por isso que o psiquiatra não conseguiu encontrar pulsação no pulso dele.

- Então - disse eu, ruborizando. - Não acha possível que o Sr. Smythe tivesse sido... bem... ressuscitado?

- Não - disse soltando um riso abafado. - Ora, na faculdade de medicina, vi pacientes que morreram gelados, em linguagem comum, voltar à vida quando os aqueceram.

Vi um coração parar de bater e em seguida começar a funcionar sozinho. Mas em nenhum desses casos, nem no do Sr. Smythe, considereei que o paciente estivesse clinicamente morto antes da sua recuperação.

O meu telefone começou a vibrar, como acontecia de dez em dez minutos nas últimas duas horas. Tinha desligado o toque quando entrei no hospital, para respeitar a política do local.

- Nada de milagroso, então - disse eu.

- Talvez pelos seus padrões não... mas acho que a família do Sr. Smythe talvez discordasse.

Agradei-lhe, coloquei a estátua de Ganesha novamente em cima da cadeira, e saí do consultório do Dr. Choudhary. Assim que saí do edifício do hospital, liguei o telemóvel para ver cinquenta e duas mensagens.

"Telefone-me imediatamente" disse MAGGIE na sua mensagem. "Aconteceu uma coisa ao Shay. Bip"

"Onde está?? Bip."

"Muito bem, sei que provavelmente não tem o telemóvel ligado mas tem de me telefonar imediatamente. Bip."

"Mas onde diabo se meteu? Bip."

Desliguei e marquei o número do telemóvel dela.

- MAGGIE Bloom - sussurrou ela, atendendo.

- O que aconteceu ao Shay?

- Está no hospital.

- O quê?! Em que hospital?

- De Concord. Onde está o padre?

- À porta do serviço de urgências.

196

- Então por amor de Deus, venha para aqui. Ele está no quarto 514.

Subi a s escadas a correr, passando por médicos, e enfermeiras, e técnicos d e laboratório, e secretárias, como se a minha velocidade agora pudesse compensar o facto de não estar disponível para Shay quando ele precisou de mim. Os guardas armados à porta olharam para o meu colarinho - um passe de entrada, sobretudo num domingo à tarde - e deixaram-me entrar. MAGGIE estava enrolada em cima da cama, sem sapatos, com os pés debaixo dela.

Segurava na mão de Shay, embora tivesse dificuldade em reconhecer o paciente como sendo o homem com quem tinha conversado ontem. Tinha a pele cor de cinza; os cabelos foram rapados numa faixa devido aos pontos para fechar um golpe. O nariz - partido, pelo aspecto - estava coberto de gaze, e as narinas estavam tapadas com algodão.

- Santo Deus - disse em voz baixa.

- Pelo que sei, ficou ferido durante um ataque na prisão - disse MAGGIE.

- Não é possível. Eu estava lá quando ocorreu o ataque na prisão...

- Parece que se foi embora antes do segundo acto.

Olhei para o guarda que estava de pé como uma sentinela ao canto do quarto de hospital. O homem olhou para mim e acenou, confirmando.

- Já telefonei para casa do director Coyne para lhe dar um sermão - disse MAGGIE. - Ele vai encontrar-se comigo na prisão daqui a meia hora para falar de medidas de segurança adicionais que possam ser postas em prática para proteger o Shay até à sua execução, quando o que realmente queria dizer era "O que posso fazer para que não me processe?" - virou-se para mim. - Pode ficar aqui com o Shay?

Era domingo, e eu estava absolutamente, totalmente perdido. Tinha tirado um dia de folga não oficial de St. Catherine e, embora sempre soubesse que ficaria à deriva sem Deus, tinha subestimado como me sentiria sem objectivos na ausência da minha igreja. Normalmente, a esta hora, estaria a pendurar os meus paramentos após ter celebrado a missa. Acompanharia o padre Walter num almoço com um membro da paróquia. Depois regressaria a casa dele e assistiria ao jogo da pré-época dos Sox na televisão, bebia umas duas cervejas. O que a religião fazia por mim ia além da fé tornava-me parte de uma comunidade.

- Posso ficar - respondi.

- Então vou embora - disse MAGGIE. - Ele não acordou, pelo menos totalmente. E a enfermeira disse que era provável que ele tivesse de urinar quando acordasse, e que, nesse caso, teríamos de utilizar aquele instrumento de tortura - apontou para um jarro de plástico com um longo gargalo. - Não sei o que o padre acha, mas não me pagam o suficiente para fazer isso - parou à porta. Telefone-lhe mais tarde. Ligue o seu maldito telemóvel.

197

Quando se foi embora, puxei uma cadeira mais para junto da cama de Shay. Li o letreiro de plástico sobre como levantar e baixar o colchão e a lista dos canais de televisão disponíveis.

Rezei um terço completo, e Shay não se mexeu.

Na beira da cama, a tabela médica de Shay estava pendurada numa mola de metal. Passei os olhos pela linguagem que não entendia - os ferimentos, a medicação, os dados vitais dele.

Depois olhei para o nome do paciente no cimo da página: I. M. Bourne.

Isaiah Matthew Bourne. Disseram-nos isso no julgamento, mas tinha-me esquecido de que Shay não era o seu nome verdadeiro.

- I. M. Bourne - disse em voz alta. - Parece um tipo que o Trump contrataria.

Seria uma pista, outra prova enigmática?

Há duas maneiras de encarar uma situação. O que uma pessoa vê como o linguarejar de um prisioneiro, outra poderá reconhecer como sendo palavras tiradas de um evangelho há muito perdido. O que uma pessoa vê como um golpe de sorte medicamente viável, outra poderá ver como ressurreição. Lembrei-me da cura de LUCIUS, da água transformar-se em vinho, dos seguidores que tinham acreditado em Shay com tanta facilidade. Lembrei-me de um homem de trinta e três anos, um carpinteiro que enfrentava a execução.

Lembrei-me da ideia do rabi Bloom - de que em cada geração existia uma pessoa capaz de ser o Messias.

Há uma altura em que estamos na beira do precipício das provas irrefutáveis, olhando para o que existe do outro lado, e avançamos. Senão, acabamos por não chegar a lado nenhum.

Fiquei a olhar para Shay, e talvez pela primeira vez, não vi quem ele era. Vi quem ele poderia ser.

Como se conseguisse sentir o meu olhar, começou a remexer-se. Só um dos olhos conseguia abrir-se; o outro estava fechado devido ao inchaço.

- Padre - disse ele com voz rouca, ainda pastosa da medicação. - Onde estou?

- Ficou ferido. Vai ficar bem, Shay.

Ao canto do quarto, o guarda estava a observar-nos.

- Acha que podíamos ficar a sós por um minuto? Gostaria de rezar em privado com ele.

O guarda hesitou - e tinha razões para isso: que sacerdote não estava habituado a rezar em frente de outras pessoas? Depois encolheu os ombros.

- Acho que um padre não ia tentar fazer nenhum disparate disse ele. - O seu chefe é muito mais severo do que o meu.

198

As pessoas estavam constantemente a antropomorfizar Deus - como chefe, como salvador, como juiz, como pai. Nunca ninguém o imaginava como um assassino condenado. Mas se colocássemos de lado o aspecto físico do corpo - algo que todos os apóstolos tiveram de fazer depois de Jesus ter ressuscitado - então talvez tudo fosse possível.

Quando o guarda saiu do quarto, Shay retraiu-se.

- A minha cara... - tentou levantar a mão para tocar nas ligaduras, mas viu que estava algemado à cama. Debatendo-se, começou a puxar com mais força.

- Shay - disse eu num tom firme -, não faça isso. -Tenho dores. Quero medicamentos...

- Já está sob o efeito de medicamentos - disselhe eu. - Só dispomos de alguns minutos até o guarda voltar a entrar, por isso temos de falar enquanto podemos.

- Não quero falar.

Ignorando-o, aproximei-me um pouco mais e respirei fundo.

- Diga-me - sussurrei. - Diga-me quem é.

Um a esperança cautelosa iluminou o s olhos d e Shay; provavelmente nunca esperou ser reconhecido como o Senhor. Ficou muito quieto, nunca desviando os olhos dos meus.

- Diga-me o padre quem é.

Na Igreja Católica, há mentiras por acto ou omissão. As primeiras referem-se a dizer uma mentira directamente, as segundas a omitir a verdade. Ambas eram pecados.

Tinha mentido a Shay desde o momento em que nos encontrámos pela primeira vez. Ele contava comigo para o ajudar a doar o seu coração, mas nunca se apercebera de como o meu era negro. Como poderia estar à espera que Ele se revelasse quando eu não o fizera?

-Tem razão - disse em voz baixa. - Há algo que não lhe contei... sobre quem eu era, antes de ser

padre.

- Deixe-me adivinhar... era acólito.

- Era um estudante universitário, a fazer um mestrado em matemática. Nem sequer frequentava a igreja antes de ter pertencido a um júri.

- Que júri? Hesitei.

- O que o condenou à morte, Shay.

Ele ficou a olhar para mim por um longo minuto, e depois desviou o olhar.

- Saia daqui.

199

- Shay...

- Afaste-se de mim - debateu-se, lutando contra as algemas, puxando-as até ficar em carne viva.

Soltava um ruído sem palavras, primordial, o som que sem dúvida enchera o mundo antes de haver ordem e luz.

Uma enfermeira entrou a correr, acompanhada de dois guardas que estavam de pé lá fora.

- O que aconteceu? - gritou a enfermeira, enquanto Shay continuava a debater-se, com a cabeça a virar-se violentamente de um lado para o outro na almofada. A gaze no nariz enrubesceu com sangue fresco.

A enfermeira tocou numa campainha situada num painel por trás da cabeça de Shay e de repente o quarto encheu-se de pessoas. Um médico gritou aos guardas que lhe soltassem as mãos, mas assim que o fizeram, Shay começou a tentar atingir tudo o que conseguia alcançar. Um assistente espetou uma agulha hipodérmica no braço dele.

- Tirem-no daqui - disse alguém, e uma ajudante de enfermagem levou-me para fora do quarto; a última coisa que vi foi Shay desfalecer, deslizando para a longe das pessoas que estavam desesperadamente a tentar salvá-lo.

JUNE

Claire estava diante de um grande espelho, nua. O peito estava entrecruzado com fita preta, como as costuras de uma bola de futebol americano. Enquanto eu observava, ela desatou o laço, desapertou as fitas e afastou para trás ambas as metades do peito. Desengatou uma pequena dobradiça de latão na caixa torácica e esta abriu-se.

Lá dentro, o coração batia firme e forte, um sinal claro de que não era o dela. Claire ergueu uma colher de servir e começou a escavar o órgão, tentando separá-lo das veias e artérias. As faces empalideceram; os olhos ficaram da cor da agonia - mas conseguiu libertá-lo: uma massa informe e sangrenta que colocou na minha mão estendida.

- Devolve-o - disse ela.

Acordei do pesadelo, encharcada em suor, com a pulsação acelerada. Depois de falar com o Dr. Wu sobre a compatibilidade de órgãos, percebi que ele tinha razão - o que estava em causa aqui não era de onde tinha vindo este coração, mas o facto de ele ter vindo.

Mas ainda não tinha dito a Claire que um coração de um dador estava disponível. Em todo o caso, ainda tínhamos de passar pelos procedimentos legais - e embora dissesse a mim própria que não queria dar-lhe esperanças até o juiz deliberar, uma outra parte de mim sabia que não queria ter de dizer-lhe a verdade.

Afinal, seria o peito dela que iria albergar o coração deste homem.

200

Nem mesmo um longo duche conseguiu tirar este pesadelo com Claire da minha cabeça, e apercebi-me de que teríamos de ter a conversa que andava tão cuidadosamente a evitar.

Vestime e apressei-me a descer as escadas, encontrando-a a comer uma taça de cereais no sofá e a ver televisão.

- O cão precisa de ir passear - disse distraidamente.

- Claire - disse eu -, tenho de falar contigo.

- Deixa-me só ver o fim deste programa.

Olhei para o ecrã - era Full House, e Claire já tinha visto este episódio tantas vezes que até eu sabia que Jesse chegava a casa vindo do Japão e apercebia-se de que ser uma estrela de rock não era bem como ele pensava.

- Já o viste - disse eu, desligando o televisor.

Os olhos dela faiscaram, e voltou a ligar o televisor com o comando.

Talvez fosse falta de sono; talvez fosse apenas o peso do futuro iminente sobre os meus ombros - por alguma razão, explodi. Virei-me e arranquei a ficha da tomada.

- Qual é o teu problema! - gritou Claire. - Porque estás a ser uma cabra?

Ambas ficámos em silêncio, estupefactas com a linguagem de Claire. Nunca me chamara isso antes; nem sequer discutira verdadeiramente comigo. "Retira o que disseste", pensei eu, e lembrei-me daquela imagem de Claire, segurando no seu coração.

- Claire - disse eu, retrocedendo. - Desculpa. Não queria... Interrompi-me quando os olhos de Claire se reviraram para trás. Já tinha visto isto - demasiadas vezes.

O CDAI no peito dela estava a ser accionado: quando o coração de Claire saltava uma pulsação, ou várias, era automaticamente desfibrilado. Apanhei-a quando desfaleceu, colocando-a em cima do sofá, à espera que o coração recomeçasse a bater, que ela recuperasse os sentidos. Só que desta vez, isso não aconteceu.

No trajecto de ambulância para o hospital, enumerei todas as razões pelas quais me detestava. Por

discutir com Claire. Por aceitar a oferta de Shay Bourne de doar o seu coração, sem lhe perguntar primeiro. Por desligar Full House antes do final feliz.

"Fica comigo", implorei em silêncio, "e poderás ver televisão vinte e quatro horas por dia. Eu fico contigo a ver. Não desistas, estamos tão perto."

Embora os técnicos de emergência médica já tivessem conseguido pôr o coração de Claire novamente a bater quando chegámos ao hospital, o Dr. Wu internou-a, sob o acordo tácito de que esta seria a sua nova casa até chegar um novo coração - ou o dela falhar. Observei-o

examinar Claire, que estava a dormir profundamente à luz azul oceânica do quarto obscurecido.

- JUNE - disse ele -, vamos conversar lá para fora. Fechou a porta atrás de nós.

- Não tenho boas notícias.

Acenei com a cabeça, mordendo o lábio.

- É evidente que o CDAI não está a funcionar devidamente. Mas para além disso, os exames que fizemos mostram que a produção de urina está a diminuir e os níveis de creatinina estão a aumentar. Estamos a falar de insuficiência renal, JUNE. Não é só o coração dela que está a falhar, JUNE - todo o corpo está em falência.

Desviei o olhar, mas não consegui evitar que uma lágrima me escorresse pela face.

- Não sei quanto tempo levará um tribunal a concordar com essa doação de coração - disse o médico -, mas a Claire não pode esperar que o registo de julgamentos fique menos sobrecarregado.

- vou telefonar à advogada - disse eu num tom suave. - Há mais alguma coisa que eu possa fazer?

O Dr. Wu tocou-me no braço.

- Devia pensar em despedir-se dela.

Mantive o autocontrole durante o tempo suficiente para que o Dr. Wu entrasse no elevador.

Depois, corri até ao fundo do corredor e entrei às cegas por uma porta que estava entreaberta.

Caí de joelhos e deixei a dor libertar-se de dentro de mim - um carpido intenso e grave.

De repente senti uma mão pousar-me no ombro. Pestanejei através das lágrimas e vi o padre que era aliado de Shay Bourne olhar para mim.

- JUNE? Está tudo bem?

- Não - disse eu. - Não, não está mesmo nada bem.

Nessa altura consegui ver aquilo que não tinha visto quando entrei pela primeira vez na sala -

a cruz dourada na longa plataforma à frente, uma bandeira com a estrela de David, outra com um crescente muçulmano: era a capela do hospital, um sítio para se pedir aquilo que mais se desejava.

Seria errado desejar a morte de alguém para que Claire pudesse receber o seu coração mais cedo?

- É a sua filha? - perguntou o padre.

202

Acenei com a cabeça, mas não consegui olhá-lo nos olhos.

- Aceitaria... isto é, não se importaria que eu rezasse por ela? Embora não quisesse a ajuda dele - não lhe tivesse pedido ajuda - desta vez, estava disposta a esquecer o que sentia por Deus, porque Claire precisava de toda a ajuda que pudesse ter. Quase imperceptivelmente, acenei com a cabeça.

Ao meu lado, a voz do padre Michael começou a mover-se sobre as montanhas e vales da mais simples das orações: "Pai Nosso que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome.

Venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no Céu."

Sem me aperceber do que estava a fazer, a minha boca começara a formar as palavras, uma memória muscular. E para minha surpresa, em vez de a sentir falsa ou forçada, trouxe-me alívio, como se tivesse passado o testemunho a outra pessoa.

"O pão nosso de cada dia nos dai hoje e não nos deixeis cair em tentação. Perdoai-Nos as nossas

ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido."

Apeteceu-me vestir um pijama de flanela numa noite de neve, ligar o pisca para uma saída que sabemos que nos levará a casa.

Olhei para o padre Michael, e juntos dissemos: - Ámen.

MICHAEL

Ian Fletcher, antigo ateu mediático e actual académico, vivia em New Canaan, no New Hampshire, numa casa rural numa estrada de terra batida onde as caixas de correio não tinham número. Subi e desci a estrada quatro vezes antes de virar para uma casa e bater à porta. Quando o fiz, ninguém atendeu, embora conseguisse ouvir acordes de Mozart através das janelas abertas.

Tinha deixado JUNE no hospital, ainda abalado devido ao meu encontro com Shay. Por falar em ironia: mesmo quando pensei que afinal talvez estivesse na companhia de Deus - Ele rejeitara-me peremptoriamente. O mundo inteiro parecia estar a funcionar mal, é estranho começar a questionar a estrutura que ordena a nossa vida, a nossa carreira, as nossas expectativas - e então fiz um telefonema a alguém que já tinha passado por isto antes.

Voltei a bater, e desta vez a porta abriu-se atrás do meu punho.

- Olá? Está alguém em casa? -Aqui dentro - gritou uma mulher.

Entrei na sala, reparando na mobília de estilo colonial, na fotografia na parede que mostrava uma menina a apertar a mão a Bill Clinton e outra da menina a sorrir ao lado do Dalai Lama.

Segui a música até uma sala junto à cozinha, onde a casa de bonecas mais intrincada que 203

alguma vez vira estava em cima de uma mesa, rodeada por pedaços de madeira, cinzéis e sticks de cola. A casa era feita de tijolos do tamanho da minha unha do polegar, as janelas tinham portadas em miniatura que podiam ser abertas para deixar entrar a luz; tinha um alpendre com colunas coríntias.

- Espantoso - murmurei, e uma mulher levantou-se por trás da casa de bonecas, onde estava escondida.

- Oh - disse ela. - Obrigada. -Ao ver-me, hesitou, e vi que os olhos dela estavam fixos no meu colarinho clerical.

- Más recordações da escola paroquial?

- Não... é que já há bastante tempo que não vem nenhum padre cá a casa - levantou-se, limpando as mãos a um avental branco de carnicheiro.

- Sou Mariah Fletcher - disse ela.

- Michael Wright.

- Padre Michael Wright. Sorri.

- Apanhou-me - depois indiquei o trabalho dela com um gesto - Foi a senhora que fez isto?

- Bem. Fui.

- Nunca vi nada igual.

- Ainda bem - disse Mariah. - É com isso que o cliente conta. Dobrei-me, examinando o minúsculo batente com uma cabeça de leão.

- É uma verdadeira artista.

- Nem por isso. Sou apenas melhor nos pormenores do que no panorama geral - desligou o leitor de CDs que tocava A Flauta Mágica num gorjeio.

- O Ian disse que eu devia estar atenta à sua chegada. E... oh, bolas - os olhos dela moveram-se para o canto da sala, onde um monte de blocos de construção fora abandonado. - Não se cruzou com dois pirralhos quando entrou?

- Não...

- Não é um bom sinal - passando por mim, correu para a cozinha e abriu a porta da despensa.

Dois gémeos, que deviam ter cerca de quatro anos, estavam a sujar o linóleo branco com manteiga de amendoim e geleia.

- Oh, meu Deus - Mariah suspirou quando os rostos deles se viraram para o seu como girassóis.
- Disseste-nos que podíamos pintar com os dedos - disse um dos rapazes.
- Mas no chão não; nem com comida! - olhou para mim. - Eu acompanhava-o, mas...
- Tem de resolver um assunto pegajoso? Ela sorriu.
- O Ian está no celeiro; pode ir até lá - levantou cada um dos rapazes e encaminhou-os para o lava-loiça. - E vocês os dois - disse ela - vão lavar as mãos, e depois vão torturar o papá.

Deixei-a a lavar as mãos dos gémeos e percorri o caminho que conduzia ao celeiro. Ter filhos não era o meu destino - sabia isso. O amor de um padre por Deus era tão absoluto que devia eclipsar o desejo humano de ter uma família - os meus pais, irmãos, irmãs e filhos eram todos Jesus. Se o Evangelho de Tomé estivesse correcto, porém, e fôssemos mais parecidos com Deus do que diferentes Dele, então ter filhos devia ser obrigatório para todos. Afinal, Deus tivera um filho e abdicara dele. Qualquer pai cujo filho tiver ido para a universidade ou casado será capaz de entender esta faceta de Deus melhor do que eu.

Enquanto me aproximava do celeiro, ouvi uns sons absolutamente medonhos - como gatos a serem desmembrados, vitelos a serem mortos. Em pânico - Fletcher estaria ferido?

- Abri a porta encontrando-o com um estojo de violino na mão, a ouvir uma adolescente tocar violino.

Terrivelmente mal.

Tirou o violino do queixo e encostou-o à ligeira curva da sua anca.

- Não percebo por que tenho de ensaiar no celeiro. Fletcher tirou dos ouvidos um par de tampões de espuma. - O quê?

Ela revirou os olhos.

- Ouviste-me tocar sequer? Fletcher fez uma pausa.

- Sabes que te adoro, não sabes? - a rapariga acenou com a cabeça. - Bem, digamos apenas que se Deus estivesse por aqui hoje, essa última parte tê-lo-ia feito sair daqui a correr em direcção aos montes.

- As provas para a banda são amanhã - disse ela. - O que hei-de fazer?

- Mudar para a flauta? - sugeriu Fletcher, mas colocou o braço em volta da rapariga enquanto falava. Ao virar-se, reparou em mim.

205

- Ah! Deve ser Michael Wright - apertou-me a mão e apresentou-me a rapariga. - Esta é a minha filha Faith.

Faith também me apertou a mão.

- Ouviu-me tocar? Sou assim tão má como ele diz? Hesitei, e Fletcher veio em meu auxílio.

- Querida, não faças o padre ter de mentir: vai perder a tarde toda a confessar-se - sorriu para Faith. - Acho que é a tua vez de tomar conta dos demónios gémeos infernais.

- Não, lembro-me perfeitamente que é a tua vez. Estive a tomar conta deles a manhã toda enquanto a mãe trabalhava.

- Dez dólares - disse Ian. - Vinte - propôs Faith.

- Combinado - voltou a colocar o violino no estojo. - Muito gosto em conhecê-lo - disseme, e saiu do celeiro, dirigindo-se para a casa.

- Tem uma linda família - disse a Fletcher. Ele riu-se.

- As aparências iludem - disse Fletcher, sorrindo. - Mas é assim que lhes chamo quando a Mariah não está a ouvir. Venha para o meu escritório.

Passámos por um gerador e um soprador de neve, dois estábulos abandonados e entrámos por uma

porta de pinho. Lá dentro, para minha surpresa, estava uma sala acabada com painéis nas paredes e dois andares de estantes.

-Tenho de admitir - disse Fletcher. - Não recebo muitas visitas de padres católicos. Não são propriamente os leitores mais habituais do meu livro.

Sentei-me num cadeirão de couro.

- Imagino.

- Então, o que está um padre simpático como o senhor a fazer no escritório de um agitador de massas como eu? Devo esperar um comentário mordaz no Catholic Advocate com a sua assinatura?

- Não... trata-se mais de uma missão de apuramento de factos - pensei no quanto devia admitir a Ian Fletcher. A relação de confidencialidade entre um membro da paróquia e um padre era tão inviolável quanto a relação entre um paciente e um médico, mas contar a Ian Fletcher o que Shay dissera quebraria a confiança se essas mesmas palavras já fossem mencionadas num evangelho escrito há dois mil anos? - O senhor costumava ser ateu - disse eu, mudando de assunto.

- Sim - Fletcher sorriu. - E bastante dotado, modéstia à parte.

206

- O que aconteceu?

- Conheci uma pessoa que me fez questionar tudo o que tinha tanta certeza que sabia sobre Deus.

- É por isso - disse eu - que estou no escritório de um agitador de massas como o senhor.

- E não há melhor lugar para ficar a saber mais sobre os Evangelhos Gnósticos - disse Fletcher.

- Exactamente.

- Bem, então, em primeiro lugar não devíamos chamar-lhes isso. É como chamar hispânico ou judeu a alguém de forma depreciativa - a designação gnóstico foi criada pelas mesmas pessoas que os rejeitaram. Na minha área, chamamos-lhes evangelhos não canónicos.

Gnóstico significa literalmente aquele que sabe – mas as pessoas que generalizaram o termo consideravam os seus seguidores sabichões.

- É mais ou menos isso que aprendemos no seminário. Fletcher olhou para mim.

- Deixe-me fazer-lhe uma pergunta, padre: em sua opinião, qual é o objectivo da religião?

Ri-me.

- Uau, ainda bem que escolheu uma fácil.

- Estou a falar a sério... Reflecti sobre isso.

- Acho que a religião junta as pessoas em volta de um conjunto de crenças em comum... e fá-las entender por que razão são importantes.

Fletcher acenou com a cabeça, como se fosse a resposta de que estava à espera.

- Acho que existe para responder às perguntas verdadeiramente difíceis que surgem quando o mundo não funciona da forma que devia funcionar: como quando um filho morre de leucemia, ou se é despedido depois de vinte anos de trabalho árduo. Quando coisas más acontecem a pessoas boas, e coisas boas acontecem a pessoas más. O mais interessante, para mim, é que de alguma forma a religião deixou de se interessar por tentar encontrar soluções honestas... e começou a resumir-se ao aspecto ritual. Em vez de todos procurarem compreender por si próprios, a religião ortodoxa chegou e disse: "Façam x, y e z, e o mundo transformar-se-á num sítio melhor."

- Bem, o Catolicismo já existe há milhares de anos - respondi -, por isso deve estar a fazer algum bem.

- Deve admitir, também fez muito mal - disse Fletcher.

207

Qualquer um que tivesse tido uma educação religiosa limitada, ou uma educação universitária

meticulosa, sabia qual o papel que a Igreja Católica desempenhara na política e na história

- já para não referir as heresias que foram esmagadas ao longo dos séculos. Todos os alunos do sexto ano estudavam a Inquisição.

- É uma corporação - disse eu. - E claro, já houve alturas em que foi mal gerida, por pessoas que achavam que a ambição é mais importante do que a fé. Mas isso não significa que nada se aproveite. Por muito incompetentes que sejam os servos de Deus na Igreja, a Sua mensagem conseguiu ser transmitida.

Fletcher inclinou a cabeça.

- O que sabe acerca do nascimento da cristandade?

- Quer que comece com o Espírito Santo a visitar Maria, ou quer que salte essa parte e avance para a Estrela de Belém...

- Isso é o nascimento de Jesus - disse Fletcher. - Duas coisas muito diferentes. Em termos históricos, após a morte de Jesus, os seus seguidores não foram propriamente recebidos de braços abertos. Por volta do século II d. C., estavam literalmente a morrer pela sua fé. Mas embora pertencessem a grupos que se designavam a si próprios cristãos, os grupos não estavam unificados, porque eram todos muito diferentes uns dos outros. Um destes grupos era constituído pelos ditos gnósticos. Para eles, ser cristão era um primeiro passo positivo, mas para se atingir o verdadeiro saber, tinha de se receber o conhecimento secreto, ou gnose.

Começava-se pela fé, mas desenvolvia-se saber e, para estas pessoas, os gnósticos ofereciam um segundo baptismo. Ptolomeu designava-o apolutrosis, a mesma palavra utilizada quando os escravos eram legalmente libertos.

- Então como é que as pessoas recebiam este conhecimento secreto?

- Aí está o problema - disse Fletcher. - Ao contrário da igreja, este não podia ser ensinado.

Não tinha nada a ver com dizer-nos em que acreditar, e tudo a ver com percebermos isso por nós próprios. É preciso procurar dentro de nós, compreender a natureza humana e o seu destino, e nessa altura ficaríamos a saber o segredo: que existe divindade em todos nós, se estivermos dispostos a procurá-la. E o caminho será diferente para cada pessoa.

- Isso parece mais budista do que cristão.

- Eles designavam-se a si próprios cristãos - corrigiu Fletcher.

- Mas Ireneu, que era o bispo de Lyon na altura, discordava. Via três enormes diferenças entre o Cristianismo Ortodoxo e o Gnosticismo. Os textos gnósticos não se concentravam no pecado e no arrependimento, mas sim na ilusão e no saber. Ao contrário da Igreja Ortodoxa, 208

não era possível ser-se membro apenas por aderir: era preciso dar provas de maturidade espiritual para ser aceite. E, provavelmente isto seria o maior obstáculo para o bispo, os Gnósticos não achavam que a ressurreição de Jesus fora literal. Para eles, Jesus nem sequer fora realmente humano, apenas aparecia sob a forma humana. Mas isso era apenas um pormenor para os Gnósticos porque, ao contrário dos Cristãos Ortodoxos, não viam uma separação entre o humano e o divino. Para eles, Jesus não era o único salvador: era um guia que nos ajudava a encontrar o nosso potencial espiritual individual. E quando o atingíamos, não éramos redimidos por Cristo: tornávamo-nos um Cristo. Ou por outras palavras, éramos iguais a Jesus. Iguais a Deus.

Era fácil perceber por que razão, no seminário, isto tinha sido ensinado como uma heresia: a base do cristianismo era que existia apenas um Deus, e Ele era tão diferente do homem que a única forma de O alcançar era através de Jesus.

-As maiores heresias são as que deixam a Igreja aterrorizada.

- Sobretudo quando a Igreja atravessa a sua própria crise de identidade - disse Fletcher. -

Tenho a certeza de que se lembra de como Ireneu decidiu unificar a Igreja Cristã Ortodoxa:

descobrimos quem era um verdadeiro crente, e quem estava a fingir. Quem dizia a palavra de Deus, e quem dizia... bem... apenas palavras?

Num bloco diante de si, Fletcher escreveu DEUS = PALAVRA = JESUS, depois virou-o ao contrário para que eu pudesse ver.

- Ireneu inventou esta pequena preciosidade. Disse que não podemos ser divinos, porque a vida e a morte de Jesus foram totalmente diferentes das de qualquer homem: e isto tornou-se o próprio princípio do Cristianismo Ortodoxo. Aquilo que não se inseria neste preceito tornou-se herético: se não prestássemos culto correctamente, não pertencíamos. Era uma espécie de primeiro reality show, se assim o quisermos considerar: quem tinha a forma mais pura de cristianismo? Condenou aqueles que eram criativos com a sua fé, como Marcos e os seus seguidores, que falava em profecias e tinha visões de uma divindade feminina vestida com as letras do alfabeto grego.

Condenou os grupos que seguiam apenas um evangelho, como os ebionitas, que se mantinham fiéis a São Mateus, ou os marcionitas, que apenas estudavam São Lucas.

Igualmente maus eram os grupos como os gnósticos, que tinham demasiados textos. Em vez disso, Ireneu decidiu que São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João deviam ser os quatro evangelhos fundamentais daquilo em que devíamos acreditar...

-... porque todos incluíam uma narrativa da Paixão de Cristo... de que a Igreja precisava, para que a Eucaristia tivesse algum significado.

- Precisamente - disse Fletcher. - Então Ireneu apelou a todas as pessoas que estavam a tentar perceber que grupo cristão seria o mais correcto para elas. Basicamente disse: "Sabemos 209

como é difícil perceber o que é a verdade, e o que não é. Por isso vamos facilitar-vos as coisas, e dizer-lhes em que devem acreditar." As pessoas que o fizeram eram os verdadeiros cristãos. As pessoas que não o fizeram não eram. E aquilo que Ireneu disse que deviam acreditar tornou-se o fundamento do Credo de Niceia, passados alguns anos.

Toda a gente colocava um pouco de sal na história - era escrita pelos vencedores - mas apesar disso, continuava a haver bastantes factos inegáveis que ocorreram.

Da mesma forma, qualquer padre sabia que aquilo que nos ensinavam no seminário era ensinado sob uma perspectiva católica - mas não deixava de haver uma verdade incontroversa atrás disso. Sempre acreditei que a Igreja Católica era uma prova da sobrevivência religiosa dos mais aptos: as ideias mais verdadeiras, mais poderosas eram aquelas que tinham prevalecido ao longo do tempo. Mas Fletcher estava a dizer que a ideia mais poderosa fora subjugada... porque punha em causa a existência da Igreja Ortodoxa.

Que tinha de ser esmagada porque - a dada altura - Fora tão ou mais popular do que o Cristianismo Ortodoxo.

Ou por outras palavras, a Igreja tinha sobrevivido e prosperado não por as suas ideias serem as mais válidas, mas por ser o primeiro intimidador do mundo.

- Então os livros do Novo Testamento resultaram apenas de uma decisão editorial que alguém teve de fazer a dada altura disse eu.

Fletcher acenou com a cabeça.

- Mas em que se basearam essas decisões? Os evangelhos não são a palavra de Deus. Nem sequer são os testemunhos em primeira mão dos apóstolos sobre a palavra de Deus. São apenas as histórias que melhor apoiavam a fé que a Igreja Ortodoxa queria que as pessoas seguissem.

- Mas se Ireneu não tivesse feito isso - argumentei -, o mais provável era que não existisse Cristianismo. Ireneu fez algo tremendamente importante: uniu uma massa fragmentada de seguidores e suas crenças. Se estivéssemos em Roma no ano 150 d. C. e fôssemos presos por confessarmos que Cristo é o nosso salvador, queríamos ter a certeza de que as pessoas que estivessem do nosso lado não

iam acabar por dizer que acreditavam noutra coisa diferente.

Na realidade, é importante ainda hoje saber quem é crente e quem não passa de um louco: basta ler qualquer jornal para perceber que a raiva, o preconceito ou o ego são confundidos diariamente com a palavra de Deus, normalmente com uma bomba atada a ela.

-A ortodoxia retira o risco - concordou Fletcher. - Dizemos às pessoas o que é real e o que não é, para que não tenham de preocupar-se por poder perceber mal. O problema é que assim que o fazemos, começamos a separar as pessoas em grupos. Alguns são favorecidos, outros 210

não. Alguns evangelhos são escolhidos, outros ficam escondidos debaixo da terra durante milhares de anos - olhou para mim. - Em determinada altura, a religião organizada deixou de se preocupar fundamentalmente com a fé, e começou a preocupar-se com quem detinha o poder para manter essa fé - Fletcher arrancou a folha de papel com o preceito de Ireneu, deixando uma folha branca e limpa por baixo. Amachucou o papel, atirando-o para o caixote do lixo. - O padre disse que o propósito da religião era juntar as pessoas. Mas será que junta realmente? Ou será que conscientemente, determinadamente, intencionalmente as separa?

Respirei fundo. E depois contei-lhe tudo o que sabia sobre Shay Bourne.

LUCIUS

Nenhum de nós conseguia dormir, mas não era por não tentar.

As multidões têm o seu próprio pH, e o mais extraordinário é que este pode alterar-se num instante. As pessoas que estavam acampadas à porta da prisão - cuja contagem era feita todas as noites nos noticiários locais (SR. MESSIAS DIA 23) - de alguma forma tinham ficado a saber que Shay fora hospitalizado por ter sofrido ferimentos.

Mas agora, para além dos que estavam acampados a organizar uma vigília de oração por Shay, havia um grupo de pessoas muito ruidoso que achava que isto era um sinal, que Shay tinha sofrido um ferimento tão grave porque Deus decidira que ele o merecia.

Por alguma razão, faziam mais barulho depois de anoitecer. Atiravam-se insultos, começavam-se brigas, lançavam-se socos. Alguém enviou a Guarda Nacional para patrulhar as redondezas da prisão e manter a paz, mas ninguém era capaz de os fazer calar. Os apoiantes de Shay cantavam gospel para abafar os cânticos dos descrentes ("Jesus vive!

Bourne morre!"). Mesmo com os auscultadores postos, conseguia ouvi-los, uma dor de cabeça que não passava.

Assistir ao noticiário das onze horas naquela noite foi surreal. Ver a prisão e ouvir os gritos ressoantes da multidão lá fora a ecoar na minha televisão - bem, era como um déjà vu, só que estava a acontecer agora.

"Existe apenas um Deus", gritavam as pessoas.

Transportavam cartazes: JESUS É O MEU COMPANHEIRO - NÃO SATANÁS.

DEIXEM-NO MORRER PELOS SEUS PECADOS.

NÃO HÁ COROA DE ESPINHOS PARA SHAY BOURNE.

Estavam separados dos apoiantes de Shay por guardas armados de revólveres, que percorriam a linha de separação da opinião pública entre eles.

211

- Como podem ver - disse a jornalista -, a vaga de apoio a Shay Bourne e ao seu caso sem precedentes de doação de coração está a desvanecer após a sua hospitalização.

Uma sondagem recente realizada pela WNRK News mostra que apenas trinta e quatro por cento dos residentes do New Hampshire ainda estão convencidos de que os tribunais deviam permitir que Bourne fosse dador de órgãos; e uma percentagem ainda menor, dezasseis por cento, acha que os seus milagres têm uma inspiração divina. O que significa que uma esmagadora maioria de oitenta e quatro por cento do Estado concorda com o reverendo Arbogath Justus, que esta noite está novamente connosco. Reverendo, o senhor e os membros da sua igreja já estão aqui há quase uma semana e têm sido uma peça fundamental na mudança da opinião pública. O que tem a dizer relativamente à hospitalização de Shay Bourne?

O reverendo Justus ainda vestia aquele fato verde.

- Noventa e nove por cento do Estado acha que devia queimar esse fato - disse eu em voz alta.

- Janice - respondeu o reverendo -, nós na Igreja Drive-in de Cristo em Deus temos obviamente rezado pela recuperação rápida e completa de Shay Bourne após o ataque que sofreu na prisão. Contudo, quando rezamos, rezamos ao único Deus: Jesus Cristo.

- Tem alguma mensagem para aqueles que continuam a discordar da sua opinião?

- Ora, claro - aproximou-se mais da câmara. - Eu bem vos disse.

A jornalista recuperou o microfone.

- Soubemos que Bourne terá alta do hospital nas próximas horas, mas os médicos não fizeram comentários relativamente ao seu estado de saúde... - de repente, um brado ergueu-se de ambos os lados da multidão, e a jornalista tapou o seu auricular com uma mão.

- Esta informação não está confirmada - disse ela por cima do ruído ensurdecedor -, mas parece que uma ambulância acabou de entrar pelas traseiras da prisão...

No ecrã, a câmara passou por ela para apanhar um homem a agredir uma mulher de túnica púrpura. Os guardas armados aproximaram-se, mas nessa altura já tinham começado outras lutas entre as facções. A linha que separava ambas quebrou-se, até que os guardas tiveram de pedir reforços. As câmaras capturaram um homem a ser espezinhado, um homem a levar uma pancada na cabeça com a coronha da espingarda de um guarda e a desmaiar.

- Apaguem as luzes - disse um guarda prisional pelo altifalante. Apagar as luzes nunca significava realmente apagar as luzes:

212

Havia sempre alguma lâmpada residual a brilhar algures na prisão. Mas tirei os meus auscultadores, deitei-me no meu catre e fiquei a ouvir o tumulto que ocorria do outro lado dos muros de tijolo da prisão.

É a isto que tudo se reduz, apercebi-me. Há aqueles que acreditam, e aqueles que não acreditam, e presas no espaço entre eles estão as armas.

Aparentemente, não era o único que estava incomodado. Batman o Pisco começou a piar, apesar dos esforços de Calloway para o calar.

- Cala-me esse estúpido pássaro já! - gritou Texas.

- Cala-te tu - disse Calloway. - Maldito Bourne. Quem me dera que nunca tivesse posto os pés neste nível 1 de merda.

Como se tivesse sido invocado, a porta do nível 1 abriu-se, e à média luz, Shay dirigiu-se para a sua cela, escoltado por um grupo de seis guardas. Tinha um penso no rosto, e dois olhos negros. Parte da sua cabeça fora rapada. Não olhou para nenhum de nós ao passar.

- Olá - murmurei quando ele passou pela minha cela, mas Shay não respondeu. Movia-se como um morto-vivo, como alguém num filme de ficção científica cujo lobo frontal tivesse sido removido por um cientista louco.

Cinco dos guardas saíram. O sexto ficou à porta da cela de Shay, o seu guarda pessoal. A presença do guarda prisional impediu-me de falar com Shay. Na realidade, a presença do guarda prisional impediu qualquer um de nós de falar, ponto final.

Acho que estávamos todos tão concentrados no seu regresso que demorámos alguns momentos a perceber que o silêncio não era apenas a ausência de conversa. Batman o Pisco tinha adormecido no bolso junto ao peito de Calloway. E lá fora, aquele ruído ensurdecedor -

aquele ruído terrível - tinha espetacularmente, abençoadamente dado lugar ao silêncio.

MAGGIE

A América fora fundada na liberdade religiosa, na separação da Igreja e do Estado, mas eu seria a primeira a dizer que não estamos muito melhor do que aqueles puritanos estavam em 1770 em Inglaterra. A religião e a política estão sempre em promiscuidade: a primeira coisa que fazemos numa sala de audiências é jurar sobre a Bíblia; as aulas nas escolas públicas iniciam-se com o Juramento de Fidelidade, que nos declara uma nação sob Deus; até a nossa moeda tem estampadas as palavras In God We Trust¹.

Seria de pensar que melhor do que ninguém, uma advogada da União Americana pelas Liberdades Civis como eu se oporia violentamente a isto por princípio, mas não.

213

Passei trinta minutos no duche e outros vinte a dirigir-me de carro para o centro, para o tribunal federal a tentar descobrir qual seria a melhor maneira de arrastar a religião mesmo para o meio de uma sala de audiências.

Estava apenas determinada a fazê-lo sem ofender as crenças pessoais do juiz.

No parque de estacionamento, telefonei para o ChutZpah e a minha mãe atendeu-me logo à primeira.

- Mas que raio de nome é Haig?

- Queres dizer o general?

- Sim.

- Parece alemão, talvez - disse ela pensativa. - Não sei. Porquê?

- Estava a falar em termos de religião.

- É isso que achas que eu faço? - disse a minha mãe. - Julgar as pessoas pelos apelidos?

- Tem de ser tudo uma acusação? Só preciso de saber antes de entrar no gabinete do juiz, para poder pensar no que vou dizer ao juiz que estiver a presidir ao caso.

- Achei que um juiz devia ser imparcial por princípio.

- Pois. Tal como o princípio de se ser coroada Miss América é promover a paz mundial.

- Não me lembro se o Alexander Haig era judeu. Sei que o teu pai gostava dele porque apoiava Israel...

- Bem, mesmo que seja, isso não significa que o meu juiz seja. Haig não é um nome tão óbvio como O Malley ou Hershkowitz.

- O teu pai uma vez namorou com uma rapariga judia chamada Barbara O Malley, para tua informação - disse a minha mãe.

- Espero que antes de se casar contigo...

- Muito engraçado. Só estou a dizer que a tua teoria não é totalmente segura.

- Bem, não deve haver muitos O Malley judeus. A minha mãe hesitou.

- Acho que os avós dela alteraram legalmente o apelido de Meyer para O Malley.

Revirei os olhos.

- Tenho de desligar. Seja qual for a sua religião, nenhum juiz gosta de um advogado que chegue atrasado.

214

Tinha recebido um telefonema da minha secretária quando estava em reunião com o director Coyne sobre a protecção de Shay na prisão - o juiz Haig queria falar com os advogados no tribunal federal na manhã seguinte, apenas quatro dias após ter entregado a minha queixa ali.

Devia ter percebido que as coisas iam prosseguir a uma velocidade estonteante. Shay já tinha a data de execução marcada, por isso o tribunal tinha agendado um julgamento breve para nós.

Ao virar a esquina, vi o procurador-geral adjunto da divisão de recursos, Gordon Greenleaf, já à espera. Acenei-lhe, e depois senti o meu telemóvel vibrar dentro da minha carteira com uma mensagem de texto.

PROCUREI HAIG NO GOOGLE - CAT ROM. XO MÃE.

Fechei o telefone bruscamente quando o oficial de justiça chegou para nos conduzir ao gabinete do juiz Haig.

O juiz tinha escassos cabelos grisalhos e o corpo de um corredor de fundo. Olhei para o colarinho da camisa, mas usava gravata: tanto quanto sabia, podia usar um crucifixo, uma estrela de David ou até uma réstia de alhos para afastar vampiros.

- Muito bem, meninas e meninos - disse ele -, quem me sabe dizer porque estamos aqui hoje?

- Meritíssimo - respondi -, vou processar o comissário prisional do Estado de New Hampshire em nome do meu cliente, Shay Bourne.

- Sim, obrigado, Dr.a Bloom, já li interessadamente a sua queixa de alto a baixo. O que eu queria dizer é que a execução iminente do Sr. Bourne já é um espectáculo público. Por que razão a União Americana pelas Liberdades Civis quer torná-la num ainda maior?

Gordon Greenleaf pigarreou. Sempre me fizera lembrar o Palhaço Bozó, com o s seus tufos de cabelo ruivo e alergias que lhe punham o nariz vermelho na maior parte do tempo.

- É um recluso do corredor da morte a tentar adiar o inevitável, meritíssimo.

- Não está a tentar adiar nada - argumentei. - Está apenas a tentar corrigir os seus pecados, e acredita que tem de morrer desta forma para obter a salvação. Ele seria o primeiro a dizer que poderiam executá-lo amanhã, desde que seja por enforcamento.

- Estamos em 2008, Dr.a Bloom. Executamos as pessoas por injeção letal. Não vamos retroceder para uma forma mais arcaica de execução - disse o juiz Haig.

Acenei com a cabeça.

- Mas senhor doutor juiz, com todo o devido respeito, se o Departamento Prisional achar que a injeção letal é impraticável, a sentença poderá ser cumprida por enforcamento.

215

- O Departamento Prisional não tem nenhum problema com a injeção letal! - disse Greenleaf.

- Tem quando os direitos concedidos pela Primeira Emenda são violados. Ele tem o direito de exercer as suas crenças religiosas, mesmo numa prisão: até ao momento da sua execução, inclusive.

- O que está a dizer? - explodiu Greenleaf. - Nenhuma religião insiste na doação de órgãos.

Lá porque um indivíduo tem um disparatado conjunto de regras na cabeça para organizar a sua vida, ou morte, isso não pode ser considerado uma crença religiosa.

- Caramba, Gordon - disse eu. - Quem morreu e o transformou Deus?

- Doutores, chega de altercações - disse o juiz Haig. Franziu os lábios, reflectindo.

- Há aqui alguns assuntos factuais que precisam de ser esclarecidos - começou -, mas o primeiro deles, Dr. Greenleaf, é saber se o Estado aceitará enforçar o Sr.

Bourne em vez de lhe administrar uma injeção letal.

- Certamente que não, senhor doutor juiz. Já se deu início às preparações para o método de execução especificado na sentença dele.

O juiz Haig acenou com a cabeça.

- Então vamos levar o caso a julgamento. Dado o prazo bastante real com que temos de trabalhar, será uma audiência breve. Vamos fingir que a instrução federal não existe, vamos fingir que as moções de julgamento sumário não existem: não temos tempo para isso. Assim, quero listas de

testemunhas e m cima d a minha secretária esta semana, e quero que estejam preparados para ir directamente a tribunal em duas semanas.

Gordon e eu reunimos os nossos pertences e saímos do gabinete do juiz.

- Faz alguma ideia de quanto dinheiro dos contribuintes do New Hampshire foi gasto naquela câmara de execuções?

- Fale com o governador, Gordon - disse eu. - Se as cidades ricas do New Hampshire têm de pagar a educação oficial, talvez as cidades pobres consigam angariar os fundos para futuros reclusos do corredor da morte.

Cruzou os braços.

- Qual é o interesse da União Americana pelas Liberdades Civis aqui, MAGGIE? Não consegue que a pena de morte seja declarada inconstitucional, por isso usa a religião como recurso?

Sorri-lhe.

216

- Se isso ajudar a que a pena de morte seja declarada inconstitucional, sim. Até daqui a três semanas, Gordon - disse eu, e afastei-me, deixando-o a olhar para mim.

Agarrei no telefone e marquei o número por três vezes. Por três vezes, desliguei assim que ouvi o sinal de ligação.

Não era capaz.

Mas tinha de o fazer. Tinha duas semanas para reunir os factos; e se ia lutar para que Shay pudesse doar o seu coração, precisava de compreender com exatidão como é que isso ia ser feito - e ser capaz de explicá-lo em tribunal.

Quando a central telefónica do hospital estabeleceu ligação, pedi para falar para o consultório do Dr. Gallagher. Deixei o meu nome e número à secretária, prevendo que ele demoraria algum tempo a responder ao meu telefonema, durante o qual talvez arranjasse coragem para falar com ele. Por isso, quando o telefone tocou assim que o pousei, fiquei surpreendida por ouvir a sua voz.

- Sr.a Bloom - disse ele. - O que posso fazer por si?

- Não era suposto ter-me telefonado assim tão depressa - disse abruptamente.

- Ah, desculpe. Devia realmente ser menos pontual com os meus pacientes.

- Eu não sou sua paciente.

- Pois. Estava apenas a fingir - ficou em silêncio, e depois disse - creio que me telefonou?

- Sim, sim, telefonei. Estava a pensar que talvez pudesse encontrar-se comigo, a nível profissional, claro...

- Claro.

- ... para falar sobre enforcamento e doação de órgãos.

- Quem me dera ter um cêntimo por cada vez que já me pediram para o fazer - disse o Dr.

Gallagher. - Teria muito gosto em encontrar-me consigo. A nível profissional, claro.

- Claro - disse eu, humilhada. - Só que teria de encontrar-me consigo muito em breve. O julgamento do meu cliente começa daqui a duas semanas.

- Muito bem, então, Sr.a Bloom, vou buscá-la às sete horas.

- Oh... não tem de fazer isso. Posso encontrar-me consigo no hospital.

- Sim, mas de facto prefiro não comer a gelatina da cantina nos meus dias de folga.

217

- É o seu dia de folga? - "ele telefonou-me no seu dia de folga?" - Bem, podemos encontrar-nos noutra altura...

- Não acabou de me dizer que este assunto tinha de ser resolvido rapidamente?

- Bem - disse eu. - Sim.
- Então fica combinado às sete.
- Ótimo - disse eu na minha melhor voz profissional. - Fico à sua espera.
- Sr.a Bloom. - Sim?

Sustive a respiração, à espera que ele revelasse os parâmetros deste encontro. Não fique à espera que isto seja mais do que parece ser: dois profissionais a tratar de negócios. Não se esqueça de que podia ter perguntado a qualquer médico, até a um que não tivesse olhos da cor de uma noite sem luar e um sotaque que atrai como um anzol. Não se iluda, fingindo que se trata de um encontro romântico.

- Não sei onde mora.

Quem disse que o preto nos faz parecer mais magras com certeza não tinha as mesmas roupas que estavam penduradas no meu roupeiro. Primeiro experimentei as minhas calças pretas preferidas, que deixaram de ser as minhas preferidas porque só abotoavam se eu deixasse de respirar e não tivesse intenções de me sentar à refeição. A camisola de gola alta preta que ainda tinha as etiquetas agarradas fazia parecer que tinha queixo duplo, e o casaco curto de croché que parecia tão giro no catálogo revelava cada centímetro de pneu debaixo do soutien. "Vermelho", pensei. "vou ser ousada e afirmar-me." Experimentei uma camisola de seda carmesim, mas a única afirmação que parecia estar a fazer era Fredericks of Hollywood⁸. Procurei por entre cache-coeurs, casacos de malha, camisolas sem mangas e blazers, saias évasé e de pregas, vestidos de cocktail, atirando-os um por um para o chão enquanto Oliver saltava, fugindo em vão, tentando não ficar preso por baixo. Experimentei cada par de calças que possuía e decidi que o meu rabo ia no bom caminho para ser declarado como uma das luas de Plutão. Depois dirigi-me para o espelho da casa de banho.

- Não tens de parecer a Jennifer Arriston para discutir a melhor maneira de executar alguém.

Embora, supunha eu, isso provavelmente ajudasse.

Por fim, decidi-me pelo meu par de calças de ganga preferido e uma túnica verde-pálida fluida que tinha encontrado à venda por cinco dólares numa boutique asiática, por isso sempre me sentira bem ao usá-la, mesmo quando o meu aspecto não era perfeito. Torci os cabelos e prendi-os em cima espetando-lhes um pau, na esperança que parecesse um penteado artístico e grego em vez de apenas desmazelado e apressado.

218

Às sete em ponto, a campainha da porta soou. Olhei-me ao espelho uma última vez - a roupa era claramente casual, no conjunto, sem muito esforço para parecer bem - e abri a porta para encontrar o Dr. Gallagher de fato e gravata.

- Posso mudar de roupa - disse muito depressa. - Não sabia que íamos a um sítio bom. Não é que não estivesse à espera que me levasse a um sítio bom. Ou que me levasse.

Quero dizer, eu levo-me a mim própria. E o doutor leva-se a si. Só vamos no mesmo carro.

- Está muito bem - disse ele. - É assim que me visto sempre.

- No seu dia de folga?

- Bem, sou britânico - respondeu, a título de explicação; mas enfiou o dedo no colarinho e tirou a gravata da camisa. Pendurou-a na maçaneta do lado de dentro da porta.

- Quando estava na faculdade e alguém fazia isso, queria dizer que... - interrompi-me, lembrando-me do que queria dizer: não entres porque o teu colega de quarto está com companhia feminina.

- Queria dizer que, hum, estávamos ocupados a estudar para um teste.

- A sério? - disse o Dr. Gallagher. - Que estranho. Em Oxford queria dizer que o nosso colega de quarto estava lá dentro a ter relações sexuais.

- Talvez devêssemos ir - disse muito depressa, esperando que ele não reparasse que estava a corar violentamente, ou que vivia sozinha com um coelho, ou que as minhas ancas eram tão largas que

provavelmente não caberiam no assento do seu pequeno carro desportivo que estava estacionado em frente a minha casa.

Abriu-me a porta do carro e não ligou o motor até o meu cinto de segurança estar apertado.

Enquanto acelerava, pigarreou.

- Há um assunto que gostava de deixar claro antes de prosseguirmos com este jantar - disse ele. - Sou Christiano.

Fiquei a olhar para ele. Seria algum fundamentalista que limitava as suas conversas extracurriculares a pessoas da mesma fé? Pensaria que eu tinha algum desejo secreto de fugir com ele e estava a ditar-me as regras? (Está bem. Talvez esta última não estivesse muito longe da verdade.)

Bem, seja o que for. Comia, dormia, respirava, sempre a pensar em religião devido ao caso de Shay; agora ainda estava mais sensível à tolerância religiosa do que anteriormente, antes de aceitar este caso. E se a religião era de uma importância tão vital para Gallagher que a tinha de referir como primeiro tópico de conversa, podia pagar-lhe da mesma moeda.

219

- Sou ateia - disse eu -, mas o melhor é ficar já a saber que o meu pai é rabi, e se tiver algum problema com isso tenho a certeza de que poderei arranjar outro médico com quem falar, e agradecia-lhe que não dissesse nenhuma piada sobre médicos judeus.

Expirei.

- Bem - disse ele, e olhou para mim. - Talvez prefira chamar-me Chris?

Tenho a certeza de que Emily Post¹⁰ não mencionou este assunto, mas pareceu-me mais discreto esperar até nos servirem prato principal para começar a conversar sobre as maneiras de se matar um homem.

O restaurante situava-se dentro de uma antiga casa colonial em Orford, com tábuas de soalho que rolavam como mares debaixo dos meus pés e uma cozinha ruidosa de um dos lados. A anfitriã tinha uma voz rouca e melíflua, e cumprimentou o doutor pelo nome. Christian.

A sala onde estávamos sentados tinha apenas seis mesas, cobertas com toalhas, pratos e copos diferentes; velas ardiam dentro de garrafas de vinho recicladas. Na parede havia espelhos de todas as formas e tamanhos - a minha versão pessoal do nono círculo do Inferno - mas quase não reparei neles. Em vez disso, bebi água e vinho e fingi que não queria estragar o apetite ao comer o pão acabado de fazer que nos serviam acompanhado por azeite para o mergulhar - ou ao falar da execução de Shay.

Christian sorriu-me.

- Sempre imaginei que um dia seria obrigado a reflectir sobre como se podia dar o coração a alguém, mas devo admitir, não pensei que fosse de uma forma assim tão literal.

O empregado de mesa chegou com os nossos pratos. A lista estava cheia dos pratos mais deliciosos: caldeirada vietnamita, tortellini, pastelinhos de chouriço. Até as descrições das entradas me faziam salivar: "Feitos a pedido, massa italiana fresca de salsa recheada com corações de alcachofras frescas, beringela assada, tábua de queijos e pimentos doces vermelhos e amarelos assados, acompanhados por um molho cremoso de tomate seco ao sol.

Fatias de frango desossado recheadas com finas fatias de presunto e espinafres frescos, queijo asiago e cebolas doces, enroladas e acompanhadas por fetuccini fresco e molho de tomate com vinho marsala. Peito de pato assado e desossado, finamente fatiado, acompanhado por molho de cerejas secas ao sol e panqueca de arroz selvagem."

Na esperança de conseguir enganar Christian, fazendo-o pensar que a minha cintura não tinha o tamanho que parecia ter, engoli em seco e pedi uma entrada. Desejava ardentemente que Christian pedisse a perna de borrego assada ou o bife com batatas fritas para que eu pudesse implorar-lhe que me deixasse provar, mas quando expliquei que não tinha muita fome (uma mentira colossal), ele disse

que realmente também só queria uma entrada.

220

- Pelo que imagino - disse Christian -, o recluso seria enforcado de tal forma que a coluna se fracturaria na C2 C3, o que faria cessar a respiração espontânea.

Estava a esforçar-me bastante para seguir a conversa.

- Quer dizer que partiria o pescoço e deixaria de respirar?

- Exactamente.

- Então ficaria em morte cerebral?

Um casal na mesa ao lado olhou para mim, e apercebi-me de que estava a falar demasiado alto. Que algumas pessoas não gostavam de misturar a morte com o jantar.

- Bem, não exactamente. É necessário algum tempo para que as alterações cerebrais provocadas pela anoxia conduzam à perda de reflexos... que é como procuramos a função do tronco encefálico. O problema é que não podemos deixar o seu homem pendurado durante um período de tempo muito longo, senão o seu coração deixará de bater, e isso fará com que deixe de poder ser dador.

- Então o que terá de acontecer?

- O Estado terá de aceitar que o facto de deixar de haver respiração basta para retirar o corpo do laço devido a suspeita de morte provável, e depois entubá-lo para que o coração fique protegido, e então examiná-lo para determinar a morte cerebral.

- Então entubá-lo não é o mesmo que ressuscitá-lo?

- Não. É igual a uma pessoa em morte cerebral estar ligada a um ventilador. Conserva os órgãos, mas não se verificará qualquer função cerebral assim que a espinal medula for cortada e surgir a hipoxia, por muito oxigénio que se introduza no organismo.

Acenei com a cabeça.

- Então como se determina a morte cerebral?

- Existem várias maneiras. Podemos fazer um exame físico primeiro: verificar que não há reflexo corneal, nem respiração espontânea, nem reflexo faríngeo, e depois repeti-lo passadas doze horas. Mas visto que o tempo é um factor essencial, recomendaria um exame eco-Doppler transcraniano, que utiliza os ultra-sons para medir o fluxo sanguíneo através das artérias carótidas na base do cérebro. Se não houver fluxo de sangue durante dez minutos, pode declarar-se legalmente a morte cerebral.

Imaginei Shay Bourne - que mal conseguia alinhar uma frase coerente, que roía as unhas até ao sabugo, que tinha os cabelos despenteados porque usar uma escova lhe provocava 221

urticária - ser conduzido ao cadafalso. Imaginei o laço a ser apertado em volta do pescoço dele e senti os cabelos ficarem em pé no meu.

- É brutal - disse num tom suave, e pousei o meu garfo. Christian ficou em silêncio por um momento.

- Era médico residente em Filadélfia quando tive de dizer pela primeira vez a uma mãe que o filho tinha morrido. Foi vítima de um tiroteio entre gangs-. tinha oito anos. Foi à loja comprar um litro de leite, e estava no sítio errado à hora errada. Nunca esquecerei o olhar dela quando lhe disse que não tínhamos sido capazes de salvar-lhe o filho. Quando uma criança é morta, são duas pessoas que morrem, acho eu. A única diferença é que o coração da mãe dele ainda batia - olhou para mim. - Será brutal para o Sr. Bourne. Mas antes foi brutal para a JUNE Nealon.

Recostei-me na cadeira. Então era esta a contrapartida. Conhecia um homem bem-educado, extremamente atraente, que estudara em Oxford, e afinal revela ser tão de direita que é quase retrógrado.

- Então é a favor da pena capital? - perguntei, tentando manter uma voz calma.

- Penso que é fácil ir pela via moral quando tudo se resume a teoria - disse Christian. - Como médico, acho que está certo matar alguém? Não. Mas por outro lado, ainda não tenho filhos.

E estaria a mentir se dissesse que quando os tiver, este assunto ainda me parecerá claro como água.

Também ainda não tinha filhos; e pelos vistos, talvez nunca os tivesse. E a única vez que me encontrara cara a cara com JUNE Nealon fora na reunião de justiça reparadora, e ela estava tão cheia de cólera justa que me custava olhar para ela. Não sabia como era transportar uma criança debaixo do coração durante nove meses, sentir o corpo abrir espaço ao dela. Não sabia como era segurar um bebé nos braços e embalá-lo até adormecer, descobrir uma canção de embalar na sua respiração. Mas sabia como era ser filha.

A minha mãe e eu nem sempre discutíamos. Ainda me lembrava de desejar ser tão encantadora como ela - experimentar os seus sapatos de salto alto, puxar os saiotes de cetim translúcido dela até debaixo dos braços como se fossem vestidos sem alças, mergulhar no assombroso mistério da sua bolsa de maquilhagens. Em determinada altura, ela fora a pessoa que eu queria ser quando crescesse.

Era de tal forma difícil encontrar amor neste mundo, descobrir alguém que nos fizesse sentir que havia uma razão para termos sido postos neste mundo. Uma criança é a forma mais pura disso. Uma criança representa o amor que não temos de procurar, a quem não temos nada a provar, que não temos de preocupar-nos por perder.

E é por isso que quando acontece nos deixa tão magoados.

222

De repente, tive vontade de telefonar à minha mãe. Tive vontade de telefonar a JUNE

Nealon. Estava no meu primeiro encontro romântico desde que os dinossauros percorriam o planeta, um encontro que na verdade era apenas um jantar de negócios, e tive vontade de chorar.

- MAGGIE? - Christian inclinou-se para a frente. - Sente-se bem? - E então pousou a mão em cima da minha.

"Cessar a respiração espontânea", dissera ele. O empregado apareceu junto à mesa.

- Espero que tenham deixado espaço para a sobremesa.

Só tinha espaço; a minha entrada tinha sido um pastelinho de caranguejo do tamanho da unha do polegar. Mas sentia o calor da pele de Christian na minha, e era como o calor da chama de uma vela: era só uma questão de tempo até que o resto de mim também derretesse. - Oh, não seria capaz - disse eu. - Estou satisfeita.

- Muito bem - disse Christian, e afastou as suas mãos da minha. - Então é só a conta.

Algo se alterara no seu rosto - e havia um tom frio na sua voz que não existia há momentos.

- O que foi? - perguntei. Ele abanou a cabeça, para não falar no assunto, mas eu sabia o que era: a pena de morte. - Acha que estou do lado errado.

- Não acho que haja lados - disse Christian -, mas não se trata disso.

- Então o que fiz eu de mal?

O empregado surgiu furtivamente trazendo a conta dentro de uma carteira de couro. Christian estendeu a mão para alcançá-la.

- A minha última namorada fixa era bailarina principal do Boston Ballet.

- Oh - disse eu numa voz débil. - Ela devia ser... - Linda. Graciosa. Magra.

Tudo aquilo que eu não era.

- Sempre que íamos comer fora sentia-me uma espécie de... guloso... porque tinha apetite e ela nunca comia nada. Acho que pensava, bem, esperava, que consigo fosse diferente.

- Mas eu adoro chocolate - disse bruscamente. - E fritos de maçã, e tarte de abóbora, e mousse, e tiramisú, e provavelmente teria comido tudo o que estava nesta lista se não achasse que ia parecer uma porca. Estava a tentar ser... - a minha voz desvaneceu.

- ... o que achava que eu estava à procura?

223

Concentrei-me n o guardanapo que tinha n o colo. Tinha acabado d e arruinar u m encontro romântico que nem sequer era verdadeiramente um encontro romântico.

- E se eu só andasse à procura - perguntou Christian - de si?

Ergui a cabeça lentamente enquanto Christian voltou a chamar o empregado de mesa.

- Diga-nos que sobremesas têm - disse ele.

- Temos leite-creme, uma tarte de mirtilos frescos, pastéis quentes de massa folhada com pêssago acompanhados por gelado caseiro e molho d e caramelo e , a minha sobremesa preferida, fatias douradas com chocolate cobertas de uma fina crosta de nozes-pecã, acompanhadas com gelado de menta e o nosso molho de framboesa.

- O que vamos provar? - perguntou Christian. Virei-me para o empregado.

- Talvez pudéssemos voltar aos pratos principais primeiro disse eu, e sorri.

Esta é a minha religião simples.

Não são necessários templos; não é necessária uma filosofia complicada.

O nosso cérebro, o nosso coração é o nosso templo; a filosofia é a generosidade.

Sua Santidade o 14º Dalailama

JUNE

Afinal, apesar das promessas feitas no leito de morte, não falei a Claire no seu potencial novo coração quando ela acordou pela primeira vez a seguir ao episódio que nos trouxera de volta a este hospital. Em vez disso, inventei centenas de desculpas. Quando não tivesse febre.

Quando tivesse um pouco mais de energia. Quando tivéssemos a certeza de que um juiz permitiria que a doação se realizasse. Quanto mais adiava a conversa, mais conseguia convencer-me de que Claire teria mais uma hora, um dia, uma semana ao meu lado durante a qual poderia tê-la.

E, entretanto, Claire estava em falência. Não só o seu corpo, mas o seu espírito. O Dr.Wu dizia-me todos os dias em que ela estava estável, mas eu via mudanças.

Não queria que lhe lesse a Teen People. Não queria ver televisão. Ficava deitada de lado, a olhar para uma parede branca.

- Claire - disse eu uma tarde -, queres jogar às cartas?

- Não.

- E ao Scrabble?

224

- Não, obrigada - desviou o rosto. - Estou cansada. Afastei-lhe os cabelos do rosto.

- Eu sei, querida.

- Não - disse ela. - Quero dizer, estou cansada. Já não quero fazer isto.

- Bem, podemos andar um pouco: quero dizer, eu posso andar um pouco e empurrar-te na cadeira de rodas. Não tens de ficar na cama...

- vou morrer aqui. Ambas sabemos isso. Porque é que não posso ir para casa e morrer lá, em vez de ficar ligada a todos estes aparelhos?

Fiquei a olhar para ela. Onde estava a criança naquela frase, a criança que acreditava em fadas, e em fantasmas, e em todo o tipo de coisas impossíveis? "Mas estamos tão perto de solucionar isso", comecei a dizer, e então apercebi-me de que se o fizesse, teria de lhe falar sobre o coração que podia ou não estar para vir. E a quem pertencia.

- Quero enfiar-me na minha cama - disse Claire -, em vez de numa com estúpidos lençóis de plástico e uma almofada que faz ruídos cada vez que mexo a cabeça. Quero comer rolo de carne, em vez de canja de galinha numa taça de plástico azul e gelatina...

- Detestas que eu faça rolo de carne.

- Eu sei, e quero zangar-me contigo por voltares a fazê-lo - virou-se e ficou deitada de costas, olhando para mim. - Quero beber sumo de laranja pelo pacote. Quero atirar uma bola de ténis para o meu cão.

Hesitei.

- Talvez possa falar com o Dr. Wu - disse eu. - Podemos ir buscar os nossos lençóis e uma almofada, aposto...

Algo nos olhos de Claire se ensombrou.

- Esquece - disse ela, e foi assim que percebi que ela já tinha começado a morrer, antes de ter oportunidade de a salvar.

Assim que Claire adormeceu naquela tarde, deixei-a nas mãos fiáveis das enfermeiras e saí do hospital pela primeira vez numa semana. Fiquei estupefacta por ver como o mundo tinha mudado. Havia um frio cortante no ar que anunciava o Inverno; as árvores tinham começado a mudar de cor, primeiro os áceres, as suas copas brilhantes como archotes que lançavam fogo ao resto dos bosques. O meu carro parecia-me estranho, como se estivesse a conduzir um carro alugado. E o mais chocante - o

trajecto que passava pela prisão estadual tinha sido reformulado pela polícia de trânsito. Avancei lentamente por entre os pinos, olhando boquiaberta para a multidão que fora afastada por um cordão de segurança da polícia: SHAY

225

BOURNE VAI ARDER NO INFERNO, dizia um cartaz. Outro dizia SATANÁS ESTÁ BEM vivo NO NÍVEL 1.

Uma vez, quando Claire era pequena, levantou a persiana da janela do quarto ao acordar. Ao ver o nascer do Sol, com os seus dedos carmesim esticados, arquejou: "Fui eu que fiz isto?"

Agora, olhando para os cartazes, não pude deixar de pensar: Podemos acreditar em algo tão convictamente que o faça acontecer? Os nossos pensamentos poderão fazer os outros mudar de ideias?

Mantendo os olhos fixos na estrada, passei pelos portões da prisão e continuei em direcção a minha casa. Mas o meu carro tinha outras intenções - virou à direita, e depois à esquerda, e chegou ao cemitério onde Elizabeth e Kurt estavam enterrados.

Estacionei e comecei a dirigir-me à sua campa comum. Situava-se debaixo de um freixo; à brisa ligeira as folhas tremeluziam como moedas de ouro. Ajoelhei-me na erva e passei os dedos pelas letras na pedra tumular.

FILHA AMADA.

QUERIDO MARIDO.

Kurt comprou este terreno um ano depois de termos casado. "Isso é macabro", disse eu, e ele limitou-se a encolher os ombros; encarava a questão da vida e da morte todos os dias. "Mas há uma coisa", disse ele. "Há espaço para ti, se quiseres."

Ele não quisera intrometer-se, porque não sabia se eu gostaria de ser enterrada junto ao meu primeiro marido. Até mesmo aquele bocadinho de consideração - o facto de querer que fosse eu a escolher, em vez de presumir - fizera-me ver o quanto o amava. "Quero estar contigo", dissilhe eu. Queria estar onde estava o meu coração.

Depois dos homicídios, tornei-me sonâmbula. Dava por mim na manhã seguinte na cabana do jardim, com uma pá na mão. Na garagem, com o rosto encostado ao cabo de uma pá. No meu subconsciente, estava a planear juntar-me a eles; era só quando estava acordada e alerta e sentia Claire dar-me pontapés dentro de mim que percebia que tinha de ficar.

Seria ela a próxima que enterraria aqui? E quando o fizesse, o que me impediria de levar as coisas à sua conclusão natural, de voltar a reunir a família num só sítio?

Deitei-me por um minuto, de barriga para baixo na erva. Encostei o rosto ao musgo eriçado na beira da campa e fingi estar encostada ao rosto do meu marido; senti os dentes-de-leão passarem-me entre os dedos e fingi que estava a dar a mão à minha filha.

No elevador do hospital, o saco começou a mexer-se sozinho pelo chão. Agachei-me, abrindo o fecho em cima.

226

- Lindo menino - disse eu, e afaguei o cimo da cabeça de Dudley. Fui buscá-lo a casa da vizinha, que tinha sido suficientemente generosa para tomar conta dele enquanto Claire estivesse doente. Dudley adormecera no carro, mas agora estava alerta e a interrogar-se por que razão o teria fechado num saco de viagem. As portas abriram-se e eu levantei-o, aproximando-me da secretária da enfermeira junto ao quarto de Claire. Tentei sorrir normalmente.

- Está tudo bem?

- Ela está a dormir como um bebé.

Nessa altura, Dudley ladrrou.

Os olhos da enfermeira fixaram-se nos meus, e eu fingi que espirrava.

- Uau - disse eu, abanando a cabeça. - A contagem polínica deve estar no máximo, não?

Antes que ela pudesse responder, apressei-me a entrar no quarto de Claire e fechei a porta atrás de mim. Depois abri o fecho do saco e Dudley saiu disparado como um foguete. Deu uma volta a correr pelo quarto, quase derrubando o suporte do soro de Claire.

Havia uma razão para os cães não serem permitidos no hospital, mas se Claire queria que fosse tudo normal, então tudo seria normal. Coloquei os braços em volta de Dudley e puxei-o para cima da cama de Claire, onde ele farejou o cobertor de algodão e começou a lambê-lo a mão.

Ela abriu os olhos, e ao ver o cão, o rosto abriu-se num sorriso.

- Ele não pode estar aqui - sussurrou ela, enterrando as mãos no pêlo do pescoço.

- Vais denunciar-me?

Claire ergueu-se para ficar sentada e deixou o cão rastejar para o seu colo. Coçou-o atrás das orelhas enquanto ele tentava mastigar o fio que passava debaixo da camisa de noite de hospital de Claire até ao monitor cardíaco.

- Não temos muito tempo - disse muito depressa. - Alguém vai... Precisamente nessa altura, uma enfermeira entrou com um termómetro digital na mão.

- Toca a acordar, minha menina - começou ela a dizer, e então viu o cão em cima da cama. -

O que está esse cão a fazer aqui?

Olhei para Claire, e depois novamente para a enfermeira.

- Uma visita? - sugeriu.

227

- Sr.a Nealon, nem sequer os cães de serviço podem entrar nesta enfermaria sem uma carta do veterinário a declarar que as vacinas estão em dia e as fezes foram analisadas e não têm parasitas...

- Estava só a tentar fazer a Claire sentir-se melhor. Não vamos sair deste quarto, juro.

- Dou-lhe cinco minutos - disse a enfermeira. - Mas terá de me prometer que não o voltará a trazer antes do transplante.

Claire, que apertava o cão com toda a força, olhou para cima.

- Transplante? - repetiu ela. - Que transplante?

- Estava a falar em teoria - apressei-me a dizer.

- O Dr. Wu não marca transplantes teóricos - disse a enfermeira. Claire olhou para mim pestanejando.

- Mãe? - algo na sua voz começou a ceder.

A enfermeira deu meia volta.

- Estou a cronometrar - disse ela, e saiu do quarto.

- Isso é verdade? - perguntou Claire. - Há um coração para mim?

- Não temos a certeza. Há um problema...

- Há sempre um problema - disse Claire. - Quero dizer, quantos corações acabaram por não ser aquilo que o Dr. Wu esperava?

- Bem, este... ainda não está pronto para ser transplantado. Ainda está a ser utilizado.

Claire riu um pouco.

- O que estás a pensar em fazer? Matar alguém? Não respondi.

- A dadora está muito doente, é muito velha? Como pode ser sequer dadora se está doente ou é velha? - perguntou Claire.

- Querida - disse eu. - Temos de ficar à espera que o dador seja executado.

Claire não era estúpida. Observei-a juntar estas informações novas com o que ouvira na televisão. As suas mãos cerraram-se em volta de Dudley.

- Nem pensar - disse ela num tom suave. - Não vou receber o coração do homem que matou o meu pai e a minha irmã.

- Ele quer dar-to. Ofereceu-o.

228

- Isto é doentio - disse Claire. - Tu és doentia. - Esforçou-se para se levantar, mas estava amarrada à cama por tubos e fios.

- Até o Dr.Wu disse que há uma correspondência espantosa contigo e com o teu corpo. Não podia recusar.

- Então e eu? Eu não posso recusar?

- Claire, querida, sabes que os dadores não aparecem todos os dias. Tinha de aceitar.

- Então recusa - exigiu ela. - Diz-lhes que não quero o estúpido coração dele.

Sentei-me na beira da cama de hospital.

- É apenas um músculo. Não significa que vás ficar como ele fiz uma pausa. - E para além disso, ele deve-nos isto.

- Ele não nos deve nada! Porque não entendes isso? - os olhos dela encheram-se de lágrimas.

- Não podes igualar o resultado, mãe. Tens de começar de novo.

Os monitores dela começaram a soar um alerta; e a pulsação estava a subir, o coração a bater demasiado rápido. Dudley começou a ladrar.

- Claire, tens de te acalmar...

- A questão aqui não é ele - disse Claire. - Nem sequer sou eu. A questão és tu. Tu precisas de ser compensada por aquilo que aconteceu à Elizabeth. Tu precisas de fazê-lo pagar por aquilo que fez. Onde há lugar para mim no meio disso tudo?

A enfermeira entrou no quarto a voar como uma grande garça branca, debruçando-se sobre Claire.

- O que se passa aqui? - disse ela, verificando as ligações, tubos e soro.

- Nada - dissemos ambas em simultâneo.

A enfermeira lançou-me um olhar calculado.

- Recomendo vivamente que leve o cão para fora daqui e deixe a Claire descansar um pouco.

Agarrei no Dudley e voltei a enfiá-lo dentro do saco.

- Pensa no assunto - insisti.

Ignorando-me, Claire estendeu a mão para o saco e afagou o cão.

- Adeus - sussurrou.

229

MICHAEL

Regressei a St. Catherine. Disse ao padre Walter que não estava a ver as coisas com clareza e que Deus me abrisse os olhos para a verdade.

Só não referi que Deus por acaso estava no nível 1 a cerca de cinco quilómetros da nossa igreja, à espera de um julgamento acelerado que começava esta semana.

Todas as noites, rezava o terço três vezes seguidas - em penitência por mentir ao padre Walter - mas tinha de lá ir. Tinha de fazer algo construtivo com o meu tempo livre, agora que já não o passava com Shay. Desde que lhe tinha confessado no hospital que pertenci ao júri que o condenou, ele recusava-se a receber-me.

Havia uma parte de mim que compreendia esta reacção - imagine-se como será saber que fomos traídos pelo nosso confidente - mas havia uma outra parte de mim que passava horas a tentar descobrir por que razão a misericórdia divina ainda não tinha começado a fazer efeito.

Por outro lado, se o Evangelho de Tomé fosse considerado verdadeiro, por muito que fosse o tempo e espaço que Shay colocasse entre nós, nunca estaríamos verdadeiramente separados: o humano e o divino eram dois lados da mesma moeda.

E assim, todos os dias ao meio-dia, dizia ao padre Walter que ia encontrar-me com um casal fictício na casa deles para os afastar do caminho do divórcio. Mas em vez disso, ia na minha Trophy até à prisão, abria caminho por entre a multidão e entrava lá dentro para tentar falar com Shay.

O guarda Whitaker foi chamado para me escoltar até ao nível 1 depois de ter passado pelos detectores de metais na cabina dos visitantes.

- Olá, padre. Veio vender biscoitos das escuteiras?

- Já sabe - respondi. - Há alguma coisa de interessante hoje?

- Vejamos. O Joey Kunz recebeu uma visita médica por causa de diarreia.

- Uau - disse eu. - Que pena ter perdido isso.

Enquanto vestia o meu colete à prova de bala, Whitaker entrou no nível 1 para dizer a Shay que eu estava aqui. Outra vez. Mas regressou cerca de cinco segundos depois, com um olhar acanhado.

- Hoje não, padre - disse. - Lamento.

- Voltarei a tentar - respondi, mas ambos sabíamos que não seria possível. O tempo esgotara-se: o julgamento de Shay começava amanhã.

230

Saí da prisão e dirigi-me novamente para a minha moto. Modéstia à parte, eu era para Shay o que mais se aproximava de um discípulo; e se isso fosse verdade, teria de aprender com os erros da história. Na crucificação de Jesus, os Seus seguidores dispersaram-se - à excepção de Maria Madalena e da sua mãe. Por isso, mesmo que Shay não reconhecesse a minha presença no tribunal, não deixaria de lá ir. Assistiria a tudo por ele.

Durante bastante tempo, fiquei sentado na minha moto no parque de estacionamento, sem ir a lado nenhum.

Na realidade, não desejava apanhar MAGGIE de surpresa contando-lhe isto apenas alguns dias antes do julgamento. Mas a verdade é que se Shay já não me aceitava como conselheiro espiritual, não tinha desculpa para não dizer a MAGGIE que pertenci ao júri que o condenou.

Tentei contactá-la várias vezes ao longo da semana anterior, mas ou não estava no escritório ou não atendia o telemóvel. E então, sem mais nem menos, telefonou-me.

- Venha já para aqui - disse ela. - Tem umas explicações para me dar.

Passados vinte minutos, estava sentado no seu gabinete na União Americana pelas Liberdades

Civis.

- Hoje tive uma reunião com o Shay - disse MAGGIE. - Ele disse-me que o padre lhe mentiu.

Acenei com a cabeça.

- Ele entrou em pormenores?

- Não. Disse que eu merecia ouvir em primeira mão - cruzou os braços. - Também disse que não queria que testemunhasse a seu favor.

- Pois - disse entre dentes. - Não o censuro.

- O senhor é mesmo padre? Olhei para ela, pestanejando.

- Claro que sou...

- Então não me interessa sobre o que está a mentir - disse MAGGIE. - Pode aliviar a sua alma depois de ganharmos o caso do Shay.

- Não é assim tão simples...

- É sim, padre. O senhor é a única testemunha de carácter que temos para o Shay; é credível por usar esse colarinho. Não me interessa que o padre e o Shay tivessem tido uma discussão; não me interessa que seja um travesti nas horas vagas; não me interessa que tenha segredos suficientes para uma vida inteira. A regra é não perguntar e não dizer até o julgamento começar, está bem? Só me interessa que use esse colarinho, vá para o banco das testemunhas 231

e faça o Shay parecer credível. Se virar a s costas, o caso vai pelo cano abaixo. Isso é suficientemente simples para si?

Se MAGGIE tivesse razão - se o meu testemunho fosse a única coisa que ajudaria Shay -

então como poderia eu contar-lhe algo que arruinaria o caso? Um pecado de omissão seria compreensível se estivéssemos a ajudar alguém ao ocultar o facto. Não podia devolver a vida a Shay, mas podia garantir que a sua morte se realizasse segundo a sua vontade.

Talvez isso bastasse para me perdoar.

- É normal estar um pouco assustado por ir ao tribunal - disse MAGGIE, interpretando mal o meu silêncio.

Durante o meu testemunho, devia dizer que era o conselheiro espiritual de Shay - explicar em termos gerais como doar o coração a Claire Nealon era uma das crenças espirituais de Shay.

Fazer um padre dizer isto era um golpe de génio de MAGGIE - quem não acreditaria num sacerdote quando se tratava de assuntos religiosos?

- Não tem de se preocupar com o contra-interrogatório - prosseguiu MAGGIE. - Diga ao juiz que enquanto um católico acredita que a salvação só se atinge através de Jesus Cristo, Shay acredita que a doação de órgãos é necessária para a redenção. Isso é totalmente verdade, e prometo-lhe que um relâmpago não trespassará o tecto quando o disser.

Ergui bruscamente a cabeça.

- Não posso dizer em tribunal que o Shay vai encontrar Jesus - disse eu. - Acho que ele pode ser Jesus.

Ela pestanejou.

- O padre acha o quê?

As palavras começaram a sair de dentro de mim, da forma que sempre imaginei que seria falar em várias línguas: verdades que se libertavam antes mesmo de nos apercebermos que saíram da nossa boca.

- Faz todo o sentido. A idade, a profissão. O facto de estar no corredor da morte. Os milagres.

E a doação do coração: ele está literalmente a oferecer-se pelos nossos pecados novamente.

Está a oferecer a parte que interessa menos, o corpo, para poder tornar-se um só em espírito.

- Oh, merda, isto é bem pior do que estar nervoso - murmurou MAGGIE. - Está doido.

- MAGGIE, ele tem citado um evangelho que foi escrito duzentos anos após a morte de Cristo, um evangelho que a maioria das pessoas nem sequer sabe que existe. Palavra por palavra.

232

- Já o ouvi falar e, sinceramente, as suas palavras são incompreensíveis. Sabe o que ele estava a fazer ontem quando o informei relativamente ao seu testemunho?

A jogar ao galo. Sozinho.

-Tem de ler nas entrelinhas.

- Pois, sim. E aposto que quando ouve os álbuns da Britney Spears de trás para a frente ouve "Durma comigo , Por amor de Deus, sem querer fazer jogos de palavras, o senhor é um padre católico. O que aconteceu ao Pai, Filho e Espírito Santo? Não me recordo que Shay faça parte da Santíssima Trindade.

- Então e aquelas pessoas que estão acampadas à porta da prisão? Também são todas doidas?

- Querem que o Shay cure o autismo dos filhos ou reverta a doença de Alzheimer dos maridos. Estão metidos nisto por eles próprios-disse MAGGIE. -As únicas pessoas que acham que Shay Bourne é o Messias estão tão desesperadas que eram capazes de encontrar a salvação debaixo da tampa de uma garrafa de Pepsi de dois litros.

- Ou através de um transplante de coração? - argumentei. Construiu uma teoria legal baseada nas crenças religiosas individuais. Então como pode dizer-me, categoricamente, que estou errado?

- Porque não é uma questão de estar certo ou errado. É uma questão de vida ou morte, nomeadamente, a de Shay. Diria o que fosse preciso para ganhar este caso por ele; é esse o meu trabalho. E também devia ser o seu. Não se trata de nenhuma revelação; não se trata de quem o Shay possa ter sido ou vir a ser no futuro. Trata-se de quem ele é neste momento: um assassino condenado que vai ser executado a menos que eu possa fazer algo em relação a isso. A mim não me interessa que ele seja um vagabundo, a Rainha Isabel ou Jesus Cristo: interessa-me ganhar este caso por ele, para que possa morrer segundo as suas condições. Isso significa que o padre vai subir àquele maldito banco das testemunhas e jurar sobre a Bíblia, que tanto quanto sei, até pode nem ser relevante para si agora que encontrou Jesus no nível 1.

E se estragar tudo por parecer desequilibrado quando o interrogar, vou fazer da sua vida um inferno - quando MAGGIE terminou, tinha o rosto vermelho e estava ofegante. - Este evangelho antigo - disse ela. - Palavra por palavra?

Acenei com a cabeça.

- Como descobriu isso?

- Através do seu pai - disse ele. MAGGIE ergueu as sobrancelhas.

- Não vou colocar um padre e um rabi no banco das testemunhas. O juiz ficaria à espera de alguma piada.

233

Olhei para ela. -Tenho uma ideia.

MAGGIE

Na sala de conferências para as reuniões entre advogados e clientes à porta do nível 1, Shay sentou-se na cadeira e começou a falar com as moscas.

- Vai para a esquerda - instigou esticando o pescoço em direcção ao ventilador. - Vá lá. Tu és capaz.

Desviei os olhos das minhas notas por um momento.

- São animais de estimação?

- Não - disse Shay, levantando-se da cadeira. Tinha os cabelos colados à cabeça, mas só do lado esquerdo, o que o fazia parecer distraído na melhor das hipóteses e doente mental na pior. Interroguei-me sobre o que poderia dizer para convencê-lo a deixar-me escovar-lhe os cabelos antes de ficarmos na presença do juiz amanhã.

As moscas voavam em círculos.

- Tenho um coelho de estimação - disse eu.

- Na semana passada, antes de me levarem para o nível 1, tinha animais de estimação - disse Shay, depois abanou a cabeça.- Não foi na semana passada. Foi ontem.

Não me lembro.

- Não faz mal...

- Como se chama?

- Desculpe?

- O coelho.

- Oliver - disse eu, e tirei do bolso o que tinha trazido para Shay. - Trouxe-lhe um presente.

Ele sorriu-me, de olhos penetrantes e subitamente concentrado.

- Espero que seja uma chave.

- Não propriamente - entreguei-lhe uma embalagem de pudim de caramelo. - Achei que não serviam coisas boas na prisão.

Ele abriu a tampa de folha de alumínio, lambeu-a, e depois dobrou-a cuidadosamente e enfiou-a no bolso junto ao peito.

234

- Tem manteiga12?

- Não sei.

- Então e whisky escocês"? Sorri.

- Duvido.

- Que pena.

Observei-o comer a primeira colherada.

- Amanhã vai ser um grande dia.

No seguimento da crise de fé de Michael, tinha contactado a testemunha que ele recomendara - um académico chamado Ian Fletcher de que me lembrava vagamente de um programa de televisão que ele costumava apresentar, onde andava por aí a refutar alegações de pessoas que viam a Virgem Maria nas torradas queimadas e coisas do género. De início, pô-lo a testemunhar parecia-me ser uma forma segura de perder o caso - mas o sujeito tinha um doutoramento de Teologia de Princeton, e tinha de receber algum mérito por colocar um antigo ateu no banco das testemunhas. Se Fletcher podia ser convencido de que Deus existia - fosse Jesus, Alá, Javé, Shay ou nenhum destes - então certamente que qualquer um de nós também poderia.

Shay terminou o pudim e devolveu-me a embalagem vazia.

- Também preciso da folha de alumínio - disse eu. A última coisa que desejava era descobrir daqui a alguns dias que Shay fabricara um estilete com o alumínio e se ferira a si próprio ou a outra pessoa. Tirou-o do bolso, submisso e devolveu-mo.

- Sabe realmente o que vai acontecer amanhã, não sabe?

- E a senhora!

- Bem. Acerca do julgamento - comecei -, só precisa de ficar pacientemente sentado a ouvir.

Muito do que vai ouvir provavelmente não fará sentido para si.

Ele olhou para cima.

- Está nervosa?

Estava nervosa, claro - e não só por se tratar de um caso importante de pena de morte que podia ou não encontrar uma lacuna constitucional. Vivo num país onde 85 por cento dos habitantes se designam cristãos e onde cerca de metade frequenta regularmente alguma igreja - para o americano médio, na religião o mais importante não é o indivíduo; o mais importante é a comunidade de crentes, e todo o meu caso se baseava em virar isso do avesso.

235

- Shay - disse eu. - Percebe que podemos perder. Shay acenou com a cabeça.

- Onde está ela?

- Quem?

- A rapariga. A que precisa do coração.

- Está no hospital.

- Então temos de nos apressar - disse ele. Expirei devagar.

- Pois. O melhor é assumir a minha expressão profissional. Levantei-me, chamando o guarda prisional para me deixar sair da sala de conferências, mas Shay chamou-me.

- Não se esqueça de pedir desculpa - disse ele.

- A quem?

Nessa altura, porém, Shay estava novamente sentado na cadeira, concentrado noutra coisa qualquer. E enquanto observava, sete moscas vieram numa sucessão rápida aterrar na palma da sua mão estendida.

Quando tinha cinco anos, só queria ter uma árvore de Natal. Os meus amigos tinham, e o menorá que acendíamos à noite não se lhe comparava. O meu pai salientou que recebíamos oito presentes, mas os meus amigos recebiam ainda mais do que isso, se somássemos os que estavam debaixo da árvore. Numa tarde fria de Dezembro, a minha mãe disse ao meu pai que íamos ao cinema, e em vez disso, levou-me ao centro comercial. Ficámos à espera na fila junto às meninas de laços nos cabelos e elegantes vestidos de renda, para poder sentar-me ao colo do Pai Natal e dizer-lhe que queria o Meu Pequeno Pónei. Depois, com uma bengala de rebuçado na mão, dirigimo-nos à exposição onde havia quinze árvores de Natal montadas -

brancas com bolas de vidro, abetos artificiais com contas e laços vermelhos pendurados, uma com a Fada Sininho no cimo e todas as personagens da Disney como ornamentos.

- Assim - disse a minha mãe, e mesmo a meio do armazém ficámos entre as árvores a olhar para cima, para as decorações luminosas a piscar. Pensei que era a coisa mais bonita que alguma vez vira.

- Não vou dizer nada ao papá - prometi, mas ela disse que não tinha importância. Não era outra religião, explicou a minha mãe. Eram apenas as manifestações exteriores.

Podemos admirar o embrulho sem sequer tirar o que está dentro da caixa.

Depois de ter deixado Shay, sentei-me no carro e telefonei à minha mãe, para o ChutZpah.

- Olá - disse quando ela atendeu. - O que estás a fazer? Fez-se um compasso de silêncio.

236

- MAGGIE? O que se passa?
- Nada. Apeteceu-me telefonar-te.
- Aconteceu alguma coisa? Magoaste-te?
- Já não posso telefonar à minha mãe só porque me apetece?
- Podes - disse ela - mas não telefonas.

Bem. A verdade não pode ser contrariada. Respirei fundo e prossegui.

- Lembras-te de quando me levaste a ver o Pai Natal?
- Por favor não me digas que vais converter-te. O teu pai ficaria de rastos.
- Não vou converter-me - disse eu, e a minha mãe suspirou de alívio. - Estava só a recordar, mais nada.
- Por isso telefonaste para me dizeres isso?
- Não - disse eu. - Telefonei para pedir desculpa.
- Porquê? - riu a minha mãe. - Não fizeste nada.

Nesse momento, lembro-me de estarmos deitadas no chão do armazém, a olhar para as árvores iluminadas enquanto um segurança se debruçava sobre nós. "Dê-lhe só mais uns minutos", implorou a minha mãe. O rosto de JUNE Nealon surgiu como um clarão diante de mim. Talvez esta fosse a função de uma mãe: arranjar tempo para os filhos, a todo o custo.

Mesmo que signifique fazer algo que preferisse não ter de fazer; mesmo que a deixasse estatelada no chão.

- Sim - respondi. - Eu sei.

- Desejar ter liberdade religiosa não é nada de novo - disse eu, de pé em frente ao juiz Haig na abertura do julgamento de Shay Bourne. - Um dos casos mais famosos aconteceu há mais de duzentos anos, e não foi no nosso país, nomeadamente, porque o nosso país ainda não existia. Um grupo de pessoas que ousaram ter crenças religiosas diferentes do habitual viram-se forçadas a adoptar os preceitos da Igreja Anglicana e, em vez disso, decidiram partir para um local desconhecido do outro lado do oceano. Mas os Puritanos apreciavam tanto a liberdade religiosa que a guardaram só para si próprios, perseguindo frequentemente pessoas que não partilhavam a sua fé. Foi precisamente por isto que os fundadores da nova nação dos Estados Unidos decidiram pôr fim à intolerância religiosa ao tornar a liberdade religiosa uma pedra basilar deste país.

Este era um julgamento sem júri, o que significava que a única pessoa que tinha de convencer era o juiz; mas a sala de audiências estava cheia na mesma. Estavam lá jornalistas 237

de quatro televisões previamente aprovadas pelo juiz, estavam lá advogados dos direitos das vítimas, estavam lá apoiantes da pena de morte e oponentes da pena de morte. A única parte presente para apoiar Shay, e a minha primeira testemunha, era o padre Michael, sentado mesmo atrás da mesa do requerente.

Ao meu lado, estava sentado Shay de mãos e pés acorrentados, presos a uma corrente à cintura.

- Graças aos antepassados que elaboraram a Constituição, todas as pessoas neste país são livres de praticar a sua religião, até mesmo um prisioneiro no corredor da morte no New Hampshire. Na realidade, o Congresso chegou até a aprovar uma lei sobre isso. A Lei do Uso Religioso de Terrenos e Pessoas Institucionalizadas garante que um recluso tenha oportunidade de prestar o culto que quiser desde que isso não interfira com a segurança de terceiros na prisão ou afete o funcionamento da mesma. Mas o direito constitucional de Shay Bourne de praticar a sua religião foi-lhe negado pelo Estado do New Hampshire.

Olhei para o juiz.

- Shay Bourne não é muçulmano, nem pratica Wicca; não é um humanista secular nem pertence à

f é Baha i . Na realidade, o seu sistema de crenças pode não ser familiar relativamente a qualquer religião do mundo de que se lembre. Mas é um sistema de crenças, e entre elas encontra-se o facto de que para Shay a salvação depende de poder doar o seu coração, após ser executado, à irmã da sua vítima... algo que não será possível se o Estado utilizar a injeção letal como método de execução.

Avancei.

- Shay Bourne foi condenado daquele que é possivelmente o crime mais hediondo na história deste Estado. Recorreu dessa condenação, e os seus recursos foram indeferidos, mas ele não contesta essa decisão. Sabe que vai morrer, meritíssimo. Apenas pede, mais uma vez, que as leis deste país sejam cumpridas, sobretudo as leis que afirmam que todos têm o direito de praticar a sua religião em qualquer altura, local e ocasião. Se o Estado aceitar que ele seja executado por enforcamento, e garanta a subsequente doação dos seus órgãos, a segurança dos outros reclusos não é comprometida; o funcionamento da prisão não é afetado, mas para Shay Bourne isso teria resultados pessoais muito significativos: salvar a vida a uma menina e, simultaneamente, salvar a sua alma.

Voltei a sentar-me e olhei para Shay. Tinha um bloco jurídico à sua frente. Nele tinha desenhado a figura de um pirata com um papagaio no ombro.

Na mesa da defesa, Gordon Greenleaf estava sentado ao lado do comissário prisional do New Hampshire, um homem de cabelos e tez cor de cenoura. Greenleaf bateu duas vezes com o lápis na secretária.

238

- A Dr.a Bloom referiu os pais fundadores deste país. Thomas Jefferson, na realidade, imortalizou uma frase numa carta em 1789: "um muro de separação entre Igreja e Estado."

Estava a explicar a Primeira Emenda, em particular as cláusulas sobre religião. E as suas palavras foram usadas muitas vezes pelo Supremo Tribunal, na realidade, o teste Lemon, a que o tribunal tem recorrido desde 1971, afirma que para uma lei ser constitucional, terá de ter um propósito secular, não deve favorecer nem inibir a religião e não deve resultar numa promiscuidade excessiva entre o governo e a religião. Esta última parte é interessante, visto que a Dr.a Bloom elogia os pais fundadores desta nação por terem estabelecido a nobre separação entre Igreja e Estado... e em simultâneo pede ao meritíssimo para os unir.

Levantou-se, avançando.

- Se levasse a sério as suas afirmações - disse Greenleaf -, constataria que o que pede realmente é a manipulação de uma frase à qual estamos legalmente obrigados, por causa de um subterfúgio chamado religião. O que virá a seguir? Um traficante de drogas condenado a pedir que a sua sentença seja revogada porque a heroína o ajuda a atingir o Nirvana? Um assassino a insistir que a porta da sua cela esteja virada para Meca? - Greenleaf abanou a cabeça. - A verdade, senhor doutor juiz, é que esta petição foi feita pela União Americana pelas Liberdades Cívicas não por se tratar de um assunto válido e perturbador, mas sim por criar intencionalmente um espectáculo mediático em volta da primeira execução neste Estado em sessenta e nove anos - agitou o braço em volta da galeria sobrelotada. - E todos os que aqui estão são prova de que isso já está a resultar.

Greenleaf olhou para Shay.

- Ninguém encara a pena de morte de ânimo leve, muito menos o comissário prisional do Estado de New Hampshire. A sentença no caso de Shay Bourne foi morte por injeção letal.

É precisamente isso que o Estado preparou e tenciona executar: com dignidade e respeito por todas as partes envolvidas. Olhemos para os factos. Independentemente do que a Dr.a Bloom disser, não existe uma religião organizada que ordene a doação de órgãos depois da morte como meio para atingir a vida eterna. Segundo os seus registos, Shay Bourne foi criado em lares de acolhimento, por isso não pode alegar ter sido educado numa tradição religiosa que preconizasse a doação de órgãos. Se se

converteu a alguma religião que agora alegue que a doação de órgãos faz parte da sua doutrina, afirmamos perante este tribunal que se trata de um perfeito disparate - Greenleaf abriu as mãos.

- Sabemos que escutará atentamente o seu testemunho, meritíssimo, mas a realidade é que o Departamento Prisional não tem de se submeter aos caprichos de qualquer prisioneiro mal orientado que entre pelas suas portas: sobretudo um que tenha cometido uma tortura monstruosa e homicídio de dois cidadãos do New Hampshire, uma criança e um agente da polícia. Não deixe que a Dr.a Bloom e a União Americana pelas Liberdades Cívicas peguem

num assunto sério e o transformem num espectáculo. Permita que o Estado imponha a pena de morte que foi deliberada pelo tribunal da forma mais civilizada e profissional possível.

Olhei para Shay. No seu bloco jurídico, acrescentara as suas iniciais e o logotipo da banda AC DC.

O juiz empurrou os óculos para cima no nariz e olhou para mim.

- Dr.a Bloom - disse ele -, pode chamar a sua primeira testemunha.

MICHAEL

Assim que me pediram para me dirigir ao banco das testemunhas, fixei o olhar em Shay. Ele também ficou a olhar para mim, em silêncio, com um olhar vazio. O oficial de justiça aproximou-se, segurando numa Bíblia.

- Jura dizer a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, com a ajuda de Deus?

A capa de couro do livro era preta e ligeiramente granulada, gasta pelas palmas das mãos de milhares de pessoas que fizeram um juramento como este. Pensei e em todas as vezes que segurara numa Bíblia para me reconfortar, o conforto de um homem religioso. Costumava pensar que continha todas as respostas; agora interrogava-me se teria alguma vez feito as perguntas certas. "com a ajuda de Deus pensei.

As mãos de MAGGIE estavam ligeiramente cruzadas à sua frente.

- Pode dizer o seu nome e morada para que fique registado?

- Michael Wright - disse eu, pigarreando. - Trinta e quatro vinte e dois High Street, em Concord.

- Qual é a sua profissão?

- Sou padre em St. Catherine.

- Como é que uma pessoa se torna padre?-perguntou MAGGIE.

" - Frequentamos um seminário durante um determinado número de anos, e depois tornamo-nos membros do diaconato transitório... aprendendo mais coisas sob a orientação de um padre paroquiano mais experiente. Por fim, somos ordenados.

- Há quanto tempo fez os votos, padre?

- Há dois anos - disse ele.

240

Ainda me lembrava da cerimónia de ordenação, os meus pais a assistir do banco da igreja, de rosto iluminado como se tivessem estrelas entaladas na garganta. Nessa altura estava tão certo do meu chamamento - de servir Jesus Cristo, de quem Jesus Cristo era. Estaria enganado? Ou haveria simplesmente várias maneiras de estar certo?

- Como parte dos seus deveres em St. Catherine, padre, o senhor foi conselheiro espiritual de um recluso chamado Shay Bourne?

- Sim.

- E Shay está presente neste tribunal hoje?

- Está sim.

- Na realidade - disse MAGGIE -, ele é o requerente deste caso que estava sentado ao meu lado na mesa, não é assim?

- Sim - sorri para Shay, que olhou para baixo, para a mesa.

- Ao longo da sua formação para se tornar padre, falou com membros da paróquia sobre as suas crenças religiosas?

- Claro.

- Faz parte do seu dever enquanto padre ajudar outras pessoas a aproximarem-se de Deus?

- Sim.

- Então e aprofundar a sua fé em Deus?

- com certeza.

Ela virou-se para o juiz.

-vou apresentar o padre Michael como especialista em aconselhamento espiritual e crenças religiosas, meritíssimo. O outro advogado levantou-se bruscamente.

- Objecção - disse ele. - com o devido respeito, o padre Michael é especialista em crenças judaicas? Em crenças metodistas? Em crenças muçulmanas?

- Deferido - disse o juiz. - O padre Michael não poderá testemunhar como especialista em crenças religiosas fora da fé católica, excepto no seu papel de conselheiro espiritual.

Não fazia ideia do que isso significava, e pelas expressões nos rostos deles, os dois advogados também não.

- Qual é o papel de um conselheiro espiritual na prisão? - perguntou MAGGIE.

241

- Encontramo-nos com os reclusos que gostariam de ter um amigo com quem conversar, ou uma voz com quem rezar - expliquei. - Oferecemos-lhes aconselhamento, orientação, artigos de devoção. Basicamente, somos padres a fazer visitas a casa.

- Como foi escolhido para ser conselheiro espiritual?

- St. Catherine, a minha paróquia, recebeu um pedido da prisão estadual.

- O Shay é católico, padre?

- Uma das suas mães adoptivas baptizou-o como um católico, por isso aos olhos da Igreja, sim, é. Contudo, não se considera católico praticante.

- Então como é que isso funciona? Se o senhor é padre e ele não é católico, como pode ser conselheiro espiritual dele?

- Porque a minha função não é pregar, mas escutá-lo.

- Quando é que se encontrou com Shay pela primeira vez? perguntou MAGGIE.

- No dia oito de Março deste ano - disse eu. - Desde essa altura tenho-o visto uma ou duas vezes por semana.

- Em alguma ocasião Shay referiu o seu desejo de doar o coração a Claire Nealon, a irmã de uma das suas vítimas?

- Foi essa a primeira conversa que tivemos - respondi.

- Desde essa altura quantas vezes falou com Shay sobre os sentimentos dele sobre este transplante?

- Talvez vinte e cinco, trinta vezes. MAGGIE acenou com a cabeça.

- Há pessoas hoje aqui presentes que pensam que o desejo de Shay se tornar dador de órgãos está relacionado com o facto de conseguir mais tempo de vida e não com a religião.

Concorda com isso?

- Objecção - disse o outro advogado. - Especulação. O juiz abanou a cabeça.

-vou permitir.

- Morreria hoje mesmo se lhe deixassem doar o seu coração. Ele não quer ter mais tempo; quer ter a oportunidade de ser executado de forma a poder fazer o transplante.

- Deixem-me fazer de advogada do diabo - disse MAGGIE. Todos nós sabemos que doar órgãos é altruísta... mas onde está a ligação entre doação e salvação? Alguma coisa o 242

convenceu de que não se tratava apenas de altruísmo da parte de Shay... mas que fazia parte da sua fé?

- Sim - disse ele. - Quando o Shay me disse o que queria fazer, disse-o de uma forma bastante extraordinária. Quase parecia uma estranha adivinha: "Se der ao mundo o que está dentro de mim, o que está dentro de mim salvar-me-á. Se não der ao mundo o que está dentro de mim, o que está dentro de mim destruir-me-á." Descobri mais tarde que a afirmação de Shay não era original, estava a citar uma pessoa bastante importante.

- Quem, padre? Olhei para o juiz.

- Jesus Cristo.

- Não tenho mais perguntas - disse MAGGIE, e voltou a sentar-se ao lado de Shay.

Gordon Greenleaf franziu a testa.

- Perdoe-me a minha ignorância, padre. Essa citação é d o Antigo Testamento o u d o Novo Testamento?

- De nenhum deles - respondi. - É do Evangelho de Tomé. Isso fez o advogado ficar imóvel.

- Os evangelhos não estão todos algures na Bíblia?

- Objecção - gritou MAGGIE. - O padre Michael não pode responder, porque não é um especialista em religião.

- Foi a doutora que o apresentou como especialista em religião - disse Greenleaf.

MAGGIE encolheu os ombros.

- Então não devia ter objectado.

-vou reformular - disse Greenleaf. - Então, o Sr. Bourne citou algo que não está realmente na Bíblia, mas o senhor alega que isso constitui uma prova de que ele é motivado pela religião?

- Sim - disse eu. - Precisamente.

- Muito bem, então, que religião pratica Shay? - perguntou Greenleaf.

- Não a designa.

- Disse que ele não é um católico praticante. Será um judeu praticante, então?

- Não.

- Muçulmano?

243

- Não.

- Budista?

- Não - disse eu.

- O Sr. Bourne pratica algum tipo de religião organizada com a qual este tribunal possa estar familiarizado, padre?

Hesitei.

- Ele pratica uma religião, mas não está formalmente organizada.

- Qual? Bournismo?

- Objecção - interrompeu MAGGIE. - S e o Shay não consegue dar-lhe u m nome, porque haveremos nós de o fazer?

- Deferido - disse o juiz Haig.

- Deixem-me esclarecer as coisas - disse Greenleaf. - O Shay Bourne pratica uma religião que não consegue nomear, e faz citações de um evangelho que não está na Bíblia... mas de alguma forma o seu desejo de se tornar dador de órgãos baseia-se no conceito de salvação religiosa? Não lhe parece, padre, ligeiramente conveniente para o Sr. Bourne?

Virou-se, como se não estivesse à espera que eu lhe respondesse, mas não ia deixá-lo escapar com tanta facilidade. - Dr. Greenleaf - disse eu -, há todo o tipo de experiências que não conseguimos nomear. - Desculpe?

- O nascimento de uma criança, por exemplo. Ou a morte de um pai. Apaixonarmo-nos. As palavras são como redes - esperamós que consigam englobar o que queremos dizer, mas sabemos que é impossível conter tanta alegria, desgosto ou assombro. Encontrar Deus também é assim. Se já nos tiver acontecido, sabe?mos como é. Mas se tentarmos descrevê-lo a outra pessoa: a linguagem apenas nos leva até certo ponto - disse eu. - Sim, parece conveniente. E sim, ele é o único membro da sua religião. E não, não tem nome. Mas... eu acredito nele - fiquei a olhar para Shay até ele cruzar os olhos com os meus. - Acredito.

Quando Claire estava acordada, o que era cada vez menos frequente, não falávamos sobre o coração que poderia estar para chegar ou sobre se o aceitaria ou não. Ela não queria; eu tinha medo. Em vez disso, falávamos sobre coisas que não importavam; quem tinha sido votado para ser expulso do reality show preferido dela; como a Internet funcionava realmente; se tinha lembrado a Sr.a Walloughby para dar de comer ao Dudley duas vezes por dia em vez de três porque estava a fazer dieta.

244

Quando Claire estava a dormir, segurava-lhe na mão e falava-lhe sobre o futuro com que sonhava. Disselhe que viajaríamos para Bali e viveríamos durante um mês numa cabana empoleirada por cima do oceano. Disselhe que ia aprender a fazer esqui aquático descalça enquanto ela conduzia o barco, e depois trocávamos de lugares. Como escalaríamos o monte Katahdin, faríamos dois furos nas orelhas, aprenderíamos a fazer chocolate. Imaginei-a a emergir do fundo arenoso da inconsciência, irrompendo à superfície, dirigindo-se para onde eu a esperava na costa.

Foi numa das maratonas de sesta de Claire induzidas pela medicação, à tarde, que comecei a aprender algumas coisas sobre os elefantes. Naquela manhã, quando fui à cantina do hospital para tomar um café, passei pelos mesmos três estabelecimentos comerciais por que passava todos os dias nas últimas duas semanas - um banco, uma livraria e uma agência de viagens.

Hoje, porém, pela primeira vez, fui magneticamente atraída para um póster que estava numa montra. EXPERIÊNCIA ÁFRICA, dizia.

A estudante universitária entediada que trabalhava na agência estava a falar com o namorado ao telefone quando eu entrei, e ficou mais do que satisfeita por me mandar embora com uma brochura em vez de me falar realmente do destino turístico.

- Onde estávamos? - ouvi-a dizer ao voltar a agarrar no telefone quando saí da agência, e depois riu-se. - com os teus dentes!

Lá em cima, no quarto de Claire, vi fotografias de quartos com camas tão grandes como o mar, cobertas por lençóis brancos imaculados e cobertas com uma rede de gaze. De duchas exteriores, expostos à savana, para que ficássemos tão nus como os animais. De LandRovers e guardas florestais africanos com sorrisos fluorescentes.

E oh, os animais - leopardos elegantes, com as suas manchas Rochach; uma leoa de olhos de âmbar; um imenso elefante como um monólito, arrancando uma árvore da terra.

Comecei a ler a brochura:

Sabia que os elefantes vivem numa sociedade muito parecida com a nossa? Que viajam em manadas matriarcais e têm um período de gestação de 22 meses?

Que conseguem comunicar a uma distância de mais de 50 km?

Venha ver o magnífico elefante no seu habitat natural, o Tuli Block...

- O que estás a ler? - Claire semicerrou os olhos para a brochura, com uma voz sonolenta.

- Uma coisa sobre safaris - disse eu. - Achei que talvez tu e eu pudéssemos fazer um.

- Não vou aceitar esse estúpido coração - disse Claire, e virou-se de lado, voltando a fechar os olhos.

245

Falaria dos elefantes a Claire quando ela acordasse, resolvi. Sobre um país onde as mães e as filhas caminhavam lado a lado durante anos com as tias e as irmãs.

Sobre como os elefantes podem ser destros ou canhotos. Como conseguem encontrar o caminho para casa, anos após terem partido. Eis o que nunca diria a Claire: que os elefantes sabem quando estão prestes a morrer, e dirigem-se para o leito de um rio para que A natureza siga o seu curso. Que os elefantes enterram os mortos, e sofrem por eles. Que os naturalistas já viram uma mãe transportar a cria morta ao longo de quilómetros, aninhada na tromba, não querendo e não podendo largá-la.

MAGGIE

Ninguém queria que In Fletcher testemunhasse, incluindo eu.

Quando convoquei uma reunião de emergência com o juiz há alguns dias, pedindo para acrescentar Fletcher à minha lista de testemunhas como especialista em história da religião, pensei que Gordon Greenleaf rebentaria alguma veia no gabinete do juiz.

- O quê? - disse ele - Norma 26 (c)?

Estava a falar sobre as Normas Federais de Procedimento Civil, que afirmam que as testemunhas têm de ser divulgadas trinta dias antes do julgamento, a menos que o tribunal decida em contrário. Estava a apostar nessa última cláusula.

- Doutor juiz - disse eu -, só tivemos duas semanas para nos prepararmos para este julgamento: nenhum de nós revelou as suas testemunhas com trinta dias de antecedência.

- Não pode incluir um especialista à socapa só por ter encontrado um casualmente - disse Greenleaf.

Os juizes do tribunal federal eram conhecidos por tentar manter os seus casos na maior legalidade. Se o juiz Haig permitisse que Fletcher testemunhasse, abriria uma caixa de Pandora. Greenleaf precisaria de preparar o seu contra-interrogatório, e o mais provável seria contratar o seu próprio especialista, o que atrasaria o julgamento... e todos nós sabíamos que isso não poderia acontecer, visto que tínhamos um prazo a executar, no sentido estrito da palavra. Mas - isto era o mais extraordinário - o padre Michael tinha razão. O livro de In Fletcher encaixava-se tão bem no estratagema que eu estava a utilizar para obter uma vitória para o caso de Shay que seria uma pena não tentar. E ainda melhor - fornecia o único elemento que me faltava neste caso: um precedente histórico.

Em todo o caso, estava totalmente convencida de que o juiz Haig rir-se-ia na minha cara por tentar incluir uma nova testemunha à última hora, mas em vez disso olhou para o nome.

246

- Fletcher - disse ele, experimentando a palavra na boca como se fosse feita de pedras aguçadas. - In Fletcher?

- Sim, meritíssimo.

- Não era ele que costumava ter um programa na televisão? Sustive a respiração.

- Creio que sim.

- Diabos me levem - disse o juiz. Disse-o numa voz que não revelava propriamente que desejava ter o autógrafo dele, mas sim que ele era como um acidente ferroviário do qual não conseguia desviar os olhos.

A boa notícia foi ter-me permitido utilizar a minha testemunha especialista. A má notícia foi o juiz Haig não gostar muito dele - e ter bem presente a encarnação anterior da minha testemunha como ateu sensacionalista, quando o que eu queria realmente era que fosse visto como um historiador sério e credível. Greenleaf ficou furioso por só ter alguns dias para descobrir o que Fletcher pregava ultimamente, o juiz considerava-o uma curiosidade e eu -

bem, limitava-me a rezar para que o meu caso não se autodestruísse nos próximos dez minutos.

- Antes de começarmos, Dr.a Bloom - disse o juiz -, tenho algumas perguntas para o Sr. Fletcher.

Ele acenou com a cabeça.

- Diga, doutor juiz.

- Como é que um homem que era ateu há uma década poderá convencer um tribunal de que é agora especialista em religião?

- Meritíssimo - intervim. - Estava a pensar em rever as credenciais do Dr. Fletcher...

- Não lhe perguntei a si, Dr.a Bloom - disse ele. Mas In Fletcher não ficou abalado.

- Sabe o que costumam dizer, meritíssimo. Os pecadores são os melhores santos arrependidos -

sorriu, com um sorriso vagaroso e indolente que me fez lembrar um gato deitado ao sol. -

Acho que encontrar Deus é como ver um fantasma: podemos ser cépticos até ficarmos cara a cara com o que dizemos que não existe.

- Então o senhor é um homem religioso? - perguntou o juiz.

- Sou um homem espiritual - corrigiu Fletcher. - E de facto penso que existe uma diferença.

Mas ser espiritual não paga a renda, e é por isso que tenho licenciaturas de Princeton e Harvard, três livros bestsellers de não ficção publicados, quarenta e dois artigos publicados 247

sobre a origem das religiões a nível mundial e lugar em seis conselhos ecuménicos, incluindo o que aconselha a presente administração.

O juiz acenou com a cabeça, tomando notas; e Greenleaf concordou com a lista das credenciais de Fletcher.

- O melhor é começar onde o juiz Haig ficou - disse eu, começando o interrogatório directo. -

É bastante raro um ateu interessar-se por religião. Acordou um dia e encontrou Jesus?

- Não é bem como estar a aspirar debaixo das almofadas do sofá e ei-lo, ali está. O meu interesse surgiu de um ponto de vista histórico, porque ultimamente as pessoas acham que a fé cresce no vazio. Quando analisamos as religiões e olhamos de um ponto de vista político, económico e social para o que aconteceu na altura do seu nascimento, isso faz mudar a nossa maneira de pensar.

- Dr. Fletcher, é necessário fazer parte do grupo para se pertencer a uma religião?

- Não só a religião pode ser individualizada, como isso até já aconteceu no passado. Em 1945, fez-se uma descoberta no Egipto: cinquenta e dois textos que foram classificados como evangelhos, e que não faziam parte da Bíblia. Alguns deles estavam cheios de frases familiares para qualquer pessoa que tivesse frequentado a catequese... e outros, para ser sincero, eram realmente bizarros. Foram cientificamente datados como sendo do século segundo, cerca de trinta a oitenta anos mais recentes do que os evangelhos do Novo Testamento. E pertenciam a um grupo chamado Cristãos Gnósticos: um grupo dissidente do Cristianismo Ortodoxo, que acreditava que o verdadeiro conhecimento religioso implicava uma busca pessoal, individual, para conhecer-se a si próprio, não pelo estatuto económico ou profissão, mas a um nível mais profundo.

- Espere um pouco - disse eu. - Após a morte de Jesus, havia mais do que um tipo de cristãos?

- Oh, havia dúzias deles.

- E tinham as suas próprias Bíblias?

- Tinham os seus próprios evangelhos - corrigiu Fletcher. - O Novo Testamento, sobretudo São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João: foram os que a ortodoxia escolheu manter.

Os Cristãos Gnósticos preferiam textos como o Evangelho de Tomé, o Evangelho da Verdade e o Evangelho de Maria Madalena.

- E esses evangelhos também falam de Jesus?

- Sim, só que o Jesus que descrevem não é aquele que reconheceriam da Bíblia. Esse Jesus é muito diferente dos humanos que veio salvar. Mas o Evangelho de Tomé, o meu preferido de Nag Hammadi, afirma que Jesus é um guia para nos ajudar a descobrir o que temos em 248

comum com Deus. Portanto, se fôssemos um cristão gnóstico estaríamos à espera de que o caminho da salvação fosse diferente de pessoa para pessoa.

- Como doar o coração a alguém que precise dele...?

- Exactamente - disse Fletcher.

- Uau - disse eu, fazendo-me de tola. - Como é que estas coisas não são ensinadas na catequese?

- Porque a Igreja Cristã Ortodoxa sentiu-se ameaçada pelos Gnósticos. Chamavam os seus evangelhos de heresia e os textos de Nag Hammadi permaneceram escondidos por dois mil anos.

- O padre Wright disse que Shay Bourne fez citações do Evangelho de Tomé. Faz alguma ideia de onde poderá ter encontrado esses textos?

- Talvez tenha lido o meu livro - disse Fletcher, com um sorriso rasgado, e as pessoas que estavam na galeria riram.

- Na sua opinião, doutor, uma religião em que apenas uma pessoa acredita e siga pode ser válida?

- Um indivíduo pode ter uma religião - disse ele. - Não pode ter uma instituição religiosa.

Mas a mim parece-me que Shay Bourne está a seguir uma tradição semelhante que os Cristãos Gnósticos seguiam à quase dois mil anos. Não foi o primeiro a dizer que não sabe atribuir um nome à sua fé. Não foi o primeiro a encontrar um caminho para a salvação diferente dos outros de que já ouviu falar. E certamente não foi o primeiro a desconfiar do corpo: a querer literalmente dá-lo, como meio de encontrar a divindade dentro de si. Mas o facto de não ter uma igreja com um campanário branco por cima da cabeça, ou um templo com uma estrela de seis pontas à sua volta, não significa que as suas crenças sejam menos válidas.

Mostrei-lhe um sorriso radioso. Fletcher era fácil de ouvir, interessante, e não parecia um desequilibrado de esquerda. Ou pelo menos era o que eu pensava, até ouvir o juiz Haig expirar pesadamente e dizer que a sessão estava encerrada até ao dia seguinte.

LUCIUS

Estava a pintar quando Shay regressou do seu primeiro dia de julgamento, confuso e introvertido, como ir ao tribunal fazia a maioria de nós ficar. Tinha estado a trabalhar no retrato durante todo o dia e estava bastante satisfeito com a forma que estava a ganhar. Olhei 249

para cima quando Shay passou escoltado pela minha cela, mas não lhe dirigi a palavra. O melhor era deixá-lo voltar para nós a seu tempo.

Mal se tinham passado vinte minutos, um longo grito lancinante encheu o nível 1 De início, pensei que era Shay que chorava, deixando que as tenções do dia se libertassem de dentro de si, mas depois apercebi-me de que o som vinha da cela de Calloway Reece.

- Vá lá - gemeu ele. Começou a esmurrar a porta da cela com os punhos. - Bourne - gritou. -

Bourne, preciso da tua ajuda.

- Deixa-me em paz - disse Shay.

- Éo pássaro, meu. Não consigo acordá-lo.

O facto de Batman o Pisco ter sobrevivido dentro do nível 1 com migalhas de tosta e flocos de aveia era só por si assombroso, para não referir que já tinha enganado a morte uma vez.

- Faz-lhe reanimação cardio-respiratória - sugeriu Joey Kunz.

- Não se pode fazer reanimação cardio-respiratória num pássaro - disse Calloway bruscamente. -

Os pássaros têm bicos, Pousei o pincel improvisado que estava a utilizar para pintar um pouco de papel higiénico enrolado - e coloquei o espelho-estilete do outro lado da porta para poder ver. Na palma da sua mão enorme, Calloway tinha o pássaro aninhado, deitado de lado imóvel.

- Shay - implorou ele -, por favor.

Não se ouviu nenhuma resposta vinda da cela de Shay.

- Manda-mo para aqui - disse eu, lançando a minha linha. Estava preocupado por o pássaro se ter tornado demasiado grande para caber na pequena ranhura a o fundo da porta, mas Calloway embrulhou-o num lenço, atou a parte de cima e enviou o peso leve descrevendo um amplo arco pelo chão da passadeira. Entrelacei a minha linha com a de Calloway e puxei cuidadosamente o pássaro para junto de mim.

Não consegui resistir a desembrulhar o lenço para olhar para ele. A pálpebra de Batman era púrpura e enrugada, as penas da sua cauda abriam-se em leque. Os pequenos ganchos na ponta das suas garras eram aguçados como alfinetes. Quando lhes toquei, o pássaro nem sequer estremeceu. Coloquei o indicador debaixo da asa - os pássaros tinham o coração no mesmo sítio que nós? - e não senti nada.

- Shay - disse num tom suave. - Sei que estás cansado. E sei que tens as tuas coisas com que te preocupar. Mas por favor. Dá só uma olhada.

Passaram-se cinco minutos, o tempo suficiente para me fazer desistir. Voltei a embrulhar o pássaro no tecido e atei-o à ponta da minha linha de pesca, lançando-o para a passadeira para 250

que Calloway pudesse recuperá-lo. Mas antes que a sua linha se entrelaçasse na minha, outra linha foi lançada e Shay interceptou o pássaro.

Pelo espelho, observei Shay tirar Batman do lenço, segurando-o na mão. Afagou-lhe a cabeça com o dedo; cobriu cuidadosamente o corpo com a outra mão, como se tivesse apanhado uma estrela com as mãos. Sustive a respiração, observando à espera daquele estremecer de penas ou débil piar, mas passados alguns momentos Shay limitou-se a voltar a embrulhar o pássaro.

- Hei! - Calloway também estava a observar. - Não fizeste nada!

- Deixa-me em paz - repetiu Shay. O ar estava amargo como as amêndoas; mal conseguia respirá-lo. Observei-o lançar o pássaro morto, e todas as nossas esperanças com ele.

MAGGI

Quando Gordon Greenleaf se levantou, os joelhos estalaram.

- Estudou religiões mundiais comparadas durante a sua investigação? - perguntou a Fletcher.

- Estudei.

- As diferentes religiões tomam alguma posição relativamente à doação de órgãos?

- Sim - disse Fletcher. - Os Católicos acreditam apenas em transplantes feitos após a morte: não podem arriscar-se, por exemplo, a matar o dador durante a doação.

Apoiam totalmente a doação de órgãos, tal como os Judeus e Muçulmanos. Os Budistas e os Hindus acreditam que a doação de órgãos é uma questão de consciência individual, e valorizam muito os actos de compaixão.

- Alguma destas religiões exige a doação de órgãos como meio de atingir a salvação?

- Não - disse Fletcher.

- Os Cristãos Gnósticos praticam a sua religião actualmente?

- Não - disse Fletcher. - A religião extinguiu-se.

- Como?

- Quando temos um sistema de crenças que afirma que não devemos ouvir o que o clero diz, e que devemos estar sempre a fazer perguntas, e m vez d e aceitar a doutrina, é difícil de formar uma comunidade. Por outro lado, os Cristãos Ortodoxos estavam a delinear os passos para s e poder pertencer a um grupo: confessar o credo, aceitar o baptismo, prestar culto, 251

obedecer aos padres. Para além disso, o Jesus deles era alguém com quem as pessoas vulgares podiam identificar-se: alguém que nascera, tivera uma mãe superprotectora e morrera. Era muito mais fácil acreditar nisso do que no Jesus gnóstico, que nem sequer fora humano. O resto do declínio dos gnósticos - disse Fletcher -, foi político. No ano 312 d. C., Constantino, o imperador romano, viu um crucifixo no céu e converteu-se ao Cristianismo. A Igreja Católica tornou-se parte do Sacro Império Romano... e ter crenças e textos gnósticos era um crime punível com a morte.

- Por isso será justo dizer que ninguém pratica o Cristianismo Gnóstico há mil e quinhentos anos? - disse Greenleaf.

- Formalmente, não. Mas há elementos das crenças gnósticas noutras religiões que sobreviveram. Por exemplo, os gnósticos reconheciam a diferença entre a realidade de Deus, que era impossível de descrever utilizando a linguagem, e a imagem de Deus que conhecemos. Isto parece-se muito com o misticismo judaico, em que vemos Deus ser descrito como rios de energia, masculinos e femininos, que se juntam numa fonte divina; ou Deus ser a fonte de todos os sons e m simultâneo. E o conhecimento budista assemelha-se muito à ideia gnóstica de que vivemos numa terra de esquecimento, mas podemos despertar espiritualmente aqui mesmo, enquanto ainda fazemos parte deste mundo.

- Mas Shay Bourne não pode ser seguidor de uma religião que já não existe, pois não?

Hesitou.

- Tanto quanto sei, doar o coração é a tentativa de Shay Bourne para ficar a saber quem é, quem quer ser, como se relaciona com os outros. E nesse sentido muito básico, os gnósticos aceitariam que encontrou a parte dele que mais se aproxima a ser divina Fletcher olhou para cima. - Um cristão gnóstico dir-lhe-ia que um homem no corredor da morte é mais parecido connosco do que diferente de nós. E que, como o Sr. Bourne parece estar a sugerir, ainda tem algo a oferecer ao mundo.

- Pois. Como queira - Greenleaf ergueu uma sobrancelha. Encontrou-se alguma vez com Shay Bourne?

- Na verdade - disse Fletcher -, não.

- Então tanto quanto sabe, ele até pode nem ter nenhuma crença religiosa. Tudo isto pode tratar-se de um plano para adiar a sua execução, não pode?

- Falei com o conselheiro espiritual dele. O advogado escarneceu.

- Tem um homem a praticar uma religião sozinho que parece descender de uma seita religiosa que se extinguiu há milhares de anos. Não será possível que tudo isto seja

demasiado... fácil? Que Shay Bourne pode estar apenas a inventar as coisas à medida que prossegue?

Fletcher sorriu.

- Muitas pessoas pensaram o mesmo de Jesus.

- Dr. Fletcher - disse Greenleaf -, está a dizer perante este tribunal que Shay Bourne é um messias?

Fletcher abanou a cabeça.

- São palavras suas, não minhas.

- Então e as palavras da sua enteada? - perguntou Greenleaf.

- Ou será que isto é uma espécie de característica familiar que todos partilham, encontrar Deus nas prisões estaduais, escolas primárias e lavandarias?

- Objecção - disse eu. - Não é a minha testemunha que está a ser julgada.

Greenleaf encolheu os ombros.

- A sua capacidade para discutir a história do Cristianismo é...

- Indeferida - disse o juiz Haig. Fletcher semicerrou os olhos.

- O que a minha filha viu ou não viu não tem nenhuma relação com o pedido de Shay Bourne para doar o seu coração.

- Acreditou que ela era uma fraude quando a viu pela primeira vez?

- Quanto mais falava com ela, mais...

- Quando a viu pela primeira vez - interrompeu Greenleaf -, acreditou que ela era uma fraude?

- Sim - admitiu Fletcher.

- E apesar disso, sem ter tido nenhum contacto pessoal, mostrou-se disposto a testemunhar perante um tribunal que o pedido do Sr. Bourne para doar os seus órgãos podia ser manipulado para se inserir na sua definição de religião - Greenleaf olhou para ele. Suponho que no seu caso, os hábitos antigos não sejam difíceis de abandonar.

- Objecção!

253

- Retirada a afirmação - Greenleaf dirigiu-se novamente para o seu lugar, mas depois virou-se. - Só mais uma questão, Dr. Fletcher, sobre esta sua filha. Tinha sete anos quando se viu no meio de um espectáculo mediático religioso não muito diferente deste, correcto?

- Sim.

- Sabia que é a mesma idade da menina que Shay Bourne assassinou?

Um músculo no maxilar de Fletcher contraiu-se.

- Não. Não sabia.

- Como se sentiria em relação a Deus se fosse a sua enteada a ser assassinada?

Levantei-me bruscamente.

- Objecção .

- Vou permitir - respondeu o juiz. Fletcher fez uma pausa.

- Acho que uma tragédia como essa poria em causa a fé de qualquer pessoa.

Gordon Greenleaf cruzou os braços.

- Então não se trata de fé - disse ele. - Trata-se de se ser um camaleão.

MICHAEL

Durante o intervalo para almoço, fui visitar Shay na sua cela do tribunal, estava sentado no chão, perto das grades, enquanto um xerife estava sentado cá fora num banco. Shay segurava num pedaço de papel e num lápis, como se fosse fazer uma entrevista.

- Hm - disse o xerife, e Shay abanou a cabeça. - Shay escreveu qualquer coisa no papel.

- Estou quase no seu último dedo do pé, meu. O xerife susteve a respiração.

-K.

Shay sorriu.

- Ganhei - escreveu qualquer coisa na folha e passou-a através das grades: só nessa altura reparei que estavam a jogar à forca, e que desta vez, Shay era o carrasco.

Franzindo o sobrolho, o xerife ficou a olhar para o papel.

- Szygzyg não é uma palavra a sério.

254

- Não disse que tinha de ser a sério quando começámos a jogar - respondeu Shay, e então reparou que eu estava de pé junto à porta.

- Sou o conselheiro espiritual do Shay - disse ao xerife. - Pode dar-nos um minuto?

- Claro. Tenho de ir à casa de banho - levantou-se, oferecendo-me o banco que deixava vazio e saiu da sala.

Shay dirigiu-se para o fundo da cela, onde se deitou no catre de metal, virado para a parede.

- Quero falar consigo, Shay.

- Isso não quer dizer que eu queira ouvi-lo. Sentei-me no banco.

- Fui o último membro do seu júri a votar a favor da pena de morte - disse num tom suave. -

Foi por minha causa que demorámos tanto tempo a deliberar. E mesmo depois de os outros membros do júri me terem convencido de que essa era a melhor sentença, não me senti bem com isso. Estava sempre a ter ataques de pânico. E um dia, durante um deles, entrei numa catedral e comecei a rezar. Quanto mais rezava, menos ataques de pânico tinha - entalei as mãos entre os joelhos. - Achei que era um sinal de Deus.

Ainda de costas viradas para mim, Shay fungou.

- Continuo a achar que era um sinal de Deus, porque me fez entrar na sua vida.

Shay deitou-se de costas e colocou um braço por cima dos olhos.

- Não se iluda - disse ele. - Fê-lo entrar na minha morte.

Ian Fletcher já estava de pé em frente a um urinol quando entrei na casa de banho dos homens. O comentário de Shay - a verdade nua e crua - tinha-me dado tantas náuseas que saí da cela do tribunal sem dar explicações. Entrei por uma das portas, caí de joelhos e vomitei violentamente.

Por muito que quisesse enganar-me a mim próprio - independentemente do que dizia sobre expiar os meus pecados do passado - no fundo, pela segunda vez na minha vida, os meus actos iam resultar na morte de Shay Bourne.

Fletcher abriu a porta da casa de banho e pousou-me a mão no ombro.

- Padre? Sente-se bem?

Limpei a boca, levantando-me devagar.

- Estou bem - disse eu, e depois abanei a cabeça. - Não, na verdade sinto-me pessimamente.

255

Aproximei-me do lavatório, abri a torneira e passei o rosto por água enquanto Fletcher observava.

- Precisa de se sentar ou qualquer outra coisa?

Limpei o rosto com uma toalha de papel que ele me deu. E de repente, desejei que outra pessoa carregasse este fardo, Ian Fletcher era o homem que revelara segredos de há dois mil anos; com certeza seria capaz de guardar um segredo meu.

- Eu fiz parte do júri dele - murmurei para o papel castanho reciclado.

- Peço desculpa?

"Não, eu é que peço" pensei. Olhei Fletcher nos olhos.

- Fiz parte do júri que condenou Shay Bourne à pena de morte. Antes de ser padre.

Fletcher soltou um longo assobio em surdina.

- E ele sabe?

- Conte-lhe há alguns dias.

- E a advogada dele? Abanei a cabeça.

- Não consigo deixar de pensar que deve ter sido assim que Judas se sentiu quando entregou Jesus.

Os cantos da boca de Fletcher ergueram-se.

- Por acaso, tenho estado a traduzir um evangelho gnóstico recentemente descoberto, o Evangelho de Judas: e fala muito pouco sobre traição. Na realidade, este evangelho retrata Judas como confidente de Jesus, o único em quem confiava para fazer o que tinha de ser feito.

- Mesmo que fosse um suicídio assistido - disse eu -, tenho a certeza de que Judas se sentiu pessimamente depois. Quero dizer, ele suicidou-se.

- Bem - disse Fletcher -, houve realmente isso.

- O que faria no meu lugar? - perguntei. - Levaria isto adiante? Ajudaria o Shay a doar o coração?

- Acho que isso depende da razão pela qual está a ajudá-lo - disse Fletcher devagar. - Será para salvá-lo, como disse enquanto testemunhava? Ou será apenas para se salvar a si próprio? - abanou a cabeça. - Se o homem tivesse respostas para essas perguntas, a religião não seria necessária. Boa sorte, padre.

256

Regressei para dentro da casa de banho, fechei a tampa da sanita e sentei-me. Tirei o terço do bolso e murmurei palavras familiares das orações, doces na minha boca como reбуçados.

Encontrar a graça de Deus não era como encontrar chaves que estivessem perdidas ou lembrar-se do nome já esquecido de uma pinup dos anos 40 – era mais como uma sensação: o Sol a romper por entre as nuvens numa manhã encoberta, a cama mais macia a afundar-se debaixo do nosso corpo. E, claro, não seria possível encontrar a graça de Deus sem admitir que se estava perdido.

Uma casa de banho do tribunal federal podia não ser o local mais provável para encontrar a graça de Deus, mas não significava que isso não pudesse acontecer.

"Encontrar a graça de Deus."

"Encontrar a Grace14."

11 Grace, na versão original em inglês, significa graça. (N. da T.) Se Shay estava disposto a dar o seu coração, então o mínimo que eu podia fazer era garantir que fosse lembrado no coração de outra pessoa. Uma pessoa que - ao contrário de mim -

nunca o tinha condenado.

Foi nessa altura que decidi ir à procura da irmã de Shay.

JUNE

Não é fácil escolher as roupas com as quais a nossa filha será enterrada. O director do funeral dissera-me, após os homicídios, para pensar no assunto. Sugeriu algo que a retratasse, uma menina linda com um bonito vestido, preferencialmente com abertura nas costas. Pediu-me para trazer uma fotografia dela para que pudesse utilizar maquilhagem a condizer com o rubor das suas faces, a cor natural da pele, o penteado.

O que eu tinha para lhe dizer era o seguinte: Elizabeth detestava vestidos. Usaria calças sem botões, porque estes eram frustrantes, ou provavelmente o fato de Halloween do ano anterior ou a bata de médico que recebeu no Natal - apenas alguns dias antes encontrara-a a "operar" uma curgete enorme do tamanho de um bebé recém-nascido.

Queria dizer-lhe que Elizabeth não tinha penteado, porque nem sequer conseguia mantê-la quieta o tempo suficiente para lhe escovar os cabelos, quanto mais entrançá-los ou encaracolá-los. E não queria que lhe colocasse maquilhagem no rosto, visto que nunca teria aquele momento íntimo entre mãe e filha numa casa de banho a cheirar a pó de arroz e a uma noite elegante na cidade, em que a deixaria experimentar sombra para os olhos, um pouco de rímel, bâton cor-de-rosa.

O director do funeral dissera-me que seria bom ter uma mesa de recordações com objectos que tivessem algum significado para Elizabeth - bonecos de peluche ou fotografias de família 257

em férias, bolachas com pedacinhos de chocolate. Tocar a música preferida dela. Deixar que os amigos da escola lhe escrevessem mensagens, que poderiam ser enterradas numa bolsinha de seda dentro do caixão.

O que eu queria dizer-lhe era o seguinte: não vê que ao dizer-me as mesmas coisas que diz a toda a gente sobre como fazer um funeral significativo, está precisamente a tirar-lhe o significado? Que Elizabeth merecia fogo-de-artifício, um coro de anjos, que o mundo se virasse ao contrário no seu eixo?

No final, vesti Elizabeth com um tutu de bailarina, que ela queria sempre vestir quando íamos à mercearia e que eu a obrigava sempre a tirar antes de sairmos. Deixei o director do funeral colocar maquilhagem no rosto dela pela primeira vez. Dei-lhe um cão de peluche, o padrasto e a maior parte do meu coração para que os levasse com ela.

Não foi um funeral de caixão aberto; mas antes de prosseguirmos para a cerimónia junto à campa, o director do funeral levantou a tampa para fazer os ajustes finais.

Nesse momento, afastei-o para o lado. "Deixe-me fazer isso", disse eu.

Kurt vestia a sua farda, como seria próprio de um agente da polícia morto no cumprimento do dever. Estava exactamente igual ao que costumava estar no dia-a-dia, à excepção da fina linha branca em volta do dedo onde a aliança costumava estar. A aliança estava agora pendurada num fio que eu usava em volta do pescoço.

Elizabeth tinha um ar delicado, angélico. Os cabelos estavam presos com duas fitas iguais.

Tinha o braço em volta da cintura do padrasto.

Estendi o braço para o caixão, e assim que a minha mão tocou ao de leve no rosto da minha filha, estremeci, porque de alguma forma ainda esperava que estivesse quente - não aquela carne artificial. Aquela pele fria ao toque. Tirei-lhe as fitas dos cabelos, levantei-lhe a cabeça com cuidado, ajeitando os cabelos de cada lado do rosto, em leque. Puxei a manga esquerda do fato de ballet meio centímetro para baixo, para ficar igual à da direita.

"Espero que esteja satisfeita", dissera o director do funeral.

Não parecia Elizabeth, nem um pouco, porque estava demasiado perfeita. A minha filha estaria

amarrotada e com a camisola para fora, de mãos sujas por andar atrás das rãs, com uma meia de cada par, com os pulsos cheios de pulseiras que ela própria fizera.

Mas num mundo onde acontecem coisas que não deviam acontecer, damos por nós a dizer e a fazer exactamente o oposto daquilo que queremos. Por isso acenei com a cabeça, e observei-o selar as duas pessoas que mais amava no mundo.

Agora vejo-me na mesma situação em que estava há onze anos, de pé no meio do quarto da minha filha a remexer-lhe nas roupas. Procurei entre camisolas, saias e meias, calças de 258

ganga macias como flanela e uma camisola que ainda cheirava ao pomar de macieiras onde a usara pela última vez. Escolhi um par de calças justas pretas à boca de sino e uma camisola de manga comprida com a Fada Sininho - roupas que vira Claire usar no domingo mais indolente, quando estava a nevar e não havia nada para fazer a não ser ler o jornal de domingo e dormir com a face virada para o calor que emanava da lareira. Escolhi um par de cuecas - SÁBADO, tinham escrito à frente, mas não consegui encontrar mais nenhum dia da semana espalhado na gaveta. Foi quando estava à procura que encontrei, embrulhada num lenço vermelho, a fotografia. Numa pequena moldura oval prateada, de início pensei que era uma das fotografias de Claire em bebé - e depois apercebi-me de que era Elizabeth.

A moldura costumava estar em cima do piano em que ninguém tocava, a acumular pó. O

facto de nunca ter reparado na sua falta era uma prova de que devo ter aprendido a viver outra vez.

Foi por isso que reuni as roupas e as coloquei num saco de compras para as levar para o hospital: roupas com as quais sinceramente esperava não ter de enterrar a minha filha, mas, em vez disso, trazê-la novamente para casa.

LUCIUS

Nas últimas noites, tenho dormido bem. Nunca mais tive suores, nem diarreia, nem febres que me fizessem remexer no meu catre. Crash Vitale ainda estava na solitária, por isso os seus brados não me acordavam. De vez em quando, o guarda extra que tinha sido destacado para proteger Shay caminhava pelo nível 1, com as botas a arrastar levemente na passadeira.

Na realidade, dormia tão bem que fiquei surpreendido ao acordar com a conversa em surdina na cela ao lado da minha.

- Ao menos deixa-me explicar? - perguntou Shay. - E se houver outra maneira?

Fiquei à espera para ouvir com quem ele estava a falar, mas não houve resposta.

- Shay? - disse eu, - Estás bem?

- Tentei dar o meu coração - ouvi-o dizer. - Veja em que isso se tornou. - Shay deu um pontapé na parede; algo pesado na sua cela caiu para o chão. - Eu sei o que quer. Mas sabe o que eu quero?

- Shay?

A voz dele era apenas um sussurro.

- Pai?

259

- Sou eu. O LUCIUS.

Fez-se um compasso de silêncio.

- Estavas a ouvir a minha conversa?

Um monólogo na própria cela podia considerar-se uma conversa?

- Não tive intenção de... acordaste-me.

- Porque estavas a dormir? - perguntou Shay.

- Porque são três da manhã? - respondi. - Porque é isso que devemos fazer?

- O que devo fazer - repetiu Shay. - Pois.

Ouviu-se um baque, e apercebi-me de que Shay tinha caído. Da última vez que isso acontecera, estava a ter um ataque. Esgravatei por debaixo do catre e tirei o espelho-estilete.

- Shay - gritei. - Shay?

No reflexo, conseguia vê-lo. Estava de joelhos à porta da cela, com as mãos abertas. Tinha a cabeça curvada, e estava banhado em suor, que - à luz fraca e carmesim da passadeira - parecia gotas de sangue.

- Vai embora - disse ele, e eu retirei o espelho de baixo da minha porta, para lhe dar privacidade.

Enquanto escondia o meu espelho improvisado, tive um vislumbre do meu próprio reflexo.

Tal como Shay, a minha pele parecia vermelha. Mas nem isso me impediu de reparar na familiar chaga cor de rubi que outrora surgira na minha testa - uma cicatriz, uma mancha, a tempestade a mover-se num planeta.

MICHAEL

A última mãe de acolhimento de Shay, Renata Ledoux, era católica e vivia em Bethlehem, no New Hampshire, e na viagem para me encontrar com ela, a ironia do nome da cidade onde Shay passou a sua adolescência não me passou despercebida. Tinha o meu colarinho e o meu ar sacerdotal mais sério, porque ia utilizar todos os meus recursos. Diria tudo o que fosse necessário para descobrir o que acontecera a Grace.

Afinal, porém, quase nem precisei de me esforçar. Renata convidou-me para tomar um chá, e quando lhe disse que tinha uma mensagem para Grace de um membro da minha congregação, ela limitou-se a escrever o endereço e a entregar-mo.

-A Gracie era uma boa rapariga.

260

Não consegui deixar de me interrogar o que pensaria ela de Shay.

- Ela não tinha um irmão?

-Aquele rapaz - disse Renata -, merece arder no Inferno.

Era ridículo achar que Renata não teria ouvido falar na condenação de Shay à pena de morte - as notícias teriam chegado até aqui, mesmo na zona rural de Bethlehem.

Pensei que talvez, enquanto mãe de acolhimento, nutriria pelo menos alguma simpatia por ele. Mas por outro lado, o rapaz que criara deixou o seu lar para ir para um reformatório, e crescera para se tornar num assassino condenado.

- Sim - disse eu. - Bem.

Agora, passados vinte minutos, estava a chegar a casa de Grace, na esperança de uma melhor recepção. Era a casa cor-de-rosa com portadas cinzentas e o número 131 gravado numa pedra ao fundo da via de acesso - mas as persianas estavam corridas, a porta da garagem estava fechada. Não havia plantas a pender do alpendre, portas abertas para deixar entrar a brisa, correspondência para entregar na caixa do correio - nada que indicasse que estava alguém em casa.

Saí do carro e toquei à campainha. Duas vezes.

Bem, podia deixar um bilhete a pedir-lhe que me telefonasse. Demoraria mais tempo - tempo que Shay na realidade não tinha mas era o melhor que podia fazer, então era o que faria.

Nessa altura, a porta entreabriu-se só um pouco.

- Sim? - murmurou uma voz lá dentro.

Tentei espreitar para o vestíbulo, mas estava escuro como breu.

- Grace Bourne mora aqui? Uma hesitação.

- Sou eu.

- Sou o padre Michael Wright. Tenho uma mensagem para si, de um dos membros da minha paróquia.

Surgiu uma mão esguia.

- Pode entregar-ma - disse Grace.

- Não seria possível entrar só por um momento, para usar a casa de banho? É uma longa viagem de Concord até aqui...

261

Ela hesitou - acho que também hesitaria se um estranho me aparecesse à porta e eu fosse uma mulher a viver sozinha, mesmo que usasse um colarinho de padre. Mas a porta abriu-se de par em par e Grace recuou para me deixar entrar. Tinha a cabeça inclinada para o lado; uma longa cortina de

cabelos negros caída por cima do rosto.

Vislumbrei longas pestanas negras e uma boca cor de rubi; percebia-se, mesmo à primeira vista, como devia ser bonita. Interroguei-me se sofreria de agorafobia, extremamente tímida.

Interroguei-me sobre quem a teria magoado tanto para ter medo do resto do mundo.

Interroguei-me se teria sido Shay.

- Grace - disse eu, estendendo-lhe a mão. - Muito gosto em conhecê-la.

Então ergueu o queixo, e a cortina de cabelos caiu para trás. Todo o lado esquerdo do rosto de Grace Bourne estava destruído e esburacado, uma pele como um fluxo de lava que fora esticada e cosida para cobrir uma extensa queimadura.

- Bu - disse ela.

- Peço... peço desculpa. Não tive intenção...

-Toda a gente fica a olhar - disse Grace em voz baixa. Mesmo as pessoas que tentam não ficar.

"Houve um incêndio" disse Shay. "Não quero falar sobre isso."

- Desculpe.

- Pois, já disse isso. A casa de banho fica ao fundo do corredor. Pousei-lhe uma mão no braço. Também ali havia faixas de pele coberta de cicatrizes.

- Grace. Aquela mensagem: é do seu irmão. Afastou-se de mim, estupefacta.

- Conhece o Shay?

- Ele precisa de vê-la, Grace. Vai morrer em breve.

- O que disse ele sobre mim?

- Não muito - admiti. - Mas a Grace é a única família que ele tem.

- Soube do incêndio? - perguntou Grace.

- Sim. Foi por causa disso que foi para um reformatório.

- Ele contou-lhe que o nosso pai de acolhimento morreu no incêndio?

262

Desta vez, fui eu que fiquei surpreendido. Um cadastro juvenil estaria selado, fora por isso que durante o julgamento de Shay não ficara a saber de que tinha sido condenado. Quando referiram o incêndio, presumi que tivesse sido condenado por fogo posto. Não me apercebi de que as acusações poderiam incluir homicídio por negligência ou mesmo homicídio preterintencional. E agora percebia perfeitamente por que razão Renata Ledoux talvez odiasse Shay visceralmente.

Grace estava a olhar fixamente para mim.

- Ele pediu para me ver?

- Não sabe propriamente que estou aqui.

Ela desviou o rosto, mas só depois de eu ter visto que começara a chorar.

- Ele não quis que estivesse presente no seu julgamento.

- Provavelmente não queria que assistisse a isso.

- O padre não sabe nada - escondeu o rosto nas mãos.

- Grace - disse eu -, venha comigo. Venha vê-lo.

- Não posso - soluçou. - Não posso. O padre não compreende.

Mas estava a começar a compreender: Shay tinha ateadado o incêndio que a deixara desfigurada.

- É mais uma razão para se encontrar com ele. Perdoe-lhe, antes que seja tarde de mais.

- Perdoar-lhe? Perdoar-lhe? - repetiu Grace. - Diga eu o que disser, não alterará o que aconteceu.

Não podemos refazer a nossa vida - desviou o olhar. - Acho que... acho apenas... devia ir embora.

Estava a mandar-me embora. Acenei, em aceitação.

- A casa de banho é a segunda porta à direita.

Pois - o meu estratagema para entrar. Percorri o corredor entrando numa casa de banho floral, com um aroma arrebatador a ambientador e a potpourri de rosas. Tinha pequenos cestos para papel higiénico de croché, um suporte de croché para o autoclismo e uma tampa de croché para a caixa dos Kleenex. A cortina do duche tinha rosas, e havia quadros pendurados na parede - gravuras emolduradas de flores, à excepção de um desenho de criança um dragão, ou talvez um lagarto. Parecia a casa de uma velha senhora que tivesse perdido a conta dos seus gatos. Era atabafante; lentamente, Grace Bourne estava a morrer sufocada.

263

Se Shay soubesse que a irmã o perdoava por ter ateado o fogo, então talvez - mesmo que não lhe permitissem doar o seu coração - isso bastasse para poder morrer em paz. Grace neste momento não estava em condições de ser convencida, mas podia tentar convencê-la.

Arranjaria o número de telefone dela e telefonaria, até ela ceder.

Abri a porta espelhada de correr do armário dos medicamentos à procura de uma receita com o número de telefone de Grace para poder copiá-lo. Havia loções, cremes e esfoliantes, pasta de dentes, fio dental e desodorizante. Também havia um frasco de Ambien, com o número de telefone de Grace na etiqueta. Anotei-o na palma da mão com uma caneta e voltei a colocar os comprimidos na prateleira, ao lado de uma pequena moldura de estanho. Duas crianças pequenas estavam sentadas à mesa: Grace numa cadeira alta com um copo de leite à sua frente e Shay debruçado sobre um desenho que estava a fazer. Um dragão, ou talvez um lagarto.

Sorria, um sorriso tão rasgado que parecia doer.

Todos os reclusos são filhos de alguém. E todas as vítimas também.

Saí da casa de banho. Entregando a Grace um cartão com o meu nome e número de telefone, agradei-lhe.

- No caso de mudar de ideias.

- Nunca foram as minhas ideias que precisaram de ser mudadas - disse Grace, e fechou a porta atrás de mim. Imediatamente, ouvi correr o ferrolho, a cortina da janela da frente a restolhar. Estava sempre a ver o desenho do dragão, que fora cuidadosamente emoldurado com um passepartout na casa de banho. PARA A GRACIE estava escrito no canto superior esquerdo.

Já ia em Crawford Notch quando me apercebi do que me fazia confusão naquela fotografia de Shay quando era criança. Nela, segurava uma caneta com a mão direita. Mas na prisão - quando comia, quando escrevia - era canhoto.

Poderia alguém mudar tão radicalmente ao longo da vida? Ou todas estas mudanças em Shay - desde a mão dominante, aos milagres, à sua capacidade de citar o Evangelho de Tomé - poderiam ter sido originadas por uma... possessão? Parecia um mau filme de ficção científica, mas não queria dizer que não podia acontecer. Se os profetas foram assolados pelo Espírito Santo, porque não um assassino?

Ou talvez fosse mais simples do que isso. Talvez quem fomos no passado desse forma a quem escolhemos ser no futuro. Talvez Shay tivesse intencionalmente mudado a mão com que escrevia. Talvez cultivasse os milagres, para compensar um pecado tão horrível como atear um incêndio que roubou as vidas a duas pessoas - uma de forma literal e outra metafórica. Apercebi-me de que até mesmo na Bíblia, não havia registo da vida de Jesus 264

entre os oito e os trinta e três anos. E se tivesse feito algo terrível; e se os seus últimos anos tivessem sido uma reacção a isso?

Era possível fazer-se algo horrível e depois passar o resto da vida a tentar expiá-lo.

Eu sabia isso melhor do que ninguém.

MAGGIE

A última conversa que tive com Shay Bourne, antes de o colocar no banco das testemunhas, não tinha corrido bem. Na cela do tribunal federal, lembrei-o do que ia acontecer no tribunal. Shay não lidava bem com surpresas; tanto podia tornar-se beligerante como podia enrolar-se numa bola debaixo do banco de madeira. De qualquer forma, o juiz pensaria que ele era maluco - e isso não podia acontecer.

- Por isso, depois de o xerife o ajudar a sentar-se no seu lugar - expliquei -, vão trazer-lhe uma Bíblia.

- Não preciso de uma Bíblia.

- Pois. Mas é preciso que jure sobre ela.

- Quero jurar sobre uma revista de banda desenhada - respondeu Shay. - Ou uma revista Playboy.

- Tem de jurar sobre a Bíblia - disse eu -, porque temos de obedecer às regras deles antes de podermos mudá-las.

Então, um xerife entrou para me dizer que o tribunal estava prestes a reiniciar a sessão.

- Lembre-se - disse a Shay -, concentre-se apenas em mim. Mais nada naquela sala de audiências é importante. Somos apenas nós, a ter uma conversa.

Ele acenou com a cabeça, mas eu conseguia perceber que estava nervoso. E agora, enquanto o observava a ser levado para a sala de audiências, toda a gente também via isso. Estava acorrentado nos tornozelos e pulsos, com uma corrente presa à cintura, ligada às outras; os elos chocalhavam enquanto se sentava ao meu lado. Tinha a cabeça baixa, e murmurava palavras que só eu conseguia ouvir. Estava a insultar um dos assistentes do xerife que o conduzia para dentro da sala de audiências, mas, com alguma sorte, as pessoas que observavam boca a mover-se em silêncio talvez pensassem que estivesse a rezar.

Assim que o coloquei no banco das testemunhas, uma cortina de silêncio abateu-se sobre as pessoas que estavam na galeria. "Não és como nós", parecia dizer o silêncio delas. "Nunca 265

serás." E então, sem ter feito nenhuma pergunta, ali estava a minha resposta: nem a maior devoção poderia fazer desaparecer a mancha de sangue das mãos de um assassino.

Caminhei em frente de Shay e esperei que ele me olhasse nos olhos. "Concentre-se", murmurei silenciosamente, e ele acenou com a cabeça. Agarrou-se à balaustrada em frente ao banco das testemunhas e as suas correntes tilintaram.

Bolas. Esquecime de dizer-lhe para manter as mãos no colo. seria menos uma coisa para lembrar ao juiz e à galeria que era um assassino condenado.

- Shay - perguntei -, porque quer doar o seu coração? Ele olhou directamente para mim.

Muito bem.

- Tenho de salvá-la.

- Quem?

- A Claire Nealon.

- Bem - disse eu -, não é a única pessoa no mundo que pode salvar a Claire. Há outros possíveis dadores de coração.

- Fui eu quem lhe tirei mais - disse Shay, tal como ensaiámos.

- Sou eu quem posso dar-lhe mais.

- Trata-se de ficar com a consciência limpa? - perguntei. Shay abanou a cabeça.

- Trata-se de limpar o passado.

"Até agora", pensei, "tudo bem." Parecia racional, claro e calmo.

- MAGGIE? - disse Shay naquele preciso momento. - Agora podemos parar?

Esbocei um sorriso tenso.

- Não propriamente, Shay. Temos mais algumas perguntas.

- As perguntas são uma merda.

Ouviru-se um arquejo vindo do fundo da galeria - provavelmente uma das senhoras de cabelos azulados que eu tinha visto entrar em fila com as Bíblias embrulhadas e em capas protectoras acolchoadas, que não ouviam um palavrão desde antes da menopausa.

- Shay - disse eu -, não utilizamos essa linguagem no tribunal. Lembra-se?

- Por que se chama tribunal? - perguntou ele. - Não é como um court de ténis, nem um campo de basquetebol, onde se joga. Ou talvez se jogue, e é por isso que há um vencedor

e um vencido, só que não tem nada a ver com a pontaria para marcar um golo de três pontos ou com a rapidez do serviço - olhou para o juiz Haig. - Aposto que joga golfe.

- Dr.a Bloom - disse o juiz. - Controle a sua testemunha.

Se Shay não se calasse ia eu própria tapar-lhe a boca com a mão.

- Shay, fale-me da sua educação religiosa enquanto era criança - disse num tom firme.

- A religião é um culto. Não podemos escolher a nossa religião. Somos aquilo que os nossos pais nos dizem que somos; não se trata de educação, é lavagem cerebral.

Quando deitam água na cabeça de um bebé num baptizado, ele não pode dizer, "Então, pá, preferia ser hindu", pois não?

- Shay, sei que é difícil para si, e sei que estar aqui não o deixa concentrar-se - disse eu. -

Mas preciso que ouça a pergunta que vou fazer, e que lhe responda.

Frequentava a igreja quando era criança?

- De vez em quando. E outras vezes não ia a lado nenhum, limitava-me a ficar escondido no roupeiro para não apanhar uma tarefa de outro rapaz ou do pai de acolhimento, que mantinha toda a gente na linha com uma escova de metal. Mantinha-nos na linha, lá isso mantinha, pelas costas abaixo. Todo o sistema de lares de acolhimento neste país é uma anedota; deviam chamar-se lares de não acolhimento, ninguém se ralava com nada, só com o que recebiam por...

- Shay! - avisei com um olhar. - Acredita em Deus? Esta pergunta, de alguma forma, pareceu acalmá-lo.

- Conheço Deus - disse Shay.

- Diga-me como.

- Toda a gente tem um pouco de Deus dentro de si... e um pouco de assassino dentro de si, também. É a forma como a vida se desenrola que nos faz inclinar para um lado ou para o outro.

- Como é Deus?

- É como a matemática - disse Shay. - Uma equação. Só que quando tiramos tudo, ficamos com o infinito, em vez de zero.

- E onde vive Deus, Shay?

Inclinou-se para a frente, levantou as mãos acorrentadas de forma que o metal tilintou.

Apontou para o coração.

267

- Aqui.

- Disse que costumava frequentar a igreja quando era criança. O Deus em que acredita actualmente é o mesmo Deus de que lhe falavam na igreja?

Shay encolheu os ombros.

- Seja qual for o caminho que tomemos, a vista será igual. Tinha quase a certeza absoluta de que já

tinha ouvido aquela frase antes, na única aula de ioga da escola de Bikram que frequentei, antes de ter decidido que o meu corpo não tinha sido feito para se dobrar de certas maneiras.

Nem acreditava que Greenleaf não objectasse, uma vez que encarnar o Dalai Lama não era o mesmo do que responder à pergunta. Por outro lado, podia aceitar que Greenleaf não objectasse. Quanto mais Shay falava, mais doido parecia. Era difícil levar a sério as pretensões religiosas de alguém que parecia alucinado; Shay estava a cavar uma sepultura suficientemente grande para nós os dois.

- Se o juiz ordenar que morra por injeção letal, Shay, e não puder doar o seu coração, isso vai perturbar Deus? - perguntei.

- Vai perturbar-me a mim. Por isso, sim, vai perturbar Deus.

- Bem, então - disse eu -, o que agrada a Deus no facto de doar o seu coração a Claire Nealon?

Nessa altura sorriu-me - o tipo de sorriso que vemos nos rostos dos santos em frescos, e que nos faz desejar conhecer o seu segredo.

- O meu fim - disse Shay -, é o início dela.

Tinha mais algumas perguntas, mas para ser sincera, estava aterrorizada com o que Shay pudesse dizer. Já estava a falar por enigmas.

- Obrigada - respondi, e sentei-me.

- Tenho uma pergunta, Sr. Bourne - disse o juiz Haig. - Fala-se muito sobre coisas estranhas que ocorreram na prisão. Acredita que consegue fazer milagres?

Shay ficou a olhar para ele.

- E o senhor?

- Desculpe, mas não é esse o funcionamento do tribunal. Não posso responder às suas perguntas, mas o senhor tem de responder à minha. Por isso - disse o juiz -, acredita que consegue fazer milagres?

268

- Só fiz o que devia fazer. Podem chamar-lhe o que quiserem. O juiz abanou a cabeça.

- Dr. Greenleaf, a testemunha é sua.

De repente, um homem que estava na galeria levantou-se. Abriu o casaco, revelando uma T-shirt com os números 3,16. Começou a gritar, numa voz rouca.

- Deus amava tanto o mundo que lhe ofereceu o seu único filho... - nessa altura, dois assistentes do xerife tinham descido, tirando o homem do seu assento e arrastando-o para cima, enquanto as câmaras de televisão se viraram para acompanhar a acção. - O seu único filho! - gritou o homem.

- Único! Vai para o Inferno assim que as suas veias estiverem cheias de... - As portas da sala de audiências fecharam-se atrás dele, e depois fez-se um silêncio absoluto.

Era impressionante que aquele homem tivesse conseguido entrar no tribunal - há postos de controlo com detectores de metais e assistentes do xerife antes da entrada.

Mas a sua arma era a fúria fundamentalista da sua justiça e, nesse momento, teria dificuldade em decidir quem tinha saído pior daquilo tudo, se ele ou Shay.

- Sim - disse Gordon Greenleaf, levantando-se. - Bem. Aproximou-se de Shay, que tinha as mãos acorrentadas apoiadas de novo na balaustrada. - O senhor é a única pessoa que subscreve a sua religião?

- Não. - Não?

- Não pertença a nenhuma religião. A religião é a causa do mundo estar a desintegrar-se: viu aquele tipo a ser levado daqui? É isso que a religião faz. Aponta o dedo. Provoca guerras.

Separa países. É o meio ideal para os estereótipos se desenvolverem. Para a religião o mais importante não é ser santo - disse Shay. - Mas sim ser mais santo do que os outros.

Na mesa do requerente, fechei os olhos - no mínimo, Shay tinha certamente conseguido perder o caso; no máximo, ia acabar com uma cruz incendiada no meu relvado.

- Objecção - disse num fio de voz. - Não deu uma resposta.

- Indeferido - respondeu o juiz. - A testemunha já não é sua, Dr.a Bloom.

Shay continuou a resmungar, agora mais baixo.

- Sabem o que a religião faz? Traça uma linha grossa na areia. Diz, "Se não fizerem as coisas à minha maneira, estão fora."

Não estava a gritar, não estava descontrolado. Mas também não estava sob controlo. Levou as mãos ao pescoço, começou a coçá-lo enquanto as correntes tilintavam ao longo do peito. -

Estas palavras - disse ele -, estão a cortar-me a garganta.

269

- Doutor juiz - disse eu imediatamente, alertada para uma crise que se aproximava a passos largos.

- Podemos fazer um intervalo?

Shay começou a balançar-se para trás e para a frente.

- Quinze minutos - disse o juiz Haig, e os assistentes do xerife aproximaram-se para levar Shay sob custódia. E m pânico, Shay baixou-se e ergueu a s mãos para s e defender. E todos vimos as correntes que o prendiam, aquelas que tinha nos pulsos, tornozelos e cintura, aquelas que tilintaram durante o seu testemunho, cair para o chão com um estrondo, como se fossem tão etéreas como fumo.

A religião muitas vezes atrapalha os desígnios de Deus.

Bono, no National Prayer Breakfast,

2 de Fevereiro de 2006

MAGGIE

Shay estava de pé, de mãos na cintura, parecendo tão surpreso por não estar acorrentado como nós estávamos por vê-lo assim. Houve um momento de descrença colectiva, e depois instalou-se o caos na sala de audiências. Os gritos soavam na galeria. Um assistente do xerife arrastou o juiz do seu lugar e levou-o para o seu gabinete, enquanto os outros sacaram das armas, gritando a Shay que pusesse as mãos no ar. Shay ficou petrificado, e o assistente do xerife imobilizou-o e algemou-o.

- Parem! - gritou o padre Michael atrás de mim. - Ele não sabe o que está a acontecer! -

Enquanto o assistente do xerife empurrava a cabeça de Shay contra o chão de madeira, ele olhou para nós, aterrorizado.

Virei-me para ficar de frente para o padre.

- Mas que diabo está a acontecer? Deixou de ser Jesus para ser o Houdini?

- Este é o tipo de coisa que ele faz - disse o padre Michael. Foi impressão minha, ou terei ouvido uma nota de satisfação na voz dele? - Tentei dizer-lhe.

- Deixe-me que lhe diga - ripostei. - O nosso amigo Shay acabou de ganhar um bilhete de ida para a maca da injeção letal, a menos que um de nós consiga convencê-lo a dizer alguma coisa ao juiz Haig para explicar o que acabou de acontecer.

- A MAGGIE é que é advogada dele - disse Michael.

- E o padre é o conselheiro.

270

- Lembra-se de eu lhe dizer que o Shay não falava comigo? Revirei os olhos.

- Não podíamos limitar-nos a fingir que já não estamos no sétimo ano, e a cumprir as nossas obrigações?

Ele desviou o olhar, e eu soube de imediato que o que quer que fosse que esta conversa continha, não seria agradável.

Nesta altura, a sala de audiências estava vazia. Tinha de ir ter com Shay e pôr-lhe uma única ideia coesa na cabeça, uma ideia que esperava que ele conseguisse reter o tempo suficiente para a levar para o banco das testemunhas. Não tinha tempo para as confissões do padre Michael naquele preciso momento.

- Fui membro do júri que condenou o Shay - disse o padre.

A minha mãe tinha um truque que usava desde a minha adolescência - se eu dissesse algo que lhe desse vontade de (a) gritar, (b) bater-me, ou (c) ambas as coisas, contava até dez, movendo os lábios em silêncio, antes de reagir. Sentia a minha boca pronunciar as sílabas dos números, e com alguma desilusão apercebi-me de que tinha ficado igual à minha mãe.

- Só isso? - perguntei.

- Não basta?

- Era só para ter a certeza - a minha cabeça fervilhava. Podia arranjar muitos problemas por não ter referido o facto a Greenleaf com antecedência. Por outro lado, eu também não soube do facto com antecedência.

- Há alguma razão para ter esperado tanto tempo para me dizer isto?

- Não faça perguntas, não me diga nada - disse ele, repetindo as minhas próprias palavras. -

De início pensei que ia ajudar Shay a compreender a redenção, e depois contar-lhe-a a verdade a si. Mas o Shay acabou por me ensinar algumas coisas sobre a redenção, e a MAGGIE disse que o meu testemunho era fundamental, então pensei que talvez fosse melhor não saber. Achei que não ia estragar assim tanto este julgamento...

Ergui a mão, fazendo-o parar.

- Está de acordo? - perguntei. - com a pena de morte? O padre hesitou antes de falar.

- Antigamente sim.

Teria de contar isto a Greenleaf. Mesmo que o testemunho do padre Michael fosse apagado do registo, não era possível fazer o juiz esquecer-se de o ter ouvido; o mal já fora feito. Mas neste preciso momento, tinha coisas mais importantes para fazer.

- Tenho de ir.

271

Na cela do tribunal, encontrei Shay desolado, de olhos cerrados.

- Shay? - disse eu. - É a MAGGIE. Olhe para mim.

- Não posso - gritou. - Baixe o som.

A sala estava em silêncio-, não havia nenhum rádio a tocar, não havia som absolutamente nenhum. Olhei para o assistente do xerife, que encolheu os ombros.

- Shay - ordenei, aproximando-me das grades da cela. - Abra os olhos.

Um olho entreabriu-se, e depois o outro.

- Diga-me como fez aquilo.

- O quê?

- O seu pequeno truque de magia lá dentro. Ele abanou a cabeça.

- Não fiz nada.

- Conseguiu tirar as algemas - disse eu. - O que fez? Fez alguma chave e escondeu-a na bainha?

- Não tenho nenhuma chave. Não as abri.

Bem, teoricamente isto era verdade. O que todos tínhamos visto foi as algemas ainda fechadas a cair no chão, enquanto as mãos de Shay ficaram livres. com certeza que podia ter aberto as fechaduras e depois voltado a fechá-las - mas isso teria feito barulho, algo que todos nós teríamos ouvido.

E não ouvimos.

- Não fiz nada - repetiu Shay.

Li algures qualquer coisa sobre ilusionistas que deslocam os ombros para se libertarem de coletes de forças; talvez fosse esse o segredo de Shay. Talvez fosse capaz de dobrar os polegares ao contrário ou deslocar os ossos dos dedos e fazê-los deslizar dos aros de metal sem que ninguém se apercebesse.

- Está bem. Como queira - expirei pesadamente. - A questão é a seguinte, Shay. Não sei se é ilusionista ou messias. Não sei muito sobre a salvação, nem sobre milagres, nem sobre nada do que o padre Michael e o Ian Fletcher estiveram a falar. Nem sequer sei se acredito em Deus. Mas conheço bem a lei. E neste preciso momento, toda a gente naquela sala de audiências acha que o Shay é doido varrido. Tem de se recompor - olhei para Shay e vi-o olhar para mim totalmente concentrado, de olhos claros e perspicazes. Tem mais uma 272

hipótese - disse devagar. - Uma hipótese de falar com o homem que decidirá como morrerá, e se a Claire Nealon poderá viver. Então, o que vai dizer-lhe?

Uma vez, quando estava no sexto ano, deixei que a rapariga mais popular da escola copiasse por mim no teste de matemática.

- Sabes uma coisa - disse ela depois -, não és completamente totó. - Deixou-me sentar na mesa dela ao almoço e por um sábado glorioso, fui convidada para ir ao centro comercial com o seu grupo fechado de amigas, que aspergiam perfume nos pulsos nas lojas e experimentavam calças de ganga justas e caras que nem sequer se faziam no meu número.

(Dissera-lhes que estava com o período, e que nunca comprava calças de ganga quando estava inchada: uma mentira completa, mas uma das raparigas ofereceu-se para me mostrar como devia fazer

para vomitar na casa de banho para me livrar daqueles dois quilos e meio a mais.) Foi quando estava a receber conselhos de imagem no balcão da Clinique, sem ter nenhuma intenção de comprar algum produto de maquilhagem, que olhei para o espelho e não gostei da rapariga que estava a olhar para mim. Para ser a pessoa que queriam que eu fosse, tinha perdido a minha identidade.

Ao ver Shay sentar-se novamente no banco das testemunhas, pensei naquela emoção do sexto ano que tivera quando, por um momento, tinha feito parte do grupo, tinha sido popular.

A galeria, em silêncio, esperava por outro acesso - mas Shay estava composto e tranquilo, extremamente calado. Estava triplamente acorrentado, e teve dificuldades em chegar ao banco das testemunhas, onde não olhou para ninguém e simplesmente ficou à espera que lhe fizesse a pergunta que tínhamos ensaiado. Interroguei-me se transformá-lo novamente num requerente viável dizia mais sobre quem ele desejava ser, ou em quem eu me tinha tornado.

- Shay - disse eu. - O que deseja dizer perante este tribunal? Ele olhou para o tecto, como se estivesse à espera que as palavras caíssem como neve.

- O Espírito do Senhor repousa sobre mim, porque o Senhor me ungiu. Enviou-me a levar a boa nova - murmurou.

- Ámen - disse uma mulher na galeria.

Vou ser sincera, não era bem nisto que estava a pensar quando disse a Shay que ele podia fazer uma última tentativa para fazer este tribunal mudar de opinião. Para mim, as escrituras religiosas pareciam-me tão irracionais e fundamentalistas como a diatribe que Shay proferira sobre a natureza da religião organizada. Mas talvez Shay fosse mais inteligente do que eu, porque a sua citação fez o juiz franzir os lábios.

- É uma citação da Bíblia, Sr. Bourne?

273

- Não sei - respondeu Shay. - Não me lembro de onde vem. Um pequeno avião de papel passou-me por cima do ombro para aterrar no meu colo. Abri-o, li a mensagem rabiscada do padre Michael.

- Sim, senhor doutor juiz - apressei-me a dizer. - É sim.

- Senhor agente - disse o juiz Haig -, traga-me a Bíblia. Começou a folhear as finas páginas. -

Por acaso sabe onde se encontra, Dr.a Bloom?

Não sabia quando nem se Shay Bourne lera as escrituras. Esta citação podia ter vindo do padre; podia ter vindo de Deus; podia ser a única frase que sabia em todo o Antigo Testamento. Mas de alguma forma, tinha captado o interesse do Juiz Haig, que já não se limitava a rejeitar o meu cliente directamente, mas que em vez disso estava a passar o dedo sobre as páginas da Bíblia como se estas estivessem escritas em braille.

Levantei-me, munida da citação do padre Michael.

- Está em Isaías, meritíssimo - disse eu.

Durante o intervalo para almoço, fui para o meu escritório. Não portei uma ética laboral inviolável (embora teoricamente tivesse outros dezasseis casos abertos em simultâneo com o de Shay, o meu chefe dera-me autorização para os colocar em banho-maria no maior fogão metafórico que alguma vez existiu), mas porque precisava de me ausentar completamente do julgamento. A secretária dos escritórios da União Americana pelas Liberdades Civis pestanejou quando eu entrei pela porta.

- Não devia estar...

- Devia - disse bruscamente, e percorri o labirinto de armários de ficheiros até à minha secretária.

Não sabia como o acesso de Shay afectaria o juiz. Não sabia se já tinha perdido o caso, antes sequer que a defesa apresentasse as suas testemunhas. Sabia que já não dormia bem há três semanas e a comida de coelho para o Oliver tinha-se acabado, e hoje o meu cabelo estava mesmo horrível. Passei as mãos pelo rosto, e depois apercebi-me de que provavelmente tinha borrado o rímel.

Suspirando, olhei para a montanha de documentos em cima da minha secretária que tinha vindo a crescer continuamente, sem que eu estivesse aqui para os arquivar.

Havia um recurso que tinha sido entregue ao Supremo Tribunal pelos advogados de um skinhead que escreveu a palavra monhé a tinta branca em frente à casa do patrão, um paquistanês proprietário de uma loja de conveniência que o despedira por estar bêbedo no trabalho; umas pesquisas sobre a razão pela qual as palavras sob o domínio de Deus foram acrescentadas ao Juramento de Fidelidade em 1954 durante a era McCarthy; e uma pilha de 274

correspondência equitativamente distribuída entre almas desesperadas que queriam que eu as defendesse e conservadores de direita que censuravam a União Americana pelas Liberdades Civis por tornar um crime ser-se branco e cristão praticante.

Uma carta caiu-me das mãos para o colo - um envelope simples com o endereço da prisão do Estado de New Hampshire impresso, do Gabinete do Director Prisional. Abri-a e encontrei lá dentro uma folha de papel branca ainda com a marca de água.

Era um convite para assistir à execução de Isaiah Bourne. A lista de convidados incluía o procurador geral, o governador, o advogado de acusação do caso original de Shay, o padre Michael e vários outros nomes que não reconheci. Por lei, tinha de estar presente um determinado número de pessoas numa execução, tanto do lado do recluso como do da vítima.

Era um pouco como organizar um casamento. E tal como num casamento, havia um número para onde telefonar RSFF.

Faltavam quinze dias para a data marcada da morte de Shay.

Era evidente que eu era a única pessoa a achar ligeiramente hilariante que a primeira e única testemunha da defesa - o comissário prisional - se chamasse Joe Lynch¹⁶.

Era um homem alto e magro cujo sentido de humor aparentemente se dissipara juntamente com os cabelos que tinha na cabeça. Estava bastante certa de que quando aceitou o cargo, não sonhava que seria confrontado com a primeira execução no New Hampshire em mais de meio século.

- Comissário Lynch - disse o procurador-geral adjunto -, que medidas foram tomadas para a execução de Shay Bourne?

- Como sabem - disse Lynch -, o Estado do New Hampshire não se encontrava preparado para lidar com a sentença de morte atribuída ao recluso Bourne. Esperávamos que os procedimentos pudessem ser realizados em Terre Haute, mas verificámos que isso não iria acontecer. Assim, tivemos de construir uma câmara para a injeção letal - que agora ocupa uma boa parte do que costumava ser o pátio de exercício da penitenciária estadual.

- Pode dar-nos uma relação dos custos envolvidos? O comissário começou a ler de um livro de registos.

- As taxas de planeamento arquitectónico e construção do projecto foram de 39 100 dólares.

Uma maca para injeção letal custa 830 dólares. O equipamento associado à injeção letal custou 684 dólares. Para além disso, os custos humanos incluem uma reunião com o pessoal, formação do pessoal e assistir às audiências o que perfaz um total de 48 846 dólares. O

fornecimento inicial foi de 1361 dólares e os produtos químicos custaram 426 dólares. Para além de tudo isto, foram feitos vários melhoramentos físicos ao espaço onde a execução irá ocorrer: estores verticais na zona das testemunhas, um interruptor gradual de luz na câmara, 275

um vidro espelhado, ar condicionado e um gerador de emergência, um microfone sem fios e um amplificador para a zona da assistência, um conector mono jack de telefone. Os custos destes ascendem a 14 669 dólares.

- Fez as contas, comissário. Segundo os seus cálculos, quanto pensa ter gasto na execução de Shay

Bourne até agora?

- 105 916 dólares.

- Comissário - perguntou Greenleaf -, o Estado do New Hampshire possui um cadafalso que pudesse ser usado se o tribunal ordenasse que o Sr. Bourne fosse enforcado?

- Já não - respondeu Lynch.

- Seria correcto presumir, então, que haveria uma carga adicional para os contribuintes do New Hampshire se tivesse de ser construído um cadafalso?

- Exactamente.

- Que especificações são necessárias para se construir um cadafalso?

O comissário acenou com a cabeça.

- Uma altura de pelo menos 2,75 metros, uma trave de 2,75 metros, com um espaço de um metro sobre a altura do recluso a ser executado. A abertura do alçapão teria de ter pelo menos um metro para deixar o espaço suficiente. Teria de haver uma forma de soltar o alçapão e impedir que ficasse a balançar depois de se abrir, e um mecanismo de segurança para a corda com o nó.

Em algumas frases curtas, Gordon Greenleaf tinha feito este julgamento mudar de tom, do aspecto sentimental da liberdade religiosa para a inevitabilidade da morte iminente de Shay.

Olhei para Shay. Estava branco como a folha de papel que tinha entre as mãos acorrentadas.

- Estamos a falar de pelo menos sete mil e quinhentos dólares para a construção e materiais -

disse o comissário. - Para além disso, haveria o investimento do sistema para segurar o corpo.

- De que se trata, exactamente? - perguntou Greenleaf.

- Uma correia para a cintura com um sistema para segurar os pulsos, feito de nylon testado para suportar uma tonelada e meia, e outro sistema para segurar as pernas feito do mesmo material. Precisariamos de uma estrutura, basicamente um sistema com rodas para transportar o recluso para o cadafalso em caso de colapso físico, um capuz e um nó mecânico.

- Não podíamos usar simplesmente corda?

276

- Não quando se trata de uma execução humana - disse o comissário. - Este nó é constituído por um cilindro hidráulico Derlan e tem dois orifícios longitudinais e um grampo de aço em U para prender a corda, bem como uma cobertura do laço, uma corda com nove metros, lubrificante para o nó...

Até eu estava impressionada com a quantidade de tempo e planeamento que envolvia a morte de Shay Bourne.

- Fez uma grande pesquisa - disse Greenleaf. Lynch encolheu os ombros.

- Ninguém deseja executar um homem. A minha função é fazê-lo com o máximo de dignidade possível.

- Qual seria o custo de construir e adquirir todo este equipamento, comissário Lynch?

- Um pouco menos de dez mil dólares.

- E disse que o Estado do New Hampshire já investiu mais de cem mil na execução de Shay Bourne?

- Precisamente.

- Seria um fardo para o sistema prisional se precisasse de construir um cadafalso nesta altura, para satisfazer as ditas preferências religiosas do Sr. Bourne?

O comissário exalou longamente.

- Seria mais do que um fardo. Seria quase impossível, tendo em conta a data da execução.

- Porquê?

- A lei diz que devíamos executar o Sr. Bourne por injeção letal, e estamos prontos para o fazer,

depois de muitos preparativos. Não me sentiria pessoal ou profissionalmente à vontade a improvisar um cadafalso à última hora.

- MAGGIE - murmurou Shay -, acho que vou vomitar. Abanei a cabeça.

- Engula.

Ele pousou a cabeça na mesa. com sorte, algumas pessoas mais compreensivas pensariam que estivesse a chorar.

- Se tivesse de construir um cadafalso por ordem do tribunal perguntou Greenleaf -, quanto tempo adiará a execução do Sr. Bourne?

- Diria que de seis meses a um ano - disse o comissário.

277

- Um ano inteiro que o recluso Bourne teria após a data agendada para sua execução?

- Sim.

- Porquê tanto tempo?

- Estamos a falar de construções no interior de um sistema prisional, Dr. Greenleaf. A equipa teria de ser investigada antes de poder trabalhar no interior dos nossos portões: trariam ferramentas do exterior, que poderão constituir ameaças à segurança; teríamos de ter guardas a vigiá-los para garantir que não penetrassem em áreas não vigiadas; teríamos de garantir que não tentariam passar contrabando aos reclusos. Seria um fardo substancial para a instituição prisional se tivéssemos de, bem, começar do zero.

- Obrigado, comissário - disse Greenleaf. - Não tenho mais perguntas.

Levantei-me do meu assento e aproximei-me do comissário.

- A sua estimativa para construir o cadafalso é de cerca de dez mil dólares?

- Sim.

- Por isso, na realidade, o custo do enforcamento de Shay Bourne seria um décimo do custo de executá-lo por injeção letal.

- Na realidade - disse o comissário -, seria de cento e dez por cento. Não podemos adquirir uma câmara de injeção letal em Nordstrom com garantia de satisfação, Dr.a Bloom. Não posso devolver o que já construí.

- Bem, de qualquer forma tinha de construir aquela câmara, não tinha?

- Se o recluso Bourne não fosse executado dessa forma, não.

- Mas o Departamento Prisional não tinha nenhuma câmara de injeção letal disponível para outros prisioneiros no corredor da morte.

Não podia sugerir totalmente que no futuro poderíamos ter ninguém queria considerar essa hipótese.

- Executar Shay Bourne por enforcamento afectaria a segurança de outros reclusos da prisão?

- Não. Pelo menos durante o próprio processo.

- Interferiria na segurança dos guardas que lá estivessem?

- Não.

- E em termos de pessoal: na realidade, seriam necessárias menos pessoas para uma execução por enforcamento do que para uma execução por injeção letal, não é verdade?

278

- É - disse o comissário.

- Por isso não há questões de segurança envolvidas na alteração do método de execução de Shay. Nem para o pessoal, nem para os reclusos. A única coisa que poderá referir como sobrecarga para o Departamento Prisional, é realmente o custo de um pouco menos de dez mil dólares para construir um

cadafalso. Dez mil miseráveis dólares. Não é verdade, comissário?

O juiz olhou para o comissário.

- Tem orçamento para isso?

- Não sei - disse Lynch. - Os orçamentos são sempre apertados.

- Meritíssimo, tenho aqui uma cópia do orçamento do Departamento Prisional, para ser registada como prova - entreguei-a a Greenleaf, ao juiz Haig e, por fim, ao comissário Lynch.

Comissário, parece-lhe familiar?

- Sim.

- Pode ler-me a linha que está realçada? Lynch colocou os óculos no nariz.

- Materiais para a pena capital - disse ele. - Nove mil oitocentos e oitenta dólares.

- Quando refere materiais, o que quer dizer?

- Produtos químicos - disse o comissário. - E outras coisas que pudessem surgir.

O que ele queria dizer, tinha a certeza, era que havia um excedente no orçamento.

- Segundo o seu próprio testemunho, os produtos químicos custariam apenas quatrocentos e vinte e seis dólares.

- Não sabemos o que mais poderá envolver - disse Lynch. Bloqueios policiais, desvios de trânsito, equipamento médico, pessoal extra... é a nossa primeira execução em quase setenta anos. Fizemos um orçamento conservador, para não ficarmos com falta de dinheiro na altura.

- Se esse dinheiro ia ser gasto na execução de Shay acontecesse o que acontecesse, será de facto assim tão importante se é utilizado para comprar pentotal sódico...

ou para construir um cadafalso?

- Hum - gaguejou Lynch. - Não deixam de ser menos de dez mil dólares.

- Não - admiti. - Faltam-lhe cento e vinte dólares. Diga-me... será esse o valor da alma de um homem?

JUNE

Alguém me disse uma vez que quando damos à luz uma filha, conhecemos a pessoa cuja mão vamos segurar quando morrermos. Nos dias que se seguiram ao nascimento de Elizabeth, observava aqueles dedos minúsculos, as meias luas das unhas como pequenas conchas, e a força surpreendente com que apertava o meu indicador - e interrogava-me se, daí a anos, seria eu a segurá-la com a mesma força.

Não é natural sobreviver a um filho. É como ver uma borboleta albina, ou um lago vermelho como sangue; um arranha-céus desmoronar-se. Já tinha passado por isso uma vez; agora estava desesperada para impedir que a experiência se repetisse.

Claire e eu estávamos a jogar às copas¹⁷, e não pensem que não me apercebi da ironia. O baralho de cartas tinha personagens dos Peanuts; a minha estratégia de jogo não tinha nada a ver com o naipe, mas sim com coleccionar o máximo número de Charlie Browns que conseguisse.

- Mãe - disse Claire -Joga como se quisesse realmente ganhar. Olhei para ela.
- O que estás a dizer?
- Estás a fazer batota. Mas para perder - baralhou as restantes cartas e virou a carta de cima.
- Porque achas que se chamam paus¹⁸?
- Não sei.
- Achas que seriam do tipo a que gostaríamos de pertencer? Ou daqueles que usamos para bater em alguém?

Atrás dela, no monitor cardíaco, o coração doente de Claire batia a um ritmo constante. Em momentos como este, era difícil de acreditar que estivesse assim tão doente.

Mas então, bastava apenas vê-la tentar colocar as pernas para o lado da cama para ir à casa de banho, vendo como ficava sem fôlego, para saber que as aparências iludem.

- Lembras-te de quando inventaste aquela sociedade secreta? perguntei. - A que se reunia atrás da sebe?

Claire abanou a cabeça.
- Nunca fiz isso.
- Claro que fizeste - disse eu. - Eras pequena, por isso não te lembras. Mas eras absolutamente intransigente em relação a quem podia ou não pertencer ao clube. Tinhas um carimbo que dizia CANCELADO e uma almofada de tinta: colocaste-o nas costas da minha ²⁸⁰

mão, e se eu quisesse sequer dizer-te que o jantar já estava pronto tinha primeiro de dizer a senha. Do outro lado do quarto, o meu telemóvel começou a tocar dentro da mala. Corri directamente para ele, os telemóveis eram estritamente proibidos no hospital, e se uma enfermeira nos apanhasse com um, lançar-nos-ia um olhar fulminante.

- Estou?
- JUNE. Fala MAGGIE Bloom.

Deixei de respirar. No ano passado, Claire aprendeu na escola que havia partes inteiras do cérebro dedicadas a actos involuntários como a digestão e a absorção de oxigénio, o que era muito engenhoso a nível evolutivo; mas, no entanto, estes sistemas podiam falhar devido às coisas mais simples: amor à primeira vista; actos de violência; palavras que não desejávamos ouvir.

- Ainda não tenho nenhuma notícia formal - disse MAGGIE -, mas pensei que gostaria de saber: as alegações finais começam amanhã. E, então, dependendo de quanto tempo demorar o juiz a deliberar, saberemos se e quando a Claire poderá receber o coração - fez-se um momento de silêncio. - De qualquer forma, a execução ocorrerá daqui a quinze dias.

- Obrigada - disse, e fechei o telemóvel. Dentro de vinte e quatro horas, poderia ficar a saber se

Claire viveria ou morreria.

- Quem era? - perguntou Claire. Enfiei o telemóvel no bolso do casaco.

- Era da lavandaria - disse eu. - Já podemos ir buscar os nossos casacos de Inverno.

Claire limitou-se a olhar para mim; sabia que eu estava a mentir. Juntou as cartas, embora ainda não tivéssemos acabado de jogar.

- Já não me apetece jogar - disse ela.

- Oh. Está bem.

Virou-se de lado, desviando o rosto do meu.

- Nunca tive carimbos nem almofadas de tinta - murmurou Claire. - Nunca tive um clube secreto.

Estás a pensar na Elizabeth.

- Não estou a pensar na... - disse de forma automática, mas depois interrompi a frase a meio.

Era perfeitamente capaz de ver Kurt e eu junto ao lavatório da casa de banho, a sorrir enquanto lavávamos tatuagens temporárias que nos tinham feito, interrogando-nos se a nossa filha falaria connosco a o pequeno-almoço sem aquela marca de fé. Claire não podia ter iniciado o pai no seu mundo secreto; nem sequer chegara a conhecê-lo.

281

- Bem te disse - disse Claire.

LUCIUS

Shay não estava muitas vezes no nível 1, mas quando estava, era transportado para salas de conferência e para a enfermaria. Ao voltar, falava-me sobre os testes psicológicos que lhe faziam; sobre como lhe davam pancadinhas nas curvas dos braços, para verificar as suas veias. Suponho que para eles fosse importante deixar tudo bem claro antes do Grande Dia, para não fazerem figura de idiotas quando o resto do mundo estivesse a ver.

A verdadeira razão pela qual estavam permanentemente a andar com Shay de um lado para o outro para fazer exames médicos, porém, era para o tirarem do recinto para poderem ensaiar.

Já tinham feito uns dois ensaios em Agosto. Estava na cela de exercício quando o director da prisão conduziu um pequeno grupo de guardas prisionais para a câmara de injeção letal que estava a ser construída. Observei-os com os seus capacetes protectores.

- O que temos de descobrir, meus senhores - dissera o director Coyne -, é quanto tempo demorarão as testemunhas da vítima a ir do meu gabinete até à câmara. Não podemos permitir que se cruzem com as testemunhas do recluso.

Agora que a câmara estava terminada, tinham ainda mais coisas para verificar: se as linhas telefónicas para o gabinete do governador funcionavam; se as correias da maca estavam bem presas. Já era a segunda vez, enquanto Shay estava no departamento médico, que um grupo de guardas - a equipa de operações especiais, que se tinha oferecido para participar na execução - chegou ao nível 1. Nunca tinha visto nenhum deles antes. Penso que deverá haver alguma humanidade no facto de o homem que nos vai matar não ser o mesmo que nos trouxe o pequeno-almoço durante os últimos onze anos. E da mesma forma: deve ser mais fácil carregar no êmbolo daquela seringa se nunca se conversou com o recluso sobre se os Patriots venceriam outra Supertaça.

Desta vez, Shay não tinha ido para o departamento médico. Tinha começado a discutir, dizendo que estava cansado, que já não lhe restava nenhum sangue para poderem tirar. Mas, evidentemente, não tinha outra escolha - os guardas arrastá-lo-iam até lá aos gritos e aos pontapés. Shay acabou por aceitar ser acorrentado para poder ser transportado para fora do nível 1, e quinze minutos após ter saído, a equipa de operações especiais apareceu.

Colocaram um guarda a fingir que era Shay dentro da sua cela, e depois um dos outros guardas prisionais começou a cronometrar.

- Está a contar - disse ele.

Não sei como ocorreu o erro, para ser franco. Quero dizer, suponho que seja esse o objectivo do ensaio - deixar espaço para o erro humano. Mas de alguma maneira, mesmo quando a equipa de operações especiais escoltava o Falso-Shay para fora do recinto como parte do 282

treino, o verdadeiro Shay entrava de novo no nível 1. Por um momento, hesitaram à porta, a olhar uns para os outros.

Shay ficou a olhar para o seu falso sócia, até o guarda Whitaker ter de o arrastar pela porta do nível 1, e mesmo nessa altura, esticou o pescoço, tentando ver para onde se dirigia o seu futuro.

A meio da noite, os guardas vieram buscar Shay. Estava a bater com a cabeça nas paredes da cela, falando numa torrente incompreensível de palavras. Normalmente, teria ouvido tudo isto - era muitas vezes o primeiro a saber que Shay estava perturbado - mas estava a dormir.

Acordei quando os guardas chegaram com os seus óculos e escudos, avançando sobre ele como um bando de baratas negras.

- Para onde o levam? - gritei, mas as palavras cortaram-me a garganta em tiras. Lembrei-me do ensaio e interroguei-me se não seria altura do acontecimento verdadeiro.

Um dos guardas virou-se para mim - um guarda simpático, mas naquele instante não consegui descortinar como se chamava, embora o tivesse visto todas as semanas ao longo dos últimos seis anos.

- Não há problema, LUCIUS - disse ele. - Vamos só levá-lo para uma cela de observação, para que não se magoe a si próprio.

Quando partiram, deitei-me no meu catre e encostei a palma da mão à testa, febre: era como um cardume de peixes a percorrer-me as veias.

Adam já me traíra uma vez antes. Encontrei-lhe um bilhete no bolso quando fui levar as camisas dele à lavandaria. Gary, e um número de telefone. Quando lhe perguntei sobre isso, disse que fora apenas uma noite, depois de uma exposição na galeria onde trabalhava. Gary era um dos artistas, um homem que criava cidades em miniatura em gesso de Paris. Nova Iorque estava na altura em exibição. Falou-me no pormenor art déco no topo do Edifício Chrysler;

nas folhas individuais presas manualmente às árvores de Park Avenue. Imaginei Adam e Gary de pé, com os pés em Central Park e os braços em volta um do outro, monstruosos como Godzilla.

"Foi um erro", dissera Adam. "Só que foi tão emocionante, por um minuto, saber que havia outra pessoa interessada."

Não conseguia imaginar como as pessoas podiam não estar interessadas em Adam, com os seus olhos verde-claros e a sua pele cor de café. Via cabeças virarem-se constantemente, gays e heterossexuais, quando andávamos pela rua.

"Não me senti bem porque não eras tu", dissera ele.

283

Fui suficientemente ingénuo para acreditar que podíamos agarrar em algo tóxico e venenoso, e restringi-lo para que nunca mais voltasse a queimar-nos. Depois de tudo o que aconteceu a Adam mais tarde, seria de pensar que aprendi a minha lição. Mas coisas como o ciúme, a raiva e a infidelidade - não desaparecem. Jazem à espera, como uma cobra, para nos atacar novamente quando menos esperamos.

Olhei para as minhas mãos, para as manchas escuras do sarcoma de Kaposi que já tinham começado a misturar-se umas com as outras, fazendo a minha pele ficar tão escura como a de Adam, como se o meu castigo fosse remventar-me à sua imagem.

- Por favor não faça isto - sussurrei. Mas estava a implorar para deter algo que já tinha começado. Rezava, embora não conseguisse lembrar-me a quem.

MAGGIE

Após o tribunal ter encerrado a sessão para o fim-de-semana, fui à casa de banho das senhoras. Estava sentada num dos compartimentos quando de repente um microfone surgiu debaixo da parede de metal do cubículo ao lado do meu.

- Sou Ella Wyndhammer da FOX News - disse uma mulher. Será que tem algum comentário sobre a Casa Branca ter emitido um comunicado oficial sobre o julgamento de Bourne e a separação entre a Igreja e o Estado?

Não sabia que a Casa Branca tinha emitido um comunicado oficial; uma parte de mim estremeceu de emoção ao saber que tínhamos atraído tantas atenções. Depois pensei no que teria sido o comunicado, e em como possivelmente não ajudaria em nada o meu caso. E

então lembrei-me de que estava na casa de banho.

- Sim, tenho um comentário - disse eu, e puxei o autoclismo.

Como não queria ser surpreendida por Ella Wynhammer nem por qualquer outro dos jornalistas que infestavam as escadas do tribunal como líquenes, retirei-me para a minha toca - está bem, uma sala de conferências para as reuniões entre advogados e clientes e tranquei a porta. Tirei um bloco jurídico para fora e comecei a escrever as minhas alegações finais para segunda-feira, na esperança de que quando acabasse, os jornalistas já tivessem ido atrás de uma presa mais recente.

Já era de noite quando voltei a calçar os sapatos de salto alto e arrumei as minhas notas. As luzes do tribunal tinham sido desligadas; à distância, conseguia ouvir uma empregada da limpeza polir o chão. Percorri o átrio, passando pelos detectores de metais inanimados, respirei fundo e abri a porta.

A maior parte da comunicação social já se tinha retirado. À distancia, contudo, conseguia ver um jornalista obstinado segurando no seu microfone. Gritou o meu nome.

284

Passei por ele.

- Não faço comentários - disse entre dentes, e depois apercebi-me de que não se tratava de um jornalista, e não estava a segurar num microfone.

- Até que enfim - disse Christian, e deu-me uma rosa.

MICHAEL

- O senhor é o conselheiro espiritual dele - disse o director Coyne quando me telefonou às três da manhã. -Vá dar-lhe alguns conselhos.

Tentei explicar ao director da prisão que Shay e eu não nos falávamos, mas ele desligou antes que tivesse oportunidade de o fazer. Em vez disso, suspirando, arrastei-me para fora da cama e dirigi-me para a prisão. No entanto, em vez de me levar para o nível 1, o guarda prisional conduziu-me a outro sítio.

- Ele foi transferido - explicou o guarda.

- Porquê? Alguém o feriu novamente?

- Não, ele não precisou de ajuda para o fazer - disse ele, e quando parámos em frente da cela de Shay, percebi.

Grande parte do rosto estava coberta por equimoses. Os nós dos dedos estavam em carne viva. Uma gota de sangue escorria-lhe da têmpora esquerda. Estava acorrentado nos pulsos, tornozelos e cintura, embora estivesse dentro da cela.

- Porque não chamaram um médico? - perguntei.

- Já estive aqui três vezes - disse o guarda prisional. - Aqui o nosso rapaz está sempre a arrancar os pensos. Foi por isso que tivemos de algemá-lo.

- Se eu lhe prometer que ele vai deixar de fazer isso...

- Bater com a cabeça na parede?

- Pois. Se eu lhe der a minha palavra, tira-lhe as algemas? virei-me para Shay, que estava intencionalmente a evitar-me. Shay? - disse eu. - O que lhe parece?

Não reagiu de maneira nenhuma, e eu não fazia ideia de como iria convencê-lo a deixar de se mutilar, mas o guarda prisional conduziu-o para junto da porta da cela e retirou as correntes dos pulsos e dos tornozelos. A corrente que tinha à cintura, porém, ficou posta.

- Para prevenir-disse ele, e foi embora.

285

- Shay - disse eu. - Por que está a fazer isto?

- Saia já daqui.

- Sei que está assustado. E sei que está zangado - disse eu.

- Não o censuro.

- Então parece-me que qualquer coisa mudou. Porque não há dúvida que já me censurou. O senhor e mais onze pessoas - Shay deu um passo em frente. - Como foi estar naquela sala?

Ficaram sentados a falar sobre que tipo de monstro faria aquelas coisas horríveis? Alguma vez pensaram que não sabiam a história toda?

- Então, porque não a contou? - disse bruscamente. - Não nos deu nada, Shay. Tínhamos a explicação da acusação sobre o que aconteceu; ouvimo-la da boca de JUNE.

Mas o Shay nem sequer se levantou para nos pedir uma sentença branda.

- Quem acreditaria naquilo que eu tinha para dizer, comparado com a palavra de um polícia morto? - disse ele. - Nem o meu próprio advogado acreditou. Estava sempre a dizer que devíamos usar a minha infância difícil para me safar: e não a minha versão dos acontecimentos. Disse que eu não era uma pessoa em quem o júri confiasse.

Não queria saber; queria apenas ter os seus cinco segundos nas notícias à noite. Tinha uma estratégia. Bem, sabe qual era a estratégia? Primeiro disse ao júri que não tinha sido eu.

Depois chegou a altura da sentença e disse: "Muito bem, foi ele, mas dou-vos uma razão para não

o matarem por causa disso." O melhor era admitir que declarar-me inocente foi uma mentira.

Fiquei a olhar para ele; estupefacto. Nunca me tinha ocorrido durante o julgamento que Shay pudesse estar a pensar nisto; que a razão pela qual não se levantara e implorara clemência durante a deliberação da sentença fora porque, ao fazê-lo, seria como admitir ter cometido o crime. Agora em retrospectiva, parecia realmente que a defesa tinha mudado a sua história entre a fase da deliberação da pena e a fase da deliberação da sentença no julgamento.

Tornou mais difícil acreditar no que diziam.

E Shay? Bem, tinha ficado ali sentado, com os seus cabelos sujos e os olhos vagos. O seu silêncio - que interpretei como orgulho, ou vergonha - só poderia dever-se ao facto de saber que para uma pessoa como ele, o mundo não funcionava da forma como devia. E eu, tal como os outros onze jurados, julguei-o antes de ser dado o veredicto. Afinal, que tipo de homem vai a julgamento por um duplo homicídio? Que procurador deseja a pena de morte sem uma boa razão?

Desde que me tornei seu conselheiro espiritual, dissera-me que o que acontecera no passado agora não importava, e eu tinha interpretado isso como não aceitar responsabilidade por 286

aquilo que fizera. Mas também poderia significar, que apesar da sua inocência, sabia que ia morrer.

Tinha estado presente naquele julgamento; tinha ouvido todos os testemunhos. Pensar que Shay poderia não merecer a pena de morte parecia ridículo, impossível.

Por outro lado, os milagres também pareciam.

- Mas Shay - disse num tom suave. - Ouvi as provas. Vi aquilo que fez.

- Eu não fiz nada - baixou a cabeça. - Foi por causa das ferramentas. Deixei-as em casa.

Ninguém atendeu quando bati à porta, por isso entrei para ir buscá-las... e então vi-a.

Senti o meu estômago revolver-se. -A Elizabeth.

- Ela costumava brincar comigo. Ao jogo do sisudo. Quem sorrisse primeiro perdia.

Costumava ganhar-lhe sempre. Mas um dia, enquanto estávamos a olhar um para o outro ela agarrou na minha chave de fendas, nem sequer sabia que ela a tinha, e andou com ela às voltas como um louco com uma faca. Desatei a rir. "Apanhei-te" disse ela.

"Apanhei-te." E era verdade, apanhou-me, completamente - o rosto dele contorceu-se. -

Nunca a magoaria. Quando entrei em casa naquele dia, ela estava com ele. Ele tinha as calças em baixo. E ela estava: estava a chorar... ele devia ser como um pai para ela. - lançou um braço por cima do rosto, como se pudesse evitar ver aquela recordação. - Ela olhou para mim, como se fosse o jogo do sisudo, mas então sorriu. Só que desta vez, não foi por ter perdido. Foi por saber que ia ganhar. Porque eu estava ali. Porque podia salvá-la. Durante toda a minha vida, as pessoas encararam-me como um merdas, como se não conseguisse fazer nada certo: mas ela, era como se acreditasse em mim - disse Shay. - E eu, meu Deus, eu queria acreditar nela.

Respirou fundo.

- Agarrei nela e corri lá para cima, para o quarto que estava a terminar. Tranquei a porta.

Disselhe que ali estaríamos em segurança. Mas então a arma disparou, e depois a porta toda tinha desaparecido, e ele entrou e apontou-me a arma.

Tentei imaginar como seria estar no lugar de Shay - confundindo-se facilmente e incapaz de comunicar bem - e de repente apontarem-me uma arma à cara.

Também eu ficaria em pânico.

- Ouviram-se sirenes - disse Shay. - Ele tinha-os chamado. Disse que vinham buscar-me, que nenhum polícia acreditaria numa história contada por um anormal como eu.

Ela gritava. "Não dispares, não dispares." Ele disse, "Anda cá, Elizabeth", e eu agarrei na arma para que não pudesse magoá-la e lutámos os dois, os dois a agarrar a arma, e esta 287

disparou, e depois disparou outra vez - engoliu. -Apanhei-a. O sangue, estava em todo o lado; estava em cima de mim, estava em cima dela. Ele continuou a chamá-la mas ela não olhava para ele. Olhava para mim, como se estivéssemos a jogar ao nosso jogo; olhava para mim, só que não era um jogo... e depois, mesmo de olhos abertos, deixou de olhar. E estava tudo acabado embora eu não tivesse sorrido - sufocou num soluço, colocando a mão sobre a boca.

- Eu não sorri.

- Shay - disse num tom suave. Ele olhou para mim.

- Foi melhor ela ter morrido.

Fiquei com a boca seca. Lembrei-me de Shay ter dito a mesma frase a JUNE Nealon na reunião de justiça reparadora, de ela ter saído intempestivamente da sala lavada em lágrimas.

Mas e se tirámos as palavras de Shay do contexto? E se ele acreditasse realmente que a morte de Elizabeth fora uma benção, depois do que sofrera às mãos do padrasto?

Algo me incomodava, uma lasca cravada na memória.

-As cuecas dela - disse eu. -Tinha-as no bolso.

Shay ficou a olhar para mim como se eu fosse um idiota.

- Bem, isso foi porque ela não teve oportunidade de voltar a vesti-las, antes de ter acontecido tudo aquilo.

O Shay que conhecia era um homem capaz de fechar uma ferida aberta com um leve toque da sua mão, mas que também podia ter uma crise se o puré de batata que estava no seu tabuleiro de refeições fosse mais amarelo do que no dia anterior. Esse Shay não veria nada de suspeito no facto de a polícia encontrar as cuecas de uma menina na sua posse; seria totalmente lógico para ele agarrar nelas ao agarrar em Elizabeth, para resguardar a modéstia dela.

- Está a dizer-me que os disparos foram acidentais?

- Nunca disse que era culpado - respondeu ele.

Os especialistas que menosprezaram os milagres de Shay foram sempre muito rápidos a fazer notar que se Deus regressasse à terra, não escolheria ser um assassino.

E se não tivesse escolhido? E se toda esta situação fosse um mal-entendido; e se Shay não tivesse morto Elizabeth Nealon e o padrasto intencionalmente - mas na realidade estivesse a tentar salvá-la dele?

Isso significaria que Shay estava prestes a morrer pelos pecados de outro. Outra vez.

- Não é uma boa altura - disse MAGGIE quando abriu a porta.

288

- É uma emergência.

- Então chame a polícia. Ou agarre no telefone vermelho e telefone directamente para Deus.

Telefone-lhe amanhã de manhã começou a fechar a porta, mas eu meti o pé lá dentro.

- Está tudo bem? - um homem com um sotaque britânico surgiu de repente ao lado de MAGGIE, que tinha ficado vermelha como um tomate.

- Padre Michael - disse ela. - Este é o Christian Gallagher. Estendeu-me a mão.

- Padre. Já sei tudo sobre si.

Esperava que não. Quero dizer, se MAGGIE estava a ter um encontro romântico, decerto haveria melhores assuntos de conversa.

Senti o calor subir-me pela nuca. Em plano de fundo, ouvia uma música suave tocar; o homem segurava na mão um copo de vinho tinto meio cheio. A lareira não estava acesa; o fogo já estava ateado, e eu tinha acabado de lhe lançar um balde de água fria.

- Desculpe, não queria... - recuei. -Tenham uma boa noite. Ouvi a porta fechar-se atrás de mim,

mas em vez de me dirigir para a minha moto, sentei-me na soleira. Da primeira vez que vi Shay, disselhe que não podíamos sentir-nos sozinhos visto que Deus nos acompanha sempre, mas isso não era totalmente verdade. "Não podemos jogar às damas com Deus", dissera ele. Bem, também não podíamos ir ao cinema à sexta-feira à noite com Deus. Sabia que conseguia preencher o espaço que uma companheira normalmente ocuparia com Deus; e isso era mais do que suficiente. Mas não queria dizer que por vezes não sentisse falta desse membro-fantasma.

A porta abriu-se, e MAGGIE apareceu na faixa de luz. Estava descalça, e tinha o casaco do fato por cima dos ombros.

- Desculpe - disse eu. - Não queria estragar a sua noite.

- Não faz mal. Já devia saber que os planetas não iam todos alinhar-se para mim - sentou-se ao meu lado. - O que aconteceu?

Na escuridão, com o rosto iluminado de perfil pelo luar, era tão bela como qualquer Madonna renascentista. Ocorreu-me que Deus escolhera uma pessoa exactamente igual a MAGGIE a o eleger Maria para conceber o Seu Filho: alguém que estivesse disposta a carregar o peso do mundo nos ombros, mesmo quando o fardo não era seu.

- É o Shay - disse eu. - Acho que é inocente.

Não fiquei muito surpreendida ao ouvir o que Shay Bourne dissera ao padre.

Não, o que me surpreendeu foi a forma fervorosa como ele acreditou - engoliu o anzol, a linha e a chumbada.

- Já não se trata de proteger os direitos do Shay - disse Michael. - Nem de o deixar morrer segundo as suas condições. Estamos a falar de um homem inocente que vai ser morto.

Tínhamos ido para a sala de estar e Christian - bem, estava sentado na outra ponta do sofá a fingir que estava a resolver um quebra-cabeças de Sudoku no jornal, quando, na realidade, estava a ouvir cada palavra que dizíamos. Ele é que foi lá fora para me convidar a entrar de novo em minha casa. Estava bastante determinada a conter a vaga de justiça inflamada do padre Michael e a voltar para o sítio onde estava antes de ele ter chegado.

Que era deitada de costas, com a mão de Christian a percorrer-me o tronco de lado, mostrando-me onde se fazia a incisão para remover a vesícula - algo que, em pessoa, era muito mais emocionante do que parecia.

- Ele é um assassino condenado - disse eu. - Eles aprendem a mentir antes de aprender a falar.

- Talvez nunca devesse ter sido condenado - disse Michael.

- O padre pertenceu a o júri que o deu como culpado! A cabeça de Christian ergueu-se bruscamente.

- Bem-vindo à minha vida - suspirei. - Padre, assistiu a dias inteiros de testemunhos. Viu as provas em primeira mão.

- Eu sei. Mas isso foi antes de ele me dizer que surpreendeu Kurt Nealon a molestar a própria enteada; e que a arma se disparou várias vezes enquanto ele lutava para a tirar das mãos de Kurt.

Perante isto, Christian inclinou-se para a frente.

- Bem. Isso faz dele uma espécie de herói, não faz?

- Não, porque matou a menina que estava a tentar salvar disse eu. - E por que razão, faça a gentileza de me dizer, ele não presenteou o seu advogado de defesa com essa informação?

- Ele disse que tentou, mas o advogado não achou que pegasse.

- Bem, caramba - disse eu. - E isso não será bastante elucidativo?

- MAGGIE, conhece o Shay. Ele não é o típico rapaz americano, e naquela altura também não era. Para além disso, tinha sido encontrado com uma arma fumegante nas mãos e um 290

polícia e uma menina mortos à sua frente. Mesmo que dissesse a verdade, quem lhe daria ouvidos? Quem terá mais probabilidades de ser considerado pedófilo: o polícia heróico e bom pai de família... ou o vagabundo um pouco limitado que estava a trabalhar na casa? Shay estava condenado mesmo ainda antes de ter entrado numa sala de audiências.

- Porque assumiria a culpa do crime de outra pessoa? - argumentei. - Porque não contaria a ninguém, a qualquer pessoa, durante onze anos?

Ele abanou a cabeça.

- Não tenho resposta para isso. Mas gostaria de o manter vivo o tempo suficiente para descobrir - o padre Michael olhou para mim. - A MAGGIE é que diz que o sistema legal nem sempre funciona para todos. Foi um acidente. Homicídio preterintencional, e não assassinio.

- Corrijam-me se estiver enganado - interrompeu Christian. Mas não se pode ser condenado à morte por homicídio preterintencional, pois não?

Suspirei.

- Temos alguma prova nova?

O padre Michael ficou um minuto a pensar.

- Ele contou-me.

- Temos alguma prova - repeti. O rosto dele iluminou-se.

- Temos a câmara de vigilância à porta da cela de observação - Disse Michael. - Isso tem de ficar gravado em algum lado, não tem?

- Mas é apenas uma gravação dele a contar-lhe uma história expliquei. - É diferente de me dizer, oh, que existe sémen que podemos relacionar com Kurt Nealon...

- A MAGGIE é uma advogada da União Americana pelas Liberdades Civis. Deve poder fazer alguma coisa...

- Legalmente, não há nada que possamos fazer. Não podemos reabrir o caso a menos que surja alguma prova forense fantástica.

- Então, e telefonar ao governador? - sugeriu Christian. Ambos virámos a cabeça na sua direcção.

- Bem, não é o que acontece sempre na televisão? E nos romances do John Grisham?

- Como é que sabe tanto sobre o sistema legal americano? perguntei.

291

Ele encolheu os ombros.

- Antigamente tinha uma paixão tórrida por aquela rapariga da família Partridge, de L.A.

Law.

Suspirei e dirigi-me para a mesa da sala de jantar. A minha mala estava esparramada por cima dela como uma ameba. Procurei lá dentro o telemóvel, marquei um número.

- É bom que seja importante - o meu chefe rosnou do outro lado da linha.

- Desculpe, Rufus. Eu sei que é tarde...

- Vá directa ao assunto.

- Preciso de telefonar ao Flynn, em nome do Shay Bourne disse eu.

- Ao Flynn? Ao Mark Flynn, o governador? Porque haveria de querer desperdiçar o seu último recurso antes sequer de receber um veredicto do Haig?

- O conselheiro espiritual do Shay Bourne tem a impressão de que ele foi condenado injustamente - olhei para Christian e Michael, ambos a observar-me com muita atenção.

- Temos alguma prova nova? Fechei os olhos.

- Bem. Não. Mas isto é realmente importante, Rufus. Passado um momento, desliguei o telefone e meti o número

que tinha escrito num guardanapo de papel na mão de Michael.

- É o número do telemóvel do governador. Vá telefonar-lhe.

- Porquê eu?

- Porque - disse eu. - Ele é católico.

- Tenho de ir - disse a Christian. - O governador quer-nos no seu gabinete agora mesmo.

- Se eu tivesse uma libra por cada vez que uma rapariga me dissesse isso - disse ele. E então, como se fosse a coisa mais natural do mundo, beijou-me.

Está bem, foi um beijo rápido. E um beijo que poderia ter sido o final de um filme para todos. E dado em frente a um padre.

Mas mesmo assim, parecera absolutamente natural, como se Christian e eu nos beijássemos nos fins das frases há imenso tempo, enquanto o resto do mundo ainda estava suspenso na pontuação. Foi nesta altura que tudo correu mal.

- Então - disse eu. - Talvez pudéssemos encontrar-nos amanhã?

- Estou de serviço nas próximas quarenta e oito horas - disse ele. - Segunda-feira?

Mas na segunda-feira estava de novo no tribunal.

- Bem - disse Christian. - Eu telefono.

Ia encontrar-me com o padre Michael no edifício do congresso, porque queria que ele fosse para casa e vestisse as roupas mais clericais que tivesse - as calças de ganga e camisa que vestia quando me apareceu à porta não iam conquistar-nos nenhuns favores. Agora, enquanto esperava por ele no parque de estacionamento, revivia cada sílaba da minha conversa com Christian... e comecei a entrar em pânico. Toda a gente sabia que quando um homem dizia que depois telefonava, na realidade, isso significava que não o faria - queria apenas uma saída fácil. Talvez tivesse sido o beijo, que fora o precursor daquela conversa. Talvez tivesse hálito de alho. Talvez tivesse passado o tempo suficiente na minha companhia para perceber que eu não era aquilo que ele queria.

Quando o padre Michael chegou ao parque de estacionamento, tinha resolvido que se Shay Bourne me custasse a minha única oportunidade de ter um relacionamento desde que os Judeus começaram a vagar pelo deserto, eu própria o executaria.

Fiquei surpreendida por Rufus desejar que eu fosse ter com o governador Flynn sozinha; ainda fiquei mais surpreendida por ele ter pensado primeiro que devia ser o padre Michael a conduzir a entrevista. Mas Flynn não era natural de Nova Inglaterra; era um rapaz do Sul, e aparentemente preferia a informalidade à pompa e circunstância.

"Ele vai estar à espera que vá ter com ele para uma suspensão da execução depois do julgamento", dissera Rufus, pensativo. "Por isso, apanhá-lo desprevenido talvez seja o mais inteligente a fazer." Sugeriu que em vez de ser um advogado a fazer o telefonema, talvez devesse ser um homem da Igreja a fazê-lo. E, após dois minutos de conversa, o padre Michael descobriu que o governador Flynn o tinha ouvido pregar na última missa de Natal em St. Catherine.

Um segurança deixou-nos entrar no edifício do congresso, fez-nos passar pelos detectores de metais e depois acompanhou-nos ao gabinete do governador. Era um sítio estranho e sinistro em horas mortas; os nossos passos ressoavam como tiros enquanto subíamos as escadas. No patamar, virei-me para Michael:

- Não faça nada por impulso - sussurrei. - Só temos uma oportunidade.

O governador estava sentado à sua secretária.

- Entrem - disse ele, levantando-se. - Tenho muito gosto em voltar a vê-lo, padre Michael.

- Obrigado - disse o padre. - Sinto-me lisonjeado por se lembrar de mim.

293

- Olhe, deu um sermão que não me fez adormecer: isso coloca-o numa categoria muito restrita de sacerdotes. Também dirige o grupo de jovens de St. Catherine, não é verdade? O filho do meu colega de quarto da faculdade andava a meter-se em sarilhos no ano passado, mas depois começou a trabalhar consigo. O Joe Cacciatone?

- O Joey - disse o padre Michael. - É um bom rapaz. O governador virou-se para mim.

- E a Sr.a deve ser...?

- MAGGIE Bloom - disse eu, estendendo a mão. - A advogada de Shay Bourne. - Nunca estivera tão próxima do governador antes. Pensei, de forma irracional, que parecia mais alto na televisão.

- Ah, sim - disse o governador. - O infame Shay Bourne.

- Se o senhor é católico praticante - disse o padre Michael ao governador -, como pode permitir uma execução?

Olhei para o padre, pestanejando. Não tinha acabado de lhe dizer para não dizer nada de

provocante?

- Estou a cumprir as minhas funções - disse Flynn. - Há muitas coisas com as quais pessoalmente não concordo, mas que tenho de fazer a nível profissional.

- Mesmo que o homem que está prestes a ser morto seja inocente?

O olhar de Flynn aguçou-se.

- Não foi isso que foi decidido em tribunal, padre.

- Venha falar com ele - disse Michael. - A penitenciária fica a cinco minutos daqui. Venha ouvi-lo, e depois diga-me se ele merece morrer.

- Governador Flynn - interrompi, recuperando finalmente a voz. - Durante uma... confissão, Shay Bourne fez algumas revelações que indicam a existência de pormenores neste caso que na altura não foram revelados: que as mortes ocorreram acidentalmente enquanto o Sr.

Bourne estava na realidade a tentar proteger Elizabeth Nealon dos abusos sexuais do pai.

Achamos que com a suspensão da execução, teremos tempo para reunir provas da inocência de Bourne.

O rosto do governador empalideceu.

- Pensei que os padres não podiam revelar as confissões.

- Somos obrigados a fazê-lo em caso de iminente infracção de uma lei ou em caso de risco de vida.

Esta questão pode inserir-se nas duas categorias.

294

O governador cruzou as mãos, subitamente distante.

- Aprecio as vossas preocupações, tanto religiosas como políticas. vou ter em conta o vosso pedido.

Sabia reconhecer uma rejeição quando a ouvia; acenei com a cabeça e levantei-me. O padre Michael olhou para mim, depois também se levantou. Apertamos novamente a mão do governador e saímos humildemente do seu gabinete. Só falámos quando saímos lá para fora, debaixo de um céu cheio de estrelas.

- Então - disse o padre Michael -, acho que foi um não.

- Acho que temos de esperar para ver. O que provavelmente quer dizer que não - enfiei as mãos nos bolsos do casaco do fato.

- Bem. Visto que a minha noite já ficou estragada, vou acabar por hoje...

- Não acredita que ele esteja inocente, pois não? - perguntou Michael.

Suspirei.

- Nem por isso.

- Então porque está disposta a esforçar-se tanto por ele?

- No dia vinte e cinco de Dezembro, quando era criança, acordava e era um dia normal. No Domingo de Páscoa, a minha família era a única no cinema. Esforço-me tanto por Shay -

terminei -, porque sei qual é a sensação de estarmos do lado de fora a olhar lá para dentro por causa daquilo em que acreditamos.

- Não... não me apercebi...

- Como podia ter-se apercebido? - disse eu com um leve sorriso. - Os que estão no topo da hierarquia nunca vêem os que estão no fundo. Até segunda-feira, padre.

Sentia o olhar dele fixo em mim enquanto me dirigia para o carro. Parecia uma capa feita de luz, como as asas dos anjos em que nunca acreditei.

O meu cliente parecia ter sido atropelado por um camião. De alguma forma, ao tentar que eu salvasse a vida de Shay, o padre Michael esquecera-se de referir que este tinha começado a automutilar-se. O rosto estava cheio de crostas e equimoses; as mãos - bem algemadas junto à cintura após

o fiasco da semana passada estavam arranhadas.

- Está com um aspecto terrível - murmurei a Shay.

- Vou ficar ainda pior depois de me enforcarem - murmurou ele em resposta.

295

- Temos de conversar. Sobre o que disse ao padre Michael... mas antes que pudesse avançar, o juiz chamou Gordon Greenleaf para fazer as suas alegações finais.

Gordon levantou-se pesadamente.

- Meritíssimo, este caso tem representado uma considerável perda de tempo para o tribunal e perda de dinheiro para o Estado. Shay Bourne é um duplo assassino condenado.

Cometeu o mais hediondo dos crimes na história do Estado do New Hampshire.

Olhei para Shay por baixo das pestanas. Se o que ele disse fosse verdade - que tinha visto Elizabeth ser abusada sexualmente - então os dois homicídios transformar-se-iam em homicídio preterintencional e legítima defesa. Os testes de ADN não estavam em voga quando foi condenado - seria possível que ainda restasse alguma fibra de alcatifa ou de tecido de sofá que pudesse corroborar o relato de Shay?

- Ele já esgotou todos os recursos legais a todos os níveis prosseguiu Gordon. - Estado, tribunal de recurso, Supremo Tribunal, e agora está a tentar desesperadamente prolongar a sua vida ao mover um processo legal fictício alegando que acredita em alguma religião fictícia. Quer que o Estado do New Hampshire e os seus contribuintes lhe construam o seu cadafalso especial para poder doar o coração à família da vítima: um grupo de pessoas pelo qual subitamente mostra ter sentimentos. Não há dúvida de que não mostrou ter sentimentos por eles no dia em que matou Kurt e Elizabeth Nealon.

Obviamente, seria muito pouco provável que ainda existissem provas. Agora, até as cuecas que foram encontradas no bolso dele já teriam sido destruídas ou devolvidas a JUNE Nealon - tratava-se de um caso que fora encerrado há onze anos, na cabeça dos investigadores. E

todas as testemunhas oculares tinham morrido no local do crime - à excepção de Shay.

- Sim, existe uma lei que protege a liberdade religiosa dos reclusos - disse Greenleaf. - Existe para que os reclusos judeus possam usar o solidéu na prisão, e os muçulmanos possam jejuar durante o Ramadão. O comissário prisional faz sempre concessões no que diz respeito à actividade religiosa, de acordo com a lei federal.

Mas afirmar que este homem, que já teve acessos na sala de audiências, que não é capaz de controlar as suas emoções, que nem sequer sabe dizer-vos o nome da sua religião, merece ser executado de forma especial para obedecer à lei federal é completamente despropositado, e não era isso que o nosso sistema legal pretendia.

Mesmo quando Greenleaf se sentou, um oficial de diligências entregou-me um bilhete. Olhei para ele e respirei fundo.

- Dr.a Bloom? - instigou o juiz.

296

- Cento e vinte dólares - disse eu. - Sabem o que podem fazer com cento e vinte dólares?

Podem comprar um belo par de sapatos Stuart Weitzman em saldos. Podem comprar dois bilhetes em bons lugares para um jogo dos Bruins. Podem alimentar uma família a morrer de fome em África. Podem adquirir uma assinatura de dois anos para o telemóvel. Ou, podem ajudar um homem a alcançar a salvação, e salvar uma criança da morte.

Levantei-me.

- Shay Bourne não está a pedir liberdade. Não está a pedir que a sua sentença seja alterada.

Está simplesmente a pedir que o deixem morrer de acordo com as suas crenças religiosas. E

se a América não defender mais nada, pelo menos defende o direito de praticar a nossa religião, mesmo morrendo sob a custódia do Estado.

Comecei a dirigir-me para a galeria.

- As pessoas ainda acorrem em massa a este país devido à sua liberdade religiosa. Sabem que na América não nos dizem como Deus deve ser nem quais as suas palavras.

Não nos dizem que há uma fé correcta, e que a nossa não é. Querem falar abertamente sobre religião e fazer perguntas. Esses direitos fundaram a América há quatrocentos anos, e hoje ainda são fundamentais. É por isso que neste país a Madonna pode actuar num crucifixo, e O

Código Da Vinci foi um bestseller. É por isso que depois do 11 de Setembro a liberdade religiosa floresceu na América.

Voltando-me novamente para o juiz, usei todos os meus recursos.

- Meritíssimo, não estamos a pedir-lhe que retire o muro que existe entre a Igreja e o Estado ao deliberar a favor de Shay Bourne. Apenas queremos que a lei seja respeitada, a lei que promete a Shay Bourne o direito de praticar a sua religião até na penitenciária estadual, a menos que haja um interesse governamental superior em impedir que o faça. O único interesse governamental que o Estado pode referir neste caso são cento e vinte dólares, e o período de alguns meses - voltei a dirigir-me para o meu lugar, sentando-me. Como podem comparar vidas e almas com um período de dois meses e cento e vinte dólares?

Assim que o juiz regressou ao seu gabinete para chegar ao seu veredicto, dois assistentes do xerife vieram buscar Shay.

- MAGGIE? - disse ele, levantando-se. - Obrigado.

- Senhores - disse eu para os assistentes do xerife -, podem dar-me um minuto com ele na cela do tribunal?

- Que seja rápido - disse um deles, e eu acenei com a cabeça.

297

- O que acha? - disse o padre Michael, ainda sentado na galeria atrás de mim. - Ele tem alguma hipótese?

Meti a mão no bolso, agarrando no bilhete que o oficial de diligências me tinha entregado mesmo antes de começar as alegações finais e dei-o a Michael.

- Espero que ache que sim - disse eu. - O governador recusou a suspensão da execução.

Ele estava deitado no catre de metal, com um braço por cima dos olhos, quando cheguei à cela do tribunal.

- Shay - disse eu, de pé em frente às grades. - O padre Michael veio falar comigo. Sobre o que aconteceu na noite dos homicídios.

- Não interessa.

- Interessa sim - disse eu com urgência. - O governador recusou a suspensão da sua execução, o que significa que está encostado à parede. As provas de ADN agora são usadas frequentemente para alterar veredictos de pena de morte. Falou-se de abuso sexual durante o julgamento, não foi? Antes de essa acusação ter sido retirada?

Se essas amostras de sémen ainda existirem, podemos examiná-las e ligá-las a Kurt... só preciso que me conte os pormenores sobre o que aconteceu, Shay, para dar início aos procedimentos porque, pensei eu, só temos duas semanas até à sua execução.

Shay levantou-se e aproximou-se de mim, apoiando as mãos nas grades entre nós.

- Não posso.

- Porque não - desafiei-o. - Estava a mentir quando disse ao padre Michael que era inocente?

Ele olhou para mim, de olhos ardentes.

-Não.

Não consigo explicar por que razão acreditei nele. Talvez fosse ingénua, por não ser advogada de defesa criminal; talvez apenas achasse que um homem condenado à morte tinha muito pouco a perder. Mas quando Shay cruzou o seu olhar com o meu, eu soube que estava a dizer a verdade - e que executar um homem inocente era ainda mais devastador, se possível, do que executar um culpado.

- Pois bem - disse eu, já com a cabeça cheia de possibilidades. - Disse ao padre Michael que o seu primeiro advogado não lhe deu ouvidos, mas eu agora estou a ouvi-lo.

Fale comigo, Shay. Diga-me alguma coisa que eu possa usar para convencer um juiz de que foi injustamente condenado. Depois vou preencher o requerimento ? para os exames de ADN, terá apenas de assinar... - Não.

298

- Não posso fazer isto sozinha - explodi. - Shay, estamos a falar em alterar a sua condenação, sabe o que isso significa? poder sair daqui em liberdade.

- Eu sei, MAGGIE.

- Por isso em vez de tentar, vai limitar-se a morrer por um crime que não cometeu? Sente-se bem com isso?

Ele ficou a olhar para mim e acenou lentamente com a cabeça.

? - Disselhe no primeiro dia que a vi. Não queria que me salvasse. Queria que salvasse o meu coração. Estava estupefacta.

- Porquê?

Ele esforçou-se por encontrar as palavras.

- A culpa não deixa de ser minha. Tentei salvá-la e não fui capaz. Não cheguei a tempo.

Nunca gostei do Kurt Nealon: costumava tentar não estar na mesma divisão e m que ele estava enquanto trabalhava, para não o sentir a olhar para mim. Mas a JUNE, era tão simpática. Cheirava a maçãs e fazia-me atum para o almoço e deixava-me sentar à mesa da cozinha como se o meu lugar fosse junto a ela e à menina. Depois da Elizabeth... depois... já era suficientemente mau que a JUNE já não os tivesse junto a ela. Não queria que também perdesse o seu passado. A família não é uma coisa, é um lugar - disse Shay num tom suave. -

É onde guardamos todas as recordações.

Então assumiu as culpas pelos crimes de Kurt Nealon, para que a viúva desgostosa pudesse recordá-lo com orgulho, em vez de ódio. Como teria sido muito pior para JUNE se os exames de ADN existissem na altura - se ficasse provado que a alegada violação de Elizabeth tivesse sido perpetrada por Kurt?

- Se for à procura de provas agora, MAGGIE, vai voltar a deixá-la completamente destroçada. Desta forma, bem, é o fim, e depois estará tudo acabado.

Sentia a minha garganta fechar-se, um nó de lágrimas.

- E se um dia a JUNE descobrir a verdade? E perceber que foi executado embora estivesse inocente?

- Então - disse Shay, com um sorriso a iluminá-lo como a luz do dia -, ela vai lembrar-se de mim.

Tinha aceitado este caso sabendo que Shay e eu desejávamos resultados diferentes; eu esperava ser capaz de convencê-lo de que uma condenação alterada era motivo de celebração, mesmo que viver implicasse que a doação de órgãos teria de ser adiada por algum tempo. Mas Shay estava preparado para morrer; Shay queria morrer.

299

Não estava apenas a oferecer um futuro a Claire Nealon; também estava a oferecer um futuro à

mãe dela. Não estava a tentar salvar o mundo, como eu. Apenas uma vida de cada vez - e era por isso que tinha uma pequena hipótese de conseguir.

Tocou na minha mão, que estava apoiada nas grades.

- Não faz mal, MAGGIE. Nunca fiz nada de importante. Não descobri a cura para o cancro, nem travei o aquecimento global, nem ganhei um Prémio Nobel. Não fiz nada na vida, apenas magoei as pessoas de quem gosto. Mas ao morrer: ao morrer será diferente.

- Como?

- Verão que as vidas deles merecem ser vividas.

Sabia que Shay Bourne me atormentaria durante muito tempo, quer a sua sentença fosse executada quer não.

- Alguém que pense dessa forma não merece ser executado-disse eu.

Por favor, Shay. Ajude-me a ajudá-lo. Não tem de ser um herói.

- MAGGIE - disse ele. - A MAGGIE também não.

JUNE

"Paragem cardíaca", disse a enfermeira.

Uma torrente de médicos e enfermeiras inundou o quarto de Claire. Um deles começou a fazer massagem cardíaca. "Não encontro pulsação." "Precisamos de entubar." "Comecem a massagem cardíaca." "Podem colocar um catéter intravenoso..." "Qual é o ritmo dela?"

"Precisamos de desfibrilá-la... coloquem as ventosas..." "Carreguem a duzentos joules."

"Afastem-se... agora!" "Parem a massagem cardíaca..." "Não há pulsação."

"Injecção de epinefrina. Lidocaína. Bicarbonato." "Verificar pulsação..." O Dr. Wu entrou a correr pela porta.

- Tirem a mãe daqui - disse ele, e uma enfermeira agarrou-me pelos ombros.

- Tem de me acompanhar - disse ela, e eu acenei com a cabeça, mas os meus pés recusavam-se a mexer. Alguém aproximou novamente o desfibrilador do peito de Claire.

O corpo dela ergueu-se da cama mesmo quando eu estava a ser arrastada pela porta.

Eu é que estava presente quando Claire entrou em paragem cardíaca; eu é que corri para a sala das enfermeiras. E agora eu é que estava com ela depois de estar em situação estável, 300

agora que o coração, desgastado e dissonante, batia novamente. Estava numa cama monitorizada, e eu olhava para os ecrãs, para o terreno acidentado do seu ritmo cardíaco, certa de que se não pestanejassem ela estaria a salvo.

Claire gemia, virando a cabeça de um lado para o outro. Os monitores lançavam um brilho verde alienígena sobre a sua pele.

- Querida - disse eu, aproximando-me dela. - Não tentes falar. Ainda estás entubada.

Entreabriu os olhos; implorou-me com o olhar e fingiu que segurava numa caneta.

Dei-lhe o quadro branco que o Dr. Wu me dera; até o tubo de Claire ser retirado amanhã de manhã teria de o usar para comunicar. A escrita estava tremida e irregular.

O QUE ACONTECEU.

- O teu coração - disse eu, pestanejando para conter as lágrimas.

- Não estava muito bem.

MAMÃ, FAZ UMA COISA.

- Tudo o que quiseres, querida. DEIXA-ME.

Olhei para baixo; não estava a tocar-lhe.

Claire fez um círculo em volta das palavras; e desta vez, compreendi.

De repente lembrei-me de algo que Kurt me dissera uma vez: só podíamos salvar alguém que quisesse ser salvo; de outra maneira, também seríamos arrastados para o fundo. Olhei para Claire, mas estava de novo a dormir, com o marcador ainda preso na mão.

As lágrimas escorriam-me pelas faces, para cima do cobertor de hospital.

- Oh, Claire... lamento tanto - sussurrei, e lamentava. O que tinha feito.

O que sabia que teria de fazer.

LUCIUS

Quando tossia ficava virado do avesso. Sentia os tendões prenderem-se no exterior da minha pele e a febre na cabeça a fumar na almofada. Se colocassem pedaços de gelo na minha língua, desapareciam antes de os engolir, não é curioso como coisas de que estava tão certo 301

de ter esquecido me voltam à memória, como este momento na aula de química do liceu.

Sublimação, é essa a palavra para a acção de se transformar em algo que nunca se esperou vir a ser.

O quarto era tão branco que me fazia doer atrás dos olhos. As tuas mãos eram como beija-flores ou borboletas "Fica connosco LUCIUS" disseste, mas era cada vez mais difícil ouvir-te e só conseguia sentir as tuas mãos como beijaletas, os teus dedos como borbofiores. Falam em luzes brancas e túneis, e parte de mim estava à espera de ver, oh, vou dizer de uma vez, Shay, mas nada disso era verdade. Em vez disso era Ele e estendia a Sua mão para mim. Era exactamente como me lembrava, de pele cor de café e olhos de ébano, uma sombra de barba que fazia covinhas demasiado profundas para as lágrimas, e vi como tinha sido tolo. Como pude ignorar que seria Ele, como pude ignorar que vemos Deus cada vez que olhamos para o rosto da pessoa que amamos.

Havia tantas coisas que esperava que Ele me dissesse agora, quando era mais importante.

"Amo-te. Senti a tua falta." Mas em vez disso sorriu para mim com aqueles dentes brancos, aqueles dentes brancos de lobo e disse: "Eu perdoo-te, LUCIUS, Eu perdoo-te."

As tuas mãos pressionaram e deram-me choques eléctricos através do corpo, mas não conseguiste reclamar o meu coração, já pertencia a outra pessoa. Ele abriu os dedos da Sua mão, uma estrela, um farol, e eu fui até Ele. "Já vou, já vou." "Espera por mim."

MAGGIE

- Normalmente não a teria chamado para vir aqui num domingo - disseme o director Coyne - , mas pensei que gostasse de saber... - Fechou a porta do seu gabinete para termos privacidade.
- LUCIUS DuFresne morreu ontem à noite.

Sentei-me numa das cadeiras em frente à secretária do director.

- Como?
- De uma pneumonia associada à SIDA.
- O Shay sabe?

O director da prisão abanou a cabeça.

- Achámos que talvez não fosse o melhor a fazer neste momento.

302

O que ele queria dizer, como é óbvio, era que se Shay já se encontrava numa cela de observação por bater com a cabeça na parede não precisavam de lhe dar mais razões para ficar perturbado.

- Pode ficar a saber através de outra pessoa.
- É verdade - disse Coyne. - Não posso impedir os boatos. Lembrei-me dos jornalistas glorificarem a cura inicial de LUCIUS - como é que este facto viraria a opinião pública contra Shay ainda mais? Se não era um messias, então - por defeito - seria apenas um assassino. Olhei para o director da prisão.

- Então pediu-me para vir até aqui para que pudesse dar-lhe as más notícias.

- A decisão é sua, Dr.a Bloom. Pedi-lhe que viesse até aqui para dar-lhe isto - tirou um envelope da secretária. - Estava na posse de LUCIUS.

O envelope castanho estava endereçado ao padre Michael e a mim numa escrita trémula e fina.

- O que é?
- Não abri - disse o director da prisão.

Abri o fecho do envelope e tirei o que estava lá dentro. De início achei que estava a olhar para um anúncio de uma revista com um quadro - tal era o pormenor. Mas ao olhar mais atentamente vi que se tratava de um pedaço de cartão; que o pigmento não era óleo, mas parecia ser aguarela e caneta.

Era uma cópia da Transfiguração de Rafael, algo que só sabia por causa de uma disciplina de artes que tinha feito quando achava que estava apaixonada pelo professor assistente que nos dava aulas - um homem alto e anémico, de maçãs do rosto proeminentes, que vestia de preto, cheirava a cigarros de cravinho e escrevia citações de Nietzsche nas costas da mão. Embora não me interessasse realmente por arte do século XVI, tive a melhor nota para tentar impressioná-lo - para descobrir que ele vivia com um namorado chamado Henry.

A transfiguração era considerada o último quadro de Rafael. Ficou por terminar e foi acabado por um dos seus alunos. A parte superior do quadro mostra Jesus a flutuar por cima do monte Tabor com Moisés e Elias. A parte inferior do quadro mostra o milagre do rapaz possuído, à espera que Jesus o curasse, juntamente com os Apóstolos e os outros discípulos.

A versão de LUCIUS era exactamente igual ao quadro que tinha visto em slides num anfiteatro sem luz - até olhar com mais atenção. Então reparei que o meu rosto estava onde deveria estar o de Moisés. O padre Michael substituíra Elias. O rapaz possuído - ali, LUCIUS

303

tinha feito o seu auto-retrato. E Shay erguia-se em vestes brancas sobre o monte Tabor, de rosto voltado para cima.

Voltei a colocar o quadro dentro do envelope com cuidado e olhei para o director da prisão.

- Gostaria de ver o meu cliente - disse.

Shay entrou na sala de conferências.

- Já recebeu o veredicto?

- Ainda não. Ainda estamos no fim-de-semana - respirei fundo.

- Shay, tenho más notícias para si. O LUCIUS morreu ontem à noite.

A luz no seu rosto esmoreceu.

- O LUCIUS?

- Lamento.

- Ele estava... a melhorar.

- Acho que não estava realmente. Apenas parecia estar - disse eu. - Eu sei que pensou que estava a ajudá-lo. Eu sei que queria ajudá-lo. Mas Shay, não podia. Ele já estava a morrer quando o conheceu.

- Como eu - disse Shay.

Dobrou-se, como se a mão da dor o empurrasse com força, e começou a chorar - e apercebi-me de que isso seria a minha ruína. Porque quando pensávamos bem no assunto, as diferenças entre Shay e o resto das pessoas não se comparavam ao que tínhamos em comum.

Talvez os meus cabelos estivessem penteados, e conseguisse juntar as palavras para fazer uma frase. Talvez não tivesse sido condenada por homicídio. Mas se alguém me dissesse que o único amigo que tinha no mundo o abandonara, também cairia de joelhos a soluçar.

- Shay - disse eu, sem saber o que fazer, aproximando-me dele. Porque não existiriam palavras para este tipo de consolo?

- Não me toque - rosnou Shay, de olhos ferozes. Baixei-me no último instante, quando desferiu o golpe, e o seu punho esmurrou o vidro duplo que nos separava do guarda que estava de vigia.

- Ele não devia ter morrido - gritou Shay, enquanto a mão sangrava para cima do uniforme da prisão como um rasto de mágoa. Um pequeno exército de guardas entrou apressadamente para me salvar, imobilizá-lo e depois arrastá-lo para a enfermaria, para levar pontos, uma prova - como se algum de nós precisasse dela - de que Shay não era invencível.

304

Um dia, quando estava no liceu, durante uma aula de educação sexual, a nossa professora abordou o facto doloroso e inegável de que alguns de nós não atingiriam a maturidade tão depressa como os nossos colegas de turma. Isso não era uma lição que precisasse de ser ensinada a pessoas como eu, cuja cintura era maior do que o número do sutiã; nem à Cheryl Otenski, a quem tinha aparecido o período em frente a todos os outros alunos do sexto ano durante uma reunião em que por acaso vestia calças brancas.

- Florescer¹⁹ tardio - chamava-lhe a professora, era suficientemente parecido com o meu apelido para me transformar no alvo de todas as piadas para o resto da semana.

Disse à minha mãe que tinha peste bubónica e recusei-me a sair da cama durante três dias, passando a maior parte deles debaixo dos cobertores a desejar poder simplesmente saltar dez ou quinze anos para uma altura em que a minha vida fosse certamente mais agradável.

Depois de visitar Shay, sentime muito tentada a fazer o mesmo. Se estivesse na cama quando o veredicto fosse lido, isso significaria que o requerente perderia por defeito?

Mas em vez de ir para casa, dei por mim a seguir na direcção oposta e virei para a entrada de emergência do hospital. Sentia-me como se tivesse levado uma machadada, o que certamente me dava direito a receber cuidados médicos - mas não me parecia que mesmo o médico mais dotado pudesse curar uma céptica que acabara por ver a luz: não conseguia desligar-me emocionalmente do meu cliente como antes pensava. A questão aqui não era, tal como tinha dito a mim própria, a pena de morte na América.

Não era a minha carreira de advogada. Era um homem ao lado de quem me sentava - um homem cujo cheiro era capaz de reconhecer (champô Head Shoulders e sabão industrial pungente); cuja voz era familiar (áspera como lixa, com palavras lançadas como pedras para atravessar um riacho) - que dentro de muito pouco tempo estaria morto.

Não conhecia bem Shay Bourne, mas isso não queria dizer que não deixasse um vazio na minha vida quando abandonasse a sua.

- Preciso de ver o Dr. Gallagher - anunciei à enfermeira de triagem. - Sou...

O quê?

Amiga?

Namorada?

Perseguidora?

Mas antes que a enfermeira pudesse rejeitar-me, reparei que Christian vinha ao fundo do corredor com outro médico. Reparou em mim e - antes sequer que decidisse ir ter com ele - veio ter comigo.

305

- O que aconteceu, querida?

Nunca ninguém me tinha chamado isso, só o meu pai. Por essa razão, e por uma dúzia de outras, desatei a chorar. Christian abraçou-me.

- Vem comigo - disse ele, e conduziu-me pela mão para uma sala de espera vazia.

- O governador recusou a suspensão da execução de Shay disse eu. - E o melhor amigo dele morreu, e fui eu que tive de lhe dizer. E ele vai morrer, Christian, por não me deixar tentar descobrir novas provas que o exonerem. - Afastei-me dele, limpando os olhos à manga. -

Como é que se faz? Como nos libertamos disto?

- O primeiro paciente que me morreu na mesa de operações disse Christian -, era uma mulher de setenta e seis anos que chegou a queixar-se de dores abdominais após uma refeição num restaurante elegante de Londres. Meia hora após iniciar a cirurgia, entrou em paragem cardíaca e não conseguimos reanimá-la - olhou para mim - Quando cheguei à sala de espera para falar com o marido, o homem limitou-se a ficar a olhar para mim. Por fim, perguntei-lhe se queria fazer alguma pergunta, e ele disse que levava a mulher a jantar fora para celebrar as bodas de ouro do casamento - Christian abanou a cabeça. - Naquela noite, fiquei sentado junto ao corpo dela na morgue. Foi uma tolice, eu sei, mas pensei que não devia passar a noite sozinha no seu quinquagésimo aniversário de casamento.

Se ainda não tinha sido arrebatada pelo encanto de Christian, pela sua beleza ou pela forma como se referia ao porta-bagagem e ao tejadilho do carro 20, agora estava completamente conquistada.

- A questão é a seguinte - acrescentou Christian. - Não se torna mais fácil, por muitas vezes que passemos por isso. E se se tornar, bem, então deve significar que perdemos uma parte de nós próprios que é fundamental - agarrou-me na mão. - Deixa-me ser o médico presente na execução.

- Não podes ser - disse automaticamente. Matar um homem era uma violação do juramento de Hipócrates; os médicos eram contratados a título privado pelo Departamento Prisional, e era tudo mantido em segredo. Na realidade, nas outras execuções que estudei antes do julgamento de Shay, o nome do médico nunca era referido: nem mesmo na certidão de óbito.

- Deixa que seja eu a preocupar-me com isso - disse Christian. Senti uma nova vaga de lágrimas subir.

- Farias isso pelo Shay?

Ele inclinou-se para a frente e beijou-me ao de leve.

- Faria isso por ti - disse.

306

Se se tratasse de um julgamento, estes seriam os factos que apresentaria ao juiz: 1. Christian sugeriu passar por minha casa depois de acabar o turno, só para ter a certeza de que eu não estava a ir abaixo.

2. Foi ele que trouxe a garrafa de Penfolds.

3. Teria sido uma falta de educação da minha parte recusar beber um copo. Ou três.

4. Não conseguia mesmo estabelecer a relação causa-efeito entre como passámos de nos beijarmos no sofá a deitados no tapete com as mãos dele debaixo da minha camisa, e eu preocupada por saber se estaria ou não a usar lingerie um pouco superior a cuecas da avozinha.

5. Outras mulheres - aquelas que praticam sexo com homens mais frequentemente do que uma vez ao longo de um mandato de senador - provavelmente têm um conjunto de lingerie só para momentos como este, como a minha mãe tem um serviço de porcelana para o Sabat.

6. Devia estar realmente bêbada para pensar em sexo e na minha mãe na mesma frase.

Talvez aqui os pormenores não fossem tão importantes como o resultado - estava um homem na minha cama, neste preciso momento, à minha espera. Era ainda mais belo sem roupa do que com ela. E onde estava eu?

Trancada na casa de banho, tão paralisada pela ideia de ele ver o meu corpo repelente, branco, de barriga proeminente que era incapaz de abrir a porta.

Tinha sido discreta - baixando as pestanas e murmurando algo sobre mudar de roupa. Tenho a certeza de que Christian presumiu que estava a referir-me a vestir lingerie.

Eu estava mais a pensar em transformar-me na Heidi Klum.

Cheia de coragem, desabotoei a blusa e despi as calças de ganga. Ali estava eu ao espelho, de soutien e cuecas, como um biquíni - só que não me apanhavam de biquíni nem morta.

"Christian vê centenas de corpos por dia", disse a mim própria. "O teu não pode ser pior do que os outros."

Mas. Aqui estava a onda de celulite semelhante a requeijão que normalmente evitava ao vestir-me no escuro. Aqui estavam dois (ou quatro) centímetros que conseguia beliscar entre os dedos, que desapareciam debaixo do cós. Aqui estava o meu rabo, suficientemente grande para ser colonizado, que podia ser tão engenhosamente camuflado com umas calças pretas.

Christian olharia uma só vez para a versão acústica de mim mesma e desataria a fugir aos gritos.

Ouviu-se a sua voz, abafada, pela porta da casa de banho.

307

- MAGGIE? - disse Christian. - Está tudo bem aí dentro?

- Estou bem! - "sou gorda."

- Vais sair?

Não respondi, estava a olhar para a parte de dentro do cós das calças. Eram um 44, mas isso não contava, porque os tamanhos da etiqueta tinham sido reformulados para que os tamanhos 46 como eu pudessem sentir-se melhor consigo próprias por serem capazes de conseguir sequer vestir roupa dessa marca. Mas Marilyn Monroe não vestia o tamanho 46? Ou seria na altura em que um tamanho 46 era na realidade um 38 - o que significava que eu era uma baleia em comparação com qualquer estrela de 1940?

Bem, caramba. Eu também era uma baleia em comparação com qualquer estrela de 2008.

De repente, ouvi algo arranhar do outro lado da porta. Não podia ser Oliver - tinha-o metido na gaiola porque estava sempre a farejar junto às nossas cabeças enquanto rebolávamos no tapete da sala de estar no nosso momento Até à Eternidade. Para meu horror, a maçaneta da porta trancada destrancou-se e começou a girar.

Tirei o meu roupão vermelho esfarrapado da porta e enrolei-me nele mesmo a tempo de ver a porta abrir-se. Christian estava ali de pé, com um cabide de arame na mão com o gancho esticado.

- Também sabes abrir fechaduras? - perguntei eu. Christian sorriu.

- Faço cirurgia laparoscópica através de umbigos - explicou ele. - Isto não é assim tão diferente.

Envolveu-me nos seus braços e ficou a olhar para o meu reflexo ao espelho.

- Não posso pedir-te que voltes para a cama, porque ainda não estiveste lá - apoiou o queixo no meu ombro. - MAGGIE - murmurou, e nesse momento apercebeu-se de que eu vestia um roupão.

Os olhos de Christian iluminaram-se e as mãos deslizaram para o cinto. Comecei imediatamente a afastá-lo.

- Por favor. Não.

Deixou cair as mãos ao lado do corpo e deu um passo atrás. A casa de banho deve ter arrefecido uns dez graus.

- Desculpa - disse Christian, num tom formal. - devo ter interpretado mal...

- Não! - gritei, virando-me para ele. - Não interpretaste nada mal. Eu quero fazer isto. Quero-o. Só tenho medo que... que... não me queiras.

308

- Estás a brincar? Quero-te desde o momento em que não pude examinar-te por causa da apendicite.

- Porquê?

- Porque és inteligente. E corajosa. E engraçada. E tão bonita. Esbocei um sorriso irónico.

- Quase acreditei em ti, até àquela última parte. Os olhos de Christian faiscaram.

- Achas mesmo que não és? - num único gesto suave, antes que conseguisse impedi-lo, puxou a gola ampla do roupão até aos cotovelos, e a minha blusa com ela. Os meus braços ficaram presos; fiquei diante dele de roupa interior. - Olha para ti, MAGGIE - disse ele com assombro. - Meu Deus.

Não conseguia olhar-me no espelho, por isso, olhei para Christian. Não estava a examinar seios descaídos nem uma cintura demasiado grossa, nem coxas que roçavam uma na outra quando a temperatura subia acima dos vinte e sete graus. Estava apenas a olhar para mim, e ao fazê-lo, as mãos começaram a tremer enquanto me tocavam.

- Deixa-me mostrar-te o que eu vejo quando olho para ti disse Christian em voz baixa. Os dedos dele eram quentes ao percorrer o meu corpo, ao levar-me para o quarto, para debaixo dos cobertores, ao traçar as curvas do meu corpo como uma montanha-russa, um percurso emocionante, uma maravilha. E algures no meio de tudo isso, deixei de me preocupar por encolher o estômago, ou por ele poder ver-me à meia luz do luar, e em vez disso reparei como nos encaixávamos tão bem um no outro, como quando me libertava, passava a só haver espaço para nós.

"Uau."

Acordei com o sol a penetrar na cama como um bisturi, e cada músculo no meu corpo doía-me como se tivesse começado a treinar para o triatlo. A noite anterior podia efectivamente classificar-se como uma sessão de exercícios, e para ser sincera, era o primeiro programa de exercícios que me via a mim própria antecipar ansiosamente numa base diária.

Passei a mão pelo lado da cama onde Christian dormira. Na casa de banho, ouvi o duche desligar-se. A porta abriu-se. Estava de toalha.

- Olá - disse ele. - Espero não te ter despertado 21.

- Bem. Eu, hum, também espero que não... - Christian franziu a testa, confuso, e apercebi-me de que não estávamos a falar na mesma língua. - Deixa-me adivinhar - disse eu. - Na tua terra isso não significa engravidar uma rapariga?

- Santo Deus, não! É, tu sabes, acordar alguém.

Deitei-me de barriga para cima e comecei a rir, e ele deitou-se ao meu lado, com a toalha a descer perigosamente.

- Mas visto que te despertei - disse ele, debruçando-se para me beijar -, talvez pudesse agora tentar engravidar-te...

Tinha mau hálito matinal e cabelos que pareciam um ninho de ratos, já para não referir que tinha de estar presente na sala de audiências onde seria lido o veredicto, mas coloquei os braços em volta do pescoço de Christian e beijei-o também. E foi mais ou menos nessa altura que um telefone começou a tocar.

- Que chatice - resmungou Christian, e lançou-se para o fundo da cama, para onde tinha dobrado as roupas num monte organizado, com o telemóvel e o pager pousados em cima. -

Não é o meu - disse ele, mas nessa altura já me tinha enrolado na toalha que ele descartara e dirigia-me para a minha mala que estava na sala de estar para tirar de lá o meu.

- Dr.a Bloom? - disse uma voz de mulher. - Fala a JUNE Nealon. - JUNE - disse eu, recuperando imediatamente a seriedade. Está tudo bem?

- Está - disse ela, e depois: - Não. Oh, meu Deus. Não consigo responder a essa pergunta. -

Fez-se um compasso de silêncio.

- Não posso aceitá-lo - sussurrou JUNE.

- Nem imagino como toda esta espera será difícil para si - disse eu, e estava a falar a sério. -

Mas devemos saber definitivamente o que vai acontecer à hora de almoço.

- Não posso aceitá-lo - repetiu JUNE. - Dê-o a outra pessoa. E desligou o telefone, deixando-me com o coração de Shay.

Estavam apenas sete pessoas a assistir à missa de segunda-feira de manhã, e eu era uma delas. Não estava a celebrá-la - era o meu dia de folga, por isso o padre Walter presidia, juntamente com um diácono chamado Paul O Hurley. Participei no Pai Nosso e na saudação da paz, e apercebi-me de que estes eram os momentos que Shay perdera: quando as pessoas se juntavam para celebrar Deus. Podíamos encontrá-Lo na nossa própria viagem espiritual, mas era um percurso mais solitário. Ir à igreja parecia validá-lo, era como uma família onde toda a gente conhecia os nossos defeitos, e apesar disso estava sempre disposta a convidar-nos.

310

Muito depois de o padre Walter ter terminado de se despedir dos membros da congregação, ainda estava sentado num banco. Deambulei até junto das velas de oração, observando as línguas das suas chamas agitarem-se como boatos.

- Não pensei que o veríamos hoje, com o veredicto e tudo disse o padre Walter, aproximando-se de mim.

- Pois - disse eu -, talvez tenha sido por isso que tive de vir. O padre Walter hesitou.

- Sabe, Mikey, não tem andado a enganar ninguém. Senti os cabelos em pé na nuca.

-Não?

- Não precisa de ficar envergonhado por ter uma crise de fé disse o padre Walter. - É isso que nos torna humanos.

Acenei com a cabeça, não confiando em mim próprio para responder. Não estava a ter uma crise de fé; só não pensava que a fé do padre Walter fosse melhor do que a de Shay.

O padre Walter debruçou-se e acendeu uma das velas, murmurando uma oração.

- Sabe como encaro isso? Vai haver sempre coisas más por aí. Mas eis o mais espantoso: a luz vence a escuridão, sempre. Podemos colocar uma vela na escuridão, mas não podemos colocar a escuridão na luz - ambos observámos a chama ficar mais alta, à procura de oxigénio, antes de se estabilizar confortavelmente. Acho que do meu ponto de vista, podemos escolher ficar na escuridão, ou podemos acender uma vela. E para mim, Cristo é essa vela.

Virei-me para ele.

- Mas não se trata apenas de velas, pois não? Há lanternas, e lâmpadas fluorescentes, e fogueiras...

- Cristo diz que há outros a fazer milagres em Seu nome - concordou o padre Walter. - Nunca disse que não existissem milhões de pontos luminosos por aí: só acho que Jesus é que acende o fósforo - sorriu ligeiramente. - Nunca percebi bem como ficou tão surpreendido ao pensar que Deus tinha aparecido, Mikey. Quero dizer, quando é que Ele não esteve aqui?

O padre Walter começou a dirigir-se novamente à nave da igreja, e eu segui ao lado dele.

- Tem tempo para almoçar nas próximas semanas? - perguntou.

- Não posso - disse eu, sorrindo. -Tenho um funeral. - Era uma piada entre padres: não podíamos marcar nada quando era provável que os nossos planos fossem alterados pelas vidas e mortes dos membros da nossa paróquia.

311

Só que desta vez, ao dizê-lo, apercebi-me de que não se tratava de uma piada. Daí a alguns dias, iria presidir ao funeral de Shay. O padre Walter olhou-me nos olhos.

- Boa sorte para hoje, Mike. vou ficar a rezar.

Sem mais nem menos, lembrei-me das palavras em latim que foram combinadas para criar a

palavra religião: ré + gere. Sempre presumi que a sua tradução fosse reunir.

Só quando estava no seminário é que aprendi que a tradução correcta seria prender.

Nessa altura, não percebi a diferença.

Quando cheguei a St. Catherine, deram-me a tarefa de albergar um coração. Mais precisamente, o de São João Maria Baptista Vianney - um padre francês que morreu em 1859, com setenta e três anos. Passados quarenta e cinco anos, quando o seu corpo foi exumado, o coração do padre ainda não estava decomposto. A nossa paróquia foi escolhida para ser o local de veneração do coração nos Estados Unidos; esperava-se que viessem milhares de católicos do Nordeste para ver o órgão.

Lembrei-me de estar muito tenso, e de me interrogar por que razão teria de passar por barreiras estabelecidas pela polícia e bloqueios de estradas, visto que me virara para o sacerdócio para estar mais perto de Deus. Observei os católicos fazer fila para entrar na nossa pequena igreja e perturbar o nosso horário da missa e o nosso horário da confissão. Mas depois de as portas estarem trancadas e de os espectadores terem ido embora, ficava a olhar para o expositor de vidro com o órgão encerrado lá dentro. A verdadeira maravilha, para mim, foi a sucessão de acontecimentos que trouxe esta relíquia antiga do outro lado do oceano para ser venerada.

O tempo era tudo. Afinal, se não tivessem desenterrado o corpo do santo, nunca saberiam o que acontecera a o seu coração, nem nunca diriam a ninguém. Um milagre era apenas um milagre se alguém o testemunhasse, e se a história fosse contada a outra pessoa.

MAGGIE estava sentada à minha frente com Shay, de costas direitas como uma tábua, domando a juba de cabelos rebeldes num carrapito preso na nuca. Shay estava subjugado, a remexer-se, nervoso. Olhei para o colo, onde estava um envelope castanho que MAGGIE me tinha entregue - um fragmento de arte deixado por LUCIUS DuFresne, que falecera no fim-de-semana. Também havia um bilhete escrito num pedaço de papel pautado.

"A JUNE recusou o coração. Não disse ao Shay."

Se, por grande sorte, ganhássemos o caso - como diríamos a Shay que mesmo assim não poderíamos dar-lhe o que ele queria tão desesperadamente?

-Todos de pé - disse um assistente do xerife.

312

MAGGIE olhou para mim por cima do ombro e esboçou um sorriso tenso, e toda a sala de audiências se levantou enquanto o juiz Haig entrava. Estava tudo tão silencioso que conseguia ouvir os pequenos sussurros electrónicos do equipamento de vídeo quando o juiz começou a falar:

- Este é um caso único na história do New Hampshire - disse Haig -, e provavelmente um caso único nos tribunais federais. A Lei de Uso Religioso de Terrenos e Pessoas Institucionalizadas protege certamente as liberdades religiosas de uma pessoa confinada numa instituição, como o Sr. Bourne, mas isso não significa que essa pessoa possa simplesmente alegar que as suas crenças constituam uma verdadeira religião. Por exemplo, imaginem o que aconteceria se um recluso no corredor da morte anunciasse que segundo os preceitos da sua religião, teria de morrer de velhice? Portanto, ao comparar os direitos religiosos dos reclusos com 389 o superior interesse governamental do Estado, este tribunal não tem só em conta os custos monetários, nem mesmo os custos em termos de segurança para os outros reclusos.

O juiz cruzou as mãos.

- Dito isto... neste país não temos o hábito de permitir que o Estado defina a Igreja, ou vice-versa. E isso deixa-nos numa situação de impasse; a menos que possamos construir uma pergunta para apurar o que a religião realmente é. Então, como podemos fazer isso? Bem, só podemos trabalhar com a história. O Dr. Fletcher estabeleceu algumas semelhanças entre o Gnosticismo e as crenças do Sr. Bourne. Contudo, o Gnosticismo não é uma religião em expansão nas circunstâncias actuais: nem

sequer é uma religião existente nas circunstâncias actuais. Embora não tenha pretensões de possuir os conhecimentos do Dr. Fletcher sobre história do Cristianismo, parece-me um pouco excessivo relacionar o sistema de crenças de um único recluso da prisão estadual do New Hampshire com uma seita religiosa extinta há quase dois mil anos.

A mão de MAGGIE deslizou para trás, através da balaustrada que separava a primeira fila da galeria da mesa do requerente. Agarrei no bilhete dobrado que segurava entre os dedos.

"ESTAMOS LIXADOS, tinha escrito.

- Por outro lado - prosseguiu o juiz -, algumas das observações do Sr. Bourne sobre espiritualidade e divindade parecem-me bastante familiares. O Sr. Bourne acredita num só Deus. O Sr. Bourne acha que a salvação está ligada à prática religiosa. O Sr. Bourne acha que uma parte do contrato entre o homem e Deus envolve o sacrifício pessoal. Todos estes conceitos são bastante familiares para os vulgares cidadãos americanos que praticam uma religião convencional.

Pigarreou.

313

- Uma das razões pelas quais o lugar da religião não é numa sala de audiências, é por ser uma busca pessoal. No entanto, ironicamente, algo que o Sr. Bourne disse sensibilizou este tribunal - o juiz Haig virou-se para Shay. - Não sou um homem religioso. Já não assisto a um serviço religioso há muitos anos. Mas acredito em Deus. A minha prática religiosa, por assim dizer, é uma não prática. Pessoalmente acho que é tão válido tirar as folhas secas do relvado de um vizinho idoso ao fim-de-semana, ou escalar uma montanha e maravilhar-se com a beleza desta terra em que vivemos como cantar hosanas ou ir à missa. Por outras palavras, acho que cada homem encontra a sua própria igreja: e nem todas elas têm quatro paredes.

Mas o facto de decidir dar esta forma à minha fé não implica que ignore a religião formal. Na realidade, algumas das coisas que aprendi quando era novo e estava a estudar para o bar mitzvah não me deixaram até hoje.

Fiquei de boca aberta. O juiz Haig era judeu?

- Há um princípio do misticismo judaico chamado tikkun olam - disse ele. - Significa, literalmente, reparação do mundo. A ideia subjacente é que Deus criou o mundo ao guardar a luz divina em recipientes, alguns dos quais se partiram e se espalharam pelo mundo. Cabe à humanidade ajudar Deus a encontrar e a libertar esses fragmentos de luz, através de boas acções. Cada vez que o fazemos, Deus torna-se ainda mais perfeito, e nós tornamo-nos um pouco mais semelhantes a Ele. Pelo que sei, Jesus prometeu aos crentes a entrada no Reino dos Céus: e instigou-os a prepararem-se através do amor e da caridade. O bodhisattva no Budismo promete esperar pela libertação, até que todos os que sofrem sejam libertados. E, aparentemente, até mesmo esses gnósticos há muito desaparecidos pensavam que havia uma faísca de divindade dentro de cada um de nós. Parece-me que qualquer que seja a nossa religião, os actos de caridade são fundamentais para transformar o mundo num sítio melhor, porque nos tornamos pessoas melhores nele. E para mim isso parece um pouco a razão pela qual o Sr. Bourne quer doar o seu coração.

Seria realmente importante se acreditávamos que Jesus disse as palavras que estão na Bíblia ou no Evangelho de Tomé? Seria realmente importante se encontrávamos Deus numa igreja consagrada ou numa penitenciária, ou até mesmo dentro de nós próprios? Talvez não. Talvez só fosse importante não julgar outro que tivesse escolhido um caminho diferente para encontrar o sentido da sua vida.

- Segundo a Lei de Uso Religioso de Terrenos e Pessoas Institucionalizadas de 2000, delibero que Shay Bourne tem a crença religiosa válida e convincente de que deve doar os seus órgãos na altura da sua morte - declarou o juiz Haig. - Para além disso, declaro que o plano do Estado do New Hampshire para executar o Sr. Bourne por injeção letal impõe uma sobrecarga substancial ao seu direito de

exercer as suas práticas religiosas e que, por conseguinte, deverá fornecer um meio de execução alternativo, que permita que a doação de órgãos seja medicamente exequível. Sessão encerrada, e quero ver os advogados no meu gabinete.

314

A galeria explodiu num tumulto de ruído, enquanto os jornalistas tentavam chegar junto dos advogados antes que estes fossem embora para se reunirem com o juiz. Havia mulheres a chorar e estudantes a agitar os punhos no ar e, ao fundo da sala, alguém começara a cantar um salmo. MAGGIE debruçou-se por cima da barreira para me abraçar, e depois deu um abraço rápido a Shay.

-Tenho de me despachar - disse ela, e Shay e eu ficámos a olhar um para o outro.

- bom - disse ele. - Isso é bom.

Acenei com a cabeça e aproximei-me dele. Nunca tinha abraçado Shay antes, e para mim foi um choque ver como o seu coração batia forte junto ao meu peito, como era quente a sua pele.

-Tem de lhe telefonar - disse ele. -Tem de dizer à menina.

Como poderia eu explicar que Claire Nealon não queria o coração dele?

- Eu digo-lhe - menti, manchando-lhe a face com as palavras como o beijo de Judas.

MAGGIE

Esperem até contar à minha mãe que o juiz Haig não era católico, como Alexander, mas judeu. Sem dúvida que isso a inspirará para vir outra vez com aquela conversa de como, com tempo e perseverança, também eu poderei tornar-me juíza. Tinha de admiti-lo, gostei do seu veredicto - e não só por ter sido a favor do meu cliente.

As palavras dele foram ponderadas, despreconceituosas, nada daquilo que esperava.

- Muito bem - disse o juiz Haig -, agora que as câmaras não nos estão a filmar, vamos deixar-nos de tretas. Todos sabemos que este julgamento não foi sobre religião, embora tivesse encontrado um belo cabide legal onde pendurar a sua queixa, Dr.a Bloom.

Abri e fechei a boca, gaguejando. Deixou de ser ponderado e despreconceituoso; parecia que a espiritualidade do juiz Haig era daquele género que só se manifestava na presença das pessoas certas.

- Meritíssimo, acredito convictamente na liberdade religiosa do meu cliente...

- Com certeza que acredita - interrompeu o juiz. - Mas desça do seu pedestal para podermos resolver este assunto. - Virou-se para Gordon Greenleaf. - O Estado vai mesmo interpor um recurso por causa de cento e vinte dólares?

- Provavelmente não, doutor juiz, mas terei de verificar.

315

- Então vá fazer um telefonema - disse o juiz Haig -, porque lá fora está uma família que merece saber o que vai acontecer, e quando. Estamos entendidos?

- Sim, senhor doutor juiz - papagueámos ambos.

Deixei Gordon no corredor, debruçado por cima do telemóvel, e dirigi-me lá para cima, para a cela do tribunal onde era provável que Shay ainda estivesse encarcerado. A cada passo, movia-me um pouco mais devagar. O que dizer a um homem cujo processo de morte iminente acabámos de desencadear?

Estava deitado no catre de metal na cela, voltado para a parede.

- Shay - disse eu -, sente-se bem? Ele virou-se para mim e sorriu.

- Conseguiu. Engoli em seco.

- Pois. Acho que sim - se tinha conseguido o veredicto que o meu cliente queria, por que razão estava tão agoniada?

-Já lhe contou?

Estava a referir-se a JUNE Nealon, ou a Claire Nealon - o que significava que o padre Michael também ainda não tinha tido coragem de contar a verdade a Shay. Puxei uma cadeira e sentei-me à porta da cela.

- Falei com a JUNE esta manhã - disse eu. - Ela disse que a Claire não vai ficar com o seu coração.

- Mas o médico disse-me que era compatível.

- Não se trata de não poder ficar com ele, Shay - disse eu num tom suave. - Ela não quer.

- Fiz tudo aquilo que quis que eu fizesse! - gritou Shay. - Fiz o que me pediu!

- Eu sei - disse eu. - Mas por outro lado, isto não tem de acabar assim. Podemos tentar ver que provas ainda existem do local do crime e...

- Não estava a falar consigo - disse Shay. - E não quero que faça nada por mim. Não quero que essas provas sejam revistas. Quantas vezes terei de lhe dizer?

Acenei com a cabeça.

- Desculpe. É que... é difícil para mim andar na esteira do seu desejo de morte.

Shay olhou para mim.

- Ninguém lhe pediu para o fazer - disse directamente. Tinha razão, não tinha? Shay não me pedira para aceitar o seu caso; eu tinha surgido como um anjo vingador para convencê-lo de 316

que aquilo que queria fazer poderia de alguma forma ajudá-lo a fazer o que ele queria. E tinha razão - evidenciei a natureza dos casos de pena de morte; assegurei o seu direito de ser enforcado. Só não me apercebi de que vencer pudesse ser, bem, tão semelhante a perder.

- O juiz... possibilitou-lhe doar os seus órgãos... depois. E mesmo que a Claire Nealon não os queira, há milhares de pessoas neste país que querem.

Shay sentou-se no catre.

- Dê-os a quem quiser - murmurou ele. - Já não importa.

- Lamento, Shay. Quem me dera saber porque mudou ela de opinião.

Ele fechou os olhos.

- Quem me dera que soubesse fazê-la voltar a mudá-la.

MICHAEL

Os padres habituam-se à morte, mas isso não a torna mais fácil. Mesmo agora que o juiz deliberou a favor do enforcamento, ainda havia um testamento a escrever. Um corpo para enterrar.

Enquanto estava na sala de espera da prisão, entregando a minha licença para visitar Shay, ouvi o barulho lá fora. Não era nada de novo; a multidão ia crescendo progressivamente até à data de execução de Shay.

- Não está a perceber - implorava uma mulher. - Tenho de o ver.

-Tire uma senha, minha querida - disse o guarda.

Olhei pela janela aberta, tentando ver o rosto da mulher. Estava ocultado por um lenço preto; o vestido cobria-a dos tornozelos aos pulsos. Saí intempestivamente pela porta de entrada e coloquei-me atrás do cordão de guardas prisionais.

- Grace?

Ela olhou para cima, de lágrimas nos olhos.

- Não me deixam entrar. Tenho de o ver.

Estendi a mão por cima da barreira humana de guardas e puxei-a para a frente.

- Ela está comigo.

- Não está na lista de visitas do Bourne.

317

- Isso é porque vamos falar com o director da prisão.

Não fazia ideia de como havia de fazer entrar na prisão uma pessoa cujos antecedentes não foram investigados, mas achei que as regras podiam ser menos severas para um prisioneiro no corredor da morte. E se não fossem, estava disposto a dizer o que fosse preciso para convencer o director da prisão.

Mas o director Coyne acabou por ser mais brando do que esperava. Olhou para a carta de condução de Grace, fez um telefonema para o gabinete do procurador estadual e depois propôs-me um acordo. Não podia levar Grace para dentro do nível 1, mas ele estava disposto a trazer Shay para uma sala de conferências para reuniões entre advogados e clientes, desde que permanecesse algemado.

- Não vou deixá-lo fazer isto outra vez - avisou ele, mas isso pouco importava. Ambos sabíamos que Shay não tinha tempo para isso.

As mãos de Grace tremiam ao esvaziar os bolsos e ao descalçar os sapatos para passar pelo detector de metais. Seguimos o guarda até à sala de conferências em silêncio, mas assim que a porta se fechou e ficámos sozinhos, começou a falar.

- Queria ir ao tribunal - disse Grace. - Cheguei a ir lá de carro. Só que não consegui sair lá de dentro - olhou para mim. - E se ele não quiser ver-me?

- Não sei como ele estará psicologicamente - disse com sinceridade. - Ganhou o julgamento, mas a mãe da receptora do seu coração já não o quer como dador. Não tenho a certeza se a advogada dele já lhe disse isso. Mas se ele se recusar a vê-la, pode ser essa a razão. Pode não ter nada a ver consigo.

Apenas alguns minutos depois, dois guardas trouxeram Shay para dentro da sala. Parecia esperançoso, de punhos cerrados. Viu o meu rosto, e depois voltou-se - à espera de MAGGIE, muito provavelmente. Era possível que lhe tivessem dito que tinha duas visitas, e ele pensou que um de nós tivesse feito JUNE mudar de opinião.

Ao ver a irmã, porém, ficou paralisado.

- Gracie? És tu?

Ela deu um passo em frente.

- Shay. Lamento. Lamento, tanto, tanto.

- Não chores - murmurou ele. Ia levantar a mão para lhe tocar, mas estava algemado, e em vez disso limitou-se a abanar a cabeça.

- Cresceste.

318

- Da última vez que te vi só tinha quinze anos. Ele sorriu tristemente.

- Pois. Tinha acabado de sair do reformatório, e tu não querias ter nada a ver com o falhado do teu irmão. Acho que as palavras exactas foram: "Afasta-te de mim."

- Isso foi porque eu não... eu não tinha... - agora estava a soluçar violentamente. - Não queria que morrasses.

- Tenho de morrer, Grace, para que tudo fique bem... estou conformado com isso.

- Bem, eu não estou - olhou para ele. - Quero contar a alguém, Shay.

Ficou a olhar para ela durante um longo momento.

- Está bem - disse Shay. - Mas só a uma pessoa, e eu é que escolho. E - acrescentou ele -

deixas-me fazer isto - agarrou na ponta do véu que tinha enrolado em volta do rosto, que estava ao nível das suas mãos algemadas. Puxando, tirou-o, até cair flutuando para o chão entre eles.

Grace levantou as mãos para tapar o rosto. Mas Shay estendeu os braços o mais que podia com as correntes até Grace entrelaçar os dedos nos dele. A pele dela estava esburacada, um remoinho em alguns sítios, demasiado repuxada noutros, um mapa em relevo da topologia da mágoa.

Shay passou o polegar pelo sítio onde deveria estar a sobrancelha dela, onde o lábio estava retorcido, como se pudesse refazê-la. A expressão no rosto dele era tão sincera, tão repleta, que me senti um intruso. Já a tinha visto antes - só que não conseguia saber onde.

E depois ocorreu-me. Uma Madonna. Shay estava a olhar para a irmã da mesma forma que Maria olhava para Jesus em todos os quadros, em todas as esculturas - uma relação esculpida não naquilo que tinham, mas naquilo que estavam destinados a perder.

JUNE

Nunca tinha visto a mulher que entrou no quarto de hospital de Claire, mas nunca a esqueceria. Tinha o rosto horrivelmente desfigurado - daquela forma que estamos sempre a dizer aos nossos filhos para não ficar a olhar na mercearia, e que no final acabávamos nós próprios por fazer precisamente isso.

- Desculpe - disse em voz baixa, levantando-me da cadeira que tinha puxado para junto da cama de Claire. - Acho que deve ter-se enganado no quarto. - Agora que tinha cedido aos desejos de Claire e desistido do coração - agora que ela estava a morrer por fases - ficava de vigília, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Não dormia, não comia, porque daqui a alguns anos, sabia que ia sentir falta desses minutos.

319

- A senhora é a JUNE Nealon? - perguntou a mulher, e quando acenei com a cabeça ela deu um passo em frente. - O meu nome é Grace. Sou a irmã do Shay Bourne.

Sabem como quando estamos a conduzir e derrapamos no gelo, ou quando evitamos atropelar um veado, ficamos com o coração acelerado, as mãos a tremer e o sangue gelado?

Foi isso que as palavras de Grace me fizeram.

- Saia daqui - disse eu, cerrando os maxilares.

- Por favor. Ouça só o que tenho para dizer. Quero explicar-lhe porque... porque tenho este aspecto.

Olhei para Claire, mas quem estava eu a enganar? Podíamos gritar a plenos pulmões sem a perturbar; estava numa dormência induzida por medicamentos.

- O que a faz pensar que eu quero ouvi-la?

Ela prosseguiu, como se eu não tivesse dito absolutamente nada.

- Quando tinha treze anos, estive num incêndio. E toda a minha família de acolhimento também. O meu pai de acolhimento morreu

- recuou um passo. - Entrei lá dentro para tirar o meu pai de acolhimento. Foi o Shay que me veio salvar.

- Desculpe, mas não consigo encarar o seu irmão como um herói.

- Quando chegou a polícia, o Shay disse que tinha sido ele a provocar o incêndio - disse Grace.

Cruzei os braços. Ainda não tinha dito nada que me surpreendesse. Sabia que Shay Bourne tinha andado por lares de acolhimento. Sabia que ele tinha sido enviado para o reformatório.

Podiam arranjar mais dez mil desculpas por ter tido uma infância miserável, mas na minha opinião, isso não negaria o facto de o meu marido, a minha menina, terem sido assassinados.

- A questão é a seguinte - disse Grace -, o Shay mentiu - passou a mão pelo cabelo. - Fui eu que provoquei o incêndio.

- A minha filha está a morrer - disse, tensa. - Lamento que tenha um passado tão traumático.

Mas neste preciso momento, tenho outras coisas com que me preocupar.

Imperturbável, Grace continuou a falar:

- Acontecia quando a minha mãe de acolhimento ia visitar a irmã. O marido dela entrava no meu quarto. Costumava implorar para poder deixar as luzes acesas à noite.

320

De início, era porque tinha medo do escuro; mais tarde era por desejar tanto que alguém visse o que estava a acontecer - a voz dela esmoreceu. - Por isso, um dia, planeei tudo. A minha mãe de acolhimento tinha ido passar a noite fora, e o Shay estava... não sei onde, mas não estava em casa.

Acho que só pensei nas consequências depois de ter acendido o fósforo: por isso fui tentar acordar o meu pai de acolhimento. Mas alguém me arrastou de novo lá para fora: o Shay. E à medida que as sirenes se aproximavam, contei-lhe tudo e ele prometeu-me que ia resolver o assunto. Nunca pensei que pretendesse assumir as culpas, mas ele queria fazê-lo, porque não tinha conseguido salvar-me - Grace olhou para mim.

- Não sei o que aconteceu naquele dia, com o seu marido, e a sua menina, e o meu irmão.

Mas aposto que, de alguma maneira, algo correu mal. Que o Shay estava a tentar salvá-la, visto não ter conseguido salvar-me a mim.

- Não se trata da mesma situação - disse eu numa voz tensa. - O meu marido nunca seria capaz de magoar a Elizabeth dessa maneira.

- A minha mãe de acolhimento também disse isso - olhou-me nos olhos. - Não quero que o meu irmão morra. Como se sentiria se, quando a Elizabeth morreu, alguém lhe dissesse que não poderia tê-la de volta, mas que uma parte dela poderia ainda permanecer neste mundo?

Podia nem conhecer essa parte; podia nem sequer ter contacto com ela, mas saberia que estava aqui algures, viva e de boa saúde. Desejaria isso?

Estávamos ambas de pé no mesmo lado da cama de Claire. Grace Bourne era quase da mesma altura que eu, tinha a minha constituição. Apesar das suas cicatrizes, parecia que estava a ver-me ao espelho.

- Ainda há um coração, JUNE - disse ela. - E é um bom coração.

Fingimos que conhecemos os nossos filhos, porque é mais fácil do que admitir a verdade -

desde o momento em que se corta o cordão umbilical, são estranhos. É muito mais fácil dizer a nós próprios que a nossa filha ainda é uma menina do que vê-la de biquini e perceber que tem as curvas de uma jovem mulher; é mais seguro dizer que somos bons pais, que temos todas as conversas certas sobre drogas e sexo do que admitir que há milhares de coisas que ela nunca nos contaria.

Há quanto tempo teria Claire decidido que já não queria continuar a lutar? Teria falado com uma amiga, um diário, o Dudley, porque eu não a ouvia? E eu já teria feito isto antes: ignorar outra filha, por ter demasiado medo de ouvir o que ela tinha a dizer?

As palavras de Grace Bourne não deixavam de andar às voltas dentro da minha cabeça, como bandeiras lançadas num campo relvado: o par de cuecas de Elizabeth que encontrei dentro do forro de uma almofada do sofá, quando ela era ainda demasiado pequena para saber abrir um fecho. Como ele frequentemente precisava de ir buscar algo à casa de banho - Tylenol, um penso rápido - quando Elizabeth estava na banheira.

321

E ouvia Elizabeth todas as noites, quando ia aconchegá-la na cama.

- Deixa as luzes acesas - implorava, tal como Grace Bourne fazia.

Pensei que era apenas uma fase que ultrapassaria com o crescimento, mas Kurt dizia que não podíamos deixá-la ceder perante os seus medos. O que ele sugerira era apagar a luz - e ficar deitado ao lado dela até que adormecesse.

"O que acontece quando estou a dormir?" perguntou-me uma vez. "Fica tudo parado?"

E se aquela não tivesse sido a pergunta de uma menina de sete anos sonhadora ainda a tentar perceber este mundo, mas um apelo de uma criança que queria fugir dele?

Lembrei-me de Grace Bourne, escondida atrás dos lenços. Pensei em como podíamos olhar directamente para uma pessoa sem vê-la. Seria de pensar, tendo em conta o meu passado, que teria aprendido que a verdade é apenas uma miragem; algo que muda consoante o ponto onde nos encontramos, e com quem estamos; algo que pode desaparecer completamente quando vemos com mais nitidez.

Apercebi-me de que nunca saberia realmente o que acontecera entre eles - nem Kurt nem Elizabeth podiam contar. E Shay Bourne bem, independentemente do que tenha visto, as impressões digitais dele não deixavam de estar naquela arma. E depois da última vez, não sabia sequer se conseguiria aguentar vê-lo outra vez.

"Foi melhor ela ter morrido" - dissera ele, e eu fugi daquilo que ele estava a tentar dizer-me.

Imaginei Kurt e Elizabeth juntos naquele caixão, os braços dele em volta dela num abraço forte, e de repente pensei que ia vomitar.

- Mãe - disse Claire, com uma voz débil e frágil. - Sentes-te bem? Pousei a mão na face dela, onde havia um leve rubor induzido pelos medicamentos: o coração dela não era suficientemente forte para lhe pôr cor nas faces; nunca seria. - Não, não me sinto - admiti.

- Estou a morrer.

Ela sorriu um pouco.

- Que coincidência.

Mas não tinha graça. Estava a morrer, aos poucos.

- Tenho de contar-te uma coisa - disse eu -, e vais odiar-me por isso. - Agarrei-lhe na mão e apertei-a com força. - Sei que não é justo. Mas tu és a filha, e eu sou a mãe, e eu é que decido, embora o coração fique a bater no teu peito.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

322

- Mas tu disseste, prometeste. Não me obrigues a fazer isto...

- Claire, não posso ficar aqui sentada a ver-te morrer quando sei que há um coração à tua espera.

- Mas não é um coração qualquer - agora estava a chorar, desviando o rosto de mim. - Já pensaste como me vou sentir, depois?

Afastei-lhe os cabelos da testa.

- É só nisso que penso, querida.

- É mentira - contrapôs Claire. - Só pensas em ti, e naquilo que queres, e naquilo que perdeste. Sabes, não és só tu que sentes falta de uma vida a sério.

- É precisamente por isso que não posso deixar-te desperdiçar esta oportunidade.

Devagar, Claire virou-se para mim.

- Não quero ficar viva por causa dele.

- Então fica viva por minha causa - respirei fundo e libertei o meu mais profundo segredo. -

Estás a ver, não sou tão forte como tu, Claire. Acho que não consigo ficar outra vez para trás.

Ela fechou os olhos, e pensei que tivesse voltado a adormecer, até apertar a minha mão.

- Está bem - disse ela. - Mas espero que percebas que posso ficar a odiar-te para o resto da vida.

"Para o resto da vida." Haveria frase mais musical?

- Oh, Claire - disse eu numa voz tensa. - Isso vai ser muito, muito tempo.

Deus está morto: mas tendo em conta o estado em que o Homem se encontra, talvez ainda existam caves, durante muito, muito tempo, em que a sua sombra se projecte.

Friedrich Nietzsche, A Gaia Ciência

MICHAEL

Quando os reclusos tentavam suicidar-se, utilizavam o respiradouro. Passavam os cabos coaxiais dos televisores pela grelha, faziam um nó em volta do pescoço e saltavam do catre de metal. Por esta razão, uma semana antes da execução, Shay foi transferido para uma cela de observação. Havia uma câmara a vigiar cada movimento seu; um guarda à porta da cela.

Era uma vigília anti-suicídio, para que o prisioneiro não pudesse suicidar-se antes que o Estado tivesse a sua oportunidade.

323

Shay detestava - só falava disso enquanto eu ficava ali sentado com ele oito horas por dia.

Lia a Bíblia, o Evangelho de Tomé e a Sports Illustrated. Contava-lhe os meus planos para organizar um leilão de tartes no Quatro de Julho, um feriado que não poderia celebrar.

Parecia que estava a ouvir, mas então dirigia-se ao guarda que estava à porta.

- Não acha que mereço ter um pouco de privacidade? - gritava. - Se só lhe restasse uma semana de vida, queria que alguém estivesse a ver cada vez que chorasse? Comesse?

Mijasse?

Por vezes, parecia resignado com o facto de ir morrer - perguntava-me se achava realmente que o céu existia, se era possível apanhar ali robalos, trutas ou salmões, se os peixes podiam sequer ir para o céu, se as almas dos peixes eram tão boas para comer como os peixes a sério.

Outras vezes soluçava tão violentamente que ficava agoniado; limpava a boca à manga do fato-macaco e deitava-se no catre, a olhar para o tecto. A única coisa que o fazia ultrapassar esses momentos mais amargos era falar sobre Claire Nealon, cuja mãe tinha reclamado para si o coração de Shay. Tinha uma fotografia pouco nítida de Claire tirada de um jornal, e agora já tinha passado as mãos por ela tantas vezes que o rosto pálido da menina se transformara numa forma oval branca, deixando as suas feições à nossa imaginação.

O cadafalso já fora construído; por toda a prisão fazia-se sentir o cheiro de resina de pinheiro, o gosto da serradura no ar. Embora já existisse um alçapão no gabinete do capelão, demolir a cantina debaixo dele para acomodar a queda revelou-se demasiado dispendioso. Em vez disso, uma estrutura robusta de madeira foi erguida ao lado da câmara de injeção letal que já fora construída. Mas quando foram publicados no Concord Monitor e no Union Leader editais a criticar a barbárie da execução pública (especulavam que qualquer paparazzo capaz de entrar no casamento de Madonna vindo de helicóptero, também seria capaz de obter imagens do enforcamento), o director da prisão apressou-se a ocultar o cadafalso. À última hora, o melhor que puderam fazer foi comprar uma grande tenda velha a um circo familiar em Vermont que ia encerrar o negócio. As riscas púrpura e brancas festivas ocupavam a maior parte do pátio da prisão. Era possível ver a parte de cima da Route 93: "Venham, venham todos. O maior espectáculo do mundo."

Era estranho, saber que ia assistir à morte de Shay. Embora tivesse testemunhado a morte de uma dúzia de membros da paróquia; embora tenha estado junto à cama enquanto soltavam os seus últimos suspiros - isto era diferente. Não era Deus que cortava o fio desta vida, mas uma ordem do tribunal. Deixei de usar relógio e em vez disso media o tempo pela vida de Shay.

Faltavam setenta e duas horas, quarenta e oito, e depois vinte e quatro. Deixei de dormir, como Shay, decidindo ficar sempre acordado com ele.

Grace continuava a visitá-lo uma vez por dia. Só me disse que o que os separara antes fora um segredo que guardava por Shay algo que aparentemente se resolvera após ter visitado JUNE Nealon - e que estava a compensá-lo pelo tempo que tinha perdido. Passavam horas

com as cabeças juntas, a trocar recordações, mas Shay mantinha-se inflexível ao não querer que Grace assistisse à execução - não queria que aquela fosse a última recordação sua que ela tivesse. Em vez disso, as testemunhas designadas por Shay seriam eu, MAGGIE e o chefe de MAGGIE. Quando Grace vinha visitá-lo, deixava-a sozinha com Shay. I a à cantina dos funcionários buscar um refrigerante, ou sentar-me a ler o jornal. Por vezes, via as notícias sobre a execução iminente - a Associação Médica Americana começara a fazer manifestações de protesto à porta da prisão, com enormes cartazes onde se lia EM PRIMEIRO LUGAR, NÃO DEVEMOS FAZER MAL. Aqueles que ainda acreditavam que Shay era, bem, mais do que um simples assassino, começaram a acender velas votivas à noite, milhares delas, transmitindo uma mensagem que ardia tão luminosa que os pilotos dos aviões que partiam de Manchester conseguiam lê-la enquanto subiam às alturas: TENHAM PIEDADE.

Rezava a maior parte do tempo. A Deus, a Shay, a qualquer pessoa que estivesse disposta a ouvir, sinceramente. E tinha esperança de que Deus, no último instante, poupasse Shay. Já era suficientemente difícil prestar assistência a um recluso no corredor da morte quando se achava que ele era culpado, mas era muito pior prestar assistência a um homem inocente que se tinha resignado a morrer. À noite, sonhava com acidentes ferroviários. Por muito alto que gritasse para que alguém voltasse o interruptor dos carris, ninguém percebia o que estava a dizer.

No dia anterior à execução de Shay, quando Grace chegou, pedi licença e fui deambular para o pátio entre os edifícios, ao longo do enorme perímetro da tenda de circo.

Desta vez, porém, os guardas que habitualmente estavam de vigia à entrada não se encontravam lá, e a aba que normalmente estava fechada com um nó, estava agora aberta.

Ouvia vozes lá dentro:

. .. não quero aproximar-me muito da beira..."

. .. trinta segundos desde a entrada das traseiras aos degraus..."

. .. dois de vocês à frente, três atrás."

Espreitei lá para dentro, à espera de ser puxado para trás por um guarda - mas o pequeno grupo no interior estava demasiado ocupado para reparar sequer em mim. O director Coyne estava em cima de uma plataforma de madeira, juntamente com seis guardas. Um deles era bastante mais pequeno do que os outros, e estava algemado nos pulsos e tornozelos, com uma corrente presa à cintura entre elas. Estava inclinado para trás, um peso morto nas mãos dos outros guardas.

O próprio cadafalso era uma enorme estrutura de metal com uma trave, colocada numa plataforma que tinha um alçapão duplo. Debaixo do alçapão havia um espaço aberto onde podíamos ver o corpo cair. Tanto do lado esquerdo como do direito do cadafalso, havia 325

pequenas salas com vidros espelhados na parte da frente, para que se pudesse ver lá para fora, sem ninguém poder ver lá para dentro. Havia uma rampa atrás do cadafalso, e duas pequenas cortinas brancas que percorriam toda a extensão da tenda - uma por cima do cadafalso, outra por baixo. Enquanto observava, dois dos guardas arrastaram o mais pequeno para a plataforma do cadafalso em frente à cortina aberta.

O director Coyne carregou num botão do seu cronometro.

- E... corta - disse ele. - São sete minutos e cinquenta e oito segundos. Muito bem.

O director da prisão fez um gesto indicando a parede.

-Aqueles telefones vermelhos são linhas directas para o gabinete do governador e para o gabinete do procurador-geral, o comissário telefonará para se certificar que não houve suspensão da execução, ou adiamento de última hora. Se for esse o caso, então virá até à plataforma para o dizer. Ao sair, eu apareço para ler o mandado de execução, blá, blá, blá, e depois pergunto ao recluso se quer dizer as suas últimas palavras. Assim que terminar, saio da plataforma. Assim que atravessar esta fita amarela,

a cortina de cima será fechada, e é nessa altura que vocês os dois imobilizam o recluso. Ora, não vou fechar as cortinas agora, mas experimentem lá.

Colocaram o capuz branco por cima da cabeça do guarda mais pequeno e ajeitaram o nó em volta do seu pescoço. Era feito de corda áspera, enrolada em cabedal; a argola não constituía um nó de enforcamento, mas em vez disso passava por uma ilhó de metal.

- Temos uma queda de dois metros e trinta e cinco centímetros - explicou o director Coyne ao terminarem. - É o normal para um homem de cinquenta e sete quilos. Vêem o dispositivo de ajuste em cima: aquela marca dourada é por onde deverá estar alinhado, na argola. Durante o evento real, vocês os três, Hughes, Hutchins e Greenwald, vão estar na câmara à direita.

Serão lá colocados com algumas horas de antecedência, para que não sejam vistos entrar na tenda. Cada um de vocês terá um botão à frente. Assim que eu entrar na cabina de controlo e fechar a porta, carregarão nesse botão. Só um dos três soltará realmente o alçapão do cadafalso electromagneticamente; os outros dois são falsos. O computador determinará ao acaso qual dos três botões estabelecerá a ligação.

Um dos guardas interrompeu.

- E se o recluso não conseguir manter-se de pé?

- Temos uma tábua para o apoiar à porta da cela dele, igual à que foi usada em Walla Walla em 1994. Se não conseguir andar, será preso a ela e transportado numa maca com rodas.

Estavam sempre a dizer "o recluso" como se não soubessem quem iam executar dentro de vinte e quatro horas. No entanto, eu sabia que não pronunciavam o nome de Shay porque não

tinham coragem. Isso torná-los-ia responsáveis por homicídio - precisamente o mesmo crime porque iam enforcar um homem.

O director Coyne virou-se para a outra cabina.

- O que acham?

Uma porta abriu-se, e outro homem surgiu. Colocou a mão no ombro do prisioneiro improvisado.

- Peço desculpa - disse ele, e assim que falou reconheci o inglês que estava em casa de MAGGIE quando apareci sem avisar para lhe dizer que Shay era inocente: Gallagher, era o nome dele. Agarrou no nó e ajeitou-o novamente em volta do pescoço do homem mais pequeno, mas desta vez apertou o nó directamente por baixo da orelha esquerda.

- Estão a ver onde apertei a corda? Garantam que fica assim, e não na base do crânio. A força da queda, combinada com a posição do nó, é o que faz fracturar as vértebras cervicais e segar a medula espinal.

O director Coyne dirigiu-se novamente aos seus homens.

- O tribunal ordenou-nos que determinemos a morte cerebral baseando-nos na queda calculada e no facto de o recluso ter deixado de respirar. Assim que o doutor nos fizer sinal, as cortinas inferiores também se fecharão e o corpo será imediatamente descido. É

importante não esquecer que a nossa tarefa não termina com a queda - Virou-se para o médico. - E depois?

- Vamos entubá-lo, para proteger o coração e os outros órgãos. Depois disso, faço um exame à perfusão cerebral para confirmar com exactidão a morte cerebral e o corpo será retirado do local.

- Depois de a unidade de investigação criminal chegar para levantar a execução, o corpo ficará nas mãos do pessoal da medicina legal, vai estar uma furgoneta branca estacionada atrás da tenda - disse o director da prisão -, e a unidade de operações especiais transportará o corpo para o hospital, juntamente com eles.

Reparei que o director da prisão também não mencionou o nome do médico.

- O resto dos visitantes sairá pela parte da frente da tenda disse o director Coyne, apontando para

as abas abertas da entrada, avistando-me pela primeira vez.

Toda a gente que se encontrava na plataforma do cadafalso ficou a olhar para mim. Cruzei o olhar com o de Christian Gallagher e ele acenou com a cabeça imperceptivelmente.

O director Coyne semicerrou os olhos e, ao reconhecer-me, suspirou.

327

- Não posso deixá-lo entrar aqui, padre - disse ele, mas antes que os guardas pudessem acompanhar-me até lá fora, saí da tenda e regressei ao edifício onde naquele preciso momento Shay estava à espera da morte.

Naquela noite, Shay foi transferido para a tenda da execução. Tinham construído uma única cela ali, que seria vigiada vinte quatro horas por dia. De início, era como qualquer outra cela... mas duas horas depois de ter ido para lá, a temperatura começou a descer. Shay não conseguia parar de tremer, por muitos cobertores que lhe colocássemos em cima.

- O termostato diz que estão dezanove graus - disse o guarda, batendo-lhe com a mão. -

Estamos em Maio, por amor de Deus.

- Bem, parece-lhe que estejam dezanove graus? - perguntei. Tinha os dedos dos pés dormentes. Havia um pingente de gelo pendurado na trave do meu banco. - Não pode arranjar um aquecedor? Outro cobertor?

A temperatura continuou a descer. Vesti o casaco e fechei-o bem. Todo o corpo de Shay estremecia violentamente; os lábios tinham começado a ficar azuis. A geada rodopiava na porta de metal da cela, como um feto com penugem branca.

- Fora deste edifício estão mais cinco graus - disse o guarda.

- Não percebo - soprava nas mãos, uma pequena exclamação de vapor que pairava no ar. -

Posso chamar a manutenção...

- Deixe-me entrar na cela - ordenei.

O guarda olhou para mim, pestanejando.

- Não posso.

- Porquê? Já fui revistado duas vezes. Não estou perto de outros reclusos. E o senhor está aqui. É igual a uma visita numa sala de conferências para reuniões entre advogados e clientes, não é?

- Posso ser despedido por causa disso...

-Eu digo ao director da prisão que a ideia foi minha, e vou portar-me o melhor possível -

disse eu. - Sou padre. Acha que ia mentir-lhe?

Ele abanou a cabeça e destrancou a cela com uma enorme chave Folger Adam. Ouvi as ganchetas encaixarem-se no seu lugar quando me trancou lá dentro; ao entrar no mundo de dois metros quadrados de Shay. Shay olhou para mim, a bater os dentes.

328

- Chegue-se para lá - disse eu, e sentei-me no catre ao lado dele. Coloquei um cobertor por cima de nós e fiquei à espera até que o calor do meu corpo se espalhasse pelo espaço entre nós.

- Porque... está tanto... frio? - sussurrou Shay. Abanei a cabeça.

-Tente não pensar nisso.

Tente não pensar sobre o facto de estar uma temperatura negativa nesta cela. Tente não pensar no facto de que está encostada a um cadafalso do qual vai ficar pendurado amanhã.

Tente não pensar no mar de rostos que verá quando estiver lá em cima, sobre o que dirá quando lhe perguntarem, sobre o seu coração a bater tão depressa com o medo que não conseguirá ouvir as palavras que disser. Tente não pensar sobre o mesmo coração a ser arrancado do seu peito cinco minutos depois, quando estiver morto.

Anteriormente, Alma, a enfermeira, tinha vindo oferecer um Valium a Shay. Ele recusara, mas agora desejava ter aceitado a oferta dela em seu lugar.

Passados alguns minutos, Shay deixou de tremer tão violentamente, ficou reduzido a um tremor ocasional.

- Não quero chorar lá em cima - admitiu. - Não quero parecer fraco.

Virei-me para ele.

- Está no corredor da morte há onze anos. Lutou e venceu: o direito de morrer segundo as suas condições. Mesmo que tivesse de arrastar-se até lá acima amanhã, não haveria uma única pessoa que o considerasse fraco.

- Eles ainda estão todos lá fora?

Ao dizer eles, referia-se à multidão. E estavam - e ainda continuavam a chegar, a bloquear as saídas da 93 para chegar a Concord. No fim, e este era o fim, não interessava se Shay era ou não realmente messiânico, ou apenas um bom actor. O que interessava era que toda aquela gente tinha algo em que acreditar.

Shay virou-se para mim.

- Quero que me faça um favor.

- Qualquer coisa.

- Quero que tome conta da Grace.

Já presumira que ele me e pedisse isso; uma execução junta a s pessoas, tal como qualquer outro momento de grande intensidade emocional - um nascimento, um assalto à mão armada, um casamento, um divórcio. Ficaria ligado às partes envolvidas para sempre.

329

-vou tomar.

- E quero que fique com tudo o que é meu.

Não imaginava o que seria - talvez as suas ferramentas, do tempo em que era carpinteiro?

- Gostaria muito - puxei o cobertor um pouco mais para cima.

- Shay, sobre o seu funeral.

- Isso não interessa.

Tinha tentado conseguir um lugar para ele no cemitério de St. Catherine, mas o comité responsável vetou o meu pedido - não queriam ter a sepultura de um assassino ao lado dos seus entes queridos. Os terrenos e funerais privados custavam milhares de dólares - milhares que nem Grace, nem MAGGIE, nem eu tínhamos para gastar.

Um recluso cuja família não fizesse planos alternativos seria enterrado num pequeno cemitério nas traseiras da prisão, com uma pedra tumular apenas com o seu número no estabelecimento prisional, não o seu nome.

-Três dias - disse Shay, bocejando.

-Três dias?

Sorriu para mim, e pela primeira vez em horas, sentime realmente quente por dentro.

- É quando regressarei.

Às nove horas da manhã da execução de Shay, trouxeram-lhe um tabuleiro da cozinha. A determinada altura durante a noite, a grade tinha desaparecido; e com ela, o cimento que tinha sido colocado para servir de base à cela. Ervas do pátio despontavam em tufo e aglomerados; trepadeiras subiam pela porta de metal da cela. Shay descalçou os sapatos e as meias e andou descalço por cima da erva, com um grande sorriso no rosto.

Tinha voltado para o meu banco, para que o guarda que estava de vigia a Shay não arranjasse problemas, mas o sargento que chegou com a comida dele ficou imediatamente desconfiado.

- Quem trouxe as plantas?

- Ninguém - disse o guarda. - Apareceram sem mais nem menos durante a noite.

O sargento franziu o sobrolho. -vou informar o director.

- Pois - disse o guarda. - Faça isso. Tenho a certeza de que ele não tem mais nada em que pensar neste momento.

330

Perante o seu sarcasmo, Shay e eu olhámos um para o outro e sorrimos. O sargento foi embora, e o guarda entregou o tabuleiro através da abertura na porta. Shay destapou os artigos, um por um.

Bombocas. Pastéis de salsicha. Frango panado.

Pipocas e algodão-doce, sandes de marshmallow e chocolate.

Batatas fritas em espiral, gelado corado com uma auréola de cerejas a o marrasquino. Pão frito salpicado com açúcar em pó. Um enorme sorvete azul.

Era mais do que um único homem conseguiria comer. E era o tipo de comida que se comprava nas feiras. O tipo de comida de que nos recordávamos da nossa infância.

Se, ao contrário de Shay, tivéssemos tido uma. -Trabalhei numa quinta durante uns tempos -

disse Shay distraidamente. - Estava a construir um celeiro de madeira.

Um dia, vi o homem que geria a quinta esvaziar uma saca inteira de cereal no meio do pasto para os bois dele, em vez de só um -bocadinho. Achei que era mesmo fixe, como se fosse Natal para eles! Até ver o camião do matadouro chegar. Estava a dar-lhes toda a comida que conseguissem comer, porque depois já seria indiferente.

Shay enrolou a batata frita que segurava entre os dedos, e depois voltou a colocá-la na travessa.

- Quer alguma coisa? - perguntou. Abanei a cabeça.

- Pois - disse ele num tom suave. - Acho que também não tenho assim tanta fome.

A execução de Shay estava marcada para as dez da manhã. Embora as sentenças envolvendo pena de morte costumassem ser executadas à meia-noite, era tão melodramático que agora se realizavam a qualquer hora do dia. A família do recluso podia visitá-lo até três horas antes da execução, embora fosse irrelevante, porque Shay dissera a Grace para não vir. O advogado oficial e o conselheiro espiritual podiam ficar até quarenta e cinco minutos antes da execução.

Depois disso, Shay ficaria sozinho, à exceção do guarda a vigiá-lo.

Depois de o tabuleiro do pequeno-almoço ter sido retirado, Shay ficou com diarreia. O

guarda e eu virámo-nos de costas para ele dar privacidade, depois fingimos que não tinha acontecido nada. Passado pouco tempo, MAGGIE chegou. Tinha os olhos vermelhos, e estava sempre a limpá-los com um Kleenex amachucado.

-Trouxe-lhe uma coisa - disse ela e depois viu a cela, cheia de vegetação. - O que é isto?

- Aquecimento global? - disse eu.

331

- Bem. A minha oferta é um pouco redundante. - MAGGIE esvaziou os bolsos, cheios de relva, erva coentrinha, sapatinhos de Vénus, pincel indiano, ranúnculos.

Deu-os a Shay através da rede de metal na porta.

- Obrigado, MAGGIE.

- Por amor de Deus, não me agradeça - disse MAGGIE. - Quem me dera que isto não acabasse assim, Shay. - Hesitou. - E se...

- Não - Shay abanou a cabeça. - Está quase tudo acabado, e depois pode continuar a salvar pessoas que queiram ser salvas. Estou bem, a sério. Estou pronto.

MAGGIE abriu a boca para falar, mas depois cerrou os lábios e abanou a cabeça. -vou ficar onde

consiga ver-me. Shay engoliu em seco.

- Está bem.

- Não posso ficar. Tenho de verificar se o director Coyne falou com alguém no hospital, para que tudo aconteça como previsto.

Shay abanou a cabeça.

- MAGGIE - disse ele -, promete-me uma coisa?

- Claro, Shay.

Apoiou a cabeça na porta de metal.

- Não me esqueça.

- Nem pensar - disse MAGGIE, e encostou os lábios à porta de metal, como pudesse dar um beijo de despedida a Shay.

De repente, estávamos sozinhos, com uma longa meia hora entre ambos.

- Como se sente? - perguntei.

- Hum - disse Shay. - Nunca estive melhor?

- Claro. Que pergunta estúpida - abanei a cabeça. - Quer conversar? Rezar? Ficar sozinho?

- Não - disse Shay. - Fale-me outra vez dela. Hesitei.

- Está no parque infantil - disse eu -, a balançar as pernas num baloiço. Quando chega ao cimo, e tem a certeza de que deu realmente um pontapé numa nuvem com as suas sapatilhas, salta porque pensa que consegue voar.

-Tem cabelos compridos, que são como uma bandeira atrás dela - acrescentaram Shay.

332

- Cabelos de conto de fadas. Tão louros que são quase prateados.

- Conto de fadas - repetiu Shay. - Um final feliz.

- Para ela é. O Shay vai dar-lhe uma vida completamente nova. -vou salvá-la outra vez. vou salvá-la duas vezes. Agora com o meu coração, e antes quando ela ainda nem era nascida -

olhou directamente para mim. - Não era só a Elizabeth que ele podia ter magoado. Ela meteu-se no caminho, quando a arma se disparou... mas o outro... tive de o fazer.

Olhei por cima do ombro, para o guarda que estava de vigia, mas ele estava num canto afastado a falar ao wa kie talkie. As minhas palavras eram pastosas, como borracha.

- Então cometeu mesmo um crime capital.

- Algumas pessoas - limitou-se a dizer - merecem morrer. Fiquei ali de pé, sem palavras, enquanto o guarda se aproximava.

- Padre, lamento muito - disse ele -, mas são horas de ir embora.

Naquele momento, o som de gaitas-de-foles encheu a tenda, e havia um coro de vozes a acompanhar. As pessoas lá fora, mantendo a sua vigília, tinham começado a cantar: -Ámazing Grace, how sweet the sound... That saved a wretch like me. once was osí, but now I m found. Was blind, but now I see.22

Não sabia se Shay era culpado de homicídio, ou inocente e mal compreendido. Não sabia se ele era o Messias, ou se sofria do síndrome de Savant e conseguia transmitir textos que nunca lera. Não sabia se estávamos a fazer história, ou apenas a revivê-la. Mas sabia o que tinha de fazer: Fiz sinal para que Shay se chegasse para a frente, fechei os olhos e fiz o sinal da cruz na sua testa.

- Deus Todo Poderoso - murmurei - Não Vos esqueça deste Vosso servo em grande aflição, confortai-o com a promessa da vida eterna, alcançada pela ressurreição do Vosso Filho Jesus Cristo Nosso Senhor. Ámen.

Abri os olhos para encontrar Shay a sorrir.

- Vemo-nos por aí, padre - disse ele.

MAGGIE

Assim que deixei a cela de Shay, saí da tenda do circo - era isso que era, sabem, um circo - e vomitei no relvado do pátio.

- Então - disse uma voz -, sente-se bem?

333

Senti um braço a segurar-me, e olhei para a luz do sol ofuscante para ver o director Coyne parecendo tão infeliz por ver-me como eu estava por vê-lo a ele.

- Venha - disse ele. - Vamos arranjar-lhe um copo de água. Conduziu-me por corredores escuros e estreitos – corredores muito mais apropriados para uma execução, pensei, do que o lindo dia de Primavera lá fora, com o céu tão azul e nuvens semelhantes a algodão. Na cantina vazia dos funcionários, puxou uma cadeira para mim e depois dirigiu-se ao frigorífico para me ir buscar algo para beber. Bebi o copo de água até ao fim, e mesmo assim conseguia sentir o gosto amargo na garganta.

- Desculpe - disse eu. - Não queria vomitar no seu desfile. Ele sentou-se numa cadeira ao meu lado.

- Sabe, Dr.a Bloom, há muitas coisas que desconhece sobre mim.

- Nem quero ficar a conhecer - disse eu, levantando-me.

- Por exemplo - prosseguiu o director Coyne despreocupadamente -, não acredito verdadeiramente na pena de morte.

Fiquei a olhar para ele, fechei a boca bruscamente, e voltei a sentar-me na cadeira.

- Já acreditei, não me interprete mal. E levarei a cabo uma execução se for necessário, porque isso faz parte das minhas funções. Mas não significa que esteja de acordo - disse ele. - A verdade é que já vi bastantes reclusos para quem a vida na prisão lhes servia, e já vi reclusos que desejava que fossem mortos, há algumas pessoas em quem não se consegue encontrar nada de bom. Mas quem sou eu para decidir se alguém deve ser morto por assassinar uma criança... e mais vezes por assassinar um toxicodependente durante um negócio que correu mal... ou sequer se deveríamos matar o próprio recluso? Não sou suficientemente inteligente para ser capaz de dizer que vida vale mais do que outra. Nem sei se alguma valerá.

- Se sabe que não é justo, e mesmo assim o faz, como consegue dormir à noite?

O director Coyne sorriu tristemente.

- Não consigo, Dr.a Bloom. A diferença entre nós é que a senhora pensa que sim - levantou-se. - Penso que sabe para onde deve ir?

Devia ficar à espera no Gabinete de Informação Pública, juntamente com o padre Michael, para que ele pudesse ser levado para a tenda isolado das testemunhas do Estado e da vítima.

Mas de alguma forma, sabia que não era a isso que o director Coyne se referia.

E ainda mais surpreendente... acho que ele sabia que eu sabia isso.

334

O interior da tenda de circo estava pintado de azul celeste. Nuvens artificiais erguiam-se nos píncaros, acima do ferro negro do cadafalso que fora construído. Interroguei-me se Shay olharia para lá e fingiria que estava lá fora.

A própria tenda estava dividida por um cordão de guardas prisionais, que mantinham as testemunhas de ambas as partes separadas, como uma barragem humana. Tínhamos sido avisados relativamente ao comportamento que deveríamos ter em cartas do Departamento Prisional: insultos ou

actos pouco próprios levar-nos-iam a ser expulsos da tenda. Ao meu lado, o padre Michael estava a rezar o terço. Do meu outro lado estava Rufus Urquart, o meu chefe.

Fiquei chocada por ver JUNE Nealon sentar-se silenciosamente na primeira fila do outro lado.

De alguma forma, achei que ela ficaria junto de Claire, sobretudo porque Claire estaria a preparar-se para o seu transplante cardíaco. Quando me telefonou para dizer que queria o coração de Shay, não fiz perguntas: não queria dar azar. Agora desejava poder ir ter com ela e perguntar-lhe se Claire estava bem, se tudo estava a correr no tempo previsto - mas corria o risco de os guardas pensarem que estava a incomodá-la; e verdade seja dita, tinha medo de ouvir a resposta dela.

Algures atrás daquela cortina Christian estava a verificar se a corda e o laço estavam exactamente como deveriam estar para garantir um enforcamento o mais humano possível.

Sabia que isto deveria reconfortar-me, mas para ser sincera, nunca me sentira mais sozinha na minha vida.

Era difícil para mim aceitar que tinha travado amizade com um assassino condenado. Os advogados sabem que não devem envolver-se emocional e pessoalmente com os clientes - mas não significava que isso não acontecesse.

Às dez horas em ponto, as cortinas abriram-se.

Shay parecia muito pequeno na plataforma do cadafalso. Vestia uma T-shirt branca, calças cor-de-laranja e sapatilhas, e estava ladeado por dois guardas que nunca tinha visto antes.

Tinha os braços presos atrás de si, e as pernas juntas por aquilo que parecia ser uma tira de couro. Tremia como varas verdes.

O comissário Lynch subiu à plataforma.

- Não houve suspensão da execução - anunciou.

335

Pensei nas mãos de Christian, a verificar o nó junto ao pescoço de Shay. Conhecia a compaixão do seu toque; sentia-me aliviada por o último contacto físico de Shay com um ser humano ser tão suave.

O director da prisão subiu à plataforma quando Lynch saiu, e leu todo o mandado em voz alta. As palavras entraram-me e saíram-me da cabeça: "... No dia seis de Março de 1997, Isaiah Mathew Bourne foi devida e legalmente condenado por dois crimes de homicídio..."

"... o dito tribunal pronunciou a pena a ser imputada a Isaiah Mathew Bourne de acordo com a dita sentença, estabelecendo a data da execução às dez horas da manhã de sexta-feira, dia vinte e três de Maio de 2008..."

"... ordena a execução da anteriormente referida sentença e pena por enforcamento de forma a provocar morte cerebral no dito Isaiah Mathew Bourne..."

Quando o director da prisão terminou, virou-se para Shay.

- Recluso Bourne, quer dizer as suas últimas palavras?

Shay semicerrou os olhos, até me encontrar na fila da frente. Manteve os olhos fixos em mim durante um longo momento, e depois olhou para o padre Michael. Mas depois virou-se para o lado da tenda onde as testemunhas da vítima estavam reunidas, e sorriu para JUNE Nealon.

- Eu perdoo-lhe - disse ele.

Imediatamente a seguir, uma cortina foi corrida. Só chegava ao chão do cadafalso; e era de um branco translúcido. Não sei se o director da prisão queria que víssemos o que estava a acontecer atrás dela, mas conseguíamos ver, numa silhueta macabra: o capuz a ser colocado por cima da cabeça de Shay, o laço a ser apertado junto ao seu pescoço, os dois guardas que o tinham imobilizado a recuar.

- Adeus - sussurrei.

Algures, uma porta bateu, e de repente o alçapão abriu-se e o corpo caiu, num rápido estalido semelhante a um foguete quando o peso na ponta da corda deu um esticão.

Shay girou lentamente no sentido inverso a o dos ponteiros do relógio com a graciosidade improvável de uma bailarina, uma folha de Outono, um floco de neve a cair.

Senti a mão do padre Michael na minha, a transmitir o que não havia palavras para descrever.

- Acabou - sussurrou ele.

Não sei o que me fez voltar-me para JUNE Nealon, mas voltei-me. A mulher estava sentada com as costas direitas como uma sequóia, de mãos cruzadas com tanta força no colo que

conseguia ver as meias luas que as suas próprias unhas deixavam marcadas na pele. Tinha os olhos cerrados.

Depois de tudo isto, nem sequer o tinha visto morrer.

A cortina inferior fechou-se três minutos e dez segundos após o enforcamento de Shay. Era opaca, e não conseguíamos ver o que estava a acontecer atrás dela, embora o tecido ondulasse com o movimento e a actividade. Mas os guardas que se encontravam na tenda não nos deixaram ficar - fizeram-nos sair por portas diferentes para o pátio. Fomos conduzidos para fora dos portões da prisão e imediatamente assolados pela imprensa.

- Isto é bom - disse Rufus, cheio de adrenalina. - Este é o nosso momento. - Acenei com a cabeça, mas estava concentrada em JUNE. Só consegui vê-la por breves instantes, uma mulher pequena semelhante a um corvo a entrar num carro que estava à sua espera.

- Dr. Urquart - disse um jornalista, enquanto seguravam vinte microfones junto ao rosto dele, como um bouquet de rosas negras. - Tem algum comentário a fazer?

Recuei, observando Rufus no centro das atenções. Desejei poder desaparecer imediatamente.

Sabia que Rufus não tinha intenção de usar Shay como um peão neste caso, que estava apenas cumprir as suas funções de chefe da União Americana pelas Liberdades Cívicas - mas isso tornava-o diferente do director Coyne em quê?

- Shay Bourne está morto - disse Rufus num tom sério. - A primeira execução neste Estado em sessenta e nove anos... no único país desenvolvido onde a pena de morte ainda está em vigor.

Olhou para a multidão.

- Algumas pessoas dizem que ainda temos pena de morte neste país porque precisamos de punir certos reclusos. Diz-se que é dissuasiva: mas na realidade, as taxas de homicídio são mais elevadas em jurisdições onde existe pena de morte do que onde não existe. Diz-se que é mais barato executar um homem do que mantê-lo na prisão para o resto da vida: mas na realidade, quando contamos com os custos de onze anos de recursos, financiados pelo Estado, custa cerca de um terço mais executar um prisioneiro do que condená-lo a prisão perpétua. Algumas pessoas dizem que a pena de morte existe por causa da família da vítima: que encerra o caso por completo, para que por fim possam lidar inteiramente com o seu desgosto. Mas será que saber que mais alguém morreu para além do seu familiar oferece realmente justiça? E como explicamos o facto de ser mais provável que um homicídio cometido numa zona rural conduza a uma pena de morte do que se ocorrer na cidade? Ou que o assassinio de uma vítima branca tenha três vezes e meia mais probabilidades de conduzir a uma pena de morte do que o assassinio de uma vítima negra? Ou que as mulheres são condenadas à morte com uma frequência dois terços abaixo da dos homens?

337

Antes que percebesse o que estava a fazer, subi para o pequeno espaço circular que a comunicação social tinha deixado livre para Rufus.

- MAGGIE - sussurrou ele, tapando os microfones -, eu trato disto. Um jornalista fez-me o convite.

- Não era a advogada dele?

- Era - disse eu. - O que espero que me permita dizer-vos o que vou dizer. Trabalho para a União Americana pelas Liberdades Civis. Posso mencionar as mesmas estatísticas que o Dr.

Urquhart acabou de referir. Mas sabem o que esse discurso deixa de fora? Que lamento verdadeiramente a perda de JUNE Nealon, passado todo este tempo. E que hoje, perdi uma pessoa de que gostava. Uma pessoa que cometeu alguns erros graves, uma pessoa difícil, mas que conquistou um lugar na minha vida.

- MAGGIE - sussurrou Rufus, puxando-me pela manga. Guarde as confissões para o seu diário. Ignorei-o.

- Sabem por que acho que continuamos a executar pessoas? Porque, mesmo que não estejamos dispostos a dizê-lo em voz alta, para os crimes verdadeiramente hediondos, gostamos de saber que há um castigo verdadeiramente hediondo. É tão simples quanto isso.

Queremos manter a sociedade coesa, cerrar fileiras, e isso implica livrarmo-nos das pessoas que julgamos incapazes de aprender uma lição de moral. Mas a questão é: quem deve identificar essas pessoas? Quem deve decidir que crime é tão horrível que a única resposta seja a morte? E se, que Deus nos livre, se enganarem?

A multidão murmurava; as câmaras estavam a gravar.

- Não tenho filhos. Não sei dizer se pensaria o mesmo se um deles fosse morto. E não tenho respostas, acreditem, se as tivesse, seria muito mais rica, mas sabem, começo a pensar que não há nenhum problema nisso. Talvez em vez de procurar respostas, devêssemos fazer algumas perguntas. Como: qual é a lição que estamos a ensinar neste caso? E se for sempre diferente? E se a justiça não for equivalente ao procedimento legal adequado? Porque, no final, é isto que nos resta: uma vítima, que se transformou num caso com o qual se tem de lidar, em vez de uma menina, ou um marido. Um recluso que não quer saber o nome do filho de um guarda prisional por tornar a relação demasiado pessoal. Um director prisional que realiza execuções embora não concorde com elas por princípio. E uma advogada da União Americana pelas Liberdades Civis que deve ir para o seu gabinete, encerrar o caso e avançar para outro. O que nos resta é a morte, sem humanidade - hesitei por um momento. - Portanto digam-me... esta execução realmente fez-vos sentir mais seguros? Juntou-nos mais? Ou separou-nos ainda mais?

338

Passei pelas câmaras, cujas cabeças pesadas balançaram como bolbos para me seguirem, e penetrei na multidão, que abriu um desfiladeiro para eu atravessar. E chorei.

Meu Deus, como chorei.

Liguei os limpa pára-brisas a caminho de casa, embora não estivesse a chover. Mas estava a ir abaixo, a chorar e não conseguia ver; de alguma forma achei que isto ajudaria. Tinha tirado o lugar ao meu chefe no que talvez fosse o resultado legal mais importante para a União Americana pelas Liberdades Civis no New Hampshire nos últimos cinquenta anos; e pior -

nem sequer me importava muito com isso.

Gostaria de conversar com Christian, mas ele agora estava no hospital, a supervisionar a recolha do coração de Shay e dos seus outros órgãos. Disse que vinha assim que pudesse, assim que soubesse que o transplante seria um sucesso.

O que significava que ia para uma casa com um coelho e pouco mais.

Virei para a minha rua e vi imediatamente o carro à porta da minha casa. A minha mãe estava à minha espera à porta. Queria perguntar-lhe porque estava aqui, em vez de no trabalho.

Queria perguntar-lhe como soubera que precisava dela.

Mas quando ela sem dizer nada me estendeu o cobertor que normalmente tinha no sofá, aquele que tinha pêlo por dentro, enrolei-me nele e esqueci todas as perguntas.

Em vez disso, encostei o rosto ao pescoço dela.

- Oh, Mags - tranquilizou-me. - Vai correr tudo bem. Abanei a cabeça.

- Foi horrível. Cada vez que pestanejo, consigo ver tudo, como se ainda estivesse a acontecer - os meus olhos encheram-se novamente de lágrimas. - É estúpido, não é? Até ao último momento, estava à espera de um milagre. Como aconteceu na sala de audiências. Que conseguiria sair do laço, ou, não sei, voar dali para fora, ou algo do género.

- Pronto, senta-te - disse a minha mãe, levando-me para a cozinha. - Na vida real, as coisas não funcionam assim. É como disseste aos jornalistas...

- Viste-me? - olhei para cima.

- Na televisão. Em todos os canais, MAGGIE. Até na CNN - tinha o rosto iluminado. - Já me telefonaram quatro pessoas a dizer que foste genial.

De repente lembrei-me de estar sentada na cozinha dos meus pais quando estava na faculdade, sem conseguir decidir-me por uma carreira. A minha mãe sentou-se ao meu lado.

apoiando os cotovelos na mesa. "O que gostas mais de fazer?", perguntou-me.

"De ler", disselhe. "E de argumentar."

339

Ela mostrou-me um grande sorriso. "MAGGIE, meu amor, nasceste para ser advogada."

Escondi o rosto nas mãos.

- Fui uma idiota. O Rufus vai despedir-me.

- Porquê? Porque disseste o que ninguém teve coragem para dizer? A coisa mais difícil do mundo é acreditar que alguém pode mudar. É sempre mais fácil aceitar as coisas como são do que admitir que talvez estivéssemos enganados.

Virou-se para mim, segurando uma tigela fumegante e aromática. Sentia o cheiro a alecrim, pimenta e aipo.

- Fiz-te sopa. Sozinha.

- Fizeste-me sopa sozinha?

A minha mãe revirou os olhos.

- Pronto, comprei sopa que outra pessoa fez sozinha. Quando sorri um pouco, tocou-me na face.

- MAGGIE - disse ela. - Come.

Mais tarde, enquanto a minha mãe lavava a loiça e limpava a cozinha, com Oliver enrolado ao meu lado, adormeci no sofá da sala de estar. Sonhei que estava a andar na escuridão com os meus sapatos preferidos Stuart Weitzman de salto alto, mas magoavam-me. Olhei para baixo e descobri que não estava a caminhar sobre a relva, mas num chão que parecia vidro temperado depois de estilhaçado como a paisagem gretada e ressequida de um deserto. Os sapatos estavam sempre a ficar presos nas rachas, e por fim tive de parar para os libertar.

Ao fazê-lo, um torrão de terra virou-se, e por baixo dele havia luz, na sua forma mais pura, semelhante a lava líquida. Dei um pontapé noutro pedaço de terra com o salto do sapato, e mais raios de luz surgiram, espalhando-se para fora e para cima. Fiz buracos, e raios de luz brilharam. Dancei, e o mundo ficou iluminado, tão brilhante que tive de proteger os olhos; tão brilhante que não conseguia evitar que se enchessem de lágrimas.

Disse a Claire, na noite anterior à sua cirurgia, que é assim que será feito o transplante de coração: Vão levar-te para a sala de operações e dar-te a anestesia geral.

"Uva", disse ela. Gostava mais do que pastilha elástica, embora a salsaparrilha não fosse má.

340

Vão preparar-te e tapar-te, disselhe. Vão abrir-te o esterno com uma serra.

"Não vai doer?"

Claro que não, disse eu. Vais estar a dormir profundamente.

Conhecia os procedimentos tão bem como qualquer médico residente; tinha-os estudado atentamente, e durante o mesmo tempo. "E a seguir?", perguntou Claire.

Suturas - pontos - são feitas na aorta, na veia cava superior e na veia cava inferior. São colocados catéteres. Depois vais ser ligada à máquina coração-pulmão.

"O que é isso?"

Funciona para que tu não tenhas de o fazer. Drena o sangue venoso das duas veias cavas, e devolve o sangue arterial à aorta através de uma cânula.

"Cânula é uma palavra fixe. Gosto do som que faz na minha língua."

Saltei a parte sobre como o coração dela será removido: a veia cava superior e inferior divididas, e depois a aorta.

"Continua."

O coração dele (não era necessário dizer o nome) é banhado com solução cardioplégica.

"Parece qualquer coisa que se usa para encerrar o carro."

Bem, esperemos que não. Está cheia de nutrientes e oxigénio, e impede que o coração bata ao aquecer.

"E depois disso?"

Depois o coração novo vai para a sua nova morada, disse, e bati levemente no peito dela.

Primeiro, a aurícula esquerda é cosida. Depois a veia cava inferior, e depois a veia cava superior, a seguir a artéria pulmonar e, por fim, a aorta. Quando estiverem estabelecidas todas as ligações, a pinça que prende a tua aorta é retirada, o sangue quente começa a fluir para as coronárias, e...

"Espera, deixa-me adivinhar: o coração começa a bater."

Agora, horas mais tarde, Claire sorria para mim da maca do hospital. Como mãe de uma menor, permitiram-me que a acompanhasse até à sala de operações, vestida e preparada, enquanto lhe administravam a anestesia. Sentei-me no banco que uma enfermeira arranjou, entre os instrumentos cintilantes, como luzes a brilhar. Tentei encontrar o rosto familiar do cirurgião pelos seus olhos generosos, por cima da máscara.

341

- Mãe - disse Claire, segurando-me na mão.

- Estou aqui.

- Não te odeio.

- Eu sei, querida.

O anestesista colocou a máscara sobre o rosto de Claire.

- Quero que comeces a contar, minha querida. Em contagem decrescente, a partir do dez.

- Dez - disse Claire, olhando-me nos olhos. - Nove. Oito. As pálpebras descaíram, a meia haste.

- Sete - disse ela, mas os lábios relaxaram na última sílaba.

- Pode dar-lhe um beijo se quiser, mãe - disse uma enfermeira. Roci a minha máscara de papel na curva suave da face de Claire.

- Volta para mim - sussurrei.

MICHAEL

Três dias após a morte de Shay, e dois a seguir ao seu funeral, regressei ao cemitério da prisão. As pedras tumulares formavam um pequeno campo, cada uma com um número gravado. A sepultura de Shay ainda não tinha nenhum; era apenas uma pequena parcela de terreno sem nada. Mas era a única com um visitante. Sentada no chão, de pernas cruzadas, estava Grace Bourne.

Acenei quando ela se levantou.

- Padre - disse ela. - Que bom vê-lo.

- Igualmente - aproximei-me, sorrindo.

- Foi uma linda cerimónia no outro dia - olhou para o chão. Eu sei que parecia que não estava a prestar atenção, mas estava.

No funeral de Shay, não tinha feito nenhuma leitura da Bíblia. Também não tinha feito nenhuma leitura do Evangelho de Tomé. Tinha criado o meu próprio evangelho, a boa nova de Shay Bourne, e falei com sinceridade às poucas pessoas que estavam presentes: Grace, MAGGIE, a enfermeira Alma.

342

JUNE Nealon não tinha vindo; estava no hospital com a filha, que estava a recuperar do transplante de coração. Enviou um ramo de lírios para colocar na sepultura de Shay; ainda lá estavam, a murchar.

MAGGIE dissera-me que o médico de Claire tinha ficado entusiasmado com o resultado da operação, que o coração tinha começado a bater como o de uma lebre. Claire teria alta do hospital dentro de uma semana.

- Já sabe do transplante? - disse eu. Grace acenou com a cabeça.

- Sei que onde quer que ele esteja, está satisfeito com isso sacudiu a saia. - Bem, já estava prestes a ir embora. Tenho de regressar ao Maine para o turno das sete horas.

-Telefone-lhe daqui a alguns dias - disse eu, e estava a falar a sério. Prometera a Shay que tomaria conta de Grace, mas para ser sincero, acho que ele queria ter a certeza de que ela também tomaria conta de mim. De alguma forma, Shay sabia que sem a Igreja, também eu precisaria de ter uma família.

Sentei-me, no mesmo sítio onde Grace estivera. Suspirei, inclinei-me para a frente e fiquei à espera.

O problema era não ter a certeza do que estava à espera. Já tinham passado três dias desde a morte de Shay. Ele dissera-me que ia regressar - uma ressurreição -

mas também me dissera que tinha assassinado Kurt Nealon intencionalmente, e não conseguia manter esses dois pensamentos lado a lado na minha cabeça.

Não sabia se devia estar à espera de um anjo, tal como Maria Madalena tinha visto, que me dissesse que Shay deixara a sua sepultura. Não sabia se tinha enviado uma carta pelo correio que receberia mais tarde, nesse próprio dia. Acho que estava à espera de um sinal.

Ouvi passos e vi Grace dirigir-se rapidamente na minha direcção.

- Quase me esqueci! Devo dar-lhe isto.

Era uma grande caixa de sapatos, presa com um elástico. O cartão verde tinha começado a desfazer-se nos cantos, e tinha manchas de humidade.

- O que é?

- São as coisas do meu irmão. O director da prisão deu-mas. Mas havia um bilhete do Shay lá dentro. Ele queria que ficasse com elas. Podia tê-las entregado no funeral, mas o bilhete dizia que devia entregá-las hoje.

- Devia ficar com elas - disse eu. - É da família. Ela olhou para mim.

343

- O senhor também, padre.

Quando ela foi embora, voltei a sentar-me junto à sepultura de Shay.

- É isto? - disse em voz alta. - Era disto que devia estar à espera?

Dentro da caixa estava um estojo de ferramentas de lona e três pacotes de pastilha elástica Bazooka.

"Ele tinha uma pastilha" ouvi LUCIUS dizer, "e era suficiente para todos nós."

A única outra coisa que havia lá dentro era um pequeno pacote achatado embrulhado num jornal. A fita descolara-se há anos; o papel estava amarelecido devido ao tempo.

Embrulhada lá dentro estava uma fotografia gasta que me fez ficar sem fôlego: segurei nas mãos a fotografia que fora roubada do meu dormitório quando estava na faculdade: o meu avô e eu a exibir a pescaria do dia.

Porque haveria ele de tirar algo sem valor nenhum para um estranho? Toquei no rosto do meu avô com o polegar e de repente lembrei-me de Shay falar sobre o avô que nunca teve -

aquele que imaginara a partir desta fotografia. Roubara-a porque era uma prova daquilo que sentia falta na sua vida? Teria ficado a observá-la, desejando estar no meu lugar?

Lembrei-me de outra coisa: a fotografia fora roubada antes de ter sido escolhido para fazer parte do júri de Shay. Abanei a cabeça incrédulo. Era possível que Shay soubesse que era eu quando me viu sentado na sala de audiências. Era possível que me tivesse reconhecido de novo quando o vi pela primeira vez na prisão. Era possível que tivesse sido eu o alvo de chacota desde o início.

Comecei a amachucar o jornal em que a fotografia estava embrulhada, mas apercebi-me de que não se tratava de um jornal. Era demasiado grosso para isso, e não tinha o tamanho exacto. Era uma página rasgada de um livro. A Biblioteca Nag Hammadi, estava escrito no topo, numa letra muito pequena. O Evangelho de Tomé, publicado pela primeira vez em 1977. Passei a ponta do dedo pelas citações familiares. "Jesus disse: Quem descobrir a interpretação destas frases não experimentará a morte."

"Jesus disse: Os mortos não estão vivos e os vivos não morrerão."

"Jesus disse: Não digas mentiras."

"Jesus disse."

E Shay também.

344

Frustrado, rasguei a página em pedaços e atirei-os para o chão. Estava zangado com Shay; estava zangado comigo mesmo. Escondi o rosto nas mãos, e então senti uma brisa levantar-se. As palavras nos pedaços de papel começaram a espalhar-se.

Corri atrás delas. À medida que ficavam presas nas pedras tumulares, agarrei-as com as mãos. Enfiei-as nos bolsos. Retirei-as das ervas que cresciam à beira do cemitério.

Persegui um fragmento até ao parque de estacionamento.

Por vezes, vemos o que queremos ver, em vez do que está à nossa frente. E, por vezes, não vemos distintamente. Agarrei em todos os bocados que tinha recolhido e escavei uma cova rasa debaixo do ramo de lírios, cobrindo-a com uma fina camada de terra. Imaginei o papel amarelecido a dissolver-se à chuva, a ser absorvido pela terra, jazendo em pousio debaixo da neve no Inverno. Imaginei o que na Primavera seguinte despontaria.

Há apenas duas maneiras de viver a vida.

Uma delas é como se nada fosse um milagre.

A outra é como se tudo fosse um milagre.

Albert Einstein

EPÍLOGO

Claire

Já sou uma pessoa diferente há três semanas. Não é algo que se consiga distinguir ao olhar para mim; nem sequer é algo que eu consiga distinguir ao olhar-me ao espelho.

A única forma que consigo descrevê-lo, e é estranho, por isso preparem-se, é como as ondas: rebentam por cima de mim e de repente, mesmo que esteja rodeada de uma dúzia de pessoas, sinto-me sozinha. Mesmo que esteja a fazer o que quero, começo a chorar.

A minha mãe diz que a emoção não é transplantada com o coração, que eu tenho de deixar de me referir a ele como sendo o dele e começar a dizer que é meu. Mas isso é bastante difícil de fazer, sobretudo quando se considera todas as coisas que eu tenho de tomar só para que as minhas células não reconheçam este intruso que está no meu peito, como aquele filme antigo de terror com a mulher que tem um extraterrestre dentro dela. Colace, Dulcolax, prednisona, Zantac, enalapril, CellCept, Prograf, oxicodona, Keflex, óxido de magnésio, nistatina, Valcyte. É um cocktail para enganar o meu corpo; cabe a cada um adivinhar durante quanto tempo este estratagema funcionará.

Na minha opinião, ou o meu corpo ganha e eu rejeito o coração - ou eu ganho.

345

E transformo-me no que ele era.

A minha mãe diz que tenho de ultrapassar tudo isto, e é por isso que tenho de tomar Celexa (oh, pois, esquecime desse) e conversar com um psiquiatra duas vezes por semana. Aceno com a cabeça e finjo que acredito nela. Está tão feliz agora, mas é uma felicidade semelhante a um ornamento feito de açúcar; se lhe tocarmos no sítio errado, desfaz-se em pedaços.

Uma coisa vos digo: é tão bom estar em casa. Sem ter um relâmpago a atravessar-me três ou quatro vezes por dia. E não desmaiar e acordar sem saber o que aconteceu. E subir as escadas - lá para cima - sem ter de parar a meio, ou ser levada ao colo.

- Claire? - chama a minha mãe. - Estás acordada?

Hoje temos uma visita. É uma mulher que não conheço, embora parece que ela me conhece.

É a irmã do homem que me deu o seu coração; foi ao hospital quando eu estava completamente inconsciente. Provavelmente vai chorar (eu se estivesse no lugar dela choraria) e ficar a olhar para mim com olhos de águia até encontrar algum pedacinho de mim que lhe faça lembrar o irmão, ou pelo menos convencer-se de que sim.

-Já vou - disse eu. Estou em frente ao espelho há vinte minutos, sem camisola. A cicatriz, que ainda está a sarar, é uma boca vermelha inflamada. Cada vez que olho para ela, imagino as coisas que deve estar a gritar.

Volto a colocar o penso que não devo tirar mas tiro quando a minha mãe não está lá para ver.

Depois visto uma camisola e olho para o Dudley.

- Então, seu preguiçoso - digo eu. - Toca a acordar. Mas o meu cão não se mexe.

Fico a i de pé, a olhar, embora saiba o que aconteceu. A minha mãe uma vez disseme, no seu carregamento de curiosidades sobre os pacientes cardíacos, que quando fazemos um transplante o nervo que vai do cérebro ao coração é cortado. O que significa que as pessoas como eu demoram mais tempo a reagir a situações que normalmente nos deixam assustados.

Precisamos que a adrenalina se liberte primeiro.

Podem ouvir isto e pensar, "Oh, que bom ficarmos calmos."

Ou podem ouvir isto e pensar, "Imagine-se como será ter um coração novo e demorar tanto tempo para sentir."

E então, pronto, sem mais nem menos, faz efeito. Caio de joelhos em frente do meu cão.

Tenho medo de lhe tocar. Estive demasiado perto da morte; não quero voltar lá.

Nesta altura as lágrimas já apareceram; correm-me pelo rosto e para dentro da boca. A perda sabe sempre a sal. Debruço-me sobre o meu velho e querido cão.

346

- Dudley - digo eu. - Vá lá. - Mas quando o puxo para cima, colocando a orelha junto das suas costelas, ele está frio, rígido, sem respirar.

- Não - sussurro, e então grito tão alto que a minha mãe sobre as escadas a correr como um relâmpago.

Entra pela porta do meu quarto, de olhos desvairados.

- Claire? O que aconteceu?

Abano a cabeça; não consigo falar. Porque, nos meus braços, o cão mexe-se. O coração dele começa a bater de novo, debaixo das minhas mãos.

Fim

347